

DEBORAH STROUGO



Inesperadamente você





PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright© By Editora Coerência 2018

INESPERADAMENTE VOCÊ © DEBORAH STROUGO

1ª Edição — Editora Coerência — Brasil

Todos os direitos reservados pela Editora Coerência

Produção Editorial

Diretora Editorial:	LILIAN VACCARO
Revisão:	TALITA PAES E ANGIE STANLEY
Capa:	DÉCIO GOMES
Diagramação:	CINTIA RODRIGUES

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)

Strougo, Deborah;

Inesperadamente você

1a edição — São Paulo — Editora Coerência 2018

ISBN: 978-85-5327-084-2

1. Literatura Brasileira 2. Romance. Título

CDD. 869-3

Editora Coerência

Rua Pinhancó, 12A

Parque São Rafael — SP — Cep . 08320-350

Site: www.editoracoerencia.com.br

E-mail: lilian@editoracoerencia.com.br

Tel.: (11)2011-3113

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

DEBORAH STROUGO

Inesperadamente você



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

SINOPSE

Alice Bastos é uma residente de pediatria que está passando por uma situação complicada após o derrame do pai. Para pagar os custos do tratamento, ela decide vender a casa e morar em um local mais simples e próximo ao hospital em que ele está internado.

Quando surge uma oportunidade de comprar um ótimo apartamento com o preço em conta, Alice não pensa duas vezes antes de fechar o negócio. O que ela não esperava era ser vítima de um golpe que a obrigaria a dividir a moradia com Theo Leone, um profissional de TI arrogante, mal-humorado e bonito demais.

Porém, apesar dos desentendimentos, ambos descobrem que morar sob o mesmo teto pode ser a melhor coisa de suas vidas.

CAPÍTULO 1

A vontade de sair da minha cama quentinha era, definitivamente, abaixo de zero. Tudo o que eu queria era hibernar por mais algumas horas entre meus lençóis, mas é claro que nem tudo é como queremos... e meu despertador estridente não parava de me lembrar que eu deveria estar no hospital em, aproximadamente, uma hora e meia.

Resmunguei com o rosto colado ao travesseiro e desisti de lutar contra as minhas obrigações. Aquela semana fora intensa e eu estava acabada dos pés à cabeça. Mas, em geral, eu não podia reclamar muito. A verdade é que os horários entre os residentes até que eram bem divididos. Normalmente, eu tinha uma carga diária de 8h e dois plantões semanais de 12h, determinados pela escala do mês. Nada fora do esperado, até então.

Suspirei fundo, encontrando forças para me levantar, e corri para o banheiro em busca de um bom banho matinal. Depois de desperta e já

PERIGOSAS ACHERON

enrolada na toalha, encarei as grandes olheiras que denunciavam o quanto eu estava esgotada. Eu mal me reconhecia com aquelas olheiras escuras. Facilmente poderia ser confundida com uma morta-viva ou uma figurante de um filme de terror. Inferno, eu estava um completo caos!

Sem muito o que fazer para melhorar minha aparência desgastada, apenas comecei a passar os dedos pelos longos fios castanhos e molhados, agradecendo o fato das leves ondas estarem domadas na medida do possível.

Já pronta para o trabalho, desci as escadas atingindo rapidamente o primeiro andar da casa e logo sentindo o corpo de um felino se enroscando em minhas canelas. Acaricieei as orelhas de Snow e me aproximei da cozinha. O cheiro de café fresco e quentinho me atraiu instantaneamente.

— Bom dia, pai — saudei o homem de cabelos levemente grisalhos que tomava uma xícara com pressa.

Seus olhos, tão verdes quanto os meus, me fitaram e um sorriso surgiu em sua face:

— Bom dia, querida. Nem te vi chegar ontem —

comentou, levantando-se e despejando o resto do líquido na pia. — Bom, já estou indo. Hoje darei revisão para a prova e não posso chegar atrasado, sabe como esses jovens ficam nessa época de testes.

— Ei, espera aí, senhor Júlio! Você nem comeu nada. Acha mesmo que vou te deixar sair de casa sem um café da manhã decente?

— Ah, minha filha, não se preocupa com isso. Eu como alguma coisa depois.

Oras, como se fosse simples assim!

— Claro que me preocupo! E do jeito que você é, vai comer alguma besteira no caminho. Espera só um segundo — pedi, já montando um sanduíche para que ele levasse. Não era um café da manhã muito completo, mas seria melhor do que nada e, especialmente, melhor do que as coisas gordurosas que ele teimava em comer. — Aqui, prontinho. — Estendi para ele, que pegou com um sorriso satisfeito no rosto.

— Nessas horas você me lembra muito da sua mãe. Sempre cuidando dos outros — admitiu com orgulho na voz e um sentimento saudoso aqueceu

meu peito.

— Não seja bobo, você é meu pai. Sempre vou cuidar de você, assim como você cuida de mim. Somos um time, lembra? — Aproximei-me e beijei-lhe a bochecha.

— Gosto quando você fala assim, princesa! Que tal pedirmos uma pizza mais tarde e assistirmos a algum filme? — sugeriu, e eu sorri.

— Não poderia querer programa melhor! — confessei, sincera. — Mas, em vez de pizza, vamos comer algo mais saudável, sim? Você precisa parar com essa mania de comer porcarias durante a semana — avisei, e ele fez uma careta. — Agora vai logo, não quero que se atrase e vire comida de universitário. — Ele assentiu com a feição divertida, abocanhando o sanduíche e saindo porta afora.

Não pude deixar de sentir um aperto no coração ao me lembrar de mamãe. Sentia falta dela todos os dias desde que ela havia nos deixado, há aproximadamente dez anos, em um acidente de carro. Naquele dia cinza, eu descobri o que era perder alguém, e só quem conhece essa angústia

sabe o quão dolorosa pode ser. Mas o tempo passa e mesmo que as cicatrizes nunca se fechassem completamente, eu sabia que não estava sozinha. Éramos eu e meu pai contra o mundo e eu não poderia agradecê-lo o suficiente por tudo o que fez por mim desde então.

Ele se tornou meu herói. E minha única família.

Despertei de minhas lembranças quando ouvi o som do motor de seu Impala velho e cor de sangue – uma herança de família deixada pelo meu avô antes de falecer. Da mesma forma era com a casa em que morávamos, que havia sido deixada para mim por minha avó materna que partiu deste mundo aproximadamente um ano depois de minha mãe.

Um ronco engasgado se fez presente e não pude conter uma pequena risada; aquele barulho já era tão familiar e nostálgico que a vida não seria a mesma sem ouvi-lo todas as manhãs. Simplesmente fazia parte de nossas rotinas. E, mesmo que eu já houvesse pedido mil vezes para ele comprar um carro mais atual e seguro, não podia negar que gostava daquela lata-velha especial, que era quase

como um filho para seu Júlio. Provavelmente o fazia se lembrar de seu pai e era nítido o orgulho que sentia ao andar naqueles bancos de couro bege.

Logo percebi o ruído se afastar e meus olhos percorreram diretamente o relógio redondo da cozinha, que me avisava que, se eu não corresse, acabaria me atrasando. Apenas voei para o banheiro e escovei os dentes sem delongas, pegando minha bolsa e saindo de casa às pressas. Por sorte, consegui chegar no horário sem muitos problemas. Percebi que a recepção estava caótica e logo imaginei que era por conta dos dias de férias que dona Esther, a diretora do hospital, havia tirado. Realmente, aquele lugar sem ela e sua vigília não era a mesma coisa.

Percorri os corredores brancos sendo cumprimentada pelos funcionários, até que finalmente atingi a ala pediátrica.

— Alice, céus! Que susto!

A voz tensa de Fernanda, que passava pela porta fosca cheia de bichinhos infantis, me fez rir em divertimento ao vê-la com a boca entreaberta, enquanto as mãos pousavam no peito. A pele

morena ficou até mesmo pálida por um segundo.

— Bom dia pra você também, Nanda — comentei, brincalhona. — Chegou faz muito tempo?

— Não, acabei de chegar também. Só vim deixar as coisas antes de começar as visitas. — Suspirou, cansada, mas logo um sorriso animado brotava em seus lábios. — Mas amanhã é sexta e estaremos livres na parte da noite, ainda bem!

— Nem me fala, fiquei muito aliviada em saber que vou poder dormir muito, quem sabe até assistir a um filminho ou uma série.

— O quê? De jeito nenhum, Lili! Já se esqueceu do que combinamos? — falou com as mãos na cintura, e eu arqueei uma sobrancelha não entendendo do que ela estava falando. — Vai ter aquela festa na boate nova. Você prometeu ir comigo, garota!

— Ah! — Arregalei os olhos, percebendo que realmente havia apagado completamente aquele compromisso da minha mente. — Droga, foi mal! Realmente tinha esquecido. — Sorri amarelo como um pedido de desculpas.

— Agora que já lembrou, nem pense em voltar atrás na sua palavra. Você vai comigo, querendo ou não — avisou com um sorriso convicto nos lábios cheios, com os quais eu já estava acostumada há bastante tempo.

Havíamos nos conhecido durante o primeiro período da faculdade de medicina, quando caímos juntas em um grupo de trabalho. Não demorou muito para que engatássemos uma amizade. E quem diria que ambas acabaríamos escolhendo a mesma área na Medicina?

— Será que as meninas também esqueceram? — questionou, curiosa, referindo-se às outras residentes que ela havia chamado para a tal festa.

— Bom, manda uma mensagem confirmando, só por precaução mesmo.

— É, vou fazer isso. E você, pretende levar alguém? — ela perguntou.

— Posso ver se a Snow está livre. O que acha?

Uma risada me escapou enquanto Nanda balançava a cabeça em negativa.

— Se tiver uma grande lata de atum, acho que aquela gata não iria se importar tanto em te

acompanhar — respondeu, e eu concordei pensativa.

— E você? Alguém interessante pra convidar? — Ela deu de ombros e eu cutuquei suas costelas com a ponta dos dedos. — Quem sabe aquele loirinho com quem você anda de conversinha na academia?

Olhei-a com os olhos semicerrados e um sorriso travesso, vendo suas bochechas corarem quase de imediato.

— Alice! — repreendeu. — Não é nada disso, ele só me ajudou com os aparelhos naquela vez. Eu nem sei o nome dele — disse a última parte em um resmungo baixo e eu ri.

— Tá bom, tá bom! Não está mais aqui quem falou. Mas que você tá interessada nele, ah... você tá sim! — Repuxei meus lábios em um sorriso sacana e a vi fechar a cara.

Nanda abriu a boca, indignada, provavelmente com todo um discurso pronto para se defender, mas antes que pudesse proferir qualquer som, alguém se aproximou às pressas.

— Doutora Alice, me acompanhe, rápido, por favor! — uma enfermeira pediu, afobada. —

Menino de três anos com ataque de asma — avisou, nervosa, enquanto tentava encher os pulmões de ar, provavelmente cansada pela corrida.

— Onde? Me leve até ele! — pedi, afobada.

Entreguei minha bolsa para Nanda e apenas segui a enfermeira o mais depressa possível. Não demorei para avistar a mãe, desesperada ao ver seu filho com falta de ar e sendo levado para os primeiros socorros. Não pensei duas vezes, apenas corri junto da maca que levava a criança para uma sala esterilizada.

Constatei de imediato o chiado ao respirar. Era realmente uma crise de asma.

— Você — apontei para uma enfermeira. — Comece com a nebulização.

Ela assentiu, virando-se para pegar o aparelho.

Com o passar dos minutos, o garoto parecia relaxar e normalizar a respiração.

— Se sente melhor? — Ofereci um sorriso e o vi balançar a cabeça lentamente em positivo. — Maravilha! E que tal me dizer seu nome?

— Matheus — respondeu, tímido.

— Então, Matheus, vamos dar uma olhada em
PERIGOSAS ACHERON

todo o resto? O que me diz? Você me parece um menino bem corajoso, não é?

O pequeno assentiu, envergonhado, e aproveitei para checar sua pressão e pulso. Aparentemente ele ficaria bem, mas solicitei um raio X de tórax a fim de confirmar que não havia nenhum indício de pneumonia. Pedi para que as enfermeiras cuidassem do menino por ora e em seguida saí da sala para conversar com a responsável. Não demorou para encontrar a mulher encolhida em uma cadeira enquanto chorava baixinho. Vi um homem de cabelos grisalhos e arrepiados chegar espantado e puxar a mulher para um abraço, silenciando em seu torso os soluços que aumentavam de tom.

Aproximei-me com calma, tentando não assustá-los ou causar qualquer alvoroço, mas foi em vão. Assim que os olhos escuros da mulher focaram em minha direção, logo aproximou-se com as mãos apertadas no peito.

— Doutora, por favor, como ele está? — perguntou em profunda angústia.

— Ele vai ficar bem, senhora...

— Moura. Marcela Moura. Este é o meu marido, Davi — Olhou para o homem, que meneou a cabeça. — O que aconteceu com meu menino? O que ele teve?

— Uma crise de asma, mas não se preocupe, ele já está medicado e em ótimos cuidados. Em breve poderão vê-lo; pedi que fizessem um raio X, mas não deve demorar — expliquei com um sorriso gentil, vendo a feição da mulher se tranquilizar.

Passei para eles alguns cuidados e informações sobre a asma infantil e como deveriam agir caso outra crise daquelas viesse a acontecer, além de pedir que tomassem todas as providências necessárias e que ficassem atentos a tosses frequentes, fadiga e congestão.

— Obrigada, doutora Bastos! — Davi falou, lendo o bordado em meu jaleco branco. — Não sei como podemos te agradecer.

Seu tom era baixo e claramente aliviado. Eu atendia inúmeras crianças no dia-a-dia do hospital e aquela era sempre a mesma feição no rosto dos pais quando tinham boas notícias, o que me trazia certo alento ao coração. Não podia imaginar a angústia

que deveriam sentir ao ver o filho com problemas para respirar. Era, provavelmente, desesperador.

— Apenas fiz meu trabalho, senhor. Se precisarem de algo, não hesitem em me chamar. Em breve serão levados até ele.

O casal assentiu e agradeceu mais uma vez, enquanto eu apenas ofereci um sorriso e me retirei. O sentimento de ajudar alguém era sempre a maior recompensa que eu poderia ter. Nada mudaria isso. Minha profissão era extremamente gratificante no final do dia; não importava a rotina frenética que eu tivesse que aguentar, ver uma criança bem e feliz era o suficiente para curar qualquer exaustão.

Durante o período da manhã, cheguei a atender mais alguns pacientes, mas graças aos céus nada de muito grave. Em geral, apenas visitas de rotina. Aproveitei o tempo livre para conferir de perto o caso do filho dos Moura e fiquei contente ao ver que seu raio X estava limpo e sem nenhum sinal de pneumonia, me permitindo que o liberasse para casa pouco tempo depois.

Tirei o celular do bolso e vi que já estávamos no início da tarde. Agradei que o fluxo no hospital

parecia tranquilo e dei uma passada na pequena cafeteria para almoçar. Já estava faminta, quase subindo pelas paredes. Após devorar um sanduíche meio seco, pedi um bom expresso para aguentar as horas que faltavam. Ainda sentia o cansaço do dia anterior e já não era capaz de controlar os bocejos involuntários que não cessavam.

Bebi um pequeno gole do líquido quente, fechando as pálpebras por um segundo e aproveitando a calma e o silêncio do local, o que era realmente muito raro de se encontrar em um hospital. Voltei à consciência quando dois enfermeiros passaram por mim me cumprimentando com um aceno e sorrisos largos.

Aqueles ali devem estar terminando seus turnos, pensei comigo mesma sentindo a pequena pontada de inveja me atingir em cheio. Ainda faltaria um tempinho antes que eu pudesse voltar para casa e me jogar no sofá com meu pai e assistir a um bom filme de ação.

Inspirei o máximo de ar em meus pulmões, buscando, nesse ato, alguma coragem e força para voltar ao expediente e atender a fila de pessoas que

provavelmente já estaria se amontoando na ala infantil. Dei dois passos em direção à saída da cafeteria quando meu celular vibrou no bolso do jaleco. Tirei o aparelho e me enrolei brevemente para atendê-lo com apenas uma mão livre.

— Alô? — falei, sem nem mesmo conferir quem era.

— Senhorita Bastos? — a voz do outro lado perguntou e me pareceu apreensiva.

— Sim, é ela. Quem fala?

— Aqui é o reitor da Universidade Regenesi.

Meu cenho se franziu involuntariamente.

Por que o reitor da universidade em que meu pai trabalhava estava me ligando? Um gosto amargo de repente se fez presente na ponta de minha língua.

— Aconteceu alguma coisa? Meu pai está bem?
— perguntei, sentindo um bolo se formar em minha garganta.

Um sentimento ruim tomou conta de todo o meu corpo e eu não estava gostando do mau pressentimento que aquela ligação me trazia.

— Senhorita, sinto muito te dar essa notícia, mas
PERIGOSAS ACHERON

seu pai teve um derrame enquanto dava aula.

Derrame cerebral...

Meu pai tivera um derrame cerebral?

Aquilo ecoava sem parar em minha mente, fazendo meu coração sentir algo como um aperto sem piedade e um desespero incontrolável enquanto os rastros das lágrimas já faziam seus caminho por minhas bochechas. Sequer percebi quando o pequeno copo de café fora ao chão, esparramando o líquido negro pelo piso branco.

— O-o quê? — gaguejei incrédula, paralisada no lugar com a boca seca e a mente nublada. — Onde ele está? — perguntei, ainda zozza, levando a mão à testa.

— Eu pedi que o levassem para o Hospital Salles, pois sabia que você trabalhava nele e achei que seria melhor. A ambulância saiu agora há pouco, deve chegar nos próximos quinze minutos.

— Ce-certo. O senhor fez bem, obrigada. Eu... preciso ir — disse atordoada, sentindo minha visão embaçar e a voz tremer. Desliguei a ligação antes que o reitor pudesse falar mais alguma coisa; eu precisava estar a postos para quando meu pai fosse

trazido.

— Alice, o que houve? Você está pálida, se sente mal? — Senti uma mão quente em meu rosto.

Logo vi os olhos de Nanda me fitando de maneira preocupada. Não pensei muito, meu corpo apenas se jogou contra o dela em um abraço apertado, quase como em uma tentativa de diminuir a dor que me dilacerava por dentro.

— Meu pai... ele teve um derrame e está... vindo pra cá — expliquei entre soluços, apertando as pálpebras e implorando para que aquilo não passasse de um pesadelo.

Mas não era. Era real.

— Céus, Lili! Nós temos que avisar a equipe de plantão o quanto antes! — Afastou-me pelos ombros antes de me encarar de forma firme. — Recomponha-se, você é uma médica. Vamos!

Assenti lentamente, sem saber mais o que poderia fazer. As palavras do reitor ainda martelavam meus pensamentos e logo me trouxeram um medo que eu jamais esperava sentir de novo.

O medo de perder alguém que eu amava, mais uma vez.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 2

A ambulância chegou quase vinte minutos depois e ver meu pai naquela maca rodeada por médicos e enfermeiros fez meu estômago se revirar de imediato. Desejei ir atrás deles para ajudar com alguma coisa, mas minhas pernas trêmulas e o coração na mão me impediram de seguir em frente.

Nanda me segurava pelos braços a fim de me dar algum apoio e dizia palavras gentis que eu sequer era capaz de assimilar. Mal pude ver o que aconteceu quando ela me puxou para si em um abraço forte.

— Eu... não sei o que fazer, Nanda — murmurei entre um soluço e outro.

Minha visão estava completamente embaçada e meus sentidos, à flor da pele.

— Você não pode ajudá-lo nesse momento, amiga. Agora, tudo o que podemos fazer é aguardar, vai ficar tudo bem — sua voz soou

amena enquanto me apertava contra seu corpo e acariciava meus cabelos, porém, nem mesmo aquilo era capaz de me ajudar naquele instante.

Eu estava com medo, muito medo. Completamente aterrorizada.

Observar de camarote meu pai sendo socorrido naquele estado me trazia uma angústia inigualável. E se ele tivesse sequelas graves? Ele poderia perder a memória, a visão, a habilidade de fala e locomoção. Mas o pior: e se ele não resistisse?

— Nanda, e se ele não voltar pra mim? — as palavras do meu maior desespero saíram sem que eu percebesse. Os tremores em meus músculos se intensificavam somente com o pensamento dessa possibilidade.

Eu não suportaria perdê-lo. Perder minha única família seria demais para aguentar.

— Não pense assim, Lili. Ele já está na emergência, com os melhores médicos possíveis. Eles vão ajudar seu pai, precisamos ter pensamentos positivos — disse, afastando-se um pouco e passando os polegares pelas lágrimas que insistiam em cair por meu rosto. — Vamos nos

sentar um pouco enquanto esperamos?

Engoli em seco. Aquela espera seria um eterno tormento, sem dúvida alguma. Sequer sabia se ele ainda respirava e aquilo apavorava cada célula do meu ser.

Assenti brevemente e deixei que Nanda me levasse até aqueles típicos bancos azuis de espera. Pela primeira vez na vida eu estava na situação das famílias as quais eu ajudava. O sentimento de impotência se alastrava por entre meus nervos; eu queria fazer algo, queria entrar naquela sala e dar tudo de mim para ajudar meu pai, mas sabia que minha amiga tinha razão. Eu provavelmente só pioraria as coisas e atrapalharia os outros médicos. Naquele momento, só me restava rezar e aguardar.

Minhas pernas balançavam de forma nervosa e não consegui tomar nem mesmo um pequeno gole da água que Nanda me trouxera. Parecia que qualquer coisa que eu colocasse no estômago iria sair na mesma hora em que eu ingerisse. Observei os ponteiros do relógio passando e as horas em que permaneci naquele banco de espera mais pareciam um século ou dois. Por sorte, duas outras residentes

se ofereceram para nos substituir nas horas remanescentes do nosso turno. Para ser sincera, eu não estava conseguindo pensar em muita coisa além de papai e em como ele estaria.

Já estávamos no final da tarde quando a porta da emergência foi aberta e o médico que o atendera surgiu detrás dela. Levantei num pulo em busca de informações. Eu só precisava saber que ele estava vivo e bem.

— Doutora Bastos — o médico me chamou e eu prendi a respiração, tentando manter meu foco nas suas próximas palavras. — Seu pai teve um acidente vascular encefálico¹ de grande intensidade. Pelos exames, tudo indica que se deu por conta de colesterol alto.

— Ai, meu Deus! — Esfreguei o rosto cansado.

E eu ficava tanto no pé dele quanto à alimentação. Como isso ainda pôde acontecer?

— Por favor, doutor, ele vai ficar bem?

— Assim que chegou, ele teve uma parada cardíaca, mas conseguimos reanimá-lo e estabilizá-lo. Ele está vivo, porém entrou em estado de coma. Sinto muito, doutora.

— Co-coma? — gaguejei para mim mesma, abaixando meu olhar para o piso branco.

Por ser médica, eu sabia o que aquilo significava. Ele poderia voltar a qualquer minuto ou simplesmente não voltar. Meu pai poderia nunca mais abrir os olhos e viver anos em um estado vegetativo, ao mesmo tempo em que poderia acordar nas próximas horas. Aparentemente, tudo estava nas mãos do destino agora, não havia nada que eu ou qualquer outra pessoa no mundo pudesse fazer para reverter aquela situação. Somente o tempo seria capaz de dizer o que aconteceria, e estar de mãos atadas nunca havia me deixado tão frustrada em toda minha vida.

— Eu posso vê-lo? — pedi em uma súplica, e o médico assentiu.

— Ele está na emergência ainda, mas já fiz o pedido de internação. Ele tem plano de saúde? — perguntou, e eu concordei.

— Vou apresentar a carteirinha e os documentos logo em seguida, pode deixar — prometi.

— Certo, fique à vontade, doutora. Se precisar de algo, não hesite em me chamar.

— Obrigada, doutor — agradei, sincera, e andei a passos apressados até o setor de emergência.

Nanda me seguiu na mesma velocidade. Ele estava em coma, sim, mas ao menos estava vivo. Ainda havia esperança e eu me agarraria a ela. Meu pai não havia me deixado, não de vez. E eu precisava crer que seus olhos se abririam a qualquer momento e logo veria sua cara de sonso enquanto eu brigasse com ele por não se cuidar como deveria, como eu tanto insistia diariamente em seus ouvidos e ele simplesmente parecia ignorar, como se seu corpo fosse feito de aço. Pois bem, mas não era! E seu estado atual era a maior prova disso.

Quando finalmente cheguei onde ele estava acomodado, senti um bolo se formar em minha garganta e descer até o estômago. Sua pele estava pálida e ele parecia estar em um sono incrivelmente profundo. Não pude deixar de comprimir os lábios em tristeza pela metade de seu rosto que mostrava os indícios do derrame. O olho esquerdo estava levemente caído e a boca em um meio sorriso triste e enrugado.

O bipar dos aparelhos constatava que o coração batia, as sondas e tubos me causaram um arrepio pela coluna. Ainda que, como profissional de saúde, aquilo me fosse normal, como filha, era totalmente aterrorizante. Até mesmo seus pulmões recebiam ajuda de um respirador e uma tremedeira tomou conta de meus músculos. Ele sequer era capaz de fazer por si só o ato mais natural da face da Terra: respirar. Era horrível vê-lo daquela forma, como um corpo sem vida e sem calor, quase como se sua alma já não mais lhe pertencesse. Naquele homem desacordado, eu nem mesmo era capaz de visualizar seu costumeiro sorriso largo e olhos alegres. Simplesmente não parecia... meu pai.

As lágrimas logo voltaram e me senti culpada de repente. Colesterol alto, essa era a causa de tudo. Aquela maldita alimentação dele, desde sempre, desde que eu me entendia por gente. Mesmo eu implorando e muitas vezes obrigando-o a evitar comer besteiras, ele nunca levava a sério sobre os riscos que eu contava. Pedia para que fizesse um simples exame de sangue vez ou outra, mas era raro que ele me escutasse. Cabeça-dura do jeito que era,

ele insistia para que eu não me preocupasse, dizendo estar se sentindo ótimo como sempre.

Com o tempo, vendo que meus pedidos não eram nem mesmo cogitados, acabei me acomodando e ignorando o assunto. Naquele instante eu me considerava a pior filha e médica do mundo, alguém que não foi capaz de cuidar do próprio pai, me odiando por não ter simplesmente puxado-o pelo braço como uma criança malcriada e o obrigado a fazer exames rotineiros. Assim, quem sabe, descobrindo o problema antes, nada disso teria acontecido. A culpa me corroía até a alma.

— Lili, eu sinto muito mesmo. — Nanda pousou a mão em meu ombro. — Sei que é difícil, mas você precisa acreditar que ele vai acordar — disse carinhosa.

— Eu falhei! Eu falhei com ele completamente! — mal reconhecia minha própria voz pelo embargo em meu tom.

— Não diga isso, amiga, não é verdade.

— Claro que é! Que tipo de médica eu sou? Que tipo de filha? Pelo amor de Deus...

— Ei, me escuta! — Segurou meus braços e me

fitou firme. — A culpa não é sua, ok? Nada disso é culpa sua!

— Acho que já não importa mais de quem é a culpa, nada vai mudar essa merda toda!

— Ah, Lili! — Nanda me abraçou, aguentando meu choro e meus soluços de bom grado. Apenas agradei internamente por tê-la ali comigo.

Não havia muito mais o que ser feito, afinal, além de deixar que minhas lágrimas saíssem em busca de algum mínimo alívio da dor. Lá estávamos nós, em uma situação irreversível que talvez pudesse ter sido evitada se ele tivesse me ouvido ou se eu tivesse sido mais exigente. Quem sabe? Bom... eu jamais saberia agora.

Perdi a noção do tempo enquanto minha amiga me consolava. Não queria ter que resolver nada, principalmente de burocracia, mas eu não tinha opção, tinha?

— Obrigada, Nanda. — Aumentei o aperto de meus braços em seus ombros antes de me desvencilhar.

— Ei, amigas são pra isso, não é? — Ela me ofereceu um de seus sorrisos calorosos, me

trazendo um pouco de conforto. — Como se sente?

Sua feição demonstrava o quanto ela estava preocupada e, sem pensar muito, peguei uma de suas mãos e coloquei entre as minhas.

— Eu só queria que isso fosse apenas um pesadelo — admiti, soltando uma lufada pelo nariz. — Que não fosse real, sabe? Queria poder ouvir sua voz me chamando de princesa de novo daquele jeitão bobo que só ele tem.

— Eu sei, querida. Mas agora você não pode se deixar levar pela tristeza. Não vai ser fácil, mas precisa ser forte. Por ele e por você também — falou baixinho e eu assenti, sabendo que ela estava certa.

— Me sinto tão perdida nesse momento, não sei nem por onde começar — comentei, pesarosa.

— Em primeiro lugar, vamos resolver logo a papelada para a internação. Depois você terá mais tempo e tranquilidade pra lidar com isso tudo.

Sabia que precisaria engolir o choro e cuidar daquela burocracia toda, mas a verdade é que eu não queria deixá-lo ali, sozinho. Não queria largar a mão dele, que já se encontrava entre as minhas.

— Olha, eu vou buscar os pertences dele enquanto você fica aqui, que tal? Ele leva a carteirinha do plano e a identidade na carteira, não é? — Confirmei com a cabeça. — Ótimo, me espera aqui, eu volto logo.

— Nem sei como te agradecer, Nanda. Por tudo — sussurrei, aceitando a gentileza que minha amiga oferecia.

— Não tem que me agradecer, Lili. Estarei sempre aqui pra você, principalmente agora. — Beijou minha bochecha antes de finalmente sair.

E então ficamos somente nós dois. Meu pai e eu. Meu pai inconsciente e eu como um ser de olhos apáticos que rezava baixinho para que tudo ficasse bem. Havia algo a mais que eu pudesse fazer senão rezar?

Não sei por quanto tempo permaneci ali, naquela mesma posição, segurando as mãos do homem que me criara com tanto amor e dedicação. Mas quando Nanda chegou, eu já me sentia um pouco mais calma, na medida do possível. Ela havia aproveitado e comprado um sanduíche e um suco para que eu me alimentasse, mas ainda não

conseguia pensar em comida de jeito nenhum. Dei apenas duas mordidas forçadas no pão, mas logo desisti.

O baque inicial já começava a diluir em minha mente conforme eu usava todo o meu conhecimento sobre o caso. Avaliei o laudo deixado pelo médico infinitas vezes e mesmo sabendo que seu caso era grave, eu não poderia aceitar tão facilmente aquele destino traçado para ele. Sabia o quanto papai era forte e tinha certeza de que ele estava lutando para acordar e voltar para mim, para nossa vida pacata e tranquila. E nesse momento, ao mesmo tempo em que ele era tudo o que eu tinha, eu também era tudo o que ele tinha. E eu precisava ser forte por nós dois, engolir o choro e o desespero para pensar em tudo com clareza e objetividade.

Não seria fácil, mas meu herói precisava de mim e eu não podia decepcioná-lo.

Peguei a carteira que Nanda trouxera, deixando o resto dos pertences dele em cima de uma cadeira vazia ao lado do leito.

— Volto logo, pai — avisei, após um longo

suspiro, e olhei para minha amiga, que me observava de forma atenta.

— Não se preocupe, não vou sair daqui. Cuidarei bem dele enquanto isso — respondeu docemente e eu me permiti oferecer um pequeno sorriso de gratidão.

Rumei para a recepção do hospital com os olhos inchados e o nariz vermelho. Puxei o ar com força para os pulmões, me esforçando para não cair em prantos mais uma vez. Pelo menos, não por enquanto. Precisava ser firme agora e não perder as esperanças. Manter os pensamentos positivos, como Nanda havia dito, e acreditar de verdade que aquele pesadelo acabaria em breve.

Entreguei todos os documentos para uma das meninas que trabalhava atrás do balcão, recebendo suas palavras de apoio antes de começar a digitar freneticamente no computador. Sabia que o processo de autorização para internação era um tanto demorado, mas conforme os minutos se passavam e um vinco se formava na testa da garota à minha frente, comecei a ficar cada vez mais nervosa.

Algo estava errado.

— Doutora Bastos — ela finalmente disse, e eu fiz uma careta pelo tom tenso que ela tinha em sua voz. — O plano está dando a solicitação para internação como recusado.

— Recusado? Como assim? Por quais motivos? — perguntei, sentindo meu sangue ferver. Por que diabos o plano não estava aceitando a internação? Não fazia sentido algum!

A moça, vendo que eu estava confusa, virou o computador para que eu lesse a mensagem abaixo da solicitação:

Pedido recusado por falta de pagamento. O paciente em questão não consta mais como um de nossos clientes.

— O quê? — balbuciei, sem entender nada. — Deve ser algum engano, só pode! Eu vou ligar para o plano, um minuto.

Saquei o celular rapidamente e disquei o número informado no *site*. E após uma atendente me explicar o ocorrido, simplesmente não pude conter minha boca escancarada e os olhos arregalados.

O plano realmente não havia sido pago no último
PERIGOSAS ACHERON

ano. Mas... por quê? Aquilo não fazia o menor sentido!

O que meu pai estava pensando? Por que não me disse nada? Como pôde esconder algo assim de mim? Eu não era capaz de acreditar naquilo.

Desejei correr até ele e sacudi-lo incessantemente até que abrisse os olhos e me explicasse direitinho porque havia sido tão irresponsável. Quais motivos ele teria para cancelar a única garantia de que lhe seria oferecido um tratamento de qualidade, sem custos, em casos de emergência?

Casos exatamente como esse!

Mas agora já estava feito e não tinha nenhuma outra opção para mim a não ser lidar com o valor exorbitante que o hospital me cobraria.

— Você poderia calcular os custos diários para mim, por favor? — pedi com a voz baixa, e a menina concordou.

Logo a folha impressa estava em minhas mãos e eu mal poderia estimar aquele valor de cabeça. Como eu imaginava, era bem mais do que eu poderia bancar. Mais do que eu poderia lidar naquele momento. Porém, eu tinha plena

consciência de que aquela era minha única opção.

Dei um aceno com a cabeça e solicitei que dessem entrada na internação. Eu poderia mantê-lo alguns dias com o que eu tinha e esperava ser tempo suficiente para que conseguisse uma maneira de reverter aquela situação. Era tudo o que eu poderia fazer naquele instante, além de chorar.

[...]

— Deu tudo certo com a papelada? — Nanda perguntou assim que eu cheguei até onde ela e papai estavam.

— O plano não vai cobrir — disparei, derrotada.

— Como assim, não vai cobrir?

— Meu pai... — Fitei o homem desacordado logo à frente. — Ele parou de pagar o plano de saúde há quase um ano. Eu não sabia, ele nunca me disse nada. — Suspirei, sentindo os músculos fadigarem.

— Deus! E agora, Lili? — Nanda perguntou, e eu lhe estendi a folha com os custos que carregava nas mãos.

— Eu não poderia enviá-lo para um hospital público. Ele seria largado e aí, sim, morreria sem os

devidos cuidados. Você sabe como as coisas são...

— Ela assentiu concordando.

— E aí? O que você fez?

— A única coisa que eu poderia fazer, amiga. Pedi para pagar no particular.

— Mas, Lili... o valor é muito alto!

— Eu sei, eu sei. Mas que outra alternativa eu tenho, Nanda? Se eu o transferisse para um hospital público, você sabe que seria o mesmo que condená-lo de uma vez. Eu deveria deixar meu pai definhando?

— Baguncei os cabelos, nervosa.

— Não, claro que não! O melhor é que ele fique onde está, pelo menos terá todos os cuidados. Nós vamos dar um jeito, eu posso te emprestar alguma coisa também, eu tenho um dinh...

— Nanda, para com isso. De jeito nenhum! — ralhei. — Não vou pegar suas economias.

— Lili, não se preoc...

— Não diga pra eu não me preocupar com isso. Foi não me preocupando o suficiente que tudo isso aconteceu! Eu vou achar uma forma de conseguir essa quantia pra pagar pela internação por mais tempo. Vou dar meu jeito, preciso dar. — Passei as
PERIGOSAS ACHERON

mãos no rosto cansado.

Eu ainda não sabia o que fazer para conseguir aquela grana em tão pouco tempo. Não conseguia pensar claramente com tantas coisas rodeando minha mente, mas eu precisaria encontrar uma solução.

— Nós vamos encontrar uma maneira, juntas — Nanda falou com a voz firme, uma esperança se espalhando por meu peito.

Estendi minhas mãos para segurar as dela. Era bom não estar sozinha.

[...]

Demorou algumas horas até que preparassem o leito do CTI, mas no início da madrugada meu pai já estava totalmente acomodado. Mesmo relutando de início, convenci Nanda a ir pra casa descansar. Afinal, no dia seguinte ela também precisaria trabalhar.

Permaneci ao lado de meu pai por toda a noite, durante grande parte do tempo acariciando seus cabelos finos enquanto começava a pensar em soluções para nosso problema de dinheiro. Precisava encontrar um meio urgente para lidar

com aquela situação e aquilo era desesperador.

Em certo momento, meus pés reclamaram e o corpo murchou. Acabei caindo no sono em um pequeno sofá que havia ali perto, a exaustão finalmente tomando conta de mim. Não sei ao certo por quantas horas permaneci apagada, mas acordei apenas quando uma mão gentil tocou meus cabelos, o que me fez recobrar a consciência de forma alarmada.

— Alice — meu nome foi chamado, e eu me assustei com a figura inesperada que surgiu em seguida.

— Senhora Esther!

A mulher de cabelos claros e alguns centímetros mais baixa que eu, se aproximou.

— Por favor, me chame apenas de Esther, querida. Já passamos de toda essa formalidade após tanto tempo de convivência.

Seu tom de voz era carinhoso e eu concordei com a cabeça, com um pequeno sorriso.

— Achei que só retornaria de suas férias na segunda-feira.

— Eu pretendia voltar somente na próxima

PERIGOSAS ACHERON

semana realmente, mas minha afilhada me ligou contando que seu filho teve uma crise de asma e que foi tratado neste hospital por uma ótima médica chamada doutora Bastos. Não imagina a minha surpresa quando me ligaram algumas horas depois me contando o que houve com seu pai. Sinto muito, Alice.

— Ah... sim. Obrigada, senh... Esther. Não sabia que os Moura eram da sua família — comentei, em uma tentativa desesperada de não precisarmos falar sobre o caso do meu pai, ou as lágrimas voltariam sem cessar.

— Sim, Marcela é como uma filha e penso em Matheus como um neto — confessou, com um repuxar de lábios. — Travesso que só ele. — Riu e eu meneei a cabeça em resposta. — Mas não vim falar sobre isso, querida. Estou a par dos problemas com o plano de saúde e sua escolha de pagar no particular.

Esther pousou sua mão por cima da minha, que estava descansando em meu colo. Senti uma sensação boa com aquele toque, que me recordava tanto o da minha mãe. Fitei os olhos cor de mel

com um brilho terno em minha direção e antes que eu pudesse perceber, uma lágrima solitária escorria por meu rosto. Foi simplesmente inevitável.

— Sinto muito que esteja passando por isso, querida — disse baixinho, e eu funguei, tentando segurar o choro que já queria vir para fora. — Sei que é uma situação delicada e quero ajudá-la da forma que for possível. Você, além de ser uma ótima médica, é uma pessoa por quem tenho um grande carinho. É, sem dúvida, a funcionária mais dedicada do seu setor.

Senti minhas bochechas esquentarem com aqueles elogios, principalmente vindos dela.

— Eu também gosto muito da senhora. Sempre me ajudou e ensinou bastante desde o início.

— Acho que você sabe que meu tio é o sócio majoritário do Hospital Salles, não sabe? — perguntou, e eu assenti, não sabendo ao certo aonde dona Esther queria chegar. — Bom, eu conversei com ele e consegui um acordo para você.

— Um acordo?— perguntei, curiosa, virando-me mais em sua direção.

— Sei que os preços daqui são altos para quem

não tem plano de saúde e imagino que você vai ter que retirar de suas reservas para pagar a diária da internação, medicamentos e tudo mais.

— Sim — lamentei — É realmente mais do que eu posso bancar, e confesso que estou desesperada. Eu só consigo pagar por alguns dias e não sei ainda o que fazer depois disso. E se... — Engoli em seco vendo meu pai dormindo tranquilamente em seu leito. — E se ele não acordar antes disso?

— Vamos torcer e rezar para que ele acorde a qualquer minuto, querida. Esses primeiros dias são muito importantes para vermos as reações do corpo. — Concordei com a cabeça. — Mas saiba que os sócios concordaram em lhe oferecer um desconto parcial de 50%, além de um prazo de um mês para que você se reorganize com os custos. Eu sei que pode não ser o suficiente pelos altos gastos, mas eu realmente espero que ajude.

— 50%? — Meus olhos se arregalaram em surpresa. Aquilo era incrível, eu mal podia acreditar que ela havia conseguido algo assim para mim. — Caramba, você me ajudou muito, de verdade! Eu realmente não sei como posso agradecer por isso! E

ainda me dará mais tempo de resolver a situação. Obrigada, de verdade! Nunca vou me esquecer disso, dona Esther! — falei, em uma mistura de alívio e euforia.

— Ser da família Salles tem suas vantagens, eu acho — Sorriu gentilmente, e eu lhe retribuí o gesto. — Espero mesmo que tudo dê certo. Saiba que pode contar comigo para o que precisar e não se preocupe com os próximos dias, já escalamos outros residentes para te cobrir. Imagino que precise de tempo para colocar as coisas nos eixos — concluiu, carinhosa, e eu a abracei, ignorando o fato de que ela era minha superior e me sentindo satisfeita quando suas mãos acariciaram meus cabelos com delicadeza.

Separamo-nos somente quando uma enfermeira veio chamá-la, informando que havia uma ligação para ela em sua sala. Esther sorriu para mim e eu retribuí, agradecida. Ao menos teria mais um tempo para conseguir o dinheiro, não importava o que eu precisasse fazer para consegui-lo.

[1](#) AVE (acidente vascular encefálico) é um termo mais geral e usado pelos médicos. AVC (acidente vascular cerebral) significa que a lesão encontra-se somente no cérebro, mas ele pode estender-se pelo encéfalo como um todo.

CAPÍTULO 3

A semana se passou rapidamente e mesmo que eu desejasse passar todo o tempo ao lado de meu pai, torcendo para que algum milagre acontecesse e ele abrisse os olhos, eu sabia que tinha muito o que fazer. Aproveitei aqueles dias em que Esther me liberou para visitar diversos bancos em busca de um empréstimo, qualquer quantia mínima que pudesse me ajudar a cobrir os custos. Meu pedido foi negado em cada uma das agências que visitei. Para elas, uma simples residente com tantas dívidas nas costas não compensava o risco de emprestar uma quantia daquela magnitude.

Frustrada e sentindo o desespero me assombrar novamente, comecei a pensar em outras possibilidades. Naquela sexta-feira, após riscar a última agência da minha lista, eu me vi sem saída, sem ter pra onde ir. Não queria voltar ao hospital de mãos vazias e não via sentido em retornar para a casa de Nanda, onde Snow e eu estávamos

PERIGOSAS ACHERON

temporariamente hospedadas por ser mais próximo ao centro da cidade e, conseqüentemente, mais perto do local de trabalho e onde meu pai estava internado. De repente, me peguei pensando em minha casa. Minha própria casa. E assim, sem mais nem menos, um estalo ecoou em minha mente.

Ela seria a minha salvação.

[...]

— Então é isso? Você já decidiu que vai vender a casa? — Nanda perguntou enquanto dividíamos um lanche na cafeteria do hospital.

— Não consegui nenhum empréstimo e o tempo está passando. Não vejo nenhuma outra opção agora.

— Lili — ela chamou, gentil. — Você não quer mesmo que eu te empreste alguma coisa? Sabe, eu posso...

— Nanda, já falamos sobre isso. — Ofereci um sorriso terno. — Já está decidido, amanhã vou passar na corretora e colocar a casa à venda e procurar algum apartamento para alugar.

— Eu sei que só tenho um quarto e você

provavelmente está cansada de dormir comigo, mas sabe que você pode ficar lá em casa o tempo que precisar, não sabe?

— Eu sei, amiga. Muito obrigada por isso, mas não quero mais invadir sua privacidade desse jeito. E claro que eu não estou cansada de dormir com você, bom... quando você ronca não é muito legal e...

— Eu não ronco! — resmungou ao me dar um pequeno tapa no braço.

E tudo o que pude fazer foi rir pela sua feição desgostosa.

— Tá bom, então vamos fingir que é invenção minha! — Dei de ombros, achando graça quando ela bufou.

— Mas, com a venda da casa você consegue cobrir tudo e ainda pagar aluguel?

— Essa casa era dos meus avós, como você sabe. Minha avó deixou pra mim logo depois de falecer e meu pai e eu nos mudamos pra lá, já que era casa própria e economizaríamos com aluguel. Andei dando uma pesquisada sobre a média de valores e é uma boa grana. Mais do que eu esperava, na

verdade. O bairro valorizou bastante nos últimos anos e pelo que vi, seria o suficiente para pagar a internação por uns bons meses, alugar um apartamento pequeno aqui por perto e ainda sobraria algo.

— Realmente parece um bom negócio — Nanda comentou em uma reflexão. — Nossa residência acaba em menos de seis meses e Esther provavelmente vai nos integrar de vez ao corpo de médicos do hospital. Morar pelas redondezas com certeza é um ponto positivo. E, se Deus quiser, seu pai irá acordar em breve e poderão comprar um desses apartamentos legais e espaçosos que tem por aqui.

— Com certeza! Além disso, é o único jeito de conseguir uma boa quantidade de dinheiro rápido, antes que meu prazo acabe.

— Você ainda tem algumas semanas, certo?

— Sim, três semanas exatas. Agora, só preciso anunciar o imóvel e torcer para que alguém compre logo a casa. — Suspirei fundo. — Me deseje sorte!

— Mas, Lili... você está bem com isso mesmo? Sabe, vender sua casa e tal. Ela é o seu lar há

muitos anos, né?

E então aquela simples pergunta me fez refletir. Eu estava me sentindo bem ao tirar aquele peso das costas e a solução de vender a casa me parecia ótima, até entender o que realmente aquilo significava.

Recordei-me dos bons momentos que vivi ali, antes e depois de efetivamente nos mudarmos para lá. Brincando com meus avós no jardim de trás quando criança, o cheiro de biscoitos quentinhos que minha mãe fazia nos lanches de domingo, as sessões de filmes na sala de estar com meu pai após um longo dia de trabalho...

Todas as lembranças vieram de uma só vez e de repente me imaginei novamente naquela casa fazendo as mesmas coisas, mas, agora, sozinha.

Aproximei-me do leito em que meu pai repousava, tão sereno e ainda assim tão sem vida. Concentrei minha atenção no bipar dos aparelhos, me trazendo o conforto de que, mesmo naquele estado, ele vivia. Meu pai respirava, seu coração batia e aquela casa não era meu lar. Ele era. Onde ele estivesse, seria o meu lugar.

— Ele é a minha casa — constatei com um sorriso nostálgico nos lábios. Nada mais precisava ser dito.

[...]

No dia seguinte após minha decisão, acordei cedo a fim de ir o quanto antes à imobiliária resolver a venda da casa. Os últimos dias definitivamente haviam sido horríveis e assustadores, mas eu sentia que as coisas estavam melhorando. Elas tinham que estar!

Caminhei por aproximadamente quinze minutos após sair da casa de Nanda, até que finalmente me vi em frente à larga porta de vidro. Adentrei o local, observando as mesas cheias, até que finalmente avistei uma senhora se levantando e um corretor ficar disponível.

— Bom dia, o senhor pode me atender? — perguntei, me aproximando do homem engravatado e de sorriso fácil.

— Bom dia, menina! Mas é claro, sente-se, por favor. Como posso te ajudar? — respondeu alegremente, mostrando todos os dentes brancos alinhados.

— Ah, eu queria colocar minha casa à venda. Pode me ajudar, senhor...?

— Antônio, o corretor número um da cidade! — Piscou e levantou o polegar em um joinha que me fez sorrir amarelo em resposta. — E qual seu nome, minha jovem?

— Alice, prazer. — Estendi a mão para cumprimentá-lo.

— Pois bem, Alice. Vamos conversar sobre seu imóvel!

Fiquei animada com a empolgação do homem. Ele parecia saber o que estava fazendo e a forma com a qual me explicou todos os trâmites pacientemente me trouxe confiança e segurança.

Enquanto resolvíamos toda a extensa e chata parte burocrática, o homem questionou meus motivos para vender uma casa em um ponto tão bom da cidade. Sentindo-me à vontade com sua companhia, expliquei minha história, mesmo que de forma mais superficial, e ele pareceu se sensibilizar.

Decidimos, por fim, que a casa seria vendida já com toda a mobília, visto que, como eu pretendia

alugar um apartamento pequeno, era capaz de não ter espaço suficiente para os móveis antigos. Além do mais, gostava da ideia de uma renovação completa. Já estava mesmo na hora de nos livrarmos daquelas camas e armários que eram mais velhos do que eu mesma. Aquele seria um novo recomeço, de vida, de tudo.

Combinamos que a equipe dele iria na manhã seguinte tirar as fotos promocionais a fim de fazer a divulgação da venda. E com todos os papéis assinados, eu pude finalmente me sentir mais tranquila. O primeiro passo já estava dado.

Prometendo me ligar caso soubesse de algo, Antônio se despediu com um aceno e eu fui embora, indo até o hospital, às pressas, para contar as novidades à Nanda.

[...]

Como planejado, no dia seguinte, todas as fotos da minha casa já estavam no *site* da corretora informando a venda. Tentei não ficar ansiosa demais pensando se logo apareceria alguém interessado. Aproveitei que havia retomado meus turnos diários para ocupar a mente. Afinal, não

havia muito mais o que eu pudesse fazer. Agora só me restava aguardar.

A semana se passou rapidamente e entre um paciente e outro, eu aproveitava para dar uma olhada em papai. Nem podia acreditar que já havia se passado metade de um mês desde aquele dia. Ainda era péssimo vê-lo naquela cama, mas, voltar à rotina e a esperança de que os nossos problemas financeiros acabariam, me dava um imenso alívio.

Nanda me questionava constantemente se eu havia tido algum retorno do corretor e todas as vezes eu balançava a cabeça em negativa, com certa preocupação. Claro que eu não esperava que a casa fosse vendida de um dia para o outro, mas Antônio havia dito que provavelmente não demoraria para que algum interessado surgisse, afinal, era realmente um bairro muito procurado.

No domingo eu fui escalada para o plantão noturno e não parei um segundo sequer. Dei graças aos céus quando meu expediente terminou e eu pude ir para a casa da Nanda descansar. Ao menos eu teria a tarde toda livre, e umas horas de sono realmente cairiam bem.

Fui diretamente para o apartamento e encontrei minha amiga na portaria.

— Ei, chegando agora do plantão? Foi tranquilo?
— ela perguntou.

— Terrível! Um casal de gêmeos surgiu com intoxicação alimentar. — Fiz careta e ela comprimiu os lábios como se sentisse muito por mim. — O seu turno vai começar agora, né? — ela assentiu e eu lhe beijei a bochecha. — Bom trabalho, amiga!

— Bom descanso, Lili! Ah, eu já troquei a água da Snow, não precisa trocar de novo.

— Valeu! Só quero cair na cama um pouco, tô morta! — admiti, ouvindo uma risada fraca de Nanda.

— Posso imaginar! — Fez uma careta. — Nos vemos mais tarde, então. — Jogou um beijo no ar antes de se afastar e caminhar pela calçada.

Subi até o apartamento e corri para o chuveiro. Precisava tirar aquele cheiro de suor e refrescar um pouco o corpo. Saí do banho me sentindo uma nova pessoa e ri baixinho ao sentir a língua áspera de Snow em minha canela. Afaguei as orelhas da

felina e fui para o quarto colocar uma roupa, mas antes que eu pudesse chegar até o armário, ouvi meu celular tocar. Porém, assim que o alcancei, a ligação já havia caído.

Peguei o aparelho e vi que era Antônio, assim como nas outras duas chamadas não atendidas. Senti meu coração bater forte e torci para que fossem boas notícias. Retornei a ligação e logo ouvi a voz masculina do outro lado da linha.

— Alice, finalmente consegui falar com você!

— Oi, seu Antônio. Tudo bom? Alguma novidade? — perguntei, sem conseguir esconder a ansiedade.

— Sim, menina! Uma ótima novidade, inclusive. Temos um casal interessado em visitar a casa. Quer acompanhá-los? Eles devem chegar em uma hora.

— Claro, com certeza! Daqui a pouco estou aí — avisei, e nos despedimos.

Não podia acreditar! Algum ser abençoado realmente estava interessado em conhecer a casa e, quem sabe, poderia até mesmo comprá-la. Eu precisava aproveitar a chance para lhes mostrar o quanto aquele lugar era bom de viver e convencê-

los de que seria um ótimo negócio.

Coloquei um jeans e uma camiseta, escovei os dentes rapidamente e já nem sentia mais tanto sono. Estava elétrica, cheia de expectativas. Penteei rapidamente os cabelos e peguei minhas coisas, indo até a porta do apartamento. Olhei para Snow, que agora estava deitada confortavelmente na bancada entre a sala e a cozinha e beijei-lhe o focinho, recebendo um miado reclamão em seguida, o qual me tirou uma risada.

— As coisas estão começando a melhorar, hein, pequena? Torça por mim! — Toquei-lhe a cabeça peluda e parti em direção à imobiliária.

Chegando lá, vi que Antônio e o casal já me aguardavam. Pelo que contaram, estavam buscando um lar naquela mesma área há um bom tempo, mas estava difícil achar algo pela região. O corretor utilizou o carro da empresa para levar nós três até o endereço. Fiz um pequeno *tour* com o casal, que olhava maravilhado cada cômodo. No fim, chegamos a um acordo e assinamos os papéis ali mesmo, na mesa da cozinha em que eu via diariamente meu pai tomar sua costumeira xícara

de café.

Uma sensação de nostalgia me abateu e me permiti vaguear os olhos por cada cantinho daquele lugar. Fora extremamente feliz naquele lar e mesmo contente por vendê-la, ainda assim, uma pontada de dor me atingia o peito. Eu sentiria falta de tudo, de cada cômodo e de cada móvel antigo, mas, principalmente, de cada memória boa que aquela casa me trazia. Ainda assim, a certeza de que estava tomando a decisão correta aplacava qualquer desconforto. Meu novo caminho estava sendo traçado e uma nova vida esperava por mim.

Por mim e por meu pai.

CAPÍTULO 4

Já havia se passado um mês desde que minha casa fora vendida e eu continuava no apartamento da Nanda. Eu, Snow, minhas tralhas e todas as coisas de papai entulhadas na pequena sala de estar de minha amiga. Em minha inocência, achei que teria a sorte de encontrar logo um apartamento bacana no centro da cidade, mas claro que, infelizmente, nem tudo na vida são flores e a tarefa acabou se mostrando muito mais complicada do que eu imaginava.

Antônio me ajudou em algumas buscas e cheguei a visitar dois lugares disponíveis, mas um deles não aceitava animais — e eu não tinha pretensão de ir sem Snow —, enquanto que o outro pedia um valor alto demais para uma quitinete tão pequena. Eu me senti roubada só de olhar o preço e aquelas paredes que nem ao mesmo estavam pintadas.

Porém, mesmo com todo esse sufoco para encontrar um apartamento, eu ainda estava contente

PERIGOSAS ACHERON

por já ter o dinheiro da venda na conta bancária. Com as contas do hospital em dia, eu já ficava bem mais despreocupada. E, claro, como uma boa amiga e hóspede, ajudei Nanda com alguns gastos durante minha estadia. Era o mínimo que eu podia fazer. Ela estava sendo muito paciente com toda a situação, além de incrivelmente prestativa e carinhosa.

Continuei a rotina de trabalho, usando as horas com os pacientes como forma de terapia para não pensar demais no quanto meu pai fazia falta. Porque sim, ele fazia, e muita. Mas eu não poderia parar minha vida, pois precisava ter tudo pronto para quando ele acordasse.

Ainda que desanimada e frustrada com a busca sem sucesso pelo novo apartamento, Nanda sempre me estimulava, pedindo paciência e dizendo que em algum momento algo bom surgiria.

E foi numa manhã agitada no hospital que recebi a ligação tão esperada de Antônio.

— Me diz que achou algo legal pra mim, vai — implorei assim que atendi a ligação.

— Alice, tudo bem? Acredito que tenho algo que

pode te interessar. Consegue dar uma passada aqui na imobiliária o quanto antes? Acho que você entenderia melhor vendo comigo pessoalmente.

Estranhei o papo do corretor, mas fiquei curiosa sobre o que ele teria para mim.

— Ahn... certo. Passo aí no meu almoço, pode ser?

— Combinado! Te espero — avisou antes de desligar a chamada.

— Era o tal Antônio? — Nanda perguntou atrás de mim e eu confirmei, explicando o que ele dissera. — Bom, eu vou com você e vemos qual é — falou, e eu assenti. — Me encontra na recepção umas 11h50, pode ser?

— Beleza! — respondi, antes de nos despedirmos para começarmos nossas visitas aos pacientes como de costume.

A manhã passou rápido e, quando vi, já estava na hora de encontrar Nanda. Ela me esperava na recepção conforme havia dito e logo nos pusemos a caminhar em direção à imobiliária, que ficava a alguns quarteirões do hospital. Ao passar pela grande porta de vidro, não demorou nem mesmo

dois segundos para Antônio me avistar e acenar, pedindo para que nós duas nos sentássemos de frente para a sua mesa.

Eu estava ansiosa para saber o motivo pelo qual ele havia me chamado. O que ele poderia ter para me mostrar?

— E aí, Antônio? Qual é a do mistério todo? — perguntei após os cumprimentos. — É algum apartamento que vai ficar vago ou algo assim?

— Olha, Alice, não exatamente — disse, e eu franzi o cenho. Estava achando tudo aquilo meio estranho. — Eu não quis falar pelo telefone para não causar nenhum alvoroço aqui também, porque é realmente uma oportunidade única que caiu nas minhas mãos e eu achei que talvez pudesse ser interessante pra você.

— Como assim? Não tô entendendo nada. O que você tem para mim? — perguntei um pouco ansiosa demais e Antônio apenas riu, virando a tela de seu computador para nós.

— Nesse momento não tem nenhum apartamento para alugar na região que você quer, além daqueles dois que você não gostou — explicou, e eu murchei

imediatamente na cadeira, vendo toda minha felicidade ir embora. Se não tinha nenhum apartamento para alugar, então o que era? — Mas... veja este lugar aqui. — Apontou para a tela e meus olhos e os de Nanda logo foram para as fotos de um incrível dois quartos, totalmente completo e moderno. — Esse apartamento é de um advogado que está mudando de país. Ele está com pressa para vender e está cobrando um valor ridiculamente baixo. E olha, ele fica somente a cinco minutos do hospital. Mas, foi o que te falei, não é aluguel e sim uma venda. Não sei se é algo que você...

— Quanto? — disparei, ainda analisando cada imagem.

Era um lindo apartamento de duas suítes de bom tamanho. A sala relativamente grande tinha espaço suficiente para uma família e a cozinha era dividida por uma bonita copa americana. Simplesmente perfeito!

— Aqui, este é o valor que ele está pedindo. — Antônio me mostrou a quantia no papel e eu quase engasguei.

Nanda levou as mãos à boca e murmurou:

— Tem certeza que é só isso? Parece muito bom para ser verdade.

— Como expliquei, esse cliente está se mudando para o exterior e por isso a urgência em vender o apartamento. Assim que o imóvel chegou em minhas mãos, não pude pensar em mais ninguém além de você, menina — Ele falou e senti meu coração disparar.

Era realmente uma enorme oportunidade batendo em minha porta. Papai já estava em coma há um mês e meio e cada dia a mais eu sentia saudade de nossa antiga vida. Mais da minha, especialmente. Eu sentia falta da minha privacidade e aconchego, de um recomeço verdadeiro para tudo. Além disso, ainda que Nanda negasse até a morte, eu odiava ser um incômodo para ela.

E agora eu tinha a chance de reorganizar minha vida e deixar tudo pronto para quando papai acordasse. Poderia voltar para meu próprio lar, sem me sentir uma intrusa na casa de ninguém. Estaria tão perto do hospital que facilitaria minha vida de inúmeras maneiras, e a melhor parte era que realmente aquele imóvel apaixonante estava a

preço de banana. Parecia uma boa ideia tê-lo para mim. Aliás, uma ótima ideia!

— Lili, o que vai fazer? — Nanda perguntou, ainda analisando as fotos no computador.

— Vou levar — respondi, convicta.

[...]

No dia seguinte, pedi para uma residente me cobrir pela parte da tarde e resolvi toda a papelada para a compra de meu mais novo apartamento. Antônio me explicou novamente que o dono do imóvel realmente estava com pressa, mas eu não tinha objeção alguma em finalizar aquele trâmite o quanto antes. Com todos os documentos corretos e contratos assinados, eu dei o primeiro passo para minha nova vida.

Aproveitei o final de semana para fazer a mudança, claro, com a ajuda de Nanda e do Impala antigo de papai. Como não havia tanta coisa assim para ser levada, conseguimos finalizar a mudança em duas viagens de carro.

O prédio alto e moderno era bastante atrativo, e da janela do meu quarto eu era capaz de ver o Hospital Salles perfeitamente. Os móveis brancos e

PERIGOSAS ACHERON

pretos com detalhes em madeira traziam um certo quê de sofisticação que muito me agradava. Eu sentia que o ar, talvez pela altura do prédio, era outro. Mais refrescante e puro. Ou talvez eu somente estivesse me sentindo energética e esperançosa por toda novidade.

Decidira tomar um novo rumo, após tudo o que havia virado minha vida de cabeça pra baixo. Ainda que triste e saudosa, eu me sentia feliz por meu pai estar vivo. Poderia não estar consciente, mas eu sabia que precisava seguir em frente enquanto isso.

Então, essa era a minha chance de cuidar de tudo, de cuidar dele.

Eu ainda chorava em algumas noites. A hora de dormir era a pior parte, pois sempre pensava que na manhã seguinte eu não o encontraria com o café na mesa. Porém, a cada dia eu me convencia mais de que precisava me mexer constantemente, não poderia me deixar levar somente pela tristeza ou amargura. Eu precisava, acima de tudo, deixar tudo pronto e encaminhado para quando ele acordasse. Esse havia se tornado meu objetivo.

O apartamento mobiliado era ideal para mim,

todo decorado em um visível bom gosto. E claro, Snow, aparentemente, havia aprovado nosso novo lar. A bola de pelos já dormia tranquilamente no sofá acinzentado da sala de estar, completamente alheia aos barulhos das caixas se abrindo e dos pratos e copos sendo organizados nos armários da cozinha.

As duas suítes já estavam prontas e faltava apenas guardar os talheres para que nosso sofrimento acabasse. Estávamos exaustas, claro, mas eu não pretendia descansar até deixar aquela nova casa na mais perfeita harmonia e organização.

— Pronto, Lili, chega! Já está tudo em seu devido lugar — avisou, jogando-se ao lado da felina preguiçosa no sofá e acariciando os pelos brancos. — Podemos pedir algo pra comer agora?

— Por favor! Meu estômago tá roncando tanto que acho que vai abrir um buraco na minha barriga a qualquer momento — admiti, fazendo careta.

— Então já vou pedindo uma pizza — avisou.

— Manda ver! Pede tamanho família e com bebida, hein.

Não demorou mais do que meia hora, antes da
PERIGOSAS ACHERON

campainha tocar e eu quase tive vontade de beijar o entregador. O cheiro do queijo derretido inundava a sala de estar e por um segundo achei que estava no paraíso. Devoramos a pizza de uma só vez, enquanto assistíamos a uma comédia romântica qualquer na televisão.

Algumas horas depois, Nanda se despediu e rumou para a própria casa. E lá estava eu em um apartamento vazio e solitário. Era uma sensação estranha, mas ao mesmo tempo convidativa. Sentia-me livre para fazer o que bem entendesse, até mesmo andar nua sem me preocupar com ninguém. Aquela ideia me parecia bem interessante, na realidade.

Analisando meu corpo exausto, aproveitei para tomar uma ducha antes de dormir com meu pijama de pequenos felinos e com a bola de pelos em carne e osso em meus braços. Aconcheguei-me em minha nova cama, adorando a maciez daquele colchão. Não podia negar, aquele antigo dono do apartamento sabia escolher coisas boas e eu mal conseguia acreditar que agora era tudo meu.

Porém, esse pensamento, ao contrário do que eu

esperava, me trouxe uma pequena angústia dentro do peito. Ali, no silêncio daquele lugar, lembrei de papai no mesmo instante, perguntando se, assim como eu, ele sentia minha ausência e se acabava em saudades.

A verdade é que eu trocaria tudo aquilo pela chance de vê-lo sorrir mais uma vez. Uma única vez.

E antes de perceber, caí no sono, revivendo em meus sonhos as lembranças felizes da minha infância, em que minha família estava ao meu lado e eu não sentia qualquer vazio em meu coração.

[...]

O despertador tocou e eu me espreguiceei nos lençóis, agradecida por uma noite bem dormida. Levantei com um pouco de preguiça, mas foi quando coloquei os pés no chão que estranhei, ao perceber que a porta do apartamento se abria e passos rangiam no piso do cômodo ao lado. Deixara uma chave reserva com Nanda, mas não esperava a visita dela naquela manhã. Será que acontecera algo? Logo apressei meus passos, indo ao seu encontro.

— Nanda? O que faz aqui tão ced...

Paralisei no lugar e perdi a voz.

Minha surpresa foi descobrir que em vez de uma pessoa conhecida, era um completo estranho que invadia minha casa.

CAPÍTULO 5

— LADRÃO! — gritei exasperada, correndo até a cozinha e pegando a primeira vassoura que vi na frente. — Merda, como você entrou aqui? Vai embora ou eu vou chamar a polícia!

Postei-me em posição de ataque com o cabo de madeira apontado para o tal homem de cabelos negros e olhos cerrados.

— Você é louca, por acaso? — sua voz saiu baixa, porém ameaçadora. — O que pensa que está fazendo no *meu* apartamento?

— *Seu* apartamento? Do que você... EI, NÃO SE APROXIME! — rosnei, ainda elevando a vassoura em sua direção, quando ele ameaçou adentrar mais o cômodo.

— Olha só, garota, eu não sei que tipo de trato você tinha com o antigo dono, mas este imóvel agora é meu e eu gostaria que você se retirasse.

— Fique onde está, eu vou chamar a polícia! Este

apartamento é meu e eu não te conheço, você está invadindo uma propriedade privada!

Minha voz trêmula denunciava o medo que estava sentindo. Por que ele dizia que o apartamento era dele? Como conseguira uma chave pra abrir a porta? Nada fazia sentido!

— Ótimo, pode chamar. — Deu de ombros. — Eu comprei este imóvel recentemente e estou com a escritura bem aqui. — Começou a abrir a parte da frente da grande mala ao seu lado.

— Não se mexa! — gritei, me aproximando com a vassoura. — Pode parar de mexer nessa mala aí, agora mesmo!

Não sabia se ele poderia pegar uma arma, talvez, achei melhor não arriscar.

— Para de dar uma de maluca, por favor? Já está me deixando com dor de cabeça. — Ele apertou a base do nariz, a feição claramente cansada. — Só vou pegar a porcaria da escritura, ok?

— Então... pega bem devagar, com uma mão só! Coloca a outra pra cima, ouviu bem?

Eu estava mais do que confusa, sem entender nada do que diabos estava acontecendo ali, em PERIGOSAS ACHERON

plena sala de estar do meu novo apartamento. Mas não podia negar que pelas suas vestes e porte, ele não me parecia como um ladrão de fato. Talvez tudo aquilo fosse um engano, por isso decidi dar-lhe a chance de me mostrar a maldita escritura que ele dizia ter.

E assim, com apenas uma mão, enquanto a outra estava levantada no ar, o homem de cabelos negros bufou e logo me estendeu uma pasta.

— Toma, maluca! Agora é só você ler e dar o fora daqui.

— Eu? Dar o fora daqui? Você que vai acabar indo pra trás das grades, tá legal? Para de se fazer de sonso! — rosnei, irritada pela forma petulante com que aquele idiota falava comigo.

— Quem vai acabar indo para a cadeia é você, já que é a única que está invadindo algum lugar por aqui, como pode ver no documento bem na sua mão. — Bufou antes de revirar os olhos. — E dá pra soltar essa vassoura ridícula? — Recostou-se na parede ao lado da porta com os braços cruzados sobre o peito.

— Não! E não se mexa, ou vou te bater com ela!

— ameacei.

Estava apavorada. Mesmo que ele não me parecesse de fato perigoso, era um homem estranho invadindo minha casa. E o pior: um estranho que alegava ser o dono do apartamento.

Obviamente eu não estava gostando daquela história. Havia algo muito errado ali, mas, imaginando que poderia ser algum tipo de golpe, decidi não baixar a guarda, mantendo a vassoura em mãos para qualquer emergência. Eu daria uma olhada com calma naquele documento, e, conforme fosse, ligaria para a polícia imediatamente. Eu torcia para que fosse apenas um mal-entendido, caso contrário, eu provavelmente havia me metido em uma grande roubada.

Analisei o documento com cautela, lendo linha por linha, enquanto ainda revezava meus olhos no homem à minha frente. Tudo realmente parecia certo e nada daquilo fazia sentido.

— Isso é mesmo de verdade? — perguntei incrédula, vendo as assinaturas do comprador e do vendedor, além do valor incrivelmente mais alto que ele havia teoricamente pago no apartamento.

Realmente bem mais alto do que eu pagara. E um valor que condizia melhor com o preço que aquele imóvel valia.

— Por que diabos eu mentiria sobre isso? A escritura, como pode ver, já está registrada no cartório e tudo, e quando finalmente chego em casa, do nada dou de cara com uma estranha na minha sala de estar! — Fez uma careta impaciente. — Agora que a intrusa aí já viu que não sou nenhum assaltante ou coisa do tipo, dá pra ir embora e me deixar entrar sem que eu tome uma vassourada na cabeça? — Um meio sorriso debochado surgiu em seu rosto e meus olhos se reviraram de imediato.

Que homem petulante, prepotente, idiota!

— Olha, eu não sei o que está acontecendo, mas eu também comprei este apartamento. Eu *também* tenho a escritura. Ela só não foi registrada no cartório ainda porque não abre aos finais de semana, então eu iria amanhã logo cedo.

— Me mostra logo essa sua escritura pra eu dar uma olhada. Ou você tava só blefando? — Arqueou uma sobrancelha desafiadora, o que me fez querer

voar em cima dele.

Apesar de não demonstrar nenhuma atitude hostil ou perigosa, não poderia confiar nele sozinho na sala de estar enquanto eu ia até meu quarto pegar a documentação. Mas, antes que eu pudesse tomar qualquer decisão quanto àquilo, dois homens ainda mais estranhos surgiram em nossa porta, que continuava meio aberta. Ambos vestindo calças na cor bege e camisas pretas e, para a minha surpresa, ambas estampavam o logo da Polícia Federal.

— Bom dia, senhores — um deles disse em tom sério, abrindo a porta para que pudessem passar, enquanto seu parceiro analisava minuciosamente a mim e o homem de cabelos negros. — Estamos em busca de Jorge Neves.

— Ahn... bom dia. Desculpa, mas Jorge quem? — questioneei, confusa.

— O dono do apartamento, senhora. Somos agentes federais e temos uma ordem de prisão para Jorge Neves. Este apartamento pertence a ele e vocês não o conhecem? — Sua feição insinuava que eu os estava fazendo de besta e, claramente,

não gostei nem um pouquinho daquilo. — Qual seu nome, por favor?

— É Alice, mas olha...

— Jorge Neves era o antigo proprietário, mas este apartamento foi vendido recentemente, senhores.

— Vendido? Pode nos informar seu nome, senhor? — um dos agentes perguntou.

— Theo Leone. Na verdade, nós dois estávamos em um dilema aqui para entender como ambos havíamos comprado o mesmo apartamento. Será que vocês têm alguma informação que possa nos ajudar?

Vi que os agentes se entreolharam com a feição fechada e um deles meneou positivamente a cabeça, enquanto o outro saiu para o *hall* do andar, falando algo sobre uma fuga em seu rádio chiado.

— Preciso checar seus documentos — avisou.

Theo — aparentemente esse era o nome do tal invasor —, logo apontou para a pasta em minhas mãos e eu a entreguei ao policial de imediato.

— Vou pegar os meus, um minuto — pedi, enquanto corria até meu quarto pegando minha identidade e a escritura.

Minhas pernas pareciam gelatina pelo nervosismo. Aquilo tudo era muito esquisito e inacreditável. Por que diabos havia agentes federais e um homem alegando ser dono do apartamento bem na minha sala de estar em um domingo de manhã? Apresentei todos os documentos e enquanto o agente os analisava e comparava com os de Theo, o outro homem que havia saído com o rádio retornou.

— Confirmaram que viram Jorge Neves na divisa do estado.

— Merda! Vamos logo pegar esse desgraçado — o homem rosnou e nos devolveu os documentos. — Ao meu ver, essas escrituras são verdadeiras. Como o senhor Leone já a registrou no cartório, o apartamento é legalmente dele. Jorge Neves é um advogado corrupto e, provavelmente, descobriu que estávamos à sua procura, por isso vendeu o apartamento rápido assim e aplicou algum golpe em vocês dois. Aconselho que arrumem um advogado para tentar resolver isso da melhor maneira, ao menos enquanto não encontramos o foragido. Sinto muito, mas precisamos ir.

E foi tudo o que ele disse antes de simplesmente ir embora, deixando a nós dois incrédulos, confusos e estáticos para trás.

Então o apartamento... não era meu? Só porque o intruso havia sido mais rápido e ido ao cartório antes de mim?

— Um golpe? Mas como isso é possível? — Theo parecia pensativo.

— Isso só pode ser algum erro! Deve ter algo que possamos fazer. Você comprou o apartamento onde? — perguntei, desejando colocar as peças em seus devidos lugares a fim de montar aquele quebra-cabeça.

— Em uma imobiliária na Rua Alves Freitas. No início dessa semana.

— Eu também comprei em uma imobiliária, mas na Rua Mato Silva, então não foi no mesmo lugar. Hoje é domingo, mas se eu ligar para o corretor, ele com certeza vai poder nos ajudar — sugeri, e Theo assentiu brevemente, recostando-se na parede enquanto eu pegava o celular no quarto e discava para o telefone pessoal de Antônio.

Como imaginava, a imobiliária estava fechada,
PERIGOSAS ACHERON

mas ele disse que viria até o apartamento verificar os contratos.

— Ele está vindo pra cá. — Fechei os olhos cansados e massageei as têmporas, não acreditando como aquilo realmente poderia ter acontecido.

Quando eu esperava que as coisas finalmente fossem começar a dar certo, uma bomba daquela caía em minha cabeça, quebrando todo o chão debaixo dos meus pés. Abri as pálpebras e inspirei fundo, em uma mistura de desânimo e tristeza, e logo vi que o homem de cabelos negros me observava de cima a baixo com um pequeno sorriso salpicando os lábios.

— O que é agora? — perguntei um pouco rude, não gostando da forma com que ele me analisava.

— Nada... só estava pensando que talvez você gostaria de trocar de roupa antes desse tal corretor chegar — sugeriu dando de ombros, com um repuxar de lábios claramente irônico que me fez pender a cabeça para o lado sem entender aonde ele queria chegar.

— Hã? Do que você está... — Olhei para minhas vestes. E foi somente nesse breve e vergonhoso

momento que percebi que ainda usava meu pijama rosa de gatinhos da noite passada. — *Argh*, não acredito! — praguejei, correndo até meu quarto e sentindo todo o meu rosto esquentar.

Theo e ainda aqueles dois agentes haviam me visto daquela maneira, com uma roupa extremamente ridícula e infantil. Aquela, definitivamente, seria a situação mais embaraçosa que eu teria para contar aos meus netos.

[...]

Já vestida decentemente e mesmo a contragosto, sugeri que Theo se sentasse no sofá enquanto eu começava a preparar um café. Ainda não tinha nem mesmo comido nada e meu estômago reclamava pela fome, então preparei um sanduíche caprichado. Agradei intimamente que era domingo e não precisaria ir ao hospital, já que não estava escalada para o plantão daquele dia, o que era tudo calculado para que eu pudesse aproveitar meu novo lar em cima da cama, vendo algum filme bem clichê, enquanto me entupia de besteiras.

Mas agora aquele sonho estava mais do que longe da realidade.

Aproveitei e liguei para Nanda, contando-lhe todos os detalhes daquela manhã perturbada. Não demorou muito para que ela chegasse até meu apartamento, aproximadamente dez minutos antes do próprio Antônio chegar.

E agora estávamos nós quatro naquela sala de estar, todos sentados à mesa com tampa de vidro analisando minuciosamente ambas as escrituras. Passamos algumas horas naquele estudo de palavra por palavra, linha por linha, verificando cada mísero detalhe daqueles documentos, até que Antônio finalmente se pronunciou.

— Eu realmente nunca vi nada igual a isso. — Suspirou, derrotado. — Está tudo certo, tudo correto. Não sei como algo assim pode ter acontecido, Alice, mas realmente o senhor Theo está com a vantagem, visto que ele registrou o imóvel no cartório antes de você. Não há muito o que eu possa fazer para ajudá-la, mas se a Polícia Federal já está atrás do tal homem foragido, acredito que após resolverem o caso, o dinheiro ao menos será devolvido.

— Mas e agora, senhor Antônio? Não tem nada

que a Alice possa fazer? Ela vai simplesmente perder o dinheiro e o apartamento? Isso é um absurdo! — Nanda ralhou, dando voz à minha própria, enquanto eu apenas sentia meu sangue gelar e esvair de meu corpo.

Eu estava petrificada, assustada, sem saber o que fazer ou dizer. Completamente perdida em minha desgraça.

— Eu realmente sinto muitíssimo, menina. Como corretor, não há nada que eu possa fazer. O melhor é procurar um advogado para encontrar a melhor solução. Peço minhas humildes desculpas por colocá-la nessa situação, de verdade. Tudo parecia estar na mais perfeita ordem, jamais cogitaria a possibilidade de ser realmente uma venda de má-fé. Ainda que o valor fosse realmente tentador, acreditei na história que o antigo dono contou. E com todos os documentos corretos e em dia, não havia muito sobre o que suspeitar.

Suas palavras eram verdadeiras e seu olhar triste demonstrava que Antônio realmente nunca imaginara que aquilo fosse um golpe.

— Eu sei, seu Antônio. Mas eu não tenho pra

onde ir. O que eu faço agora? — Minha voz começava a embargar, mesmo que eu tentasse me manter calma. — Aquele dinheiro, eu não posso simplesmente perdê-lo. Por que isso tudo está acontecendo comigo? Não é justo! Não depois de tudo. Eu não tenho dinheiro pra me mudar agora, nem pra onde ir.

— Ah, Lili, você sabe que pode ficar comigo o tempo que precisar!

— Nanda, eu não posso fazer isso com você de novo! Você sabe disso, seu apartamento mal dá pra você e ainda quer me colocar lá dentro com todas as minhas tralhas? Isso só pode ser um pesadelo!

Sentia minha garganta se fechando e o estômago revirar. O coração apertava sobre o peito, quase me fazendo questionar um ataque cardíaco. Os braços de Nanda me apertaram enquanto eu tentava segurar o choro.

Depois de tudo o que eu já havia passado nas últimas semanas, todo o medo, tristeza, desespero, e agora mais isso. Um golpe, um maldito golpe!

— Tsc — Theo estalou a língua, me lembrando de sua presença, que até o momento havia sido

extremamente taciturna. — Isso é inacreditável.

Sim, era mesmo! Mas não era ele que seria despejado para fora, era?

— Olha... — ele começou, e eu funguei, me virando para fitar seus olhos, que pela primeira vez percebi o quão escuros eram.

Tão escuros que senti um calafrio estranho na espinha.

— Eu sei, eu sei... eu vou embora o quanto antes, não precisa pedir de novo. — Revirei os olhos, enxugando a lágrima que caíra sem permissão antes de inspirar fundo.

Não queria me mostrar uma fraca, não queria que ele me visse chorando daquele jeito, como uma menininha que acabara de tomar uma porrada da vida. Mais uma.

— Fica quieta e escuta, tá? — Fez uma careta impaciente e eu o fitei, confusa. — Por mais que isso não me agrade muito, você pode ficar aqui, se quiser. — Ergueu um ombro como se não se importasse com o que dizia.

— Como? — perguntei, sem acreditar.

— Olha, eu não quero ser taxado de monstro por

PERIGOSAS ACHERON

te deixar sem teto. Temos duas suítes, você fica com uma e eu com a outra, pelo menos até pegarem esse cara e resolverem tudo.

— Isso parece algo bastante sensato, meu jovem
— Antônio comentou.

Mas minha cabeça ainda girava. Aquele cara realmente estava propondo aquilo?

— Eu não sei... eu não te conheço, e... hummm...
morar junto com você...

Theo estalou a língua mais uma vez e eu inspirei fundo.

— Se é assim, eu também não te conheço. E a primeira impressão que tive é que você é uma doida lunática e extremamente irritante. Mas se prefere abrir mão do apartamento e simplesmente ir embora, por mim tanto faz. Eu só estou te dando uma outra opção, se você vai aceitar ou não, não é problema meu.

— Olha, Lili, você gostou tanto desse apartamento. Talvez seja uma oportunidade boa, vocês poderão dividir as contas e aqui é realmente muito perto do hospital. — Minha amiga tinha toda razão. Era isso ou me abrigar novamente em sua

casa, tirando, mais uma vez, todo o seu conforto.

— Tudo bem, eu aceito — avisei, num suspiro baixo. — Obrigada.

— Ótimo, então está resolvido. Contanto que não me atrapalhe, tudo certo. — Ele sorriu daquele jeito irônico e tive vontade de retirar minhas palavras e simplesmente ir embora.

Mas eu sabia que na verdade não tinha muitas opções, e voltar para a casa de Nanda não me parecia certo. Ela não merecia perder sua privacidade por um erro meu. E apesar de não ir muito com a cara desse Theo, não podia negar também que ficara bastante surpresa com sua oferta.

Não sei se isso daria certo. Morar com aquele cara arrogante provavelmente pediria muito da minha sanidade, porém, era minha melhor saída no momento. Eu simplesmente não podia acreditar no tamanho do meu azar. Minha vida já não estava péssima o suficiente nos últimos tempos? Eu finalmente acreditava que as coisas poderiam começar a dar certo novamente, e foi quando que me vi à beira de um precipício. E o pior: ao lado do

cara mais debochado da face da Terra.

Ótimo! Que maravilha...

— Eu preciso ir visitar uma pessoa, agora. Quando eu voltar, desfaço minha mala no outro quarto, então, caso tenha algo seu por lá, tire logo — avisou, levantando-se e acenando com a cabeça em forma de despedida.

A porta se fechou e eu só pude grunhir pela raiva que se apossava de mim, pelas coisas terem dado errado naquela magnitude e, especialmente, por ser logo Theo Leone a pessoa escolhida pelo destino para acabar de vez com minha paz momentânea. O cara egocêntrico e prepotente com o qual eu teria que dividir o mesmo teto. Ainda que houvesse sido de certa forma legal ao me deixar ficar com um dos quartos, eu imaginava que, ao mesmo tempo, seria extremamente desconfortável morar com um homem que eu sequer conhecia.

Antônio, depois de me pedir inúmeras desculpas novamente, despediu-se avisando que precisava voltar para casa. E então ficamos apenas Nanda e eu naquele apartamento, que já não me pertencia mais.

— Isso é um pesadelo, amiga! — murmurei, deitando a cabeça na tampa da mesa.

— Eu sei, Lili. Mas se a Polícia Federal já está atrás do cara e pelo visto já tem algumas pistas de onde encontrá-lo, isso tudo não deve demorar a se resolver. Tudo vai se ajeitar, você vai ver!

— Que o universo te ouça, Nanda! Que o universo inteiro te ouça, por favor!

Levantei a cabeça e estiquei a coluna, sentindo o estalar dos ossos pela má posição.

— Mas e se ele for um assassino ou um tarado? Eu não sei nada dele e agora seremos vizinhos de porta. Isso é muito estranho e não posso deixar de ficar um pouco com medo, sabe? Vou precisar dormir com a porta trancada e com a vassoura do lado da cama, isso é um fato. — Balancei a cabeça pensando que poderia dar umas belas pauladas se aquele idiota chegasse perto de mim ou tentasse qualquer gracinha.

— Bom, acho que temos um jeito melhor de saber um pouco mais sobre ele.

— O que tem em mente? — perguntei, e minha amiga deu um pequeno sorriso triunfante enquanto

sacava o celular.

— Lembra daquele meu primo? O que era da polícia, mas acabou largando pra abrir um negócio próprio? — comentou, e concordei com a cabeça.

— Bem, ele ainda tem alguns contatos lá dentro e poderia fazer algumas pesquisas sobre o Theo. Isso te deixaria mais tranquila?

— Ah, isso seria ótimo, amiga! Pra quem está no escuro, qualquer informação é válida, certo?

— Com certeza! Vou dar uma ligada pra ele e quando tiver alguma coisa, eu te aviso na mesma hora.

— Beleza! Obrigada, Nanda!

Aquilo já era alguma coisa. Se eu precisaria morar embaixo do mesmo teto que aquele cara desconhecido, ao menos alguma informação já ajudava. Mas independentemente do que o primo de Nanda descobrisse, ou mesmo que Theo fosse um monge budista, aquela vassoura continuaria ao meu lado onde quer que eu estivesse naquela casa. Eu não daria nenhuma brecha para que algo de ruim pudesse me acontecer. Ah, mas não daria mesmo!

— Bem... mãos à obra, então! — Nanda disse, e eu franzi o cenho, confusa. — Temos que tirar as coisas do seu pai do outro quarto para o Theo se acomodar quando voltar.

— *Argh*, ainda tem isso... que inferno! — resmunguei, pendendo a cabeça para trás.

Mas não tinha jeito. Tinha?

Levantei a cabeça e alonguei os braços para cima. Ainda estava cansada da mudança no dia anterior, mas era melhor resolver tudo logo de uma vez do que ficar postergando e ter um ser raivoso batendo em minha porta quando retornasse. Com Nanda me ajudando e o fato de não ter tantas coisas assim de meu pai, não demorou muito para que o quarto que seria de seu Júlio ficasse totalmente vazio de seus pertences, que agora tumultuavam uma considerável parcela de meu armário.

Depois de tudo pronto e arrumado, decidimos caminhar um pouco. Nanda disse que espairecer e tomar ar puro me ajudaria na tensão e ela estava certa. Após algumas horas entre aquelas imensas árvores da praça onde nos sentamos, eu realmente me sentia um pouco mais calma.

Vendo que o sol começava a baixar, achei que seria um bom momento para dar uma passada no hospital e fazer uma visita a papai. Beije a bochecha de Nanda como despedida e rumei para o Hospital Salles. Chegando lá, cumprimentei os colegas que passavam e logo cheguei até a cama alta onde seu Júlio dormia. Eu gostava de pensar assim, que ele estava apenas em um sono profundo e tranquilo. Toquei seus cabelos que caíam pela testa e fiz um leve carinho com o polegar na pele morna, quase fria.

Senti falta de sua voz, de seu calor. Senti falta, principalmente, de nossas conversas. Apesar de ser um grande cabeça-dura, meu pai também era o dono do maior coração deste planeta.

Enchi os pulmões e ajeitei a postura, pegando sua mão e entrelaçando na minha própria. O ambiente estava calmo, quase ninguém passando por ali, e então eu me senti um pouco em paz depois daquele dia turbulento.

— Queria que você pudesse se comunicar comigo, papai — sussurrei, alheia. — Preciso tanto dos seus conselhos. Aqueles que só você pode me

dar, aqueles conselhos de pai mesmo. — Suspirei, entortando os lábios em um sorriso triste.

Fiquei naquela posição por alguns minutos contando a ele, mesmo que não me ouvisse, sobre toda a loucura que havia acontecido naquele dia e o quão frustrada eu estava com aquela situação inesperada e maluca.

— Você provavelmente falaria para que eu conversasse com aquele idiota e nos tornássemos amigos, não é? Que já que estamos dividindo o mesmo apartamento, pelo menos deveríamos nos dar bem de alguma forma.

Dei uma pequena risada anasalada, imaginando essas palavras saindo de sua boca. Era a cara dele falar algo do tipo.

— Você sempre foi muito mole mesmo, um coração do tamanho do mundo, onde sempre tem espaço pra mais um. Essa é uma das coisas que eu mais amo em você. Sabe disso, não é?

E naquele instante, sentindo as cordas vocais tremerem, eu sabia o que viria a seguir. Eu não tinha forças para segurar, apenas me deixei levar pelo choro. Chorei, pois minha vida parecia uma

bagunça sem jeito e eu já não tinha mais o colo de meu pai para deitar e ser confortada. Não havia mais sua voz me dizendo que tudo ficaria bem e que ele cuidaria de mim. Queria tanto que ele abrisse aqueles olhos e eu pudesse sentir qualquer movimento de seus dedos entre os meus. Mas tudo o que me restava era o silêncio e a respiração de seu corpo graças aos aparelhos que o ajudavam na tarefa básica da vida.

Eu precisava do meu pai, eu apenas o queria de volta. Mas, infelizmente, não basta apenas querer. A vida, às vezes, pode ser uma grande megera.

Sentei em uma cadeira próxima ao leito e tirei de minha bolsa um livro que carregava comigo. Era uma boa maneira de me distrair um pouco, eu acreditava. Deixei-me levar pela leitura, apenas fazendo companhia ao homem em sono profundo. Talvez, dessa forma, nenhum de nós se sentisse sozinho naquele lugar.

E assim, aproximadamente duas horas se passaram até que o relógio na parede denunciasse a chegada da noite e a hora de ir embora. Beije-i-lhe a testa e me despedi com carinho. Estava na hora de

encarar minha nova casa, e o intruso que agora também viveria nela.

Ou seria eu a intrusa, no final das contas?

Caminhei pelas ruas sem nenhuma pressa. Torcia para que Theo estivesse trancado em seu quarto ou qualquer coisa do tipo, somente para não precisar encará-lo mais naquele dia. Já bastava nosso encontro nem um pouco amigável na parte da manhã e eu não sabia se teria forças para ver aquele sorriso presunçoso mais uma vez sem xingá-lo de alguma coisa.

Chegando ao prédio, subi o elevador e parei de frente para a porta de madeira do apartamento. Inspirei o máximo de ar que cabia em meus pulmões antes de girar a maçaneta e adentrar a sala de estar. Fiz um minuto de silêncio enquanto estava parada na entrada, mas não ouvi nem mesmo um ruído em resposta. Permiti-me entrar mais e encontrar o apartamento todo escuro e aparentemente vazio.

Imediatamente, uma onda de alívio percorreu meu corpo.

Passei pelo corredor e por debaixo da porta do

quarto que seria de meu pai, vi que a luz estava acesa. Ouvi também um pequeno barulho que mais parecia um chuveiro ligado. Ele provavelmente estava no banho e não nos esbarraríamos naquela noite. Ao menos isso.

Eu estava cansada, estressada e um pouco abatida. Só queria apagar em meu colchão e esquecer tudo aquilo. Afinal, no dia seguinte seria segunda-feira e eu teria trabalho. Pensei que, se eu tivesse ao menos um pouco de sorte, mal iríamos nos encontrar pelo apartamento, visto que eu passava a maior parte do dia fora. E, bom, isso me parecia um ponto positivo.

Positivo até demais, diga-se de passagem.

Montei um sanduíche qualquer na cozinha e me tranquei em meu quarto, com a vassoura recostada na lateral da minha cama. Devorei o pequeno lanche e tomei um banho quente a fim de relaxar o corpo cansado.

Aquele dia havia sido, no mínimo, exaustivo. E antes que eu pudesse perceber, já estava me deixando levar pelo sono que vinha sem pedir passagem.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 6

Havia se passado uma semana desde que eu descobrira que tinha caído em um tremendo golpe, e, desde então, a vontade de voltar para minha mais nova casa era mínima. Não gostava nem um pouco de lembrar que no quarto de frente para o meu habitava um completo desconhecido.

Ao menos eu dava graças aos céus por não precisarmos dividir um banheiro! Aquilo com certeza seria um desastre catastrófico.

Em uma tentativa de evitá-lo pela manhã, comecei a sair um pouco mais cedo para o trabalho, normalmente na hora em que Theo estava se arrumando em seu quarto antes de ir para sei lá aonde. Nos dias em que eu não estava escalada para o plantão, aproveitava para passar algumas horas ao lado de meu pai, apenas observando-o dormir de forma tão desconfortável com todos aqueles tubos em sua volta, porém, ainda assim, de maneira tão serena e profunda. Já haviam se passado quase seis

PERIGOSAS ACHERON

semanas desde o derrame. O tempo realmente passara rápido demais para o meu gosto.

A ideia de que ele poderia acordar a qualquer momento começava a se dispersar de meus pensamentos. Infelizmente, como médica, eu sabia que a cada dia mais que se passava, menores eram suas chances. Por algumas vezes, desejei não saber sobre aquilo, apenas para manter as esperanças acesas. Sua situação não mudava, nem para melhor nem para pior. Apenas... a mesma. O mesmo homem inconsciente deitado em uma cama, ligado a aparelhos. O mesmo bipe de sempre, no mesmo ritmo lento e monótono. Aquele som que me trazia uma mistura de felicidade por constatar que a vitalidade ainda o habitava, e angústia por me recordar de sua inconsciência sem fim.

A dor de sua ausência continuava latejando em meu peito, mas a cada dia meu sofrimento se tornava mais brando, pois já não tinha mais tantas expectativas quanto no início. Durante essas visitas após meu turno, eu tentava aproveitar o tempo que tinha com seu Júlio. Aquilo ao menos aplacava um pouco a minha saudade.

Ele estava vivo, mas nem tanto assim. E me era difícil aceitar aquele estado tão deprimente.

Além disso, dessa forma, eu só chegava em casa na hora em que meu companheiro de teto já estaria recluso em seu quarto, pronto para dormir. De certa forma, aquela semana em que não tivemos contato foi boa para perceber que talvez aquilo tudo não fosse tão ruim quanto eu esperava. Ao menos, ainda que não tivesse privacidade no apartamento, eu também não estava me estressando com Theo, como achei que seria: nós dois brigando ou discutindo como duas crianças pela sala de estar.

Eu sabia que precisava apenas começar a me acostumar com a ideia de viver com outra pessoa, uma pessoa da qual eu não sabia absolutamente nada. Também tinha plena consciência de que precisaríamos conversar para resolver diversos assuntos, como as contas da casa, por exemplo. Mas eu precisava daqueles dias, apenas alguns, para, pelo menos, colocar a mente no lugar e refletir sobre o que tudo aquilo implicava.

Naquela sexta-feira, eu senti o corpo pesar. A semana havia sido realmente cansativa e o relógio

apontava que já estava na hora de ir para casa. Beije a testa de meu pai em despedida e rumei até o apartamento. Acreditei que, assim como nos outros dias, eu não veria Theo e poderia ir diretamente para meu quarto.

Doce ilusão. Eu não tive sorte daquela vez.

Após destrancar a porta e adentrar a sala de estar, me surpreendi brevemente pela luz branca que emanava da geladeira da cozinha. Já era por volta de dez horas da noite e pela primeira vez desde que Theo e eu havíamos concordado em dividir o mesmo teto, eu o vira.

Meu coração, um pouco nervoso, acelerou e minha boca ficou levemente seca.

A porta da geladeira foi fechada, mas com a iluminação dos postes que emanavam para dentro da sala de estar, pude ver aqueles olhos negros me fitando, arrepiando os pelos de minha nuca de uma só vez.

Arranhei a garganta que começava a coçar e disse:

— Ah, boa noite!

Aquilo foi tudo o que eu conseguia falar, na

PERIGOSAS ACHERON

verdade.

Ele continuou me encarando, porém não respondeu. E aquilo me incomodou um pouco. Na verdade, me incomodou bastante!

Theo simplesmente mexeu a cabeça em resposta e passou por mim em direção ao corredor e, conseqüentemente, seu quarto, como se fosse o dono do lugar. O mais cômico disso tudo era que sim, ele realmente era o dono do lugar.

Tentei não me importar muito com o fato de que me senti ignorada, como se minha presença não fosse grande coisa. Afinal, responder com um *boa noite* de volta não poderia ser tão difícil assim, certo? Por fim, dei de ombros. Não queria ficar pensando muito sobre a falta de educação daquele cara.

Cansada e sonolenta, caminhei até meu quarto, trancando a porta e fitando a vassoura repousada em minha parede. Ainda não era capaz de acreditar que estava dividindo um teto com alguém desconhecido. Um *homem* desconhecido. Aquilo mais parecia um filme de terror.

Tomei uma ducha rápida, sentindo meus

músculos agradecerem pela água quente e me joguei na cama, ouvindo um resmungo de Snow por fazer o colchão se mexer. Meu celular começou a tocar quase que imediatamente e eu praguejei baixinho, mas logo mudei de ideia quando vi quem me ligava.

— Oi, Nanda! — saudei assim que atendi a chamada.

— E aí, Lili! Já está em casa?

— Sim, cheguei agora há pouco. E acredita que dei de cara com o Príncipe das Trevas logo na entrada?

Era assim que o chamávamos quando nos referíamos ao Theo. Ela dizia que os cabelos e olhos negros dele pareciam tão escuros quanto a noite e achou que o apelido fazia jus à sua aparência.

— Eita, e aí? Não brigaram nem nada, né?

— Que nada, ele simplesmente me ignorou, acredita? Mal-educado do caramba!

— Ah, não liga pra isso, Lili. Contanto que não estejam se desentendendo, é melhor que nada.

— É... acho que sim. Mas me conta, por que

PERIGOSAS ACHERON

ligou?

— Então, aquele meu primo me retornou hoje e eu tenho novidades!

— Gosto de novidades, aliás, preciso delas! Me conta tudo e, por favor, me diz que ele não é nenhum estuprador ou participante daqueles cultos a Satã — implorei no meu melhor tom de súplica e apenas pude ouvir a gargalhada de Nanda do outro lado da linha.

— Você é boba demais, amiga! Mas, de acordo com meu primo, o histórico do nosso Príncipe parece ser muito bom. Fez faculdade de Tecnologia da Informação e trabalha na M. Corp, sabe? Aquele prédio grande e espelhado a algumas quadras daí.

Ele trabalhava na M. Corp? Bom, aquilo realmente era uma surpresa. Era a maior empresa do ramo de tecnologia do país.

— Algo mais? — perguntei, curiosa.

— Ele tem 28 anos e é de uma cidade mais ao sul. Pelo visto morava lá com os pais e o irmão mais velho, mas foi transferido pra coordenar uma área da empresa na sede principal e por isso se mudou. Huuummm, além disso, não tem nenhuma

queixa ou antecedentes criminais. Parece ser um trabalhador comum, do bem.

— Do bem? Isso eu já não sei não, hein! Aquela cara debochada e enfezada dele parece ser coisa do demônio.

— Também não exagera, né, Lili! Você só tá irritada porque ele não tá ligando muito pra você.

— E quem disse que eu quero que ele ligue pra mim? — Revirei os olhos. — Que nada, quero mais é que a gente se ignore mesmo! Tenho fé de que vão achar logo esse advogado ladrão de quinta categoria e então meu dinheiro voltará para as minhas mãos, e aí tudo será resolvido.

— Falando nisso, teve algum retorno da Polícia Federal quanto a isso?

— Eu recebi só uma ligação ontem à tarde. Como não tivemos o mesmo turno hoje, acabei não te encontrando pra contar. Pelo que o agente me disse, eles estão investigando os passos do cara. Ele conseguiu atravessar uma fronteira aí e por isso estão tendo dificuldades para capturá-lo. Eles não podem falar muito, né? É coisa sigilosa e tudo mais.

— Entendi. Mas se estão na cola do cara e sabem ao menos pra onde ele foi, já é um bom sinal.

— De fato. Agora é aguardar um novo contato e torcer para que o Theo não me expulse daqui antes disso.

— Você acha que ele faria isso? — Nanda perguntou, um pouco aflita.

— Ah, não tem como saber, né? A gente nem se conhece, não tenho ideia do que passa naquela cabeça dele. Não tivemos nenhuma conversa civilizada até agora.

— E por que vocês não fazem isso? Seria bom sentarem logo pra conversar. Afinal, vocês têm que resolver juntos algumas questões sobre o apartamento.

— Eu sei, andei pensando nisso esses dias também. Mas sinto que conversar com ele vai ser bem difícil, sabe? Ele não parece ser um cara muito paciente ou simpático.

— Olha, o Theo realmente não deu uma ótima impressão num primeiro momento, mas você pode se surpreender. Quem sabe não viram amigos com o tempo? Vocês se conheceram da pior maneira, é

natural que ele estivesse estressado, e você também. Tudo é possível! Basta vocês tentarem — sugeriu, e eu revirei os olhos. — Apenas tente dar o primeiro passo e vê como se sai. Nunca se sabe o que pode acontecer, não acha?

Infelizmente, Nanda tinha certa razão. Ela sempre tinha. Eu o havia evitado nos últimos dias, tentando postergar aquela maldita conversa, mas eu sabia que hora ou outra eu precisaria encará-lo, mesmo não estando muito ansiosa para isso.

— Tá, tá. Vou me esforçar um pouco mais. Mas agora... vamos falar de coisa boa? — sugeri, travessa — Como tá o loirinho da academia? Quando vai tomar coragem pra falar com ele de novo? — disparei, e ouvi Nanda engasgar do outro lado da linha.

— Você cismou mesmo com isso, Lili! — ela ralhou, mas eu podia imaginar suas bochechas coradas.

— Ah, amiga, você mesma já me falou que ele está sempre te olhando. Por que não fala com ele? De repente, puxa um papo sobre suplementos, sei lá.

— É que... ah, eu fico com vergonha de ir até ele e falar alguma coisa.

— Cadê aquele seu papo de agora há pouco sobre dar o primeiro passo? — perguntei irônica.

— Não é a mesma coisa, oras! — rebateu, e eu ri.

— Claro que é! Vocês dois ficam lá trocando olhares, ele já te ajudou com os aparelhos uma vez e você disse que foi muito simpático. Por que não tenta começar uma conversa da próxima vez?

— É que eu fico tão perdida perto dele, Lili! Começo a gaguejar e me sinto ridícula. Sem falar que naquela academia só tem aquelas mulheres lindas e com corpão. Por que ele daria bola logo pra mim?

Fernanda só podia ser cega! Ela era um mulherão também, só não conseguia enxergar. Aquela pele de cor chocolate com os cachos sedosos até um pouco abaixo dos ombros! Sem falar nas curvas que fariam inveja a qualquer uma. Principalmente a mim, com a pele de quem não toma sol há séculos, os cabelos com temperamento próprio e as curvas modestas.

— Ei, ei, ei, espera aí! Você por acaso já se olhou

em um espelho? Nenhum homem é bobo o suficiente para não perceber o quanto você é linda, Nanda!

— Você só está querendo aumentar meu ego, mas tudo bem. Eu agradeço por isso. — Riu, um pouco envergonhada.

— Claro que não! Mas realmente acho que você deveria falar com ele. Prometo que não vai doer, ok?

— Ai, tá! Eu vou me esforçar para ir até ele da próxima vez. Mas você também tem que conversar com o Theo o quanto antes, combinado? — avisou, e meu sorriso murchou de imediato.

— Que seja, então, tá combinado — murmurei, me espreguiçando entre os lençóis.

— Beleza! Boa noite, Lili, durma bem!

— Você também, amiga!

Desligamos a chamada e me virei, acariciando a patinha de Snow, pensando sobre as palavras de Nanda.

Eu sabia que precisaria encarar Theo de um jeito ou de outro. Então, que acabássemos logo com isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 7

Acordei naquele sábado me esticando sem pressa na cama e, entre um bocejo e outro, tomei coragem para me levantar. Estava decidida a falar com Theo e esperava que ele também estivesse no apartamento, visto que o relógio marcava quase meio-dia. Queria muito colocar os pontos em seus devidos lugares assim que possível, então comecei a pensar sobre como poderia abordar o assunto.

Enquanto imaginava algumas possibilidades de iniciar uma conversa, aproveitei para tirar o pijama, colocar um *short* e uma regata, lavar o rosto e escovar os dentes antes de sair porta afora. Estava na hora de resolver aquela pendência e, ainda que sentisse meu estômago se embrulhar pelo nervosismo, eu estava mais do que determinada a solucioná-la o quanto antes.

Ao alcançar o corredor, percebi que a porta da frente estava fechada e nenhum ruído parecia sair lá de dentro. Entortei a boca pensando que Theo

PERIGOSAS ACHERON

talvez houvesse saído para algum compromisso. Apenas suspirei e rumei para a cozinha um pouco decepcionada por meus planos aparentemente terem ido por água abaixo. Sentindo a fome me atingir, comecei a vasculhar em minha mente se teria algo na geladeira ou se precisaria recorrer à padaria da esquina. Porém, ao chegar à sala de estar, todos os meus pensamentos foram cortados no mesmo instante.

— Ai, cacete! — gritei com o susto, levando a mão ao peito.

Isso pelo simples fato de que um loiro bronzeado — e completamente desconhecido — me fitava recostado na bancada da cozinha, com um largo sorriso e os olhos azuis curiosos em minha direção.

— Quem é você? — perguntei na defensiva, olhando para trás e conferindo se não havia mais nenhum estranho no apartamento. — O que faz aqui?

— Calma! — ele disse, com uma risada breve. — Eu sou amigo do Theo, desculpa te assustar. — Estendeu a mão para que eu o cumprimentasse, ainda com o sorriso em seus lábios. — Meu nome é

Miguel e prometo que não sou nenhum ladrão!

— Ahn, certo... — Olhei desconfiada, mas apertei sua mão. — Eu me chamo Alice. Você disse que é amigo do Theo, onde ele está?

— Ele esqueceu algo no carro e foi lá embaixo buscar, já deve voltar. — Assenti, mas ainda com o pé atrás. — Theo não fala muito sobre como ele acabou morando com uma garota, mas eu confesso que estava curioso pra te conhecer.

— Bom, realmente é uma... huuummm... história bem doida. — Entortei os lábios em um meio sorriso.

— Mas e aí, como está lidando com isso? Imagino que não seja fácil lidar com o idiota do meu amigo. Ele pode ser mesmo bastante insuportável de vez em quando!

E aquela simples constatação me fez soltar uma boa risada em concordância. Miguel tinha uma expressão divertida e serena, o que fez com que eu me sentisse mais à vontade.

— Confesso que até o momento não precisei lidar com ele, acho que foi sorte minha, pelo visto. Mal nos vimos desde que ele se mudou para cá. —

Ergui um ombro.

— Ah, bota sorte nisso! Se você ainda não encarou o mau humor matinal dele, provavelmente o universo está do seu lado. — Balançou a cabeça, pensativo.

— É tão ruim assim? — perguntei, divertida.

— Você nem imagina! Uma vez, quando pirralhos, eu dormi na casa dele num sábado qualquer e quando acordei, senti um cheiro estranho de fumaça. Claro que na mesma hora achei que a casa estava pegando fogo e o acordei meio desesperado, gritando que estava tendo um incêndio e tudo mais. Quando descobrimos que havia sido o irmão dele que acabou queimando algumas torradas sem querer, Theo quase fez de mim um homem estéril!

Gargalhei pela sua careta nervosa; ele realmente parecia ter ficado bastante assustado com o que seja lá que Theo fizera a ele após esse mal-entendido.

— Caramba, que perigo! — brinquei.

— Sobrevivi por pouco. — Soltou uma risada que preencheu todo o ambiente. Ao contrário de Theo, Miguel parecia ser uma pessoa extremamente

simpática, daquelas que a gente gosta de ter por perto e trocar uma ideia. — Mas e aí, o que está achando do apartamento?

— Pra mim ele é perfeito, com certeza. Fica a alguns minutos do hospital em que trabalho, a localização é incrível!

— Ah, você é médica?

— Residente de pediatria, pra ser mais exata.

— Uau, que maneiro! E como é lidar com pais histéricos quando as crianças engolem alguma peça de Lego?

Ri de sua pergunta, mas lembrando que isso era algo que, infelizmente, acontecia com certa frequência. Acabamos engatando uma conversa fervorosa sobre o assunto, o que me fez sentir mais confortável com sua companhia. Antes que eu pudesse perceber, Theo acabou se tornando um dos nossos assuntos principais e pude descobrir um pouco mais sobre a pessoa que dividia o mesmo teto que eu, assim como o fato de que os dois eram amigos desde o Ensino Médio, mas no último ano, os pais de Miguel se mudaram para a cidade e ele veio junto.

Não podia negar que conforme ele compartilhava mais algumas curiosidades sobre o amigo, eu me sentia cada vez mais curiosa. E assim, sem nem notarmos sua presença, Theo surgiu na porta do apartamento com uma feição nem um pouco agradável.

— Achou o que estava procurando? — Miguel perguntou.

— Não, deve ter caído em outro lugar — bufou descontente, e logo seus olhos pairaram sobre mim.

— Oi — falei, mordendo o canto da boca e sentindo o ambiente leve e divertido se tornar um pouco mais denso.

— E aí — respondeu simplesmente e se virou para o amigo. — Só vou trocar de roupa e vamos — avisou, entrando no apartamento e indo diretamente para seu quarto.

Acompanhei seu corpo enquanto ele se afastava e me recordei de minha determinação ao acordar. Talvez aquela fosse minha chance, talvez eu pudesse dar o primeiro passo para uma convivência melhor entre nós dois. Até porque, se eu fosse depender daquele temperamento dele, talvez as

coisas nunca mudassem e não era assim que eu queria que fossem.

Continuei respondendo às perguntas de Miguel, mas dessa vez com menos animação. Estava nervosa, sentindo um pequeno rebuliço em minhas entranhas, aguardando Theo retornar à sala para que pudéssemos conversar.

Mas sobre o que eu poderia falar?

Revisei mentalmente o que havia pensado sobre como iniciar a conversa, até que ele surgiu e todas as minhas palavras desceram goela abaixo quando, mais uma vez, ele passou por mim sem nem mesmo me olhar. Babaca!

— Vamos logo, Miguel. — Sua voz era impaciente.

Senti-me novamente invisível e meu sangue começou a ferver. Eu não era nenhuma alma penada para ser ignorada naquela cara-dura. Oras, eu sou uma pessoa de carne e osso, não sou?

— Alice, não quer ir com a gente? — Miguel perguntou, e eu me virei para fitá-lo. — Abriu uma hamburgueria nova e foi um sacrífico convencer o chato aqui — apontou para o amigo com o queixo

— a ir comigo. Mas talvez com você lá, eu tenha alguém pra conversar em vez de ouvir apenas alguns resmungos.

— Obrigada pelo convite, mas acho que vou comer por aqui mesmo. Nos vemos numa próxima vez, pode ser? — Sorri, e ele me retribuiu o gesto.

— Combinado! Até a próxima, Alice. — Acenou e abriu a porta do apartamento, indo até o elevador do *hall* de entrada.

— Ahn... Theo — chamei-o antes que ele pudesse se juntar ao amigo. Ele se virou e eu engoli seco. — Eu estava pensando, poderíamos fazer um revezamento na limpeza do apartamento, o que acha?

— Eu contratei uma diarista — respondeu direto, e eu entortei a boca, contrariada.

— Como assim, você contratou uma diarista sem me consultar? — questionei, incomodada, e Theo apenas continuou me encarando. — Olha só, você não pode sair tomando as decisões assim sozinho, sabia disso? Não é só você que mora aqui! Já parou pra se perguntar se eu tenho dinheiro pra pagar uma diarista? — ralhei com as mãos na cintura,

claramente nervosa.

Primeiro finge que eu não existo e agora decide algo sem nem mesmo perguntar minha opinião? Um ridículo ele, isso sim!

— Eu não te pedi pra pagar nada, pedi? — Arqueou uma sobrancelha cinicamente e eu bufei.

— Não — respondi entredentes.

— Então pronto — retrucou. — Mas se prefere fazer faxina no seu tempo livre, não vou te impedir, fique à vontade.

— *Argh*, você é um idiota, espero que saiba disso!

— E você é irritante. — Deu de ombros, um sorriso ladino se formando em seu rosto.

— Ah, que se dane! — bradei, marchando a passos pesados até meu quarto.

Não suportaria olhar nem mais um segundo sequer para a fuça daquele cara presunçoso.

CAPÍTULO 8

O final de semana passou tão rápido que mal me dei conta. Meu corpo demonstrou sua exaustão nos dois dias em que basicamente permaneci esparramada em minha cama, me levantando apenas para comer quando sentia necessidade.

Por sorte do destino, Theo não pareceu ficar tanto tempo no apartamento durante o sábado e o domingo. Ou se estava, provavelmente ficou trancado em seu próprio quarto, pela falta de ruídos ou passos pelos cômodos.

Não quis saber muito sobre seu paradeiro, na verdade. Ainda me sentia irritada pela última conversa e a forma com a qual ele fora egoísta com a minha opinião sobre a tal diarista. Claro que não vou negar o fato de que não precisar me preocupar com a limpeza pesada do apartamento era muito bom. Mas, ainda assim, eu me senti desrespeitada em meio às decisões que eram feitas no lugar em que eu também morava. E claro que aquele

PERIGOSAS ACHERON

sentimento de onipotência não me agradou nem um pouco. Nem um pouco mesmo!

Acordei quase na hora do almoço naquela segunda-feira, visto que uma das residentes me pediu para trocar o turno noturno com ela. Dessa forma, eu só iria para o hospital na parte da tarde e viraria a noite lá. Por isso, estar descansada, era essencial.

Theo, claro, já havia saído — provavelmente para o próprio trabalho —, há algum tempo e aproveitei a quietude do apartamento para estudar. Joguei-me no sofá junto com o grosso livro sobre Doenças Exantemáticas e me postei a lê-lo sem pressa.

Alguns minutos depois, Snow surgiu subindo em minha barriga e deitando sobre mim como se eu fosse um simples travesseiro. Agradei mentalmente pelo Príncipe das Trevas não implicar com a minha bola de pelos, caso contrário, eu talvez precisasse empurrá-lo da janela. Ri um pouco da gata folgada, acariciando suas orelhas e deixando o livro um pouco de lado. Sentia falta de passar um tempo com a felina em meu colo, o que era algo bastante comum quando meu pai e eu

assistíamos a algum filme na sala de estar de nossa antiga casa. Na mesma hora me peguei pensando que já haviam se passado dois meses desde que ele entrara em coma e que esse tipo de programa não acontecia.

E, conseqüentemente, quanto mais tempo ele ficasse nesse estado, mais a minha conta bancária diminuiria para cobrir os custos da internação. Ainda assim, a venda da casa realmente salvou minha pele, pois se eu controlasse bem meus gastos, ainda poderia mantê-lo por mais alguns meses sem me preocupar.

Havia vendido tudo e começado uma vida nova. Uma vida nova e muito doida, na verdade. Mas não podia me esquecer do único bem que não fora capaz de me livrar: aquele Impala que estava guardado na garagem desde então. De repente, me peguei lembrando daquele som tão característico de seu ronco conforme papai saía para trabalhar. Era uma lembrança tão quente em meu peito que somente pensar nela já me acalentava o coração. A esperança de que ele acordaria e voltaria a dirigir aquele carro com o enorme sorriso no rosto se

acendia a cada vez que eu pensava sobre o assunto.

E como eu sentia falta daquele sorriso que só ele tinha!

Lembrei de quando papai dizia que nunca era aconselhável deixar um carro parado por tanto tempo, caso contrário, ele poderia estragar. Anotei mentalmente que seria bom levá-lo para passear qualquer dia desses. Não poderia encarar seu Júlio caso seu *precioso* estivesse com algum problema por falta de uso.

Perdida em meus pensamentos, voltei a mim por causa de um tipo diferente de ronco. Meu estômago avisava, quase aos prantos, que minha fome já começava a dar as caras. Tirei a felina cuidadosamente de cima de mim e coloquei-a confortavelmente na ponta do sofá antes de caminhar até a cozinha. Abri a geladeira em busca de algo decente para comer e foi quando reparei na novidade.

Agora a geladeira era dividida. Com direito a etiquetas e tudo.

A parte de cima tinha meu nome em uma letra claramente masculina e estava completamente

vazia, salva por uma fruta e uma garrafa de água. Já a prateleira de baixo tinha o nome de um certo ser o qual eu estava com vontade de socar. E claro que, para a minha infelicidade, sua parte estava recheada das mais gostosas comidas e bebidas aos montes. Alguém havia feito compras recentemente, pelo visto.

Theo realmente era um cara metódico e organizado. Isso era inquestionável. A ponto de eu sentir uma leve inveja por ele ter tido tempo de ir até o mercado e ainda arrumar tudo tão bonitinho em seu devido lugar.

Torci a boca, sem saber muito o que fazer. Se eu saísse para comer, acabaria gastando um dinheiro desnecessário, mas a fome aumentava tanto que se eu ainda fosse ao mercado e comprasse algo para preparar, eu faleceria até lá. Fitei novamente o interior da geladeira e uma lasanha congelada me chamou a atenção. Mordisquei o lábio inferior e senti o roncar do meu estômago, dessa vez bem mais alto e dilacerante do que da primeira.

Por isso, ainda que sabendo que não deveria, peguei a bendita lasanha e coloquei-a no micro-

ondas, prometendo a mim mesma que no dia seguinte iria até o mercado — com o carro velho de papai, inclusive, para levá-lo para rodar — e iria repor o congelado emprestado.

Talvez Theo nem desse falta, no final das contas. Ou ao menos era o que eu esperava.

Almocei sem pressa, me repreendendo um pouco por comer algo que com certeza não era bom para saúde, mas sabendo que naquele momento era minha melhor opção. Já satisfeita com tudo, retornei aos meus estudos e até mesmo tirei um cochilo de uma horinha antes que desse minha hora de sair para o turno da noite.

Já pronta, deixei o apartamento e uma Snow sonolenta para trás enquanto caminhava até o hospital. Acabei chegando um pouquinho antes do sol se pôr e da mudança de escala começar, aproveitando o tempo de sobra para fazer uma breve visita àquele do qual eu sentia tanta falta.

Fui diretamente para o leito de papai, tocando-lhe a bochecha com carinho.

— E então, seu Júlio, como estamos? Todos cuidando direitinho do senhor?

— Tenho certeza de que ele não terá nada para reclamar dos cuidados aqui do hospital, Alice — uma voz amável soou às minhas costas e eu logo me virei com o susto.

— Esther! Caramba, não tinha te visto — falei em um suspiro e ofereci um pequeno sorriso amarelo.

— *Nós* — enfatizou — estávamos passeando para conhecer um pouco mais do hospital — disse, balançando a cabeça para seu lado direito, quando percebi o pequeno menino de cabelos escuros atrás das pernas longas da mulher.

— Oh, Matheus, você está aí também! — Abaixei-me para que ficássemos mais próximos. — Como é bom te ver! Você cresceu? Parece mais alto — comentei, e ele foi saindo de seu esconderijo e se mostrando melhor aos poucos, dessa vez com o rostinho corado e a cabeça balançando positivamente. — Veio nos fazer uma visita?

— Seus pais tinham um compromisso e eu sugeri de levá-lo para um *tour*, não é, querido? — Esther explicou, vendo que o pequeno ainda estava um

pouco tímido. — E Matheus me disse que gostaria de visitar uma certa médica *bonita* — me olhou de soslaio — que o atendeu da última vez, certo? — O menino assentiu e eu tive vontade de apertar suas bochechas.

— É um prazer te ver de novo, Matheus! Fico feliz que esteja bem, mas eu não poderia esperar nada menos de um menino tão forte quanto você. — Sorri abertamente e fui surpreendida com um abraço apertado e inusitado.

Desequilibrei-me com o peso sobre mim e logo caí sentada no chão, adorando ouvir a risada do pequenino, que alegrava o ambiente triste daquele CTI sufocante. Senti meu peito se encher de um sentimento gostoso e me recordei brevemente do motivo pelo qual escolhi tal profissão. A risada baixa de Esther acompanhava a minha própria, enquanto nós três nos divertíamos com minha queda desengonçada.

A mais velha esticou a mão e me ajudou a levantar, avisando que estava na hora deles irem. Fiz um breve carinho nos cabelos do garoto em forma de despedida. Ele agarrou-se ao braço da

quase avó e a acompanhou pelos corredores brancos do hospital, virando-se rapidamente para um aceno antes de sumir de minha vista.

Vi que já estava na hora de começar o trabalho e me despedi de papai com um leve aperto em seu ombro. Passei o resto da noite sem parar nem um segundo, sequer percebendo as altas horas da madrugada se passando como num piscar de olhos. Assim, o sol já havia nascido e uma nova manhã começava.

Passei na cafeteria a fim de tomar alguma coisa e logo fui recepcionada por Nanda com uma careta.

— Cruzes, você está péssima! — ela disse, sem rodeios.

— O turno da noite é sempre mais cansativo, você sabe — expliquei enquanto pedia um café para a senhorinha atrás do balcão.

— Verdade, tinha esquecido que você ia cobrir a Vanessa ontem.

— É, não tive como recusar. Ela falou que precisava muito, aí não deu pra negar. Mas ao menos ela vai cobrir meu horário de hoje após o almoço, então em poucas horas vou pra casa. Tô

cheia de coisas pra fazer.

— Que tipo de coisas?

— Mercado. — Fiz uma careta. — Minha geladeira tá mais vazia que barril de cerveja em choppada universitária.

— Nossa, a situação tá precária mesmo! — Ela riu e eu mexi a cabeça em concordância.

— Sabe... — falei enquanto pegávamos nosso pedido e nos acomodávamos em uma mesa da cafeteria — Tentei falar com o Theo no sábado.

— Sério? E aí, como foi?

Nanda não escondia sua curiosidade e exaltação. Sequer tocou em seu *capuccino* enquanto eu não desembuchei.

— Péssimo! Simplesmente péssimo! — Recostei-me na cadeira. — Ele parece não se importar com o que eu penso, como se eu fosse apenas um fantasma sem vontades que ronda aquele apartamento.

Minha amiga me olhou pesarosa e eu logo estava engatando uma conversa com ela, contando sobre a tentativa de uma comunicação civilizada e minha falta de sucesso.

— Se isso te incomoda, então se imponha, Lili! — aconselhou. — Bem ou mal, ele mesmo que te chamou pra ficar lá, então ele precisa conversar com você antes de decidir algo que afete os dois.

— Sim, exatamente! É isso o que eu quero, que ao menos ele pergunte o que eu acho sobre o assunto antes de sair decidindo tudo sozinho. — Bufe, irritada.

— Bem, pelo menos temos que combinar que uma diarista realmente cairia bem, sem contar que você não vai precisar pagar nada, pelo que falou — disse com um sorriso travesso.

— É, seria bom. Mas, na hora, a minha vontade foi de pegar a vassoura e jogar na cara dele, isso sim seria *ótimo*! — Soltei uma risada, imaginando a cena em minha cabeça.

— Isso seria bem a sua cara mesmo, amiga! — Balançou a cabeça, divertida.

— Mas e você? — perguntei. — Eu cumpri a minha parte do trato, ao menos tentei, né? Agora falta a senhorita ir falar com um certo loiro da academia.

Nanda de repente tossiu como se engasgasse e eu

PERIGOSAS ACHERON

achei graça de sua reação, que era sempre a mesma quando falávamos sobre o tal carinha misterioso.

Claramente estava interessada, mas de um jeito que eu nunca havia visto. Ela ficava muito constrangida quando eu comentava dele desde que acidentalmente comentou sobre o dia em que ele a ajudara com alguns aparelhos de musculação.

— Ih, olha a hora! Nosso turno da manhã já vai começar, temos que ir. — Ela sorriu amarelo e cerrei os olhos ao vê-la se levantar.

Danada, ela obviamente queria fugir do assunto!

— Não acabamos essa conversa, viu? Não vou te deixar dar pra trás! Mas por hoje podemos encerrar a conversa. — Repuxei o canto da boca em um sorriso debochado e Nanda fingiu-se de desentendida.

E então fomos fazer as visitas da manhã, enquanto eu aguardava ansiosamente pela hora do almoço, quando eu poderia finalmente ir para casa.

[...]

Cheguei ao apartamento sentindo o corpo extremamente cansado. Ter pegado o turno da noite

e ainda a parte da manhã realmente havia acabado comigo. Não pensei muito antes de cair na cama e dormir por algumas horinhas. Um bom descanso não faria mal a ninguém. Quando despertei, vendo que o relógio marcava 15h, enchi os pulmões de ar de forma derrotada ao lembrar que precisaria ir até o mercado o quanto antes. Levantei da cama a contragosto, mas sabendo que eu não tinha outra alternativa. Enfiei-me debaixo do chuveiro e pouco tempo depois já me sentia renovada.

Cheguei à sala de estar, vendo Snow de barriga para cima no sofá, e fui diretamente para a cozinha a fim de listar tudo o que precisava comprar. De preferência, o suficiente para que durasse algumas semanas.

Porém, ao abrir a geladeira, minha testa logo se franziu de estranheza ao perceber que havia algo ali dentro que claramente não era comestível. Retirei o pedaço de papel propositalmente colocado no local vazio onde estava uma tal lasanha que misteriosamente desaparecera no dia anterior. No meu estômago, claro.

“Quem é o ladrão aqui mesmo? Acho que agora

temos uma resposta mais certa.”

Atrevido. Essa seria a palavra ideal para descrever Theo Leone.

Seu jeito irônico me irritava de uma maneira que eu nem mesmo saberia explicar. Uma raiva descomunal crescia a cada vez que eu lia de novo aquele bilhete, não acreditando que ele realmente me chamara de ladra. Que cara de pau! Oras, era apenas uma lasanha congelada! E nem era tão boa assim, diga-se de passagem.

Senti a folha com a caligrafia fina sendo amassada pelos meus dedos e suspirei fundo, contando até dez em busca de acalmar os nervos.

Foco, Alice! Foco!

Rangi os dentes até sentir minha ira passar e aproveitei o apartamento vazio para xingá-lo livremente de algumas palavras bem feias. Anotei cada ingrediente que precisava e bufei quando estava com a lista pronta.

Peguei as chaves do Impala e saí do apartamento. Eu mostraria para aquele mal-amado que, de ladra, eu não tenho é nada!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 9

Acomodada no banco de couro claro, me deixei tranquilizar pelo som daquele motor barulhento que me trouxe uma nostalgia sem igual, aproveitando o momento para alisar o volante firme entre meus dedos. Claro que o Impala não era o carro mais confortável para se dirigir, mas também não podia negar que tinha seu charme. Sem falar que, naquele instante, ele era a melhor recordação da pessoa que eu mais amava no mundo.

Pisei no acelerador e rumei ao supermercado. Aproveitei a oportunidade e fiz as compras do mês, torcendo para que tudo aquilo coubesse na minha metade da geladeira. Deixei os frios e congelados por último e, ao virar no corredor, senti um corpo se chocando diretamente com o meu.

Cambaleei para trás, perdendo o equilíbrio, mas duas mãos se firmaram em meus braços e me trouxeram ao chão novamente com estabilidade.

— Você está bem? — uma voz masculina e estranhamente conhecida me chamou atenção.

Não pode ser!

Levei meu olhar ao rosto que há muito tempo não via e abri a boca, surpresa por constatar quem estava a minha frente.

— Lucas?

— Alice! E aí? Que coincidência te encontrar assim! — Ele sorriu, aquele mesmo sorriso quente que eu adorava na época da faculdade.

— Verdade. — Um sorriso tímido salpicou em meus lábios. — Como você tá?

— Ótimo! Muito bem, na verdade. Terminando minha residência em oftalmologia, e você? Seguiu mesmo a pediatria?

— Sim, estou no Hospital Salles — respondi e ali engatamos assuntos que nos remetiam ao tempo em que estudávamos como loucos para as provas da faculdade.

Perdi-me no tempo e em meio a tantas recordações e novidades que compartilhávamos. Lucas Azuna fora um grande amigo daquela época — e me atrevo a dizer que um pouco mais que isso

PERIGOSAS ACHERON

também.

Mesmo sentindo minhas bochechas esquentarem vez ou outra, ainda assim era muito bom revê-lo e perceber que mesmo sem termos nos visto ou falado no último ano, a conversa fluía como antigamente. Como sempre fora desde que nos conhecemos.

— Olha, infelizmente eu preciso ir. Mas foi ótimo te encontrar! — ele disse após uns quarenta minutos.

— Foi mesmo! — concordei com um sorriso verdadeiro.

— Eu ainda tenho seu número. Ele não mudou, né? — Neguei com a cabeça. — Maravilha! Vamos marcar de sair qualquer hora e colocar o resto do papo em dia? Eu vou viajar pra fazer uma especialização fora, mas em algumas semanas tô de volta.

— Sério? Que bacana, Lucas! E, claro, vou adorar marcar algo quando você voltar — admiti, sentindo borboletas ansiosas em meu estômago. — Então, até qualquer hora e boa viagem! — desejei rapidamente, um pouco nervosa.

Ai, meu Deus!

Ele tinha mesmo me chamado pra sair? Depois de todo esse tempo...

— Ah, Alice! — me chamou, e eu me virei. — Sabe, eu ainda não encontrei ninguém com olhos mais verdes e bonitos que os seus. Achei que deveria saber. — Sorriu de forma charmosa e foi embora, sumindo pelo longo corredor enquanto eu fiquei parada por alguns bons minutos com a boca aberta e o pulso acelerado.

Balancei a cabeça, tentando tirar pensamentos demais de minha mente sonhadora e rumei diretamente para o caixa, ainda um pouco alheia pela coincidência daquele reencontro. Tinha gostado de ver o Lucas, claro que sim! E mais ainda de perceber que ele não havia mudado em nada, tanto em aparência quanto em personalidade. É, ele continuava sendo o carinha mais bonito de Medicina, com aquele sorriso galante, os olhos amendoados e os cabelos castanhos levemente arrepiados. E, claro, o mais simpático também.

Comecei a me questionar onde foi que as coisas começaram a dar errado, mas a atendente do caixa

me chamou e eu me foquei somente em pagar minhas coisas e levá-las até o carro.

Não era hora de pensar em antigas — e talvez futuras — paixonites.

[...]

Foi já chegando no quarteirão do prédio, que senti a enorme vontade de chocar minha cabeça contra o volante. Eu havia esquecido a maldita lasanha!

Sim, eu era uma completa idiota!

Choraminguei pensando que teria que voltar ao mercado só para isso, não acreditando que havia ficado tão distraída com Lucas a ponto de esquecer o motivo principal de ter ido até lá.

Mas a sorte parecia estar sorrindo ao meu favor quando passei por uma pequena loja que anunciava vender comida caseira congelada.

Estacionei o Impala em frente ao pequeno lugar cheio de frigoríficos, cumprimentei a senhora de cabelos grisalhos e expressão tranquila e me peguei na dúvida do que Theo gostaria. Nem mesmo sabia se ele era alérgico a algo ou não e me martirizei por

isso. Optei por um conjunto simples, com arroz branco, frango, batatas e legumes. Aproveitei para comprar algumas outras combinações para mim também. Aquilo parecia bem prático para uma residente sem muito tempo livre.

Fui até o caixa e agradei pelo custo-benefício, visto que apesar de ser mais caro que uma lasanha congelada, ainda assim era mais barato do que pedir algo de fora.

Corri de volta para o carro e fui diretamente para o apartamento cheia de sacolas e agradecendo internamente por Theo ainda estar no trabalho, pela hora. A primeira coisa que fiz ao chegar, foi colocar a comida onde pousava aquele recadinho idiota dele.

Não sabia se ele aceitaria de bom grado aquela substituição. Provavelmente não. E eu já imaginava o sorriso debochado em seu rosto enquanto me provocaria com indiretas sobre a troca não justa de congelados. Pensei um pouco em como evitar que aquilo acontecesse e decidi deixar uma resposta que pudesse me inocentar de alguma forma.

“Você é o único ladrão aqui, já que está

roubando sua saúde com essas comidas congeladas de quinta categoria. Fica a dica!”

Bom, como médica, era meu dever alertá-lo sobre uma alimentação saudável, certo? E aquilo com certeza seria melhor do que algo cheio de gordura e queijo.

Ele não precisava saber que na verdade eu havia me distraído e esquecido de comprar sua preciosa lasanha. Ele só precisava ter algo para comer quando a fome viesse e, na minha opinião, ele com certeza saía ganhando no final com a comida caseira e balanceada.

Dei de ombros, sabendo que era o que podia fazer, visto que não pretendia voltar ao mercado tão cedo.

Olhei no relógio e percebi que estava quase na hora de Nanda acabar seu turno e eu queria muito contar a ela sobre o encontro inesperado com Lucas. Não pensei duas vezes antes de lhe mandar uma mensagem perguntando se poderíamos tomar um suco numa lanchonete perto do hospital.

Nanda confirmou e disse que logo me encontraria, então peguei minha bolsa e parti para o

lugar combinado. Um pouco menos de quinze minutos depois, ela se sentava na cadeira à minha frente.

— Você parecia meio eufórica no telefone. Aconteceu alguma coisa?

— Sim, aconteceu! Você não vai acreditar quem eu encontrei hoje — comentei confidente e ela me fitou, curiosa. — Lucas! Lembra dele?

— Azuna? — Ela me fitou com os olhos arregalados e eu assenti. — Céus, e aí? Como foi? Vocês não se viam há um bom tempo, né?

— Sim, já faz mais de um ano desde que paramos de sair.

— Uau, quem diria! E você gostava bastante dele na época, nunca entendi porque se afastaram. Tinham tudo pra dar certo. — Sorriu sugestiva e eu corei.

— Ah, você sabe, Nanda. Quando eu podia, ele não podia e vice-versa. Nossos horários não batiam mais em meio às provas finais e o início da residência. Acabamos nos afastando. Coisas da vida. — Dei de ombros.

— Sei... — Ela me olhou com os olhos cerrados.

PERIGOSAS ACHERON

— Acho que você tava é com medo de que as coisas ficassem sérias demais.

— Naquela época eu estava mais preocupada em me formar do que em arranjar um namorado. Você sabe bem do que eu tô falando. — Ela assentiu.

— Mas como se sentiu ao encontrá-lo?

— Foi... huummm... bom. Como se o tempo não tivesse passado, eu acho. Ele comentou de sairmos qualquer dia desses quando voltar de uma especialização que vai fazer. E... — arranhei a garganta, sentindo-a falhar — ... antes de ir, ele falou que até hoje não viu olhos tão bonitos quanto os meus, acredita? — Sorri sem graça.

— Ele sempre foi um amorzinho! Sempre gostou muito de você, Lili.

— Eu sei, ele é um fofo mesmo — admiti, sentindo o sangue ir até minhas bochechas, provavelmente deixando minha pele em um tom próximo ao de um pimentão.

Continuamos falando sobre a coincidência daquele encontro e sobre algumas outras coisas do hospital. O tempo passou rápido e, quando dei por mim, já estava mais tarde do que eu esperava.

Despedimo-nos e cada uma tomou seu rumo. Cheguei em casa evitando fazer muito barulho, já que, pelo horário, Theo provavelmente se encontrava no apartamento. Fui a passos leves para cozinha em busca de alguma coisa para devorar antes de cair dura na cama, porém, ao abrir a geladeira, senti uma pequena ansiedade ao perceber que havia um novo recado endereçado a mim.

“Essa comida é horrível! Está tentando me matar, por acaso? Bom, eu não duvidaria nada disso...”

E eu simplesmente não pude controlar a risada ao imaginar a careta de Theo ao provar a comida, tendo que colocar a mão na boca para abafar o som alto que saía de minha garganta. Peguei uma das marmitas que havia comprado para mim e avaliei o conteúdo, realmente não parecia tão apetitosa quanto eu esperava, mas era melhor do que nada, não era?

Naquele momento não senti meu sangue borbulhar nem nada do tipo, como aconteceu com o primeiro recado. Mesmo imaginando sua voz furiosa ao pé de meu ouvido, também pude sentir

alguma pitada de divertimento por parte dele. Mas, de qualquer maneira, eu estava cansada demais para pensar em qualquer coisa e me sentia um pouco vingada, de certa forma, por fazê-lo ingerir uma gororoba qualquer após o caso da diarista.

Decidi dar uma nova resposta, logo pegando um pedaço de papel e a caneta que pousavam na bancada da cozinha como se tivessem sido deixados ali exatamente para isso.

“Então aprenda a cozinhar, camarada. Porque de lasanha congelada ninguém vive.

Obs: Se eu quisesse te matar, faria de uma maneira mais dolorosa.”

Esquentei uma das marmitas e comi bem rápido, constatando que o gosto realmente não era dos melhores. Bom, claro que uma lasanha era bem mais gostosa, mas ao menos eu havia feito minha parte ao lhe devolver uma refeição e não ficaria com culpa na consciência por isso. Também sabia que minha resposta provavelmente deixaria o Theo mais mal-humorado do que de costume e isso me parecia agradável até certo ponto, contanto que eu não estivesse por perto quando ele lesse meu

recado, claro.

Dei de ombros, ainda com um sorriso vitorioso no rosto, e caminhei até meu quarto, ansiando de certa forma para saber se teria um novo pedaço de papel me aguardando na geladeira na manhã seguinte.

CAPÍTULO 10

Pulei da cama assim que meu despertador tocou na manhã seguinte, abrindo uma pequena fresta da porta apenas para confirmar se Theo já não se encontrava no apartamento. Ainda sentia o cheiro do perfume masculino no ar, mas não havia nenhum mísero barulho que denunciasse sua presença, então apenas corri para a geladeira em busca de alguma mensagem malcriada do meu companheiro de teto.

Mas, para a minha surpresa, não havia nada. Entortei os lábios e tentei não me sentir decepcionada. Afinal, por que mesmo eu estava esperando algum recado dele? Senti-me uma completa idiota pela ansiedade desnecessária. Talvez eu tivesse gostado mais do que deveria daquela troca de mensagens, só não sabia ao certo o porquê. Suspirei fundo e logo tratei de ignorar o desapontamento na boca do estômago, retornando ao meu quarto a fim de me preparar para mais um PERIGOSAS ACHERON

dia de trabalho.

O dia foi extremamente agitado, principalmente quando, no final da tarde, surgiu uma menininha de quatro anos com otite. As horas passaram rápido e claro que acabei ficando depois do meu turno, já que não podia simplesmente deixar a garotinha e a mãe nervosa aos cuidados de outra pessoa quando eu as havia atendido.

O relógio marcava quase 23h quando eu finalmente me vi livre para ir embora. No mesmo instante, senti uma mistura de alívio e tristeza. Alívio porque é sempre bom poder chegar em casa e descansar, porém, tristeza por me lembrar de Theo e de como mais uma vez me senti ignorada por ele. Aquele sentimento ruim que deixava um gosto amargo na ponta da minha língua.

Balancei a cabeça, tentando espantar aqueles pensamentos. Eu não deveria me sentir assim por causa daquele cara, afinal, ele era o Príncipe das Trevas, não era? Eu não deveria esperar muito dele, de qualquer maneira.

Caminhei alerta pelas ruas por conta das altas horas da noite; não queria ser vítima de um assalto,

de jeito nenhum. Nesse momento, agradei por realmente morar tão perto assim do hospital e não ter necessidade de pegar um ônibus ou gastar uma grana com táxi.

Cheguei ao prédio a passos rápidos e em poucos minutos eu já me encontrava em minha sala de estar, cansada e faminta. Porém, no momento em que dei mais dois passos em direção ao corredor, percebi que havia algo diferente no ar. O cheiro apetitoso que vinha da cozinha me atraiu como uma abelha se atrai pelo mel mais doce. Rapidamente avistei uma panela fechada com um pequeno pedaço de papel em sua tampa e logo o trouxe para minha visão.

“Quem é que não sabe cozinhar aqui?”

Obs: Só espero que não esteja pensando em usar aquela vassoura ridícula de novo.”

Ri me lembrando da cena bizarra em que eu o ameaçara com a tal vassoura na porta da casa. Era uma boa história e ele claramente havia pego algum trauma daquilo. Talvez eu pudesse até mesmo usar aquele fato a meu favor qualquer dia desses.

Curiosa e sentindo meu estômago roncar pelo

aroma quente, abri a tampa e me deparei com um risoto de *funghi* que aparentava estar, no mínimo, delicioso. O cheiro forte e característico me fez salivar como se eu não comesse algo há dias. Meus lábios se repuxaram em um sorriso sem querer, me sentindo bem com aquela surpresa da pessoa mais inesperada do mundo. Não, do Universo!

Theo havia cozinhado. Talvez não necessariamente para mim, mas havia dado a entender que era para eu me servir também, certo? E claro que eu não podia deixar de considerar aquilo como um gesto legal de sua parte. Sem contar que foi um mimo inusitado para alguém rude como ele era capaz de ser, e me peguei pensando que talvez ele também pudesse ser proporcionalmente tão gentil quando bem entendesse.

Sem cerimônias, liguei o forno apenas para aquecer um pouco mais a comida e me deliciar com aquela maravilha, com garfadas cheias que atingiram meu paladar com muito gosto.

Nossa senhora das avós cozinheiras, como aquilo estava divino! O sabor explodia dentro da minha

boca e eu pedi aos céus para que o conteúdo da panela se multiplicasse. Já satisfeita, lavei a louça e guardei as sobras na geladeira. Avistei o caderninho e a caneta no mesmo lugar de sempre e toquei a folha branca com a tinta preta, mas desisti ao pensar que não poderíamos viver de recadinhos para sempre.

É, talvez estivesse na hora de uma nova tentativa de conversa. Uma conversa real.

Mesmo que a primeira vez tenha sido falha, sentia que agora talvez pudéssemos chegar a um consenso com mais tranquilidade. Bom, era uma suposição e eu poderia estar completamente equivocada, mas eu daria uma última chance a ele, e a mim mesma também. Estava determinada a chamá-lo para uma conversa cara a cara no dia seguinte, já que provavelmente estaríamos ambos em casa após o trabalho e parecia um momento oportuno para sentarmos e resolvermos as pendências.

Por isso, larguei a caneta na bancada, pronta para me recolher ao meu quarto e ter uma ótima noite de sono. Dei alguns passos em direção ao corredor,

enquanto alongava a coluna de forma preguiçosa, quando ouvi alguns barulhos estranhos vindo de Snow, que repousava no sofá.

Virei meu corpo e caminhei até a felina, que se remexia de forma estranha e começava a me deixar preocupada por nunca vê-la agir daquela forma. Um sexto sentido logo apitou em meu cérebro.

— O que foi, meu amor? — perguntei, aflita, vendo-a se contorcer como se estivesse com dor.

Toquei-lhe no nariz e vi que o mesmo estava bastante ressecado e levemente quente, provavelmente com febre. Os olhos azuis pareciam cansados. Não pensei duas vezes antes de correr até meu quarto e pegar sua caixinha de transporte para levá-la ao veterinário, sem nem mesmo me importar com o provável estardalhaço que estava fazendo tão tarde da noite.

— Vai ficar tudo bem, princesa. Eu prometo, ok? Só precisamos te levar para o veterinário e ele vai cuidar bem de você — disse enquanto a acomodava com cuidado na caixa acolchoada.

Snow era a única família que me restava, por assim dizer, e vê-la claramente incomodada e com

dor apertava meu coração. Senti a bile subir por minha garganta só de imaginar o que seria de mim sem a minha pequena bola de pelos folgada.

— Por que diabos você tá fazendo tanto barulho? Já é tarde, sabia? — uma voz rouca e irritadiça soou por detrás de mim e eu pulei com o susto, levando a mão ao peito disparado.

Estava tão preocupada com Snow que sequer ouvi os passos de Theo se aproximando. E então, ele, que trajava uma calça de moletom apenas, revezou seus olhos negros entre mim e a gata.

— O que houve? Aconteceu algo com ela? — perguntou, preocupado.

— Acho que ela tá com febre, vou levá-la ao veterinário — disparei, fugindo com o olhar para não vê-lo daquela forma tão à vontade e me sentindo envergonhada por querer analisa-lo dos pés à cabeça.

Era tão difícil assim colocar uma camiseta antes de sair do quarto, amigo?

Afastei-me dele e peguei minha bolsa com a mão livre — carregando a caixa de transporte com a outra e me encaminhando diretamente para a porta.

— Espera, eu levo vocês — ele disse sem hesitar, surpreendendo-me com sua atitude. — Vai chamando o elevador — mandou e eu travei por um segundo, um pouco confusa, mas logo fui para o *hall* do andar.

Theo apareceu logo em seguida, dessa vez trajando um jeans e uma camiseta azul qualquer. Ele apertou o botão que nos levaria até a garagem e apontou para o carro preto estacionado logo à frente.

Durante o caminho, nos mantivemos em silêncio, com Theo somente assentindo às coordenadas que eu dava em relação ao endereço do veterinário 24h que conhecia. Toda minha atenção estava unicamente em Snow, que vomitara durante o caminho e cada vez mais se contorcia de maneira estranha.

— Vai ficar tudo bem, estamos chegando — murmurei para a felina, que soltou um breve miado sofrido. — É ali! — apontei para Theo.

— Certo, vai indo que eu já te encontro.

E assim que parou o carro em frente à porta de vidro, eu saltei às pressas e adentrei o recinto.

— Preciso de ajuda, minha gata está passando

mal!

Logo uma veterinária me socorreu, nos levando até uma área de espera. Theo surgiu em seguida atrás de mim, sem dizer uma única palavra.

— Esperem aqui, por favor — a mulher pediu, pegando a caixa de transporte de minhas mãos e correndo até uma sala onde somente funcionários eram permitidos.

— Mas... — tentei dizer, porém a veterinária já estava longe o suficiente para não me ouvir.

Estava extremamente preocupada com minha gatinha, com medo de que fosse algo sério e tentando pensar no que poderia lhe causar dor e desconforto daquela maneira.

— Vem — a voz de Theo me despertou e me recordei de sua presença. — Vamos sentar — ele disse, tocando de leve meu braço e eu, inerte a tudo e a todos, me deixei levar para as cadeiras azuis logo ao lado.

— E se ela... — engoli em seco, pensando no pior.

Depois de tudo o que estava passando com meu pai, a ideia de também perder Snow me

PERIGOSAS ACHERON

amedrontava. Aquilo parecia um carma do Universo, que brincava com minhas emoções da maneira mais cruel possível.

— Ela vai ficar bem. Vamos aguardar — respondeu sem me olhar, apenas vidrado na porta por onde a mulher havia entrado a passos rápidos.

— Theo — chamei, um pouco sem graça. — Obrigada pela carona, mas você não precisa ficar aqui. Pode ir pra casa, você tem trabalho amanhã cedo.

— Não vou embora — respondeu seco e direto, e eu entortei um pouco a boca, sem saber como responder àquilo. Ele parecia simplesmente irredutível.

O silêncio que se instaurou em seguida deveria ser desconfortável, mas não. Mesmo sabendo que precisávamos conversar sobre inúmeras coisas, naquele instante eu não tinha forças para falar sobre qualquer assunto. Em minha mente, eu só pensava em Snow e se ela estaria bem. Rezava baixinho para que não fosse nada grave e pudéssemos retornar para casa o quanto antes, com ela completamente bem e saudável.

Porém, os minutos se passavam e continuávamos ali, esperando, sem respostas.

Theo nada mais disse, mas eu podia sentir facilmente seus olhos me observando de soslaio vez ou outra. Imaginei que ele pudesse perceber meus ânimos e meu medo, e talvez por isso tenha apenas permanecido ali, quieto e paciente, respeitando minha dor e ansiedade sem sair do meu lado. E tudo o que eu queria era agradecê-lo por aquilo. Ele não me devia nada, não éramos sequer amigos. Mas, naquela hora de desespero, eu pude contar com sua ajuda e companhia, e naquele mesmo instante eu aceitei que talvez ele não fosse tão ruim quanto eu pensava. Porém, a angústia que se instaurava na boca do meu estômago deixava minha garganta seca e nenhuma palavra vinha. Os agradecimentos ficariam para depois, quando eu tivesse a plena certeza de que minha gatinha estava sã e salva.

E quando a porta restrita se abriu e a veterinária surgiu, me levantei às pressas e indo até a mulher, sendo seguida por Theo logo atrás.

— O que ela tem? — perguntei, afoita.

— Ela está bem? — Theo questionou com a voz preocupada.

— Ela está bem — a veterinária disse, e eu suspirei aliviada. — Aparentemente foi alguma alergia. Vocês trocaram a ração recentemente ou algo assim?

— Sim — falei, apressada. — A que eu costumo comprar não tinha no *pet shop* e o vendedor me indicou uma outra.

— Talvez essa que ele tenha indicado possa conter alguma substância que tenha causado alergia nela — explicou, e eu assenti. — Mas não se preocupe, ela já está medicada e a colocamos no soro. Em breve você poderá levá-la para casa e o ideal é que retorne à ração antiga.

— Claro, vou jogar aquela fora assim que chegar em casa e de manhã eu vou a outro *pet shop* procurar pela que sempre comprei — avisei, e a mulher sorriu gentilmente, concordando com a cabeça. — Obrigada mesmo, fico aliviada que não seja nada grave!

— Vocês fizeram bem em trazê-la. — Revezou seu olhar de mim para Theo, que escutava com

atenção. — Querem vê-la?

— Por favor — pedi, ansiosa, e a veterinária fez menção para que a seguissemos.

Snow estava acordada, mas claramente sonolenta, provavelmente pelos medicamentos. Ela tomava o soro deitada e quase dormindo. Aproximei-me da pequena gata branca e sentei na cadeira ao lado, tocando nossos narizes e sorrindo enquanto acariciava seu pelo macio.

— Me desculpe, princesa. Prometo nunca mais fazer isso com você.

— A culpa não é sua — a voz rouca e baixa ressoou pelos meus ouvidos e eu me virei para fitar Theo, que nos observava atentamente com aquelas esferas negras e profundas.

— Eu sei que foi uma casualidade, mas, ainda assim, eu deveria ter imaginado a possibilidade e procurado pela razão de sempre.

— Tsc — Estalou a língua. — Não tinha como prever. Você não é nenhuma vidente, até onde sei — falou, sentando-se na outra cadeira mais afastada, ainda com os olhos vidrados em minha direção.

Eu apenas meneei a cabeça em concordância, voltando minha atenção à Snow que já ressonava tranquila ao meu lado.

Aguardamos até que a bolsa de soro terminasse e levamos a felina de volta para casa, novamente em silêncio, mas dessa vez para não acordar a pequena de seu sono sossegado.

Chegamos ao apartamento quase três da manhã e ouvi o bocejo que Theo tentava esconder.

— Ahn, ei — chamei-o em um impulso e ele se virou com uma feição cansada. — Obrigada por me acompanhar, foi legal da sua parte. Acho que você não é tão idiota assim — falei, me sentindo um pouco sem jeito por ter toda sua atenção voltada a mim.

— Acho que eu deveria me sentir honrado em saber que mudou de opinião ao meu respeito. — Sua sobrancelha se arqueou e eu ri.

— Espero que eu não esteja enganada e precise mudar de ideia de novo. — Cerrei os olhos e ele esticou o canto da boca. — Mas, de verdade, desculpa por todo o trabalho — pedi, um pouco receosa.

— Não foi nada, não se preocupa. — Deu de ombros.

— Inclusive, o risoto estava muito bom. Até que você sabe cozinhar mesmo — admiti e o vi abrir a boca para responder, mas a felina se remexeu um pouco dentro da caixa, atraindo nossa atenção. — Melhor eu ir. Boa noite, Theo — desejei, indo em direção ao meu quarto.

— Boa noite, Alice — ele respondeu baixo, porém firme e com certa rouquidão, fazendo os pelos de minha nuca se eriçarem.

Coloquei a gata deitada ao meu lado e me ajeitei entre as cobertas. Aquela noite havia sido assustadora, porém, não podia esquecer ou negar que Theo havia me surpreendido de uma maneira bastante positiva.

Estranhamente, dormi pensando sobre o que mais eu poderia descobrir sobre ele.

CAPÍTULO 11

Naquela manhã eu acordei um pouco mais cedo propositalmente. Sentia um rebuliço em meu estômago pelo leve nervosismo que se instaurava em mim. Tomei uma ducha rápida, escovei os dentes e coloquei a roupa para o trabalho. Suspirei fundo, reunindo coragem para sair de meu quarto sabendo que Theo ainda estaria pelo apartamento.

Chega de fugir! Precisamos conversar de uma vez por todas!

Adentrei a sala de estar e me virei em direção à cozinha, mas a mesma estava vazia. Franzi a testa me perguntando se eu estava enganada e se Theo já tinha ido trabalhar. Abaixei a cabeça, suspirando fundo. Eu havia perdido a oportunidade de novo? Entortei os lábios descontente, mas ao me virar, dei um grito e um pequeno salto.

— Me procurando? — sua voz acompanhava um tom sarcástico.

Cacete, que susto!

Meu coração parecia que poderia sair pela boca a qualquer segundo.

— Ou estava tentando fugir, como na semana passada?

Revirei os olhos.

— Eu não estava fugindo — retruquei, fitando uma parede qualquer.

— Tem certeza disso? — Arqueou uma sobrancelha pela óbvia mentira que eu contara.

E apesar daquele tom acusatório não me agradar, foi quando voltei meu olhar para Theo que não gostei nem um pouco do que vi.

Nem um pouco mesmo!

— Ah, sua traidora!

Inflei as bochechas e estalei a língua, mostrando meu desgosto com Snow, que se acomodava confortavelmente no colo masculino sem se importar com o jornal que ali residia, aproveitando do afago que os dedos longos faziam em sua cabeça.

Theo apenas soltou uma breve risada e, de

repente, me permiti relaxar em meio àquela situação estranha. Tirando a noite anterior, aquela era a primeira vez que estávamos num mesmo cômodo e eu não sentia vontade de socar sua face.

Inspirei fundo e disse:

— Olha, acho que precisamos...

— Conversar. Sim, também acho — ele completou meu pensamento e meus pulmões prenderam o ar. — Está livre hoje à noite? — perguntou, e eu assenti. — Beleza, nos vemos mais tarde — avisou, levantando-se e acomodando a bola de pelos no sofá. — Preciso ir agora.

— Ah, certo... então, até depois — falei, um pouco sem graça, vendo-o se aproximar de mim e reparando em como seu corpo parecia alto e grande perto do meu. — Ahn... e bom trabalho!

— Pra você também — respondeu, indo até a porta da casa.

— Theo — chamei, e ele se virou. — Obrigada de novo — agradei, sincera, e vi um simples repuxar de lábios em resposta que achei mais bonito do que deveria.

E então ele se foi. Sem dizer mais nada, mas com

PERIGOSAS ACHERON

a promessa de que resolveríamos nossas questões naquele mesmo dia.

[...]

Aproveitei o tempo que ainda me restava antes de precisar sair e liguei para o *pet shop*, pedindo a ração antiga. Enquanto o entregador não chegava, tomei um café da manhã rápido, me dando alguns minutos a mais para poder afagar a barriga quente de Snow no sofá da sala. A felina rodava manhosa sobre o tecido cinza, e eu resmunguei pelo fato dela se jogar aos encantos de Theo com tanta facilidade.

Mas quem poderia julgá-la, afinal? Ele podia ser bem charmoso quando não estava com aquela carranca mal-humorada estampada na cara.

— Gata safada — murmurei, divertida. — Não vale nada, hein?

E como se o que eu falasse não fosse importante, seus olhos grandes e redondos apenas me encararam de forma sonolenta, nem aí para meu ciúme infundado.

A campainha tocou e eu paguei pela ração, indo até a cozinha em seguida para encher o pequeno pote rosa. Espreguicei-me assim que fiquei de pé,

PERIGOSAS ACHERON

sentindo os nós de meus músculos se desfazerem. De repente, meus olhos correram para a geladeira e me recordei na mesma hora do gosto do risoto da noite passada, que encheu quase que instantaneamente minha boca de água. Eu definitivamente não me importaria se Theo cozinhasse mais vezes. Aquilo estava surpreendentemente bom.

Comecei a pensar que provavelmente ainda havia muitas coisas para aprender sobre o meu companheiro de apartamento. Éramos completos estranhos e aquilo começava a me incomodar, principalmente depois dele ter sido tão legal em me acompanhar ao veterinário. Mas quem sabe as coisas não mudassem naquele mesmo dia, após a tal conversa que pretendíamos ter. E com essa esperança, me despedi de Snow e fui diretamente para o hospital.

Aquele dia, por sorte, foi mais tranquilo que o anterior e consegui visitar papai entre um atendimento e outro. Contei-lhe sobre a reação alérgica e que Theo talvez não fosse tão crápula assim. Cheguei a questionar se papai gostaria dele,

caso o conhecesse. Mas eu não duvidava que sim, afinal, seu Júlio gostava de todos, gostava de pessoas em geral. Não era à toa que havia se tornado um professor apaixonado por seus alunos.

Encontrei Nanda no final do nosso turno e, agora, com mais calma e sem nenhuma enfermeira atrás de nós, eu finalmente pude explicar melhor sobre a noite anterior.

— Foi bem gentil da parte dele ficar lá com você, Lili! — ela disse, e eu assenti.

— Também achei. Pelo visto, nosso Príncipe das Trevas pode ser legal quando quer — brinquei, e ela soltou uma risada divertida.

— Pelo visto, sim. E está nervosa pela conversa de hoje?

— Muito! Sei lá, sinto que vai ser estranha, mas sei que é necessária também, sabe?

— Vai dar tudo certo. As coisas vão fluir naturalmente, você vai ver.

— Espero que esteja certa, amiga!

— Eu estou sempre certa, Lili. — Piscou um olho, e eu concordei com a cabeça.

Nanda realmente era minha voz da razão em

todos os momentos.

— Vamos? Ele já deve estar chegando em casa também, né?

— Provavelmente — respondi, checando a hora no celular.

Caminhamos juntas para fora do hospital, até que chegamos à frente de meu prédio e Nanda se despediu me desejando boa sorte. Subi o elevador e cheguei até o apartamento sentindo borboletas dançarem em meu estômago.

Eu ainda estava um pouco nervosa. Só não sabia muito bem o motivo. Era só uma conversa, oras!

Ao adentrar a casa, percebi que todas as luzes se mantinham apagadas. Theo aparentemente ainda não havia chegado, então fui cumprimentar Snow e confirmar que ela estava bem depois de retornar à ração antiga.

— E aí, pequena. Como estamos? — saudei, passando a mão por sua coluna, e logo ouvi a tranca da porta da sala.

Theo surgiu em seguida com uma feição cansada e aparentemente estressada.

— Ah, o-oi — gaguejei, vendo-o fechar a porta e

PERIGOSAS ACHERON

se aproximar. — Dia difícil? — Tentei puxar assunto, mas ele apenas murmurou uma confirmação desinteressada.

E lá estava o senhor mal-humorado novamente!

Fechei o punho, sentindo vontade de puxar uma de suas orelhas e disparar um “fala direito comigo ou eu pego a vassoura de novo”, mas preferi simplesmente me virar para deixar o ambiente e ir para meu quarto. Com aquele humor, talvez fosse melhor deixarmos a conversa para outra hora. Além disso, minha cama, com certeza, parecia mais atrativa do que uma carranca feia.

Após dar três passos em direção ao corredor, me surpreendi ao sentir uma mão segurar meu pulso com firmeza. Virei o rosto e fitei Theo, sem entender o motivo daquele gesto. Ele soltou uma lufada.

— Eu só vou tomar um banho. Não me esqueci do que combinamos — avisou.

— Tá — murmurei, entortando os lábios e fugindo de seus olhos fixos nos meus.

— Não vou demorar, não fuja hoje — pediu, e eu concordei com a cabeça, vendo-o passar por mim e

caminhar em direção ao seu próprio quarto.

Voltei para a sala de estar e me joguei no sofá ao lado da gata preguiçosa. Meus pés se mexiam nervosamente conforme os minutos se passavam, até que o som de passos no corredor me fez olhar para o homem vestido com uma calça de moletom e uma regata escura, me oferecendo uma visão completa dos músculos bem definidos de seus braços.

Será que ele malha ou faz algum esporte?, pensei, antes de balançar a cabeça a fim de espantar os pensamentos. Aquilo, definitivamente, não era do meu interesse.

Theo acomodou-se ao meu lado, cumprimentando com um carinho no topo da cabeça a gata que já se esfregava em suas pernas.

— Sabe, eu ainda não sei o nome dela — comentou, passando a mão grande pela coluna da felina que ronronava em agrado.

— Snow — respondi. — Mas talvez eu devesse mudar o nome dela para *Judas*.

Theo riu e eu acabei sorrindo sem perceber.

— Sei que não começamos da melhor maneira —

ele disse, ajeitando-se no sofá para ficar de frente para mim. — Na verdade, ainda não gosto muito da ideia de dividir o apartamento com alguém que me ameaça com uma vassoura — provocou, e fez uma careta pela última parte.

— O que você queria que eu fizesse? Do nada surge um estranho alegando que o apartamento era dele. Vai que era um tarado ou assaltante tentando dar um golpe! — justifiquei, e o mesmo concordou com uma feição divertida.

— As coisas com certeza não foram como planejamos. — Suspirou. — Mas acho que podemos fazer isso dar certo sem nenhum assassinato.

Não pude controlar a risada a seguir. Falando dessa forma, Theo parecia realmente uma pessoa... divertida.

— Acho que podemos fazer dar certo, sim, enquanto não encontram aquele miserável do Jorge Neves.

— Como não sabemos quando isso vai acontecer, vamos tentar entrar num acordo comum a partir de agora, combinado?

— Beleza, combinado! — concordei, satisfeita.

— A melhor coisa que podemos fazer agora é tentar viver em harmonia, dividirmos as contas e separar as tarefas como duas pessoas normais fazem ao dividir um apartamento.

— Por mim, tá ótimo! E bom, quanto à diarista...

— Mordisquei o canto da boca. Aquele me parecia um assunto meio delicado e eu queria encontrar as palavras certas. — Olha, eu sei que você não pediu que eu pagasse nem nada, mas eu preciso que você saiba que realmente não tenho condições no momento de ter certos... huummm... gastos desnecessários.

— Tudo bem, não se preocupa com isso. Se você concordar, eu me disponho a pagar pelo serviço da moça. Na verdade, ela trabalha na casa do Miguel e cobra um preço bem justo, além de ser de confiança. Achei que, como temos uma rotina meio cheia, uma pessoa pra fazer a limpeza pesada seria de boa ajuda.

— Claro, é de ótima ajuda, inclusive! Confesso que fico meio sem jeito de te deixar pagar por isso sozinho, mas posso recompensar fazendo o jantar

de vez em quando — sugeri.

Um sorriso debochado emoldurou seu rosto e fiquei sem entender o motivo.

— Então vou chamar a diarista pra começar na próxima semana, mas... não sei, não, quanto a essa comida que você pretende fazer. Pode ser só uma desculpa pra me envenenar. — Arqueou uma sobrancelha, desconfiado.

— Aí o risco é por sua conta. — Um sorriso ladino se formou no canto da minha boca.

— Bem, talvez eu devesse começar a escrever meu testamento... — comentou pensativo, me tirando uma risada.

Passamos a próxima hora conversando sobre coisas relacionadas ao apartamento e os motivos pelos quais fomos parar ali. Theo comentou brevemente que havia recebido uma proposta de promoção de repente e acabou tendo que sair da cidade natal de uma hora para outra. Aparentemente, a sede principal estava passando por alguns problemas e seu nome foi indicado para coordenar a área e manter as coisas em ordem.

Percebi que ele, apesar de responder minhas

PERIGOSAS ACHERON

perguntas, era uma pessoa direta e discreta ao seu modo. Falava sobre sua vida pessoal com bastante cautela, escolhendo bem cada palavra antes de ser proferida. Talvez estivesse sendo tão cuidadoso quanto eu mesma era ao iniciar uma amizade com alguém.

Por isso, quando me perguntou sobre meus motivos por ter procurando um novo lugar para morar, também evitei dar muitos detalhes pessoais. Bem ou mal, estávamos começando a nos conhecer e nos acostumar com a presença ativa um do outro. Não me sentia confortável para falar sobre o fato de meu pai estar em coma e todo o perrengue que precisei passar para conseguir o dinheiro da internação. Expliquei apenas que vendi a casa em que morava e ajudava meu pai em seu tratamento. Theo me olhou um pouco curioso sobre o assunto, mas apenas abanei a mão em uma tentativa de fazê-lo deixar aquilo pra lá.

Percebendo meu desconforto, ele apenas assentiu, deixando o assunto correr para outras áreas. Um certo tempo depois, sugeri que pedíssemos uma *pizza* e ele me fitou, incrédulo.

— E aquele papo todo de comida saudável do outro dia? — questionou, irônico.

Claro que eu evitava comer besteiras no dia a dia, mas uma vez ou outra não faria mal. Todo mundo precisa viver um pouco de vez em quando e nada melhor do que algo com bastante queijo.

— Foi só porque eu esqueci de comprar a lasanha no mercado. — Sorri amarelo e ele balançou a cabeça em negativa.

— Você é inacreditável, Alice! Sabia que era impossível alguém gostar daquela gororoba.

— Ah, não é tão ruim assim, vai — retruquei, juntando os lábios em uma linha fina.

— Não? Então por que não jantamos aquilo agora?

Sua sobrancelha arqueada em puro desafio me fez morder a boca e sorrir culpada antes de admitir:

— Acho que eu prefiro uma *pizza* mesmo!

— Se não preferisse, eu teria certeza de que você é doida — brincou, sacando o celular e ligando para o *delivery*.

Enquanto aguardávamos o entregador, Theo tentava entender como eu poderia gostar de PERIGOSAS ACHERON

trabalhar em um hospital.

— Não é tão ruim assim — expliquei, erguendo um ombro.

— Ver crianças doentes todos os dias não é tão ruim assim? — Fez uma careta, e eu ri.

— A questão não é essa. Em um hospital, a gente vê de tudo, e alguns casos podem ser bem desesperadores, mas é ótimo ver quando seus pacientes estão bem e são liberados pra casa. É só... gratificante.

— Acho que posso entender isso — comentou, reflexivo. — É bem gratificante também quando vejo uma linha de código funcionando perfeitamente. — Um sorriso torto surgiu em seu rosto e eu ri, balançando a cabeça.

— Ah, é, ótima comparação! Tudo a ver mesmo — brinquei, ouvindo a campainha tocar em seguida.

O entregador havia finalmente chegado e devoramos a massa cheia de queijo em dois tempos, enquanto eu ainda tentava convencê-lo de que ser médica era muito mais do que conviver com pessoas doentes. A conversa fluiu de uma

maneira que eu jamais poderia imaginar, assim como Nanda tinha previsto. Nem mesmo vimos a hora passar e, quando percebemos que já estava tarde, Theo avisou que precisava dormir para poder trabalhar no dia seguinte. Desejamos boa noite e nos recolhemos em nossos respectivos quartos.

Provavelmente já não poderíamos nos considerar dois completos estranhos, mas ainda estávamos longe de nos considerarmos grandes amigos. Ainda teríamos um longo caminho pela frente. Porém, um caminho que eu estava ansiosa para seguir. Talvez as coisas não fossem ser tão ruins assim quanto eu esperava.

CAPÍTULO 12

O resto daquela semana se passou sem muitos problemas. Tudo parecia estar ocorrendo bem até então. A maior prova disso foi que, na tarde de domingo, Theo se juntou a mim para assistir a um filme na sala de estar. Snow, claro, acabava por escolher o colo dele em vez do meu para se acomodar. Era realmente uma tremenda Judas!

Theo achava graça do fato, enquanto eu me mordida de ciúme pela cena. Não havíamos conversado muito naqueles últimos dias por causa da falta de tempo mesmo, mas os breves encontros — especialmente na parte da noite, quando ambos estávamos em casa e sem pressa — serviram apenas para reforçar nossos conhecimentos um sobre o outro. E mesmo que fosse difícil de admitir, já estava começando a me acostumar com sua presença, até mesmo gostando de como parecíamos nos dar bem em meio a tudo aquilo.

Quando o filme começou — um de ação que ele

PERIGOSAS ACHERON

havia escolhido —comentei, ao ver a caixinha preta que ele retirava da mochila:

— Não sabia que você usava óculos.

— Ninguém é perfeito, né? — Deu de ombros. — Ao menos eu cheguei perto. — Piscou, divertido, antes de rir da minha cara perplexa.

Quem diria, ele também poderia ser bastante egocêntrico quando lhe cabia.

Seu sorriso era cínico e os olhos negros esbanjavam diversão. Taquei-lhe uma almofada na cabeça enquanto o chamava de metido com todas as letras. Mas a verdade é que tê-lo por perto estava começando a se tornar realmente divertido.

Quando os créditos terminaram, tentei agradecer pelo risoto do outro dia de alguma forma, preparando uma macarronada que dividimos antes de dormir. Pedi para que ele se acomodasse em uma das cadeiras da mesa de jantar enquanto eu preparava a massa. Nesse meio-tempo, entramos em mais uma conversa — dessa vez sobre a infância — e Theo contou sobre algumas peripécias ao lado do irmão, o que mais parecia um pesadelo para os pais daqueles dois.

Compartilhamos algumas risadas e outras histórias, a confiança e o sentimento familiar daquela situação aumentando cada vez mais.

Enquanto finalizava o molho da macarronada, acabei imersa em meus pensamentos, imaginando como seria esquisito estar sozinha naquele apartamento, sem a voz masculina rondando meus ouvidos e o quão solitária eu poderia estar me sentindo naquele instante, caso ele não estivesse ali, comigo.

Ter uma companhia até que não era de todo ruim, no fim das contas.

Theo percebeu minha quietude e logo senti os seus olhos negros vidrados em minhas costas.

— Está tudo bem? Precisa de ajuda? — Sua voz me despertou de meus devaneios.

— Não, tá tudo bem. Quase terminando aqui — avisei antes de me virar com um sorriso agradecido.

— Aposto que quase queimou a comida. — Repuxou o canto da boca e cerrou um pouco os olhos, fazendo uma careta se formar em meu próprio rosto.

— Fica quieto, camarada! Mesmo que tivesse

PERIGOSAS ACHERON

queimado, você comeria com muito gosto. — Dei de ombros, desligando o fogão e nos servindo em seguida.

— É, até que está melhor do que eu esperava. Achei que você seria um completo desastre na cozinha — ele debochou, após provar a primeira garfada.

Levei a mão ao peito e me fingi de ofendida.

— Minhas mãos de médica nunca deixariam a desejar, elas são quase mágicas — disparei, sem perceber a sugestividade daquela frase, me tocando do que havia dito somente quando um sorriso malicioso preencheu a face masculina, fazendo todo o meu sangue se concentrar nas bochechas.

— Tenho certeza de que suas mãos são ótimas, Alice. — Riu ironicamente e eu não soube onde enfiar a cara ou como responder àquele comentário claramente provocativo.

— Ah, cala a boca — murmurei, focando minha atenção na comida e tentando ignorar o momento constrangedor.

Theo apenas soltou uma breve, porém calorosa, gargalhada. Provavelmente pela minha feição dura

e desgostosa, mas, ainda assim, um som que atingiu meus tímpanos de bom grado, mesmo que eu ainda estivesse demonstrando minha pior carranca.

[...]

Mais uma semana havia começado e, diferente da anterior, eu acordava mais disposta e animada todos os dias. Principalmente por acordar e ter café fresco me aguardando na bancada da cozinha, um pequeno presente de meu parceiro de apartamento antes que ele saísse para o próprio trabalho. Nosso início de amizade começava muito bem, obrigada.

Na quarta, Theo avisou que dona Celinha, a diarista, começaria na manhã seguinte e fiz questão de levantar um pouco mais cedo naquele dia para que ele nos apresentasse. A senhora de aproximadamente quarenta anos estava muito bem conservada para a idade e era bem simpática. Além da faxina mais pesada, ela ainda lavaria e passaria as roupas. Nem mesmo cheguei a perguntar o quanto Theo estava pagando pelos serviços dela, mas eu com certeza seria eternamente grata por aquilo.

Quando sexta-feira à noite chegou, Nanda, depois

de muito esforço, me convenceu a irmos a um *pub* que havia aberto recentemente. Ela dizia que, se eu saísse ao menos uma vez ou outra, o mundo não acabaria. Por fim, acabei aceitando seu convite — ou estaria mais para imposição? Após nosso turno, ela foi diretamente lá para casa, insistindo que nos arrumássemos juntas, pois minha amiga me conhecia bem demais para saber que, caso ficasse sozinha, eu definharia na cama e lhe daria um perdido.

Chegamos em casa com Nanda em meu encalço, bastante animada por sairmos para um lugar novo, enquanto eu apenas segurava um muxoxo ao imaginar como seria bom um filme em casa e uma longa noite de sono. Adentrando o apartamento, constatamos que não havia nenhum sinal de Theo pelos cômodos. Em uma de nossas conversas, descobri que, às vezes, ele nadava após o trabalho para desestressar, o que explicava os braços bem definidos e as costas largas.

Nanda foi logo me empurrando para meu quarto, quase me jogando dentro do banheiro para que eu tomasse logo meu banho enquanto ela escolhia

nossas roupas. A sorte é que, ainda que ela tivesse mais atributos do que eu, como eu gostava de roupas mais larguinhas, não seria difícil ela encontrar algo que coubesse em si.

— Sabia que ia ficar *mó* gata com esse vestidinho preto — ela comentou me observando dos pés à cabeça.

— Olha quem fala! — Arqueei uma sobrancelha, observando minha amiga com um macacãozinho branco que realmente realçava sua pele chocolate. — Assim você vai roubar os olhares de todos os homens daquele lugar!

— Ah, Lili, claro que não! Mas tenho certeza de que esses seus olhos verdes com um bom delineado vão chamar bastante atenção. Não se esqueceu do que o que Lucas falou, não é? — Piscou, sacana, e eu sorri sem jeito.

Claro que não havia esquecido. Ainda sentia o rosto esquentar só de lembrar.

— Mas quem sabe hoje você não encontra um gatinho pra se divertir um pouco, hein? Faz um bom tempo que você não sai com ninguém. Assim seu hímen vai se restaurar em forma de protesto,

amiga! — Ela riu vendo minha careta.

— *Hímen se restaurando...* e você ainda se diz médica? — Provoquei, vendo-a me mostrar a língua, divertida.

Já devidamente prontas, pegamos nossas coisas para sair. Pedi que Nanda esperasse só um minuto enquanto eu tirava o celular do carregador e ela assentiu, indo na frente para me aguardar na porta do apartamento. Mas, para minha surpresa, antes mesmo que eu pudesse chegar até a sala de estar, ouvi vozes — e uma em especial gaguejando mais do que o comum.

Aproximei-me sorrateiramente para entender o motivo e foi quando vi Nanda parecendo bastante nervosa enquanto Miguel a fitava com um sorriso de orelha a orelha.

— Ei, você está aqui também! Como anda tudo? — cumprimentei, e ele se aproximou para um abraço.

— Alice, bom te ver! Tudo ótimo, sem nada pra reclamar. Estou sabendo que você e o mal-humorado aqui estão se dando bem. Aliás, ele não para de falar de voc...

— Fica quieto, idiota! — Theo surgiu atrás do amigo, dando-lhe um tapa na nuca com uma feição nem um pouco agradável.

— Oi pra você também — saudei, gentil, e Theo mexeu a cabeça em cumprimento. — Você já conhece a Fernanda, né? — perguntei, e ele assentiu, fazendo o mesmo gesto para minha amiga, que comprimia os lábios em nervosismo, sem eu entender o porquê daquela reação.

— Fernanda, esse é o Miguel. É amigo do Theo desde o colegial — expliquei, e ele se virou para ela, oferecendo um sorriso tímido enquanto levava uma das mãos para a nuca, massageando o local.

— Nós já nos conhecemos, na verdade. Malhamos na mesma academia.

Caramba, não podia ser! Será?

— Ah, mesma academia... — Arqueei uma sobancelha, olhando Nanda de soslaio. Sua feição nervosa respondia claramente a minha pergunta. — Que mundo pequeno, hein!

Sorri, maliciosa, vendo Nanda desejando me ver morta e enterrada. Mas, para a minha sorte, logo sua atenção se dissipou completamente.

— Como vai, Fernanda? Não te vi lá esses dias. Tá tudo bem? Fiquei preocupado que você deu uma sumida e...

Own, ele também parecia meio nervoso ao falar com ela!

— Tu-tudo bem, sim — ela o cortou, dando um sorriso tímido. — Só tenho ido mais tarde ultimamente.

— Entendi! Que pena, mas fico aliviado que seja só isso.

— O-obrigada por ser preocupar. E... continua lotando de gente naquele horário?

Vi os dois entrarem em uma breve conversa sobre a academia e halteres, enquanto aproveitei essa distração para fitar Theo, que os olhava com o mesmo estranhamento que eu.

Percebendo minha atenção para si, ele arqueou uma sobrancelha em minha direção, apontando para os outros dois com o queixo em seguida. Meneei a cabeça positivamente e sorri divertida enquanto trocávamos um olhar cúmplice. Era mais do que óbvio que nossos amigos estavam interessados um no outro, mas não tiveram coragem ou

oportunidade de se conhecer melhor.

— Arrã — Arranhei a garganta, chamando atenção de todos. — A Nanda e eu vamos para um *pub* novo que abriu há alguns quarteirões daqui. Vocês querem nos acompanhar? — convidei, e vi os olhos de Miguel brilharem por um segundo.

— Seria ótimo! — ele falou com animação na voz e fitou minha amiga com receio. — Se você não se importar, claro.

— Não! — ela respondeu rapidamente. — Claro que não, vai ser divertido. — Sorriu, gentil, e Miguel animou-se ainda mais.

— Então nós vamos! Certo, Theo? — Fitou o amigo com a feição impassível e fez um pequeno bico. — Por favor, cara! — Seu tom de súplica o fez revirar os olhos e concordar em seguida com um entortar de boca.

— Acho que não tenho alternativa. — Suspirou fundo. — Vou só tomar uma ducha e trocar de roupa — avisou antes de se retirar para o próprio quarto.

Enquanto Miguel puxava assuntos com Nanda, percebi que minha amiga ficava cada vez mais à

vontade. Ainda podia ver claramente sua timidez, mas ela parecia mais confortável e logo conversavam de forma entusiasmada.

Aparentemente tinham muito em comum, o que me deixou feliz por ela.

Aquela noite com certeza não sairia como o planejado. Mas vendo minha amiga sorrir de maneira tão genuína me dava a certeza de que seria ainda melhor.

CAPÍTULO 13

Chegamos ao *pub* e logo fomos acomodados à uma mesa redonda e alta com banquetas. Do meu lado direito estava Nanda, enquanto Theo se acomodava do lado esquerdo e Miguel à minha frente.

— Uau, este lugar parece bem bacana! — Miguel comentou, animado, e Nanda assentiu.

— Abriu na semana passada e já tinha bastante gente recomendando na *internet* — ela disse, observando todo o local e sorrindo para ele em seguida.

— Sejam bem-vindos ao Irlandês! Querem começar com alguma bebida? — uma garçonete de sotaque argentino perguntou ao se aproximar.

— Nós vamos de tequila, né, Lili? — Nanda perguntou, e eu revezei meu olhar entre ela e a atendente, que claramente estava secando Theo.

— Tá bom, pode ser — respondi.

— Maravilha! Duas doses, por favor.

— Eu quero uma também, manda três! — Miguel disse, batendo as palmas da mão na mesa.

— E você? Deseja algo? Talvez eu possa ajudar — a garçonete perguntou, com os olhos vidrados em meu companheiro de apartamento.

— Só uma cerveja mesmo — Theo respondeu sem muito interesse, mal a olhando, e eu precisei morder a bochecha para que uma risada não escapasse de minha garganta.

A mulher apenas concordou com a cabeça e saiu sem dizer mais nada.

Aproveitei o momento em que os três conversavam para analisar minuciosamente o *pub*. O ambiente era realmente bastante agradável e uma música alegre tocava ao fundo

— Procurando alguém? — Theo questionou, tocando levemente seu ombro no meu pela proximidade.

— Hã? Não, não. Estava só vendo o lugar mesmo, o clima é bom. — Sorri, e ele repuxou o canto da boca em resposta. — E você, está se divertindo?

— Não me importaria de estar dormindo agora, tive uma semana bem cheia. — Deu de ombros. — Mas até que está sendo melhor do que pensei.

— Você é um bom amigo — comentei, pensativa, e percebi sua feição confusa. — Sabe, ter vindo aqui pelo Miguel e tal. Foi legal da sua parte fazer isso por ele e fiquei feliz de você ter vindo também.

Nossos olhos se encontraram de repente, e percebi que sua íris estava ainda mais escura do que eu me lembrava e, por um segundo, me senti presa àquela imensidão negra e... brilhante. Acompanhei lentamente o mínimo sorriso que se fez presente nos lábios dele e, de imediato, senti minhas bochechas esquentarem.

— Três tequilas e uma cerveja — a garçonete surgiu e entregou nossas bebidas, virando-se para Theo antes de sair. — Se precisar de alguma coisa, é só chamar, querido.

— Beleza, obrigado — ele agradeceu, e ela deu uma piscadela antes se afastar.

— Oferecida — resmunguei assim que a mulher se virou. Estalei a língua e logo percebi que Theo

me fitava com uma feição divertida. — O que foi?

— Nada não.

Ele repuxou o canto da boca enquanto me olhava, mas logo virou-se para frente e sorveu um gole da cerveja gelada.

— Às novas amizades — Miguel disse estendendo o *shot* de tequila, e logo fizemos o mesmo, em um pequeno brinde antes de virar o líquido forte de uma só vez.

Senti a garganta arder como se estivesse em chamas, mas após chupar um pouco do limão, a ardência foi diminuindo gradativamente. Nanda e Miguel acabaram pedindo mais bebidas, enquanto eu preferi parar por ali mesmo. Não queria perder a linha e muito menos gastar tanto dinheiro assim, ainda mais em álcool.

Os dois entraram em uma conversa animada, quase como se estivessem presos em uma própria bolha. Achei sensato deixá-los se conhecerem, então me virei levemente para Theo e lhe sorri.

— Eles parecem estar se dando bem — comentei baixinho, e ele assentiu.

— Acho bom mesmo. — Deu um meio sorriso,
PERIGOSAS ACHERON

virando-se para fitar o amigo. — Não aguentava mais ouvir sobre a tal garota da academia. Já tava pensando em esganá-lo a qualquer momento, se não tomasse nenhuma atitude.

— Conheço bem seu sofrimento, comigo foi a mesma coisa. Nanda ficava toda tímida só de falar sobre o assunto. — Ri com a lembrança, realmente feliz pela minha amiga. — No fim, os dois queriam se aproximar, mas só precisavam de um empurrãozinho mesmo.

— Miguel é meio indeciso, pé atrás. — Suspirou. — Ficava com medo ou sei lá de se aproximar. Bastava ir até ela e pedir o telefone, tão simples... — Bebeu um gole da bebida, secando com o polegar uma gota que ficara presa ao lábio inferior.

Meu olhar, por si só, se focou naquele gesto inconsciente e tão natural, mas logo arranhei a garganta e virei o rosto para ver nossos amigos ainda entretidos um com o outro.

— Às vezes não é tão simples assim se expor. Você conseguiria simplesmente fazer isso? Sem nenhum medo de rejeição? — questionei, pensativa.

— Quando eu decido o que quero, nada pode me deter. É só uma questão de saber e entender suas próprias vontades. Se a outra pessoa não está interessada, bola pra frente. — Deu de ombros e me peguei pensando sobre o que ele dissera.

É, talvez ele estivesse certo. A vida realmente era curta demais para se ter medo de um “não”.

— Essa filosofia me parece boa — comentei.

— Contanto que a pessoa não tenha nenhuma tendência assassina ou violenta, como é o seu caso — provocou, repuxando o canto da boca e sorvendo mais um gole de sua cerveja.

— É, e se eu fosse você, talvez começasse a dormir com alguma coisa pra se proteger! Nunca se sabe quando eu posso aparecer no meio da noite para tirar esse sorriso ridículo da sua cara.

Theo riu, quase se engasgando com a bebida.

— Tudo bem, você me convenceu. Amanhã vou comprar um esfregão, sem falta! — disse, divertido, me fazendo perder a pose séria e acompanhá-lo nas risadas.

Vendo que Nanda e Miguel sequer percebiam nossa existência, continuamos a conversar sobre PERIGOSAS ACHERON

assuntos variados. Era estranho, mas eu me sentia completamente à vontade ao seu lado, como se nos conhecêssemos há muito tempo.

— Acho que vou pedir outra cerveja, quer alguma coisa? — perguntou quando tomou o último gole do líquido amarelado.

— Não, valeu! Tô bem, mas acho que vou ao banheiro — avisei, e ele assentiu. — Já volto.

Levantei, sentindo os ossos da coluna estalarem por ficar muito tempo sentada naquela banqueta desconfortável, e rumei em busca de algum funcionário a fim de perguntar onde era o banheiro. Caminhei até o balcão e chamei o *barman*, que logo me atendeu e apontou para trás de si. O lugar estava bastante cheio, mas, nas pontas dos pés, consegui enxergar a portinha vermelha com o símbolo do sanitário feminino

Girei sobre os calcanhares e olhei ao redor, procurando o melhor caminho para fazer, até que um corpo grande demais se postou à minha frente, obstruindo totalmente minha visão.

— Oi, linda — a voz grossa falou, e eu arqueei uma sobrancelha.

Era só o que me faltava...

— Com licença — pedi, educada, e dei um passo para o lado, tentando me desvencilhar.

— Ah, gata, qual é? Não faz assim, com certeza podemos ao menos conversar um pouco, não? — insistiu, apoiando os dois braços ao redor de mim e me prendendo entre si e o balcão de madeira em minhas costas.

— Não tenho interesse. Dá licença? — rangi os dentes.

— E como pode saber se tem interesse ou não, se nem ao menos quer trocar umas palavrinhas comigo?

— Me deixa sair agora! — rosnei, impaciente.

Odiava aquele tipo de cara, odiava quando insistiam mesmo depois de receber uma negativa tão clara. Isso era simplesmente patético!

— Você fica ainda mais bonita nervosinha ass...

A frase morreu no mesmo instante em que fui puxada pelo braço e logo minhas costas batiam em outra superfície rígida, porém, quente.

Extremamente quente... e confortável.
Confortável demais.

Arfei, confusa e levemente tonta pelo movimento brusco. Não entendi nada quando dois braços me envolveram pela cintura com propriedade. Senti o ar faltar assim que identifiquei aquele perfume que conhecia muito bem.

— Acho que eu a ouvi dizer que não estava interessada — Theo disse calmo, porém ameaçador, e todos os pelos do meu corpo se eriçaram com seu hálito próximo ao meu ouvido. — Além disso, ela está acompanhada, como pode ver. Então, se nos dá licença...

Theo me puxou para junto a si, abraçando todo o meu corpo com um braço só, deixando o homem grande com a mandíbula trincada para trás e me trazendo uma enorme sensação de proteção. Naquele momento, eu pensei nele como um príncipe de verdade, e não somente das trevas.

— Talvez você devesse começar a trazer aquela sua vassoura para esses lugares também — ele comentou debochado, e eu ri, em um misto de achar graça pela piada bem colocada e de nervoso por ainda ter sua mão quente em minha cintura.

— Aquela, eu reservo só pra você mesmo, não se

preocupa — respondi, entrando na brincadeira em uma tentativa de esconder minha inquietação.

Theo fez uma careta e eu o observei atentamente. Ele era realmente bem bonito, eu não podia negar. De alguma forma bem esquisita, eu me senti atraída por aqueles olhos negros, os cabelos bagunçados de uma maneira despojada e aqueles ombros largos.

Arranhei a garganta e dei um pequeno sorriso, sentindo o rosto esquentar. Eu realmente estava secando aquele homem? Será que eu estava com a mesma cara da garçonete de antes?

Ai, não!

Espantei aqueles pensamentos da minha cabeça, ignorando o fato de meu pulso começar a acelerar e a boca parecer o deserto do Saara. Havia outra parte do meu corpo que precisava de mais atenção naquele momento.

— Obrigada... hummm... por me ajudar, você sabe, com o grandalhão ali. — Apontei com o queixo na direção do bar. — Mas eu ainda não consegui ir ao banheiro. — Comprimi os lábios até formar uma linha reta, sentindo minha bexiga reclamar com fúria.

Theo soltou uma risada baixa, fazendo um breve movimento com a cabeça e logo nos levando em direção ao sanitário.

— Eu te espero aqui — avisou, e eu sorri, um pouco sem graça. Ele estava sendo muito gentil e eu não sabia muito bem como lidar com aquilo.

— Assim você parece até o meu segurança particular — comentei, brincalhona. — Pode voltar pra mesa, se quiser. Não tem problema.

— Tsc — Estalou a língua. — Não vou te deixar andar sozinha por aí com esses abutres por perto, vou te esperar aqui — disse, recostando-se na parede ao lado da porta vermelha.

— Ahn... tudo bem. Não vou demorar — avisei, sentindo as bochechas esquentarem.

Após fazer o que tinha de fazer, saí do sanitário e vi Theo me aguardando exatamente no mesmo lugar. Os braços estavam cruzados na altura do peito, denunciando aqueles músculos incríveis por debaixo da camiseta. Seus olhos estavam virados para a frente e me peguei observando minuciosamente seu perfil: as sobrancelhas negras e grossas, o nariz elegante, a boca fina e o queixo

quadrado.

— Vamos? — ele perguntou, e eu acordei, arregalando os olhos ao perceber aonde meus pensamentos estavam me levando.

Isso seria por causa da tequila? Eu sempre fui fraca com bebidas e estava de estômago vazio, só podia ser isso...

— Ah, sim, vamos — respondi, tentando me recompor.

Theo pegou minha mão, o que trouxe um arrepio a toda minha coluna vertebral, me desestabilizando por completo. Sua palma era quente e grande demais se comparada a minha. Senti meu sangue gelar e um rebuliço no estômago surgir enquanto ele pedia licença entre a multidão de pessoas amontoadas e me levava junto de si até a mesa em que Miguel e Nanda estavam.

— Caramba, vocês demoraram! — Miguel comentou, e Theo deu de ombros, soltando minha mão. — Mas e aí, querem comer alguma coisa?

— Eu comeria umas batatinhas — Nanda respondeu, sorridente, e todos concordamos, enquanto eu tentava ignorar o formigamento em

minha palma.

Acomodei-me em minha banqueta e ajeitei a postura, ainda me sentindo um pouco desconfortável com aquele contato tão simples, porém tão íntimo, de certa forma. Balancei a cabeça, tentando não pensar besteiras. Ele havia apenas sido gentil e nada de mais, eu não deveria pensar muito sobre aquilo, e muito menos criar minhocas em minha cabeça.

Pedimos um petisco e Nanda e Miguel finalmente saíram de seu mundo cor-de-rosa e começaram a interagir com a gente. Logo estávamos nos divertindo os quatro sobre as mais diversas histórias.

— ... então o Theo aqui passou a madrugada inteira cuidando de mim depois daquele porre na minha primeira choppada, chegou até a me dar banho. Foi simplesmente horrível, eu nunca mais misturei bebidas daquele jeito! — Miguel contou, brincalhão, e eu ri imaginando a cena.

— Não exagera. Eu só te coloquei embaixo do chuveiro com roupa e tudo. — Theo revirou os olhos.

— Que amizade linda! — Nanda brincou, e Miguel bufou.

— Quem dera ele tivesse feito isso por amizade. No final, eu tive que lavar a roupa dele por um mês inteiro antes de me mudar pra cá. — Fez uma careta desgostosa enquanto Theo exibia um sorriso vencedor, nos fazendo compartilhar uma boa risada.

— Ah, isso porque vocês não conhecem a história de quando a Lili foi presa durante uma festa com menores de idade e muita bebida liberada.

— Não sabia que eu morava com uma delinquente! — Theo disparou, fazendo-se de surpreso com um repuxar de lábios debochado, e eu o olhei fingindo uma falsa indignação.

— Eu não fui presa, apenas detida. E foi tudo um mal-entendido! — esclareci, vendo surgir uma feição de sarcasmo no rosto do meu companheiro de apartamento, quase como quem diz que não acreditava no que eu falava. — Ok, mais ou menos um mal-entendido, tá? Eu estava estudando para o vestibular e vocês devem imaginar que passar em Medicina não é uma das coisas mais fáceis da vida.

Todos assentiram de maneira ansiosa e eu continuei:

— Bom, o vizinho da casa da frente estava dando uma festa com o som absurdamente alto. Eu só queria que ele abaixasse o volume... — suspirei baixo e deixei uma risada sair ao me lembrar daquela noite. — Claro que o desgraçado me ignorou e continuou curtindo a festinha dele. Eu já havia tomado umas seis xícaras de café, nem pensei muito quando peguei o barril de cerveja e empurrei pra piscina. Só me lembro de ser pega depois por dois grandalhões que me colocaram na viatura. — Dei de ombros e vi um sorriso sacana estampado no rosto de Theo.

— Isso me parece bem verídico, realmente — zombou, e eu apenas ri, erguendo um ombro.

— Lembro que o tio Júlio adorava essa história, ele sempre me contava quando nos encontrávamos — Nanda comentou, e algo em meu peito se apertou. — Ele dizia que quando ligaram pra avisar que a filha tinha sido detida, ele mandou a pessoa se ferrar, achando que era um trote. Quando foi até o quarto da Alice contar sobre a ligação falsa e viu

que ela não estava, correu de pijama e tudo pra delegacia.

Todos riram, imaginando a cena cômica. Menos eu, que estava imersa pensando em papai e como eu gostaria que ele estivesse acordado para contar a versão dele de sempre sobre aquela noite. A lembrança me acertou em cheio e de repente me vi totalmente distraída ao que acontecia ao meu redor, apenas presa em memórias não tão distantes assim.

— Alice? Alice! — a voz rouca e próxima a mim me despertou. Virei-me rapidamente para ver os olhos negros e intensos de Theo sobre mim.

Estavam perto, perto demais! E por um segundo enxerguei algo como preocupação em seu olhar.

— Oi, desculpa. O que foi? — perguntei, um pouco confusa.

— Você tá bem? — questionou, observando atentamente cada centímetro do meu rosto, fazendo com que eu sentisse as bochechas esquentarem de vergonha pela proximidade e tamanha atenção que estava recebendo.

— S-sim, tudo bem. — Passei as costas da mão no rosto, sentindo uma lágrima ou duas serem

enxugadas rapidamente. — Desculpa, acho que só estou um pouco aérea, deve ser o cansaço — menti com um sorriso amarelo estampado em meu rosto. — Acho que já deu pra mim hoje, preciso de uma boa noite de sono. — Espreguicei a coluna levemente na cadeira, percebendo o cansaço chegar.

Theo se levantou de repente, surpreendendo a todos, inclusive a mim.

— Tá ficando tarde mesmo, vou levar a Alice para casa.

Arregalei os olhos, me levantando em seguida e ficando ao seu lado, um pouco surpresa.

— Pode deixar que eu levo a Fernanda daqui a pouco também — Miguel avisou, e minha amiga corou, sorrindo e olhando para baixo.

Theo assentiu e Nanda se levantou para se despedir de mim com um abraço.

— Lili, me desculpa — ela pediu, sincera, com o rosto em meu ombro. — Não queria te chatear falando do seu pai. Você não me engana, amiga. Sei que ficou mexida com a lembrança, me desculpa, não foi por querer.

Afastei-me um pouco dela, apertando uma de suas bochechas com carinho. Nanda me trouxera uma memória gostosa, mas com ela me veio a recordação da intensa saudade que me habitava.

— Não se preocupa com isso, bobona. Acabei ficando nostálgica sem querer, só isso. É que... — um sorriso triste surgiu em meu rosto — ... bem, já faz algum tempo e ele ainda não... você sabe.

— Eu sei — respondeu baixinho, me apertando novamente contra si. — Mas não podemos perder as esperanças, certo? — Assenti, beijando-a no rosto.

Não, eu ainda não podia perder as esperanças.

— Certo! E agora eu só preciso ir pra casa e dormir sem hora pra acordar. — Ri, divertida, e ela me acompanhou.

— Leva a Alice pra casa direitinho, Theo. Ou vai se ver comigo! — Ameaçou, e ele apenas torceu o canto da boca em resposta.

Despedimo-nos mais uma vez com um aceno e fomos até o caixa pagar, saindo do *pub* em seguida com um pouco de dificuldade pela multidão que aguardava do lado de fora para entrar. Theo fez

sinal para um táxi na rua e logo nos acomodamos no veículo que parou encostado na calçada. O caminho foi silencioso enquanto eu recostava a cabeça no vidro lateral, vendo as luzes das ruas passarem como um borrão colorido.

Minha mente estava entorpecida e meus pensamentos voavam longe, em um passado recente, mas ainda assim saudoso. Sequer reparei quando o carro parou em frente ao nosso prédio. Fui acordada de meus devaneios somente quando Theo se mexeu para pagar o táxi. Sugeri de dividirmos o valor, mas ele apenas fez sinal para que eu guardasse a carteira. Agradei baixinho e subimos pelo elevador até chegar à nossa porta, adentrando o apartamento em um silêncio confortável. Parei em frente à geladeira enquanto pegava um copo com água e ofereci outro para Theo, que se recostava na parede ao lado.

— Vai me dizer o que está acontecendo? — sua voz rouca saiu baixa.

— Como assim? — perguntei antes de terminar o copo e colocá-lo na pia.

— Você ficou estranha depois. — Colocou o

próprio copo na bancada. — No dia em que conversamos pela primeira vez, você me disse que estava pagando pelo tratamento do seu pai. O que ele tem? — Abri a boca para responder que não se preocupasse, mas ele foi mais rápido. — Se não se sente confortável em me contar isso, tudo bem, eu não vou te forçar. Só não gostei de te ver daquele jeito, não parecia... você. — Puxou-me para perto de seu corpo em um abraço quente, sem aviso prévio. — Posso não ser muito bom com palavras e agir como um ogro às vezes, mas estou aqui, se precisar.

Meus olhos se abriram em surpresa e eu me esqueci de como respirar. E naquele meio abraço inesperado, com seu cheiro bom me entorpecendo, eu me senti bem e acolhida, protegida e confortável. O calor de sua pele esquentava a minha e o toque de seus lábios em meus cabelos me fez abraçá-lo pela cintura como um pedido mudo para que não se afastasse. Eu não o queria longe, não queria me sentir vazia ou sozinha novamente. Só queria ficar ali, nos braços dele, fingindo que nada poderia dar errado, que o mundo se ajeitaria e

tudo ficaria bem.

— Ele está em coma — contei, sentindo minha voz embargar e os olhos arderem, aumentando ainda mais meu aperto em seu corpo. — Há quase três meses já, sem nenhuma melhora ou mudança. Ele fica apenas lá, como se estivesse dormindo e pudesse acordar a qualquer momento. Mas nada muda, nada acontece. — Solucei, sentindo as lágrimas caírem e molharem a camiseta escura que Theo usava. Uma de suas mãos rodeava meus ombros enquanto a outra acariciava timidamente meus cabelos. — Todos dizem para eu ter esperanças, mas e se isso não for o suficiente?

Deixei que o choro acumulado saísse livre, sem me importar com os soluços abafados ou o clima estranho que poderia ficar entre nós. Apenas com as poucas palavras e o meio abraço desengonçado, Theo foi capaz de derrubar o pequeno muro que eu tentava construir nas últimas semanas. Eu apenas estava cansada de ser forte o tempo todo.

Claro que a lembrança que veio à tona me deixou emocionada, mas a verdade é que já fazia algum tempo que eu não me permitia extravasar daquela

maneira, limpar a alma de vez com as minhas lágrimas, pois a cada vez que eu me deixava chorar, parar era um desafio quase que inalcançável. Tendo plena consciência disso, tentei me manter ocupada e distraída nos últimos meses, focada principalmente na rotina do dia a dia.

Porém, ainda assim, mesmo que minha mente se ocupasse na maior parte do tempo com outros assuntos, meu amor e minha saudade não cessavam ou sequer cediam. A cada vez que eu via meu pai naquela cama, ainda desacordado de forma tão pacífica e triste, meu coração sentia um enorme peso prestes a me esmagar. Ainda que aquilo me deixasse triste, eu o continuava visitando sempre que possível. Eu não gostava da ideia de deixá-lo sozinho e sem visitas por tanto tempo. Mas, conforme seu estado não se alterava, minha aflição dentro daquele CTI só crescia, com o silêncio acompanhado somente pelo baixo e contínuo bipe de seu coração.

No início, eu acreditava que ele acordaria a qualquer momento, que tudo voltaria ao normal num piscar de olhos, mas conforme os dias foram

passando e nada acontecia, eu me via cada vez mais desesperada pela situação.

A esperança — mesmo que eu continuasse tentando me segurar a ela — ia se esvaindo. Aquela espera me trazia uma ansiedade monstruosa e eu temia que aquele sentimento nunca fosse me deixar, até que aqueles olhos carinhosos de meu pai se abrissem ou se fechassem para sempre. E obviamente eu não gostava de pensar na segunda opção.

A agonia de não saber o que esperar, estava aos poucos me matando, de pouquinho em pouquinho, enquanto eu me via sozinha novamente como há dez anos, quando mamãe partiu e me deixou um buraco fundo no peito. Porém, dessa vez, sem ter os braços fortes de papai para me confortar e proteger.

De repente, envolta nos braços de outra pessoa, mas num aperto tão gostoso quanto aquele que eu imaginava, me vi como uma garota de sorte. Sorte pelas loucuras que a vida me aprontou em meio ao caos que surgiu, sorte do destino ter trazido Theo dessa maneira tão inusitada para meu cotidiano, sorte por não estar naquele apartamento vazio,

imersa na solidão.

Às vezes é isso mesmo o que dizem: a vida escreve certo por linhas tortas.

Naquele instante, eu me senti verdadeiramente feliz por tê-lo comigo, mesmo que daquela forma tão esquisita por conta de um golpe maluco. E sentindo Theo me ninar com seus dedos se emaranhando em meus cabelos em um afago bom, eu fui me acalmando até sentir minha respiração se normalizar.

— Obrigada — sussurrei com a boca encostada em seu tórax.

Ele não me respondeu. Talvez por saber que eu não esperava uma resposta, mas o aperto em seu abraço e o beijo demorado no topo da minha cabeça foram o suficiente para entender que ele sabia o quanto eu precisava daquilo.

CAPÍTULO 14

O dia já havia raiado, mas eu continuava com mais sono do que nunca, apenas me revirando entre os lençóis e recebendo nítidas reclamações de Snow, que tentava dormir na mesma cama.

Theo havia me consolado por algum tempo na noite anterior quando chegamos em casa após o *pub* e aquilo me deixou com menos peso no coração. Mesmo não tendo dito muitas coisas, sua presença já me trazia alguma paz e conforto. O simples fato de estar em seus braços me trouxe um alívio que há muito eu não sentia.

Não podia negar que havia me surpreendido em como Theo conseguia ser atencioso. Tudo começara com o pé esquerdo e com minhas tentativas de não encontrá-lo pelo apartamento. Mas, naquele ponto, eu já começava a ansiar para que tivéssemos alguns momentos juntos somente nós dois, como o que tivemos na noite passada. Peguei-me suspirando de repente, pensando em

PERIGOSAS ACHERON

como as pessoas podem se enganar facilmente por conta de um primeiro contato que deu errado. De início eu o achava ridiculamente rude, grosseiro, um perfeito babaca. Mas depois de tudo o que passamos desde a troca de bilhetes, eu o via completamente por outros olhos.

Sorri inconscientemente com o pensamento.

Talvez ele ainda fosse um mal-humorado debochado de vez em quando, porém, agora eu tinha certeza de que ele era muito mais além disso.

Levantei sem pressa, indo diretamente para a cozinha e me surpreendendo ao ver que o apartamento estava desértico. Um recado preso ao ímã da geladeira avisava que Theo fora jogar bola com alguns amigos. Não pude evitar achar graça no fato dele me dar qualquer justificativa, ainda que sem necessidade nenhuma.

Afinal, aonde ele ia ou deixava de ir não era da minha conta. Ainda assim, apreciei sua consideração. Sentia-me, de fato, muito mais próxima dele agora. Como se fôssemos verdadeiros companheiros, o ombro amigo um do outro. Eu apenas tinha certeza de que poderia contar com

Theo, sempre.

Era uma sensação gostosa e um pensamento bom, ao qual eu estava gostando de me agarrar.

Vendo o sol quente brilhar tanto naquele sábado pela janela da sala, achei que seria um bom dia para repor as energias e de repente passear em um parque ali por perto. Na correria da semana, apesar de tentar manter uma boa alimentação, era difícil arranjar tempo para fazer algum exercício e eu prezava por cuidar do meu corpo sempre que possível.

O céu estava impecável, limpidamente azul, assim como o clima morno e propenso a uma boa e proveitosa caminhada. Nanda rapidamente aceitou meu convite quando liguei para ela pouco depois do café da manhã e menos de uma hora depois estávamos em nossas roupas de ginástica, andando pelo parque florido e extenso mais ao sul do centro.

Claro que os primeiros assuntos foram referentes à noite anterior e como ela estava contente por ter quebrado a barreira da timidez com Miguel. O sorriso em seu rosto não cedia por motivo algum.

— Ele é incrível, Lili! Engraçado, extremamente

cuidadoso e educado, sem falar que é lindo demais!

Seus olhos só faltavam brilhar enquanto enumerava os diversos pontos positivos do *crush*, o que só me fazia achar graça de todo o seu encantamento.

— Fico feliz que tenham se dado bem! Agora todos os receios passaram, não é?

— Acho que sim! — Escondeu o rosto nas mãos.
— Acredita que ele confessou que também queria conversar comigo desde aquele dia na academia? Mas ele ficou com medo de eu já ter namorado ou não estar interessada.

— Viu só? Eu te falei que era impossível algum homem não se interessar por você!

Nanda corou, o que me fez rir de sua timidez, que a deixava extremamente fofa.

— Combinamos de ir ao cinema hoje — ela comentou, esperançosa.

— Isso é ótimo! Vão ver qual filme?

— Aquele dos robôs, sabe? Que viram máquinas mortíferas ou algo assim. Ou será que eram tipo zumbis? Ah, não lembro, mas tanto faz. — Sorriu bobamente, e eu fiz uma careta.

— Que escolha mais romântica, hein... — brinquei, recebendo um pequeno empurrão no ombro.

— Ele estava doido pra ver esse filme e até que pelo *trailer* parece legal. Um pouco confuso e estranho... mas legal.

— Bom, gosto não se discute. — Dei de ombros ironicamente e Nanda fez um bico, rindo em concordância logo em seguida.

Quando a fome bateu, decidimos ir para a casa dela preparar algo para almoçarmos enquanto continuávamos a nossa conversa. Durante o caminho até seu apartamento, pude ver o pequeno sorriso que se formou em seu rosto assim que recebeu uma mensagem de Miguel confirmando a saída daquele mesmo dia. Ela estava completamente apaixonada, eu não tinha a menor dúvida disso.

[...]

Voltei para casa depois do almoço, exausta após a caminhada da manhã e doida por um banho. Corri diretamente para o chuveiro assim que cheguei ao apartamento, agradecendo por tirar aquela roupa

PERIGOSAS ACHERON

grudada no corpo. Coloquei o pijaminha que estava dobrado em cima do travesseiro e aproveitei o resto da tarde para um cochilo, acordando poucas horas depois, quando o sol começava a se pôr.

Ouvi alguns sons vindo do corredor e imaginei que Theo havia acabado de chegar. Coloquei um *short* jeans e uma camiseta de alcinha, abrindo a porta e vendo-o encharcado de suor, com o cabelo em uma bagunça perfeita e nos lábios uma garrafa de água sendo bebida de maneira voraz.

— Céus, você tá péssimo! — acusei com um sorriso zombeteiro.

O canto de sua boca se curvou em seguida, enquanto que com o antebraço ele secava o suor da testa. Theo fez menção de me tocar e eu gritei, pulando para trás e aumentando a distância entre nós.

— Você não vai encostar em mim assim de jeito nenhum! — avisei, ouvindo sua gargalhada calorosa invadir meus sentidos.

— Fresca! — respondeu em tom divertido.

— Vai logo tomar banho! Aí podemos ficar no mesmo ambiente.

— Essa é a sua condição?

— Essa é a sua obrigação, na verdade. Uma obrigação com a própria higiene!

Fiz uma careta ao analisar novamente seu estado deplorável.

— Quem sou eu pra discordar, então. — Comprimiu os lábios e ergueu os ombros largos, musculosos e...

Foco, Alice!

Theo girou sobre os calcanhares e foi diretamente para o seu quarto, enquanto eu retornava para o meu próprio. Joguei-me na cama, sem querer deixando minha consciência correr para os braços fortes e definidos de Theo. Balancei a cabeça, tentando espantar aqueles pensamentos. Droga! Por que ele precisava ser tão bonito? Custava ter uma verruga imensa no meio do nariz ou algo assim?

Bufei, me revirando entre as cobertas, e peguei um ratinho de pelúcia que Snow apertava entre as patas, colocando-o um pouco mais acima para que a gata tentasse pegar seu precioso roedor. Sem muito sucesso, claro.

Não demorou muito para que algumas batidas em
PERIGOSAS ACHERON

minha porta me chamassem atenção.

— Pode entrar — avisei.

No segundo seguinte, Theo surgiu em minha visão. Seu sorriso charmoso fez minha boca formigar instantaneamente.

Cadê aquela verruga quando precisamos dela?

— Podemos ficar no mesmo ambiente agora, madame? — Abriu os braços, mostrando que havia acabado de sair do banho.

O cheiro de pós-barba misturado com seu perfume inebriou meus sentidos e um sorriso bobo salpicou meus lábios, mas tentei afastar quaisquer ideias impróprias que começavam a surgir no fundo obscuro de meu cérebro. Era difícil não sentir qualquer tipo de atração por ele, eu sabia bem, não era cega. Theo era lindo de morrer, e o pior é que se eu continuasse babando por ele daquela maneira, talvez eu realmente tivesse um ataque cardíaco qualquer hora dessas.

Porém, ainda que eu tivesse uma enorme dificuldade de tirar meus olhos dele, sabia perfeitamente que uma coisa é sentir atração e outra muito diferente era se deixar levar por ela. E eu não

poderia permitir que aquilo acontecesse nem em um milhão de anos!

— Como foi o jogo? Ai, Snow! — perguntei, voltando a atenção para a gatinha, que espetara uma das unhas em minha mão.

A dica é nunca tirar os olhos de um felino enquanto você brinca com ele. Tipo, nunca mesmo!

— Foi bom. Meu time ganhou, claro — falou, convencido, e eu soltei um riso anasalado.

— *Claro* — repeti em deboche.

— O que posso fazer, se eu sou o melhor atacante? — Deu de ombros, um sorriso prepotente repuxando o canto da boca.

Balancei a cabeça, sem acreditar naquele ego todo.

— E vai fazer mais alguma coisa hoje? — perguntei.

Theo se sentou ao meu lado, acariciando a coluna de Snow, que se jogou na cama, manhosa, pedindo afago na barriga.

— Nada programado. E você?

— Nada também. Mas fiquei sabendo que a

Nanda e o Miguel vão ao cinema.

— Tô sabendo, ele não parava de falar disso no jogo. Já estava pensando em enterrá-lo no campo de cabeça pra baixo. — Revirou os olhos, tirando de mim uma risada sincera. — Você quer ir? — ele perguntou de repente, com o foco ainda na felina.

— Aonde?

— Ao cinema ué. — Virei para fitá-lo e logo seus olhos negros se voltaram para mim, com um brilho divertido nas íris escuras. — Podíamos ficar observando aqueles dois de longe.

— Tipo espiar os nossos amigos? — Arqueei uma sobrancelha e ele ergueu um ombro. — É, isso parece tentador — admiti, e Theo me ofereceu um sorriso travesso.

— Então acho melhor você trocar de roupa, ou vai morrer congelada durante o filme. — Rolou os olhos penetrantes por todo o meu corpo e por um segundo me senti totalmente exposta, como se Theo fosse capaz de ver por dentro de minhas roupas, pele e alma.

Senti o rosto esquentar, algo estranho fazia minha língua pinicar e as mãos suarem. Não entendi muito

bem porque meu corpo todo estremeceu, talvez pela intensidade com a qual ele me encarava por inteiro e o fato de saber que ele estava me analisando dos pés à cabeça. Eu nunca fui muito boa em ser o centro das atenções, afinal.

Aquilo era constrangedor o suficiente para me deixar sem palavras, como se um bolo tivesse se formado em minha garganta.

— Saímos em uma hora — ele disse, tocando na cabeça de Snow com o dedo indicador e se levantando para sair do meu quarto.

A porta foi fechada assim que ele a ultrapassou, mas seu cheiro continuou impregnado no ar. Demorei alguns minutos ainda, esparramada na cama e confusa, antes de finalmente me levantar e buscar alguma roupa mais quente no armário.

[...]

— Se eles nos virem, ela vai me matar! — cochichei quando sentamos duas fileiras atrás de nossos amigos.

Eles pareciam estar muito entretidos entre si e provavelmente sequer percebiam a presença de outros seres humanos naquela sala de cinema, mas,

PERIGOSAS ACHERON

ainda assim, eu sentia nas veias a adrenalina daquela missão. O medo de ser pega por Nanda ao acompanhar seu primeiro encontro a sós com Miguel fazia tremer todas as minhas células. O problema é que minha querida amiga pode ser um amor de pessoa, até pegar você fazendo algo errado. É nesse exato momento que ela se transforma na pior versão de qualquer mãe do planeta, e aí está o perigo.

— Relaxa, eles não vão ver a gente, relaxa. Vamos aproveitar o filme, eu tava querendo assistir mesmo.

Balancei a cabeça ao ver Theo concentrado na tela enquanto as luzes se apagavam e a telona anunciava o início da sessão. Bom, já que estávamos ali, o jeito era aproveitar. Apenas me deixei levar pela história sem pé nem cabeça. E entre guerras interestelares, robôs assassinos e humanos mortos-vivos, eu me vi realmente interessada em ver onde tudo aquilo iria dar, até que senti um cotovelo batendo levemente em meu braço e ao me virar para Theo, ele apenas apontou com o queixo o casal que, em vez de assistir ao

filme, estava aos beijos em plena sala de cinema.

— Ai, meu Deus! Não acredito, que rápidos! — falei, levando as mãos à boca.

— Acho que eles não precisam mais da gente pra nada — comentou, irônico, e eu concordei.

Realmente não precisariam mais de qualquer empurrãozinho.

O filme, claro, acabou sem sentido algum. E vendo que eu estava frustrada com a história, meu companheiro de apartamento sugeriu que fôssemos lanchar em algum lugar antes de ir pra casa. Acabamos indo para uma lanchonete que tinha ali por perto e rapidamente pegamos uma mesa para recomeçar a discussão sobre o maldito filme.

— Mas não faz o menor sentido! Por que ele mataria um zumbi, se o zumbi não pode mordê-lo? Porque ele é feito de ferro, aço ou sei lá o quê!

— Você não entendeu, Alice! Ele queria exterminar os zumbis para que a raça humana pudesse se reerguer sem se preocupar com aquela praga.

— Só que já não existia nenhuma humanidade pra se reerguer! — Levantei os braços exasperada, PERIGOSAS ACHERON

tomando um gole do meu suco e vendo Theo rir das minhas reclamações.

Ainda que irritada pelo desfecho maluco, fazia muito tempo que eu não me divertia daquele jeito tão natural. Perdi a noção do tempo enquanto conversávamos. Nem mesmo percebi quando finalizamos os hambúrgueres e já pedíamos a conta.

— Vou só lavar as mãos e já volto — avisei antes de levantar e me encaminhar até o fundo da lanchonete.

Deixei a água corrente limpar meus dedos, enquanto fitava meu reflexo no espelho à minha frente, não podendo deixar de perceber a feição leve que estampava meu rosto. Eu me sentia, de certa forma, feliz, mesmo em meio a tanto caos que rodeava minha vida. E o motivo para esse sorriso sutil que brincava de surgir em meus lábios tinha um nome, sobrenome e endereço.

Pensar naquilo era meio estranho. Principalmente porque, no início, eu jamais imaginaria ser capaz de me sentir tão próxima de Theo.

Eu facilmente poderia dizer que havíamos

atingido um outro patamar em nossa relação naquele final de semana e isso apaziguava muitas coisas em meu coração. Éramos amigos, sem dúvida alguma. E eu gostava de como isso me soava aos ouvidos. Conversávamos como tal, agíamos como tal e eu, pelo menos, me sentia como tal. Era bom saber que eu o tinha ao meu lado, fosse para chorar ou para me divertir. Sentia-me acolhida e sortuda, com o coração cheio. Era um sentimento engraçado, principalmente porque nos conhecêramos há apenas algumas semanas, da maneira mais bizarra do mundo. Mas eu estava gostando de como as coisas estavam, de como era simples e leve.

Suspirei fundo, secando as mãos no papel-toalha e saindo do banheiro à sua procura. E quem diria que eu o encontraria há poucos metros, conversando com uma garota que não devia beirar nem mesmo os vinte anos, mas que lhe sorria com tanta malícia que me senti até mesmo envergonhada de encará-los.

Vi Theo pegando das mãos da garota bonita um papel, que provavelmente continha seu telefone, e

dizer algo que a fez piscar e sair. Eu me mantive parada, um pouco sem graça por presenciar uma cena que não me cabia. Era como se eu fosse uma mera intrusa observando-o no meio de um flerte bem à minha frente, enquanto eu analisava minuciosamente a tal garota que agora se afastava.

Senti meu rosto esquentar ao perceber o que fazia e me repreendi mentalmente no mesmo instante. Eu não tinha nada a ver com sua vida pessoal e muito menos amorosa, então apenas tirei meu celular do bolso, fingindo que via alguma coisa de interessante.

— Ei, tudo bem? — Sua voz tão próxima fez uma queimação subir a minha garganta.

Sim, estava tudo bem. Por que não estaria?

— Vamos? — Elevei o olhar, vendo que Theo me fitava, curioso. — Só bateu sono, não é nada — menti, sem saber ao certo o que dizer.

Ele continuou a me olhar por alguns segundos. Sua cara de estranheza me fez questionar intimamente se tinha algo esquisito em meu rosto.

— Certo. Então vamos — ele finalmente pronunciou e caminhamos até o estacionamento ao

ar livre.

Theo pagou pelas horas que ficamos e colocou o recibo no bolso, no mesmo lugar onde o vira guardar o papel com o provável telefone da garota da lanchonete. Peguei-me imaginando o que será que eles conversaram, mas não tinha coragem de perguntar. Não era da minha conta, nem um pouco.

— Tô morto também, só quero a minha cama — comentou após um bocejo.

— Nem me fale, acho que estou com sono acumulado da última semana ainda — brinquei, e vi Theo me olhar de soslaio, repuxando os lábios minimamente.

— Sono acumulado? Uma das coisas que você mais faz é dormir, Alice! — provocou, me fazendo sorrir amarelo.

E assim, apenas com algumas palavras trocadas, o clima bom estava de volta e logo já discutíamos novamente sobre o filme terrível por todo o caminho.

— Não, não dá pra aceitar isso. Foi muita viagem! — falei um pouco eufórica enquanto abríamos a porta do apartamento.

— Mas é ficção científica, não tem que necessariamente fazer total sentido — defendeu, e meus olhos foram diretamente para o gesto de sua mão, que retirava do bolso o papel branco com o logo da lanchonete e o recibo do estacionamento.

Os dois, para a minha surpresa, foram diretamente para o lixo, juntos. Ele sequer hesitou e eu não pude deixar de estranhar aquilo. Comecei a pensar sobre o que faria um homem descartar uma garota extremamente bonita e claramente interessada sem nem pensar duas vezes.

Será que existe alguém na vida dele?, questionei mentalmente.

— Por que está me olhando desse jeito?

Ergui o olhar e vi o cenho franzido de Theo em minha direção.

— Nada não. — Sorri sem graça, sentindo constrangimento por não ter sido mais discreta. — Já tá na minha hora de dormir, mas foi divertido. Valeu pela saída, Theo! Boa noite — desejei ao passar por ele, mas uma mão em meu ombro me impediu de continuar o caminho até meu quarto.

Meu rosto se virou e nossos olhos se

PERIGOSAS ACHERON

encontraram. Os dele estavam mais negros que o comum, tão penetrantes que eu pensei que pudesse me perder naquela imensidão.

— Foi divertido mesmo, devíamos fazer isso mais vezes — ele finalmente falou e percebi uma intensidade estranha em sua voz, sentindo seu polegar fazer um leve carinho em minha pele, onde sua mão pousava. — Boa noite, Alice.

Engoli seco, um pouco desnorteada, e apenas assenti, deixando meus pés me levarem no modo automático até meu quarto. Meu ombro formigando de um jeito esquisito. Joguei o corpo na cama, tentando entender o motivo do meu coração estar batendo mais rápido do que o normal. Eu queria dormir, mas o sono não vinha. Minha cabeça insistia em trazer imagens de Theo à tona, ainda que eu tentasse ignorar da melhor maneira possível.

Snow já se mostrava irritada pelas vezes em que eu me revirava na cama em busca de uma posição melhor. Acaricieei suas orelhas como um pedido de desculpas e acendi o abajur, desistindo de dormir. Daquele jeito eu passaria a madrugada toda em claro pensando no que não deveria. Suspirei fundo,

sentindo-me derrotada e desistindo de vez de uma boa noite de sono. Deixei meus olhos se acostumarem com a luz amarela da lâmpada ao lado e peguei o livro da cabeceira, colocando na página em que tinha parado da outra vez.

E assim, de repente, antes mesmo de começar a leitura, eu ouvi um zumbido de algo entrando pela janela aberta e alcançando o outro lado do quarto.

O que eu fiz em seguida era óbvio. Eu gritei.

Gritei a plenos pulmões, com toda a minha força, como se minha vida estivesse em risco, porque, para mim, estava.

Cobri todo o meu corpo com o cobertor e implorei aos céus para que não fosse o que eu estava pensando. Porém, tudo indicava que era, sim, o meu pior pesadelo desde criança. Claro que, com meu escândalo, não demorou nem mesmo quinze segundos para que minha porta fosse aberta com brusquidão.

— O que houve? Alice? — Theo perguntou afobado, e senti as luzes do quarto se acenderem.

— Theo! — gemi seu nome, descobrindo somente uma parte da cabeça para finalmente vê-lo.

— Acho que entrou uma bara...

Perdi a voz e a frase pairou no ar. Pelo simples e único fato de que meu companheiro de apartamento estava *somente* com uma boxer azul escura.

Cacete, aquilo só podia ser alguma brincadeira comigo!

— Uma barata? — ele perguntou com o cenho franzido, imaginando o final da minha frase. — Onde?

Minha garganta estava seca e o céu da boca pinicava terrivelmente. A mente nublava e eu já havia até mesmo esquecido meu pavor por insetos e provavelmente meu nome. Eu não conseguia simplesmente tirar os olhos de seu corpo exposto daquela forma. Os gominhos perfeitamente alinhados, o peito maravilhosamente esculpido, os braços fortes, os ombros largos, as coxas torneadas e... o curioso volume coberto pelo tecido.

Ai, meu Deus! Eu estava mesmo comendo o Theo com os olhos daquela forma tão descarada?

Balancei a cabeça em negativa, tentando mudar o rumo dos meus pensamentos. Precisava urgentemente ignorar a súbita vontade de puxá-lo

para a cama e acabar a noite ali mesmo, enroscada nele entre os lençóis.

Mas que droga! Seria impossível esquecer aquela cena agora. Meu corpo parecia ser capaz de começar um incêndio a qualquer momento.

— Alice, por que você tá me olhando assim? — Ele abaixou o rosto, entendendo exatamente porque eu o encarava daquela forma. — Ai, merda! — praguejou, virando-se. — Foi mal, espera aí.

Não, foi mal nada. Foi ótimo!

Espera, o que diabos eu tô pensando? Inferno!

Theo, claro, simplesmente correu para seu quarto e logo retornou com uma blusa qualquer e um tipo de samba-canção.

— Você viu pra onde ela foi?

Cacete! Eu já tinha até esquecido do monstro abominável perdido em algum lugar do meu quarto!

Neguei com a cabeça, ainda mortificada pela cena de alguns segundos atrás que não saía de minha cabeça, provavelmente cravada em uma parte do meu crânio por toda a eternidade.

— Acho que ela foi para o banheiro. Aqui, mata
PERIGOSAS ACHERON

com isso — respondi apontando para a vassoura recostada na parede.

Theo me fitou com incredulidade e bufou em seguida.

— Não acredito que essa coisa tá aqui, Alice! Isso ainda é medo de mim?

Havia amargura em sua voz, referindo-se ao fato de eu manter a vassoura comigo.

— Medo que seu ego enorme ultrapasse as paredes do seu quarto e invada o meu, só se for — brinquei, tentando descontrair e mostrar que sua preocupação não tinha nada a ver.

Ele, de repente, me ofereceu o seu sorriso mais bonito, de orelha a orelha, completamente aberto e mostrando os dentes brancos alinhados. Lindo demais para eu manter a cabeça no lugar.

Suspirei inconscientemente, me perdendo na órbita de sua feição quase infantil.

— Bom, não dá pra matar baratas com o ego, então vou usar a vassoura mesmo — ele falou, divertido, pegando-a com uma mão e dando passos lentos até o banheiro.

— Cuidado! — eu disse, realmente receosa. —
PERIGOSAS ACHERON

Não deixa ela te tocar, esse inseto é imundo, nojento, asqueroso!

Theo riu, mas eu apenas estava falando a verdade.

— Elas não fazem nada, deixa de frescura.

— Olha só, não tem ninguém fresco aqui não, tá?

— Bufei. — Mas eu só vou conseguir ficar tranquila quando tiver certeza de que ela tá morta. Preciso ver o corpo!

— Ver o corpo? — Sua sobrancelha se arqueou, o canto da boca tremendo enquanto segurava uma risada.

— É, o cadáver, o defunto, os restos! Preciso ver pra ter certeza de que não tá escondida em algum canto e pronta pra dar o bote na primeira oportunidade.

Theo me olhou por um segundo antes de gargalhar tão alto que pensei ser capaz de acordar nossos vizinhos.

— Você é inacreditável, Alice!

Sua cabeça balançava de um lado para o outro e eu comecei a me sentir ansiosa. Aquela barata podia aparecer voando a qualquer momento

PERIGOSAS ACHERON

enquanto ele se divertia às minhas custas.

— Theo, pelo amor de Jesus, Buda e Alá, apenas mata esse ser dos infernos em vez de me julgar! — praguejei.

— Você é muito medrosa, ela não vai te fazer nenhum mal — falou, acendendo a luz do banheiro.

De repente o vi pousar a vassoura na parede, sem mais nem menos.

— Ei, por que parou? Por favor, não diga que ela sumiu! — pedi, em pânico.

— Na verdade, pelo visto a Snow foi mais rápida que eu.

Estiquei o pescoço e acompanhei seu olhar para a gata, que brincava com a barata já morta e me lembrando do porquê de eu gostar tanto assim de felinos. Suspirei em alívio, sentindo toda a tensão de meu corpo se dissipar.

Ele pegou um pedaço de papel e enrolou o pequeno demônio, antes de jogá-lo na privada e dar descarga. Em seguida, foi até a janela do quarto e fechou-a por completo antes de se aproximar de mim novamente.

— Pronto, madame. Agora você pode voltar a
PERIGOSAS ACHERON

dormir.

— Ahn... valeu mesmo, Theo! — agradei, sincera, e ele assentiu, mostrando-me novamente aquele ridículo sorriso charmoso.

— Não me dê outro susto desses, ok? — pediu antes de alcançar a porta.

— Não garanto nada — respondi com um sorriso amarelo, e ele soltou uma breve risada divertida antes sair e me deixar sozinha novamente.

Mas uma parcela de seu cheiro continuava no ar e minha mente logo trazia *flashes* daquele corpo perfeito e desprovido de roupas. Cobri novamente minha cabeça com o cobertor e admiti que o fato daquela barata ter entrado no quarto não havia sido de todo mal, afinal.

CAPÍTULO 15

No domingo, Theo e eu acabamos nos desencontrando e nem chegamos a nos ver. Recebi uma ligação de Nanda assim que acordei e ela me pediu para que passássemos o dia juntas, assim ela poderia me contar sobre seu encontro com Miguel no sábado. Mal sabia ela que grande parte eu já sabia. Inclusive, havia assistido de camarote e tudo o mais. Saí de casa antes mesmo dele acordar e ouvi cada detalhe que Nanda tinha para me contar, desde o beijo que deram no cinema até o jantar que se seguiu depois.

Ela estava perdidamente apaixonada e aquilo me fazia feliz, pois ninguém merecia tanto o amor quanto minha amiga. Passamos o dia entre conversas, filmes e besteiras, desejando que segunda-feira nunca chegasse para que não precisássemos retornar ao trabalho. Mas, quando percebi que já estava ficando tarde e que o domingo acabaria em poucas horas, nos despedimos e

PERIGOSAS ACHERON

retornei para minha própria casa.

Desejei encontrar Theo, quem sabe no sofá com Snow ou apenas lendo o jornal, mas o apartamento estava completamente vazio e sem nem sinal de sua presença. Um muxoxo ficou preso em minha garganta e apenas me encaminhei até meu quarto, terminando meu livro e caindo no sono em seguida.

Como nada é perfeito na vida, segunda-feira chegou. E assim como ela, todos os dias seguintes daquela semana. A loucura do hospital nunca mudava, os turnos eram sempre bastante intensos, mas eu já estava mais do que acostumada àquele ritmo frenético. Fazia parte de mim, de quem eu era. Porém, eu não podia negar que estava gostando bastante de chegar em casa e encontrar Theo, dividir uma refeição e contar sobre o dia. Era como se nossa rotina já incluísse um ao outro e eu nem mesmo havia percebido o quanto aquele novo costume poderia se tornar perigoso.

Na sexta-feira, agradei por Nanda não sugerir sair nem nada do tipo. Aparentemente ela já tinha planos com Miguel e eu poderia descansar em casa e ver um bom filme. Aquele me parecia o plano

ideal, sem dúvida alguma. Ao chegar ao apartamento, corri para a cozinha, constatando que ainda tinha um saco de pipoca sobrando no armário aéreo em cima da pia. Coloquei-o no micro-ondas enquanto tirava a roupa do hospital, tomava uma ducha e me vestia com algo mais confortável.

Já com o balde em mãos e o cheiro quentinho da alegria me inundando as narinas, me ajeitei no sofá da sala e escolhi um filme de suspense que estava com uma boa crítica. Estranhei um pouco o fato de Theo ainda não ter chegado, mas, afinal, era sexta à noite e talvez ele já tivesse outros planos. Tentei não ligar muito para isso. Éramos amigos, mas isso não significava que eu deveria me meter na sua vida pessoal. Ajeitei-me melhor para ficar mais confortável e iniciei o filme; ele seria uma boa distração para que eu não pensasse no que Theo estaria fazendo naquele momento.

E assim como eu havia imaginado, em pouco tempo minha atenção já estava toda na história que passava na tela plana a minha frente. Ainda não havia nem mesmo chegado o clímax e eu já estava devorando a pipoca em nervosismo e ansiedade.

Não sei ao certo quanto tempo tinha se passado, mas foi quando o delegado pretendia abrir a porta da velha casa de madeira para descobrir se o assassino estava lá ou não, que a porta do meu próprio apartamento se abriu com certa força.

Claro que, como qualquer ser humano de coração fraco como eu, pulei no sofá em um susto aterrorizante, conseguindo derrubar os milhos — que não haviam estourado e jaziam no fundo do balde — por todo o chão.

— Ai, droga! — praguejei baixinho.

Já nem prestava mais atenção na televisão, pois naquele momento só conseguia olhar a sujeira que havia feito. Theo não disse nada, apenas revezou seus olhos negros entre mim e a TV, aproximando-se e rapidamente se acomodando ao meu lado. Suas mãos, de repente, puxaram meus pés para cima e os colocaram em seu colo.

— Você limpa depois. Essa é a melhor parte! — avisou com a atenção cravada no filme, onde uma luta entre o vilão e o mocinho era travada com facas e armas de fogo.

Mas claro que minha atenção já não era mais a

mesma, enquanto meus olhos tentavam não encarar tão descaradamente as mãos masculinas apoiadas em meus tornozelos, sentindo suas pontas dos dedos passearem quase como uma carícia involuntária sobre minha pele.

Todas as células do meu corpo estavam em choque. Os membros não respondiam aos meus comandos e cada centímetro de pele tocada por ele tornava-se dormente.

Theo sequer mexia outra parte do corpo além dos dedos, quase não piscava. Estava completamente vidrado na cena da briga. Tentei ignorar o calor da sua pele na minha e focar no maldito filme, ainda que fosse praticamente impossível.

Quando os créditos começaram a subir, retirei minhas pernas de seu colo com um pouco de pressa, levemente constrangida pela posição confortável e estranha em que nos encontrávamos. Apesar de termos construído uma boa relação recentemente, aquilo me parecia... íntimo demais. Íntimo como a noite em que ele segurou minha mão ou quando me abraçou e beijou o topo da minha cabeça. Tudo aquilo, de alguma forma, estava

mexendo comigo e eu não acreditava que isso pudesse ser algo bom. Não poderia ser, certo?

O silêncio me incomodou um pouco, talvez por estar começando a sentir meu rosto se aquecer. A tela se tornava preta e nada era dito, Theo continuava sentado e imóvel, as íris negras voltadas para a frente, seu maxilar levemente rígido. O clima estava estranho e senti necessidade de quebrá-lo.

— Você chegou mais tarde hoje — comentei, tentando puxar algum assunto.

— Meu chefe me chamou pra conversar depois do expediente — explicou, parecendo relaxar enquanto recostava a cabeça no encosto do sofá.

Snow logo se aproximou e deitou-se no colo masculino, esfregando a cabeça em seu tórax num claro pedido de carinho. Os dedos longos começaram a acariciar as orelhas da felina conforme seus olhos se fechavam de forma sonolenta.

E ali, observando aquela cena, senti inveja da pequena gata por um segundo ou dois.

— E tá tudo bem? — perguntei em uma mistura

de curiosidade e preocupação.

— Tá sim. Ele só me convidou pra um jantar amanhã.

Isso, falar de trabalho faria com que eu não pensasse em outras coisas nada a ver! Como, por exemplo, aqueles dedos longos em minhas orelhas, descendo pelo meu pescoço, queixo e... droga!

— Que incrível! Provavelmente ele tá gostando bastante do seu trabalho — comentei animada, ignorando os outros pensamentos que anuviavam minha mente.

Sabia que Theo tinha sido transferido exatamente pelo seu ótimo desempenho na sede de sua cidade natal e que as expectativas sobre ele eram enormes. Aquele jantar provavelmente significava que ele andava mostrando seu valor e competência, surpreendendo seus superiores. Era uma conquista e tanto, com certeza. E ele merecia mais do que ninguém.

— Acho que sim — respondeu entre um bocejo.

— E aonde vão?

— Ao Aquarius, conhece?

— Uau! Claro que sim! — exclamei,
PERIGOSAS ACHERON

impressionada.

O Aquarius era um dos restaurantes mais caros da região, de um *chef* mundialmente conhecido por suas massas italianas. Senti minha boca salivar com o pensamento.

— É, ele definitivamente tá gostando muito do seu trabalho. — Ri baixinho. — Ou de você, pra te levar a um restaurante desse nível. — Mexi as sobrancelhas sugestivamente, enquanto tentava segurar uma risada.

Era muito comum ver nas revistas a enorme quantidade de famosos que pediam suas noivas em casamento naquele mesmo restaurante, o que acabou dando um ar de romantismo ao estabelecimento.

— Quer dizer que você me acha tão irresistível assim a ponto de nem mesmo meu chefe conseguir evitar um interesse?

Um sorriso malicioso moldou seu rosto, me fazendo engasgar com a própria saliva. Não podia acreditar na sua capacidade de virar o jogo assim, num estalar de dedos.

— Olha, um dia você ainda vai explodir de tanto

PERIGOSAS ACHERON

ego acumulado, sabia? — retruquei ao me recompor.

Theo se limitou a rir e eu apenas o acompanhei mexendo a cabeça, não conseguindo esconder o sorriso bobo em meus próprios lábios. Estranhamente, a risada dele me contagiava quase que de forma instantânea.

— Você quer ir? — perguntou, e eu enruguei a testa.

— Ao jantar? — Ele assentiu. — Mas não é uma reunião de negócios?

— Mais ou menos. Ele disse que eu poderia levar uma acompanhante. Aparentemente, ele levará a esposa. — Deu de ombros. — Levar você seria melhor do que ir sozinho, provavelmente. Bom, pelo menos eu acho, mas não tenho total certeza, já que você também é capaz de dar um belo prejuízo em quesito de comida. — Sorriu de canto e eu cerrei meus olhos em sua direção.

— Isso é um ultraje! Você não pode me julgar por isso — retruquei, mas Theo apenas me ofereceu novamente o seu sorriso charmoso e travesso.

— E aí, o que diz? — ele perguntou.

— Digo pra você preparar sua carteira, porque vou pedir até sobremesa. — Entortei a boca, divertida.

— Eu não sei como uma pessoa tão pequena é capaz de comer tanto — brincou, balançando a cabeça em negativa.

— Só sou baixinha comparada a você, oras. — Não era minha culpa se Theo era uns vinte centímetros mais alto que eu. — E eu não como tanto assim, só de vez em quando. — Sorri amarelo e ele soltou uma breve risada.

— Bom, contanto que tenha assuntos pra conversar com a esposa do meu chefe, pode pedir quantas sobremesas quiser — comentou antes de se levantar e olhar para o chão cheio de milhos espalhados. — Vamos arrumar essa bagunça? — sugeriu, enquanto pegava o balde de pipoca e começava a catar o que encontrava.

— Ah, claro! — falei afoita e ri sem jeito, abaixando-me ao lado dele para ajudar.

Afinal, a sujeira era minha.

E sem perceber, enquanto pegávamos os últimos resquícios de comida pelo chão, nossos rostos se

aproximaram mais do que deveriam e senti meus pulmões falharem quando vi seus olhos tão perto, seu nariz quase tocando o meu, seus lábios comprimidos em uma linha fina. Sua respiração pesada batia levemente em minhas bochechas e percebi seu maxilar trincar de repente. Paralisei no mesmo instante, sem conseguir me mexer para aumentar a distância entre nós. Por algum motivo desconhecido, eu não queria afastá-lo.

Seu olhar sobre mim era intenso e naquele instante eu desejei saber o que Theo estava pensando. A forma com a qual ele me encarava era um mistério e me perguntei mentalmente se eu também estaria com aquela mesma feição intrigante. Meu coração começava a acelerar, meu sangue parecia lava em minhas veias e as palmas de minhas mãos suavam sem parar.

Alguém havia ligado o aquecedor ou algo assim?

Fechei os olhos com força quando o vi se mexer, sem saber ao certo o que estava esperando, mas uma onda de insatisfação percorreu todo o meu corpo ao sentir o calor do seu se afastar. Abri as pálpebras e o vi caminhando para a cozinha com o

balde de pipoca nas mãos, os nós dos dedos esbranquiçados pela força que ele fazia para segurar o recipiente.

Fitei o chão por um segundo, tentando entender o que havia acabado de acontecer e me questionando se o ar carregado sobre nossas cabeças havia sido apenas coisa da minha cabeça.

Levantei um pouco desnorteada e um bocejo involuntário escapou de minha boca. Levei as mãos às pálpebras, que começavam a denunciar o sono, mas comecei a sentir uma leve ardência no globo ocular direito, provavelmente pelo descuido de passar a mão cheia de sal da pipoca no mesmo.

Uma completa idiota por fazer algo tão estúpido! Quem é que coloca a mão com sal no olho? Pelo amor de Deus...

— Ai, ai, ai — comecei a reclamar, fazendo careta, enquanto a ardência aumentava.

— O que foi? — Theo perguntou ao se aproximar com certa pressa.

— Droga, acho que entrou sal no meu olho. Tá doendo demais! — falei um pouco angustiada, sem conseguir abrir a pálpebra, sentindo meu rosto se

contorcer por inteiro.

— Espera, deixa eu ver.

Senti sua mão grande tocar meu rosto, puxando levemente a pele fina para baixo a fim de enxergar melhor a provável vermelhidão que estava no local.

Se aquele incômodo não fosse tão grande, eu talvez até mesmo pudesse apreciar seu toque quente e cuidadoso ou perceber sua respiração tocando meu rosto tão perto mais uma vez. Mas a agonia daquela ardência era demais para que eu ficasse ali sem fazer nada.

— Preciso colocar o colírio — falei baixo, virando-me subitamente para ir em busca das gotas que eu tinha na minha bolsa.

Eu só não havia percebido que Theo estava tão perto assim a ponto de nossas bocas se esbarrarem brevemente.

Foi tão rápido que cogitei ter sido somente impressão, alguma brincadeira de minha mente perversa, talvez. Mas a feição carregada de Theo denunciava que aquilo realmente havia acontecido. Nossos lábios haviam se tocado, mesmo que apenas um pequeno roçar que durou menos de um mísero

segundo. Senti todo o sangue do meu corpo ir para o rosto e não pensei muito antes de falar:

— E-ei, por que você não se desviou?

Meu tom saiu quase como uma reclamação, ainda que não fosse, enquanto a ardência em minha íris apenas aumentava.

— Tsc — Estalou a língua e se afastou. — Como se a culpa fosse minha. Você que se virou do nada! — Fez uma careta, mas pensei ver seu rosto ficar levemente vermelho também.

— Eu... ah, tanto faz, foi sem querer, tá legal? Só deixa pra lá, preciso achar meu colírio.

Corri até minha bolsa que estava no balcão da cozinha e pinguei as gotas no globo ocular, sentindo um enorme alívio ao perceber o incômodo passando aos poucos.

— Melhor? — ele perguntou.

— Bem melhor, com certeza. — Soltei o ar pelo nariz com um pequeno sorriso de satisfação.

— Precisa de ajuda?

— Não, já tá passando, pode deixar — respondi piscando mais do que o normal pela vista embaçada.

Ouvi Theo arranhar a garganta após pegar o balde de pipoca na mesa da sala e depositá-lo na pia. Porém, ele apenas caminhou até o início do corredor como se nada constrangedor tivesse acontecido há poucos minutos atrás e só me restou ignorar também o quase beijo esquisito.

— Bom, melhor eu ir dormir — falou.

— Já tá ficando tarde mesmo — comentei, mordendo o canto da boca.

Sentia-me de certa forma sem jeito e o rosto voltava a esquentar ao me lembrar da maciez de seus lábios ao tocar os meus.

Céus, o que estava acontecendo?

— O olho melhorou de verdade? — perguntou, e eu assenti brevemente. — Certo... então, boa noite, Alice. Tente não ter pesadelos e gritar durante a noite. Já me bastou o susto da outra vez — zombou, e eu inflei as bochechas.

— Não vou ter pesadelos! — afirmei, convicta, e ouvi uma risada baixa. — Não sou tão medrosa assim! Só não sou... hummm... muito fã de baratas ou insetos voadores.

— Se você diz, quem sou eu pra contrariar —
PERIGOSAS ACHERON

respondeu, irônico, antes de se afastar e caminhar pelo corredor até adentrar o próprio quarto.

Suspirei fundo e me recostei na parede por um breve momento. Aquele acidente há alguns minutos... por que eu havia ficado tão nervosa assim? Foi algo tão sem querer que eu deveria apenas ignorar e esquecer, como Theo pareceu ter feito. Mas, inconscientemente, comecei a imaginar qual seria o gosto de sua boca.

CAPÍTULO 16

Era sábado de manhã e, por sorte, eu não estava escalada para aquele dia.

Não tinha roupa para ir a um restaurante tão chique assim, ainda mais com Theo e seu chefe. Todos os meus melhores vestidos estavam em cima da cama, mas nenhum parecia apropriado e eu claramente não tinha pretensão de gastar uma grana com uma roupa nova naquele momento.

Nessa hora eu fiz exatamente o que toda mulher faz em momentos de urgência feminina: liguei para a melhor amiga.

— Nanda, pelo amor de Deus, me socorre! — disparei, inquieta, assim que a mesma atendeu a ligação.

— Lili, o que houve? Onde você tá? Você tá bem?

— Calma, tá tudo bem, não precisa surtar. — Ri imaginando que ela estava em pé, descabelada e

desesperada, imaginando que eu havia sido sequestrada ou abduzida.

— Desgraçada! — ela ralhou, realmente raivosa.
— Não me assusta assim, caramba. Achei que você tinha sido sequestrada ou abduzida!

Não falei?

— Tá bom, tá bom. Desculpa, Nandinha do meu coração.

— Mas, hein, fala logo, o que quer? Qual o motivo pra me ligar cedo assim?

— Vai rolar um jantar com o chefe do Theo hoje e eu vou também, mas é num lugar chique e eu não tenho roupa!

— Humm, entendo... — murmurou pensativa. — Realmente é algo urgente, eu jamais te deixaria ir mal vestida a um restaurante sofisticado. Vem logo aqui pra casa que eu acho que tenho algo perfeito pra você.

— Mesmo? — Meus olhos só faltavam brilhar.

— Claro, você sabe que eu não brinco com isso! Não demora, tô te esperando — avisou antes de desligar sem nem mesmo se despedir.

Pobre Miguel quando descobrir que Nanda não
PERIGOSAS ACHERON

tem um humor tão bom assim quando é acordada cedo nos finais de semana!

Devolvi todos os vestidos para o armário e me preparei para sair. Se minha melhor amiga dizia ter algo perfeito à minha espera, então eu só poderia imaginar algo de realmente muito bom gosto.

[...]

Como eu imaginei, Nanda jamais mentiria para mim. Ela tinha mesmo o vestido ideal para aquele jantar.

— Ah, você está tão linda, Lili! — ela falou com a voz doce, bem diferente de quando me atendera pelo telefone mais cedo. — Essa cor fica incrível em você!

Passei as mãos pelo tecido vinho e macio enquanto me admirava no espelho. Ele era justo na parte de cima e deixava meus seios bonitos por causa do decote em formato de coração. Na parte de baixo, ele abria levemente até um pouco acima dos meus joelhos, marcando bem minha cintura e sem apertar muito o quadril. Era leve, bonito e arrumado.

Perfeito para a ocasião, sem dúvida alguma.
PERIGOSAS ACHERON

— Ainda nem acredito que você vai ao Aquarius. Está ansiosa? — perguntou, animada. Nanda havia simplesmente surtado quando eu lhe contara onde seria o tal jantar.

— Sim, bastante, na verdade — admiti, apertando as mãos. — As resenhas de lá são incríveis, nem acreditei quando Theo me chamou.

— Foi muito atencioso dele te convidar, amiga.

— Fiquei feliz com o convite também, foi bastante inesperado.

— Vocês estão realmente se dando muito bem, né? Quem iria imaginar que depois daquilo tudo vocês se tornariam amigos?

— As coisas estão muito boas mesmo, não posso reclamar. Theo é organizado e dividimos bem as tarefas e contas. Sem contar que a diarista cuida da parte mais pesada da limpeza e isso já adianta muito do nosso tempo. Tá me quebrando um super galho essa ajuda extra! Apesar de tudo, às vezes acho que o Theo caiu do céu, sabe?

— Realmente, Lili, Theo é um homem que não se encontra em qualquer esquina. Não faz bagunça, cozinha, é uma boa companhia e sabe se divertir

quando quer. Sem contar que ele é bem bonito, ainda que eu prefira o Miguel. — Piscou, travessa, e eu entortei a boca.

— É, acho que sim. — Dei de ombros.

— Acha? Lili, não minta pra mim como se eu não te conhecesse! — Cruzou os braços na altura do peito.

— Ai, tá bom! Ele realmente é muito bonito, tá legal? Bonito demais até, é meio difícil não ficar encarando aquelas costas largas pelo apartamento. — Suspirei inconscientemente com a lembrança.

— Humm, então admite que tá rolando um interesse da sua parte? — perguntou, sugestiva, com um olhar expressivo em minha direção.

Meu rosto esquentou e eu soube de imediato que estava vermelha. Era tão óbvio assim?

— E-eu n-não... bom, eu...

— Olha, começou até a gaguejar! Acho que já tenho minha resposta — brincou, cutucando minha costela com o cotovelo.

Suspirei fundo, me sentando com cuidado na ponta da cama para não amassar o vestido.

— É impossível não ter algum interesse pelo

PERIGOSAS ACHERON

Theo. Claro que me sinto atraída por ele! Como não me sentiria? — comecei, e senti os olhos curiosos de Nanda em mim. — Eu não sou cega nem nada, ele é lindo dos pés à cabeça! Além disso, nessas últimas semanas temos passado bastante tempo juntos e ele não é mais aquele ser mal-humorado de cara fechada.

— Realmente, quando vejo vocês juntos, ele parece sempre estar relaxado, à vontade ou algo assim... — Nanda comentou, pensativa.

— Quando ele sorri, amiga, meu coração parece que vai explodir! Foi inevitável, sabe? Quando dei por mim, já perdia o fôlego toda vez que ele se aproximava. — Soltei uma lufada de ar.

— Ah, Lili... — Nanda sentou-se ao meu lado, segurando minhas mãos em cima do meu colo. — Você gosta dele assim?

— Eu não sei se essa seria realmente a definição do que eu sinto ou deixo de sentir. Eu gosto de estar com ele, me sinto bem e até mais leve. Nós nos divertimos bastante quando estamos juntos, mas acho que é algo mais de pele, entende?

— Tipo desejo? — Sua sobrancelha se arqueou

insinuante e eu ri, concordando com a cabeça.

— Deve ser.

Ou ao menos era o que eu esperava que fosse. Seria com certeza bem menos complicado do que um sentimento mais profundo.

— Tem certeza? — questionou, receosa.

— Ah, eu sinto um grande carinho por ele, mas acho que é algo mais como uma vontade do corpo acima de qualquer coisa. Provavelmente é por isso que fico tão nervosa quando ele chega perto de mim e tudo começa a queimar. Deve ser uma enorme atração, e só...

Só pode ser isso, certo? Não pode ser algo a mais, simplesmente não pode. Não é!

— E por que essa cara? Estar atraída por ele é tão ruim assim?

— Ah, você sabe que essas coisas nunca dão certo, Nanda! Somos amigos e qualquer coisa além disso poderia complicar muito as nossas vidas. Imagina só, nós moramos na mesma casa, poderia ficar um clima mega estranho e até estragar toda essa relação legal que construímos. Ainda que eu gostasse muito de ir para a cama com ele, acho que

PERIGOSAS ACHERON

poderia dar muito errado. Tipo, muito errado mesmo!

— É, eu entendo. Poderia realmente colocar a perder o que vocês têm. — Nanda fez uma careta triste.

— Sem falar que, imagina só, se eu tentasse qualquer coisa e ele me rejeitasse na cara-dura? Nossa! Eu nem saberia onde me enterrar, nunca mais ia conseguir olhar na cara do Theo.

— E você acha que ele faria isso? Digo, te rejeitar?

— Ah, sei lá. Provavelmente. Ele é um cara sensato, também nunca demonstrou ou falou algo. Tento não pensar muito nisso, porque já aceitei que é só isso, uma vontade de pele que deve passar logo.

— Mas acha mesmo que é algo passageiro? — Encostou seu ombro no meu.

— Sim, com certeza absoluta! É totalmente passageiro, coisa de momento. Em algum tempo vai passar e será como se nunca tivesse acontecido.

Ao menos era o que eu dizia para mim mesma.

Eu não podia negar que gostava dos toques que

trocávamos vez ou outra. Eu apreciava isso, gostava dessa intimidade que estávamos criando, ao mesmo tempo que isso me deixava apavorada!

Fazia tempo que meus sentidos não despertavam daquela maneira tão primitiva, mas eu sabia que o fato de ter um homem charmoso, inteligente e gente boa era a maior causa dos calores que surgiam de repente em meu interior. Theo estava sendo um desafio para minha lucidez e eu não sabia até quando seria capaz de ouvir minha consciência. Mas era algo que eu precisava fazer, por mais difícil que fosse.

— Então tudo bem, se você diz — falou, meio incrédula, mas apenas dei de ombros. — Mas me prometa que se surgir um cara bacana, que não divida o mesmo teto que o seu, você ao menos vai dar uma chance.

— Vou pensar sobre o assunto — brinquei.

— Ah, Lili! Eu só queria que você encontrasse alguém legal, sabe? Que se apaixonasse, do jeito que...

— Do jeito que a senhorita aí está apaixonada, né? — completei sua frase e vi Nanda corar com

um sorriso tímido. — Claro que eu gostaria disso também, amiga. Ter alguém comigo, viver um romance e tudo mais. Só que nesse momento eu não sei se tenho cabeça pra isso. Toda essa situação com o meu pai ainda me deixa atordoada.

— É, eu sei. Super te entendo, amiga. Já vão fazer três meses, né?

Confirmei com a cabeça.

O tempo, muitas vezes, pode ser seu pior inimigo e ali estava a maior prova disso. Em alguns dias fariam três meses exatos que eu não ouvia a voz de meu pai e minha vida virou de ponta-cabeça.

— Por mais quanto tempo você consegue manter... você sabe — ela perguntou, mordendo uma bochecha.

— Pelas minhas contas, consigo segurar mais uns três ou quatro meses aproximadamente. Mas confesso que depois disso, não sei o que fazer. — Soltei uma lufada de ar.

— Você pensa em desligar os aparelhos? — questionou, e senti meu coração se apertar ao pensar na possibilidade.

Estava evitando refletir sobre o assunto, mas com PERIGOSAS ACHERON

o tempo se passando e nenhuma mudança no estado de papai, eu já não podia fugir dessa hipótese.

— É uma decisão tão difícil que eu não sei se sou capaz de fazê-la — confessei, angustiada. — De acordo com a lei, os aparelhos só podem ser desligados com a autorização da família em duas hipóteses: caso ocorra morte cerebral ou se o paciente não tiver nenhuma mudança em seu quadro após seis meses.

— Realmente, seis meses em coma é bastante tempo.

— É, e como médicas, nós sabemos bem que as chances dele acordar são mínimas depois desse período.

Por conta da minha profissão, sabia que a cada dia que se passava, as chances de meu pai abrir os olhos diminuía consideravelmente. E já estando há três meses naquele estado, com nenhuma mudança ou melhora, o corpo e a mente provavelmente estavam definhando mais e mais, até que restasse somente um corpo vegetal e de meia-vida. Que tipo de filha eu seria se o deixasse sofrer dessa maneira por anos? Mas, ao mesmo

tempo, que tipo de filha eu seria se desistisse de meu próprio pai?

Tomar aquela decisão era difícil demais para mim. Aliás, para qualquer um.

— Bom, ainda temos algum tempo pela frente. Não vamos perder a esperança ainda. Pensaremos sobre a decisão juntas, se chegar a hora. — Ela rodeou meus ombros em um meio abraço e eu apoiei minha cabeça na dela.

— Ainda bem que eu tenho você, amiga.

— Pra sempre, Lili.

[...]

Saí tarde da casa de Nanda, que havia me ajudado a fazer unhas e depilação. Eu realmente queria fazer bonito naquele jantar, não poderia deixar uma má impressão logo para o chefe do Theo. E... bem, para o próprio Theo também.

Vendo que acabaria me atrasando, corri para casa e fui logo para o banho, secando os cabelos com o secador em seguida. Coloquei novamente, com todo o cuidado do mundo, o vestido vinho emprestado e me olhei no espelho. Fiz uma

maquiagem leve, mas adequada o suficiente para aquela noite, e logo estava pronta, porém, sentia que algo ainda faltava. E então, como num estalo, me recordei do fino cordão de prata com um pingente delicado de gota que havia ganhado de meu pai no meu aniversário de dezoito anos.

Estava colocando meu cabelo para o lado quando ouvi duas batidas em minha porta.

— Alice? — Theo perguntou do outro lado.

— Pode entrar — respondi enquanto tentava, com dificuldade, prender o fecho do cordão no pescoço.

— Já está pron...? — sua frase acabou na metade e então eu o olhei.

— Que foi? — Theo me olhava com a cara fechada e parecia estar com os dentes trincados. — Tá tudo bem?

— Ah, tá sim. Deixa eu te ajudar com isso aí — ofereceu, relaxando os músculos do rosto e se aproximando para segurar as pontas do colar, rapidamente fechando-o em meu pescoço.

— Agora sim, prontíssima! — Sorri para seu reflexo no espelho e pude vê-lo repuxar o canto da

PERIGOSAS ACHERON

boca em um sorriso bonito.

Seus olhos negros pareciam me analisar minuciosamente pelo espelho, quase como se dissessem que estavam gostando do que viam. Eu simplesmente odiava o fato de ficar vidrada nele quando me olhava e sorria daquele jeito. Minhas pernas se tornavam gelatina, o pulso acelerava e a pele ficava dormente.

Era difícil me concentrar em qualquer coisa que não fosse ele. Por isso, não pensei muito quando me virei e comecei a empurrá-lo pelo peito.

— Você tem que se vestir, Theo, senão vai se atrasar! Vai logo! — continuei empurrando-o até a porta, enquanto o via fazer uma careta desgostosa.

— Já tô indo, Alice. Não precisa me expulsar assim — resmungou, segurando meus pulsos e me fitando com uma intensidade capaz de fazer tremer cada molécula do meu organismo.

— Eu não quero que você se atrase para o jantar com seu chefe, poderia pegar bem mal — expliquei, e ele arqueou uma sobrancelha desconfiada.

— Tudo bem, me dá vinte minutos e saímos —

avisou antes se virar e se distanciar alguns passos. — Mas antes... — Ele se virou e nossos olhos se encontraram mais uma vez, arrepiando os pelos dos meus braços. — Só queria dizer que você tá muito bonita. — Sorriu e entrou no próprio quarto, batendo a porta em seguida e me deixando ali, parada, com o coração batendo forte contra o peito.

[...]

Aqueles provavelmente foram os vinte minutos mais lentos da minha vida. Eu andava de um lado para o outro na sala de estar, esperando Theo dar o ar de sua graça para que chegássemos no horário marcado.

Finalmente, passos fizeram-se presentes no corredor e ele logo surgiu em minha visão, seu cheiro de perfume e de homem se espalhando por todo o cômodo e me deixando completamente extasiada. Theo estava incrível, espetacular e indescritivelmente charmoso naquela roupa social engomadinha. A calça preta acompanhava uma blusa branca e bem passada, porém, com a gola para cima. Seus cabelos negros estavam domados na medida do possível e me peguei pensando que

gostava mais de quando eles estavam naquela bagunça perfeita do dia a dia.

— Vamos? — a voz masculina reverberou em meus ouvidos e por um segundo esqueci como se respirava.

— Ahn... espera — pedi ao me aproximar e ajeitar a gola da camisa para que ficasse em seu devido lugar. — Agora, sim, podemos ir — avisei, e ele entortou o canto da boca em agradecimento.

— Meu carro tá na oficina, mas a gente pega um táxi lá embaixo — disse enquanto abria a porta do apartamento.

— Ah, se quiser, podemos ir no meu — ofereci, e Theo arqueou uma sobrancelha em confusão.

— Você tem carro?

— Bom, na verdade é do meu pai. Eu estou apenas usando... emprestado. — Sorri amarelo e fui até o quarto pegar as chaves. — Vamos? —sugeri, indo até o elevador e apertando o botão.

Em poucos minutos estávamos no estacionamento e quando coloquei a chave na porta do motorista, Theo parecia que teria um treco a qualquer momento.

— Não acredito que você tem um Chevrolet GM Impala 69! — falou, surpreso.

Uau, ele realmente sabia até o ano?

— E eu não sabia que você era fã de carros — comentei, risonha.

Seus olhos pareciam quase brilhar sobre a lataria. Algo quente se formando em sua íris.

— Esse carro é uma relíquia, Alice! — disse, tocando o capô vermelho. — Começaram a ser produzidos em 1958 e eu tenho uma miniatura de todos os modelos lá na casa dos meus pais.

Seu tom era de completo orgulho e admiração.

— Então você coleciona carrinhos, Theo? — provoquei, recebendo um olhar enviesado que me fez rir. — Calma, foi só uma brincadeira!

Mas ele sequer me deu muita atenção. Suas íris ônix ainda estavam vidradas no automóvel enquanto as pontas dos dedos tocavam a superfície fria.

— Se bem que este carinha aqui precisa de uns reparos — comentou, pensativo. — Posso dar uma olhada para você depois, se quiser, claro — ofereceu, mas claramente ansioso para que eu o

PERIGOSAS ACHERON

deixasse mexer no carro qualquer hora.

Controlei o riso que se prendia em minha garganta. Não queria deixá-lo sem graça com mais alguma piadinha boba.

— Claro, seria ótimo! — respondi, e vi um repuxar de lábios tomar sua face. — Mas agora é melhor irmos logo, senão vamos nos atrasar.

Theo concordou e entramos no veículo rumo ao restaurante.

O lugar era tão ou mais incrível do que eu imaginava. Nas paredes, grandes e largos aquários repletos de peixes de porte pequeno deixavam o ambiente requintado e encantador. Uma música baixa e tranquila era tocada ao fundo e as mesas redondas estavam espalhadas pelo salão, cobertas por uma toalha branca e comprida.

Deixei Theo me levar com sua mão na base de minha coluna, enquanto o garçom nos encaminhava até a mesa onde duas figuras conhecidas se encontravam.

— Senhor e Senhora Moura? — perguntei, confusa.

Revezava meu olhar entre meu companheiro de

PERIGOSAS ACHERON

apartamento ao meu lado e ao casal que se levantava para nos cumprimentar, sem conseguir acreditar na coincidência.

— Doutora Bastos, que surpresa agradável! — o homem de cabelos grisalhos disse, e eu sorri. — Não sabia que logo você era a namorada do Theo aqui. — Deu um leve soco no ombro dele, que nem mesmo se mexeu. — Ótima escolha, rapaz!

— Ah, na verdade somos só amigos. Mas fiquei muito feliz com o convite! — expliquei, sem graça.

De repente, a mulher se aproximou para me dar um abraço em cumprimento.

— É uma pena ouvir isso, vocês ficam muito bem juntos — disse baixinho, mas o sorriso torto nos lábios do meu vizinho de porta denunciava que ele ouvira cada palavra. — Ainda assim, é ótimo vê-la, doutora!

— Por favor, me chamem de Alice. Hoje sou apenas a companhia do Theo. — Sorri sem jeito.

— Na verdade, parece mais que *eu* sou a *sua* companhia — ele comentou em tom de brincadeira.

— Eu não sabia que o senhor Moura era o seu...

— Me chame de Davi, querida — o homem me

PERIGOSAS ACHERON

interrompeu. — E minha mulher se chama Marcela, mas imagino que já saiba disso.

Eu assenti com um sorriso gentil.

— Nós nos conhecemos no hospital alguns meses atrás. Marcela é afilhada da diretora do Hospital Sales— expliquei, e Theo concordou com a cabeça.

— Ela está sendo modesta e escondendo o jogo, rapaz! — Marcela interferiu. — Alice atendeu nosso filho na emergência quando ele teve uma crise de asma terrível e ficamos super preocupados. Não temos nem palavras para agradecer o que ela fez por nosso menino.

A mulher segurou minha mão entre as suas e eu me senti envergonhada, porém agradecida, pelo carinho.

— Que isso, fiz apenas o meu trabalho. Não há o que agradecer!

— Bom, ainda assim, hoje é dia de celebração. Vamos, sentem-se! Vamos pedir alguns petiscos, sim? — Davi sugeriu, e nos acomodamos em nossos respectivos lugares.

O garçom logo nos atendeu, trazendo um bom vinho e algumas entradas para começarmos.

— Eu gostaria de propor um brinde, se me permitirem — Davi avisou e elevou sua taça, sendo acompanhado por todos em seguida. — Theo, quando o diretor da sede em que você trabalhava me contou sobre seu potencial, eu quis pagar para ver e fico muito contente que tenha aceitado minha proposta. — Theo assentiu com um pequeno sorriso tímido, que o deixou incrivelmente fofo. — Você está conosco há pouco mais de dois meses e já consigo ver claramente como a equipe tem melhorado o desempenho e crescido diariamente. Você tem potencial, rapaz, e se continuar nesse ritmo, chegará longe, tenho certeza. Por isso, continue o bom trabalho e, acima de tudo, continue me surpreendendo!

Todos concordamos com exaltação e brindamos nossas taças antes de provar a bebida.

— Darei o meu melhor, Davi — Theo respondeu, firme. — Toda essa mudança está sendo uma... surpresa melhor do que eu esperava — admitiu, e vi seus olhos me fitarem de soslaio.

Senti meu coração dar um pulo e desviei o olhar para o líquido em minhas mãos, tentando segurar

quase que inutilmente o sorriso bobo que saltava em meus lábios.

Marcela me chamou e começamos a falar sobre Esther, indo até Matheus e sua saúde de ferro desde então, passeando por diversos assuntos durante a noite. Theo e Davi também conversavam entre si, mas sobre os negócios e o mercado de tecnologia. Volta e meia conversávamos todos sobre algum assunto em comum e assim foi até que o jantar chegasse ao fim com o homem de cabelos grisalhos pagando a conta em nome da empresa. Com a noite terminada, nos despedimos com a promessa de que marcaríamos uma nova saída, qualquer dia desses. No caminho para casa, liguei o rádio, cantarolando as músicas que tocavam aleatoriamente e pensando que o jantar havia sido mais agradável e divertido do que eu esperava.

Olhei para o lado, vendo Theo observando atentamente as ruas. Meus olhos caíram brevemente para seus lábios, quando vi sua língua umedecendo-os. Mordi minha própria boca, sentindo um calor já familiar crescer em meu ventre. Inspirei o máximo de ar possível em meus

pulmões, tentando evitar quaisquer pensamentos errados que insistiam em visitar minha mente. Estava tão concentrada em esquecer o que minha imaginação fértil criava, que sequer vi as esferas negras virando-se para mim.

— Tudo bem? — ele perguntou de repente com um sorriso sacana, e eu tossi sem querer, por me sentir como se houvesse sido pega no flagra de algo errado.

Algo muito errado!

— S-sim, claro. Quer dizer, eu queria agradecer pelo jantar. Foi ótimo, mesmo! — falei, um pouco nervosa, voltando minha atenção para a estrada.

Respira, Alice. Respira!

— Foi melhor do que eu imaginava também — comentou, e eu assenti. — Você se divertiu?

— Muito! A Marcela é bem legal, e o Davi é gente boa também. Ele realmente valoriza seu trabalho, né?

— Sim, foi bem bacana aquele brinde. Estou gostando bastante de trabalhar lá, tem sido uma experiência incrível, apesar de bastante cansativa.

— É, posso imaginar. Mas foi como ele disse, se

PERIGOSAS ACHERON

continuar nesse ritmo, vai só crescer até chegar ao topo.

Ofereci um sorriso sincero e orgulhoso. Eu estava verdadeiramente feliz por sua conquista, via diariamente como ele se empenhava e se importava com a carreira. Então, todos os frutos que colhesse, seriam por seu próprio mérito. Nada mais justo.

— Esse é o objetivo — respondeu, convicto, enquanto estacionava o carro na vaga da garagem.

— Você não teve medo?

— Medo? De quê?

— De aceitar a proposta, de se mudar, de deixar sua família e amigos pra trás e começar do zero — perguntei, curiosa, enquanto subíamos o elevador do prédio.

— Na verdade, não. Sempre gostei da ideia de morar sozinho, ser independente. Claro que ficar longe dos meus pais e do meu irmão foi um peso na hora de decisão, mas gosto de pensar que eles estão aqui do lado, em menos de duas horas de avião. Era uma oportunidade muito grande pra minha carreira, não pensei duas vezes antes de aceitar — explicou.

— Acho que você tem razão. Era sua chance,
PERIGOSAS ACHERON

então você tinha mesmo que aproveitar. Mas fico pensando se eu teria essa coragem que você teve — comentei, destrancando a porta e adentrando o apartamento.

— A vida é feita de chances, Alice. Se as deixamos passar, elas podem não cruzar nosso caminho de novo. — Ele deu de ombros.

— Mas e se você se arrependesse? E se você não gostasse do local de trabalho ou da cidade? Tudo podia acontecer, não acha?

— Sim, tudo podia e ainda pode acontecer. Mas se eu não corresse o risco, como eu poderia saber? — retrucou.

— Verdade, não saberia.

Theo tinha razão e me peguei refletindo sobre o assunto.

Atravessamos o corredor e paramos em frente aos nossos respectivos quartos.

— Bom, acho que é aqui que nos despedimos — brinquei, e ele riu. — Boa noite e obrigada mesmo pelo convite.

— Boa noite, Alice — respondeu com a voz baixa e levemente mais grave, me fazendo engolir

PERIGOSAS ACHERON

em seco e perder uma batida do coração. — Obrigado você por me acompanhar.

Aproximou-se sorrateiramente e senti todos os meus músculos se retesarem no lugar. Meus olhos se fecharam com força e eu preendi o ar ao sentir sua boca quente tocar minha bochecha direita em um beijo demorado.

— Até amanhã — sussurrou, a voz extremamente rouca me deixando tonta, e então virou-se para o próprio quarto.

E eu fiquei ali, estática e paralisada, odiando o fato de me sentir completamente frustrada.

CAPÍTULO 17

Passei a noite inteira tentando esquecer aquele beijo em meu rosto. Já estava sendo difícil lidar com aquele desejo quando Theo estava perto, quanto mais em momentos como aquele em que a tentação era ainda maior. Por sorte, no dia seguinte Miguel o havia chamado para outra partida de futebol e mal nos vimos.

Aquele domingo sozinha me ajudou a colocar a cabeça um pouco no lugar e pensar melhor sobre as coisas. Já havia admitido e aceitado minha vontade de querer ter Theo em minha cama — ou eu na dele, isso era apenas um mero detalhe —, mas isso não queria dizer que eu poderia me deixar levar por aquele sentimento de puro desejo. Afinal, eu sabia muito bem que nossa aproximação poderia facilmente me levar para um caminho que eu não pretendia percorrer e eu andava pensando nisso mais do que gostaria depois da última conversa com Nanda. O risco de nos relacionarmos, da

PERIGOSAS ACHERON

maneira que fosse, era grande demais e um certo medo me afligia.

As coisas poderiam dar muito errado, muito errado mesmo! De uma maneira catastrófica e sem volta.

Verdade que eu já não me relacionava com ninguém há algum tempo e é comum que os hormônios se descontrolam vez ou outra. Isso faz parte do ser humano, no final das contas. Ainda assim, a última coisa que eu precisava naquele momento era meu corpo implorando logo pelo cara que morava sob o mesmo teto que o meu.

Não poderia ser qualquer outra pessoa, oras?

Sabia que era natural sentir essa atração. Aliás, quem não se sentiria assim perto de um homem bonito daqueles? Só que eu tinha plena consciência de que existia uma linha entre nós que não deveria ser ultrapassada. Ainda mais quando o desejo poderia facilmente ser confundido por outro sentimento muito mais confuso.

E eu não poderia me dar ao luxo de arriscar. Não com ele, não com Theo. Eu precisava resistir e esquecer de uma vez por todas. Por isso, me forcei

a acreditar que era algo passageiro e que seria capaz de disfarçar o quanto sua presença andava me deixando desconcertada. Tinha que ser assim. Eu não tinha outra opção. Tinha?

[...]

Para minha surpresa e alívio, a semana se passou como sempre. Seguimos com nosso cotidiano normal: eu fingindo que nada havia acontecido e Theo mantendo-se o mesmo. Era simplesmente como se tudo estivesse em seu devido lugar e eu agradeci por isso. Dessa forma seria bem mais fácil vê-lo apenas como um amigo e o cara que dorme no quarto de frente para o meu, e só.

Na quinta-feira à noite, não havia nada em nossa geladeira. Nenhum de nós havia tido tempo para fazer compras nos últimos dias. Acabei sugerindo até de irmos a um pequeno restaurante que havia a uma quadra de distância. Tinha preços razoáveis e uma comida caseira bem gostosa. Theo aceitou e caminhamos lado a lado até o lugar, conversando sobre assuntos aleatórios e contando sobre o dia em nossos respectivos trabalhos.

Assim que chegamos ao recinto, fomos recebidos

PERIGOSAS ACHERON

por um senhor gentil que nos acompanhou até uma mesa mais ao canto do restaurante, deixando-nos à vontade para checar o cardápio. Pedi um espaguete à bolonhesa que parecia bastante apetitoso, enquanto Theo acabou optando pela lasanha. O garçom anotou os pedidos e pediu licença para se retirar.

— Deveríamos fazer isso mais vezes — comentou assim que ficamos a sós.

— Sair pra comer?

— É, sair um pouco de casa, fazer algo diferente de vez em quando. Podíamos combinar um dia na semana pra jantar fora ou algo assim.

— E por que isso de repente? — perguntei, curiosa.

— Por que eu quero. — Deu de ombros. — Preciso de outro motivo?

Um sorriso torto e incrivelmente lindo emoldurou seu rosto e senti a temperatura do meu corpo aumentar.

Droga!

— Não, nenhum. Eu sempre topo um programa que envolve comida — respondi com um sorriso

travesso, sentindo que piscava mais do que deveria.

Theo não precisava saber o quanto me desconcertava quando sorria daquele jeito, ainda que fosse uma tarefa árdua não deixar que o sangue subisse para as minhas bochechas.

Para minha sorte, os pratos chegaram em seguida e voltei a ter um melhor controle sobre mim mesma. Meu estômago tremeu assim que o cheiro de massa quentinha invadiu meus sentidos. Começamos a comer em silêncio, até que Theo me surpreendeu com um comentário inesperado:

— Sabe, você até que é uma boa companhia, Alice. Quando não está tentando matar ninguém ou algo do tipo — provocou, e eu cerrei os olhos em sua direção.

— Você nunca vai se cansar dessa piada? — questionei, soltando uma lufada de ar.

— Não enquanto aquela vassoura idiota continuar no seu quarto. — Deu de ombros, fingindo desinteresse. — Ou será que você é uma bruxa e a usa para outros meios? — sugeriu, um canto de sua boca se repuxando cinicamente.

— Continua brincando e eu não garanto que você

vai voltar vivo para casa hoje — ameacei antes de retornar minha atenção para a comida.

Theo riu. Uma risada gostosa, que preencheu meus ouvidos e atingiu em cheio meu peito.

— Por isso que eu gosto de sair com você — disparou, a voz calma e suave.

Levantei o olhar para ele, apoiando os talheres no prato branco, meu coração começando a aumentar o ritmo e minha garganta coçando levemente sem saber ao certo o que dizer.

— Que bom que pensa assim. Porque você ainda vai precisar me aturar por um bom tempo, pelo jeito — brinquei, pedindo internamente que meu pulso desacelerasse logo.

De certa forma, eu estava feliz por não termos recebido nenhuma novidade da Polícia Federal quanto ao desaparecimento do antigo dono do imóvel. Caso ele fosse encontrado e meu dinheiro devolvido, eu teria que procurar outro lugar para morar e a ideia de ficar sozinha em um apartamento não me parecia atrativa. Não mais. Eu estava contente em morar com o Theo.

— É, aquele cara sumiu sem deixar mais rastros

mesmo. Mas talvez, se um dia o encontrarem, podemos agradecê-lo.

— Agradecer? — questionei, confusa.

— Ué, se não fosse por ele, não estaríamos aqui, né? — retrucou, debochado.

— É, não estaríamos... — falei, pensativa. — Tem razão, preciso me lembrar de agradecer a esse cara. Mas só depois que ele devolver meu dinheiro, diga-se de passagem. Talvez eu pudesse dar uma vassourada nele também. — Sorri divertida.

— Nada mais justo. Se for por uma boa causa, posso pensar em não jogar aquela porcaria fora.

Abri a boca como se estivesse espantada pela intimidação. Adorava essa nossa piada interna e a verdadeira raiva que ele tinha pela pobre vassoura.

— Você não faria isso! Sabe que ela é minha fiel escudeira — acusei, e ele riu, balançando a cabeça em negativa.

— Vou pensar no seu caso. — Ergueu um ombro.

— Pensa com carinho, não se esqueça de como ela é importante na nossa relação. — Pisquei.

— Irritante. — Curvou a boca em um meio sorriso sarcástico e extremamente bonito que não
PERIGOSAS ACHERON

pude deixar de observar por alguns segundos.

Esse clima entre nós era gostoso, bom e quente. Com Theo eu me sentia feliz, leve e aquecida. Não queria nunca perder isso, principalmente por qualquer desejo desnecessário e controlável — *eu podia controlá-lo, não podia? Não devia ser tão impossível assim.*

Eu só queria que aquela vontade se dissipasse o mais rápido possível.

Finalizamos o jantar e pagamos ao senhor que nos atendeu. Saímos pela porta grande e caminhamos lado a lado. Não trocamos nenhuma palavra no caminho para casa. Estávamos cansados e apenas desejando uma boa noite de sono, afinal, ainda teríamos trabalho no dia seguinte.

Suspirei fundo, fechando os olhos por meio segundo, mas o suficiente para me arrepender amargamente. Não sei se pela moleza após o jantar ou se pela minha própria falta de atenção, mas, de repente, só pude sentir meus pés deslizarem sobre a calçada e um grito agudo ecoou da minha garganta no mesmo momento em que senti um baque forte no quadril.

A dor era aguda e eu torci para que não tivesse quebrado nada.

Era só o que me faltava...

— Alice!

Braços fortes rapidamente me pegaram pelos ombros e me ajudaram a levantar. Quando abri os olhos, dei de cara com aquelas íris negras preocupadas de Theo. Suas mãos segurando meus braços e fazendo o máximo para me manter ereta. Todo o seu corpo colado no meu, o calor começando a me invadir.

Merda!

— Você tá bem? Machucou muito?

— Ai, cacete — gemi quando tentei inutilmente me manter no chão sem ajuda.

Tudo foi muito rápido. Quando vi, minhas pernas já haviam sido erguidas e Theo me carregava no colo, quase como uma noiva em sua noite de núpcias. Meu rosto esquentou de imediato e eu, provavelmente, fiquei da cor de um tomate maduro.

— É... pelo visto foi feio, vou te levar pra casa. Você precisa deitar e colocar gelo nisso aí — avisou, me acomodando melhor em seus braços e

PERIGOSAS ACHERON

caminhando rumo ao apartamento, que ficava na próxima quadra.

— Theo! E-eu posso andar sozinha, me bota no chão — pedi, sem graça, mas ele balançou a cabeça em negativa.

Ainda que não fosse verdade e eu não conseguisse realmente andar sozinha, aquela situação estava constrangedora demais para que eu pudesse simplesmente aguentar calada.

— De jeito nenhum. E se segura direito — mandou.

Engoli em seco, rodeando o pescoço masculino com meus braços. Sentir o cheiro dele tão perto fazia meu rosto queimar, e o corpo também, em uma mistura de vergonha e desejo. Comprimi a boca em uma linha reta, mordiscando o lábio inferior sem saber para onde olhar, completamente acanhada por estar sendo carregada por Theo na rua daquela forma tão... íntima e bizarra ao mesmo tempo. Era uma situação completamente embaraçosa, e ainda assim, boa. Boa demais para o meu gosto.

Chegamos ao prédio e insisti mais uma vez para

que me colocasse no chão, mas ele apenas me ignorou e continuou me levando nos braços até que adentrássemos o apartamento — com bastante dificuldade na hora de destrancar a porta — e, em seguida, meu quarto.

Theo me colocou deitada na cama com delicadeza e percebi seu olhar preocupado enquanto analisava cada centímetro meu.

— Já volto, espera aí!

Ele se retirou e eu tentei me acomodar melhor no colchão, mas a dor me impedia de ficar deitada de costas. Eu parecia uma idosa daquele jeito. Tentando ficar mais confortável, me virei de barriga para baixo, afundando o rosto no travesseiro macio e resmungando baixinho pela área dolorida.

Aquilo ficaria um roxo do tamanho do Alasca!

Theo retornou logo em seguida com um pano de prato com cubos de gelo dentro. Sentou-se ao meu lado na cama e com a ponta dos dedos subiu uma boa parte da minha blusa, fazendo meu corpo estremecer pelo contato de sua pele na minha.

Por que minha pele tem que ficar formigando

sempre que ele me toca? Que inferno! Malditos hormônios!

O tecido gelado logo tocou a área machucada e eu gemi, me remexendo entre os lençóis.

— Não se mexa — ordenou, segurando minha cintura com firmeza com a mão livre, enquanto a outra continuava colocando o gelo na base da minha coluna.

— Tá doendo! — choraminguei, manhosa.

— Vai doer mais ainda se continuar se mexendo. Fica quieta! — Aumentou o aperto em minha cintura e eu preendi o ar, sentindo o pulso acelerar.

Aguardei estática enquanto o gelo não derretia em minha pele e ali ficamos, nós dois, em um silêncio descomunal, até que Theo se levantou para levar de volta o pano encharcado para a cozinha.

— Pega um analgésico pra mim, por favor? Tem na minha bolsa — pedi antes que ele saísse do quarto e o mesmo assentiu, retornando com um copo com água e o comprimido em mãos.

— Isso vai ficar roxo — comentou pensativo, tocando com cuidado o local.

— Só espero que o remédio faça efeito logo —
PERIGOSAS ACHERON

respondi com uma careta, mas aproveitando o leve carinho que ele fazia na região machucada.

— Talvez seja melhor colocar mais gelo. Vou pegar, espera aí. — Tentou se levantar, mas eu o segurei pelo pulso.

— Não precisa, de verdade. Eu vou ficar bem, só preciso descansar. — Bocejei.

— Tem certeza? — perguntou, relutante.

— Sim, tenho. Pode ficar tranquilo.

— Tudo bem, qualquer coisa me chama. — Tentou novamente se levantar, mas meu aperto em seu pulso continuou e Theo me olhou com a sobrelancelha arqueada.

— Fica aqui? Só até eu dormir — perguntei desviando o olhar, mas o fitando em seguida, mesmo sabendo que provavelmente estava tão vermelha quanto um tomate.

Sabia que estava sendo impulsiva, folgada e talvez inconveniente demais, mas não queria que ele fosse embora, não queria ficar sozinha. Algo em mim apitou quando percebi que ele iria se afastar e eu desejei imensamente que ele não o fizesse.

Quando precisei vender a casa e comprar o novo

PERIGOSAS ACHERON

apartamento, pensei estar pronta para viver sozinha, para conviver com uma nova realidade na qual eu chegaria em casa e não haveria ninguém, além de Snow, me esperando. Eu tinha aceitado essa vida que me era oferecida, até que Theo surgiu de uma maneira inusitada, trazendo sua companhia e me mostrando que eu jamais ficaria sozinha enquanto ele estivesse ali, enquanto ele estivesse comigo.

E dolorida, cansada e até mesmo saudosa de minha família, eu me permiti fraquejar e pedir para que ele ficasse, mesmo sabendo que não deveria, que precisava tomar cuidado com o rumo que as coisas tomavam dentro de mim. Talvez eu estivesse sendo egoísta, mas eu não queria pensar muito sobre o assunto, eu só o queria ao meu lado.

Ao menos naquela noite.

Ele meneou a cabeça em concordância e eu sorri, verdadeiramente feliz e aliviada. Ajeitei-me na cama, deitando de lado e deixando que ele se acomodasse melhor.

— Obrigada, Theo — sussurrei, sincera.

— Sempre que precisar, Alice — respondeu com a voz macia.

O remédio começava a fazer efeito e meu corpo amoleceu. O sono me atingiu em cheio e minhas pálpebras se fecharam preguiçosamente, vendo os olhos negros e brilhantes atentos a mim antes de imergir na escuridão de vez.

[...]

Acordei antes mesmo do meu despertador tocar e, ainda que estivesse cedo, eu já sentia os raios solares tocarem meu rosto, anunciando que já estava de manhã. Bocejei, sonolenta, resmungando baixinho por precisar levantar e ir para o hospital. Meu quadril ainda estava dolorido, apesar de que nem se comparava à dor da queda, e tudo o que eu queria era ficar na cama pelo resto do dia. Espreguicei-me lentamente, relaxando os músculos em seguida, mas sentindo um peso estranho por cima da minha cintura.

Arregalei os olhos com rapidez, constatando que o braço de Theo me envolvia com certa possessividade, a mão grande espalmada em minha barriga e seu corpo totalmente colado ao meu, enquanto ele ressonava tranquilamente logo ao lado. Prendi o ar e provavelmente perdi uma batida

do coração. Senti uma ansiedade tomar conta de todo o meu interior e logo meu estômago se revirava em nervosismo. Só então me recordei totalmente da noite anterior e do fato de que eu havia pedido para que ele ficasse comigo antes de dormir. Eu só não esperava que ele passasse toda a noite ali comigo.

Naquele momento, eu só conseguia pensar em que diabos de situação eu havia me metido. E o pior, por que eu queria tanto me aconchegar mais naquele corpo e aproveitar o tempo que me restava antes do despertador tocar? Era frustrante sentir aquela imensa vontade de ficar ali, agarrada a Theo, como se minha vida dependesse do toque quente dele. Ao mesmo tempo, eu sabia que era completamente errado fechar meus olhos e me deixar levar por aquela posição gostosa.

Um fio de razão gritou mais forte no fundo do meu cérebro, e então tentei, com cuidado, tirar seu braço do aperto em minha cintura, o que não estava sendo tão fácil quanto eu esperava. Theo se mexeu, dando indícios de que acordaria, e eu congelei no lugar, mas, para minha sorte, ele apenas se virou

para o outro lado e continuou dormindo pacificamente.

Saí nas pontas dos pés, indo até meu banheiro e pegando uma muda de roupa no caminho, me repreendendo por minhas decisões da noite anterior. Pedir para ele ficar, querer que ele ficasse... era exatamente a linha que eu não deveria atravessar, e eu simplesmente me jogara para o outro lado dela.

Droga, Alice!

Não acreditava que havíamos dormido juntos, mesmo que fosse realmente só isso. Ainda assim, era uma situação estranha e que não deveria acontecer. Amigos não dormem juntos e abraçados, aquilo não poderia ser considerado algo normal e sem significado. Eu havia extrapolado o próprio limite que tinha imposto, e tudo pela vontade de tê-lo, de alguma forma, mais perto. Eu estava agindo de forma completamente ridícula e descontrolada.

Estava extremamente envergonhada e não sabia como seria se Theo acordasse antes de mim e estivéssemos naquela posição. Provavelmente criaria um clima péssimo e estranho entre nós.

E isso era o que eu queria evitar. Não era exatamente por isso que tinha optado por não correr qualquer risco? E agora tudo poderia ter ido pelos ares, pelo simples fato de me deixar levar uma única vez.

Peguei o caderninho e a caneta que mantínhamos na bancada da cozinha e escrevi um bilhente, deixando-o na cabeceira ao lado da minha cama.

“Valeu por cuidar de mim ontem e desculpa pelo trabalho todo.

Precisei ir mais cedo para o hospital, então achei melhor não te acordar.

Dia de plantão, sabe como é...”

Não era uma total mentira, na verdade.

CAPÍTULO 18

Ainda era cedo naquela sexta-feira, mas eu já estava caminhando pelos corredores brancos do hospital. Meus pés me levaram de forma automática até o CTI e antes que eu pudesse me dar conta, já estava ao lado de papai. Sentei-me na cadeira que havia ao lado do leito e não pensei muito quando minhas mãos seguraram a dele e levei-a até minha testa, repousando o rosto na ponta da cama alta.

— Queria que você estivesse aqui — admiti com a boca colada no colchão fino. — Acho que ando precisando de uns puxões de orelha.

Levantei o rosto após um suspiro, entortando a boca em um sorriso triste. Eu ainda odiava o fato de ele não me responder, de não ser capaz disso. E então, como se nenhuma outra opção me restasse, eu permaneci ali por um tempo, calada, pensando sobre a conversa que tivera com Nanda sobre desligar os aparelhos.

PERIGOSAS ACHERON

Papai parecia tão sem vida, sem calor. Será que ele ainda estaria mesmo ali ou seu corpo havia se tornado realmente um vegetal apenas? Eu não sabia ao certo o que pensar ou o que gostaria que fosse verdade, pois isso implicaria em saber se ele estaria sofrendo ou apenas imerso em um sonho profundo.

Eu simplesmente odiava tudo aquilo. Com todas as minhas forças.

— Ai, seu Julio... por que isso tudo foi acontecer logo com a gente, hein?— perguntei mais para mim mesma, passando as pontas dos dedos em seu braço. Aquilo não era justo, simplesmente não era.

— Ei, Lili! Aí está você — Nanda surgiu por detrás de mim e tocou meu ombro. — A recepcionista disse que você chegou cedo hoje, então vim te procurar. Tá tudo bem?

— Na verdade, acho que tô começando a perder a cabeça — avisei, me virando para olhá-la nos olhos.

— Não é verdade, amiga. — Ela me fitou pesarosa. — Por que diz isso?

Comecei a contar sobre a noite anterior, a conversa no restaurante, a queda, Theo me

carregando até em casa e cuidando de mim. E, claro, por fim, eu me deixando levar pelo calor do momento e pedindo para que ele ficasse comigo, resultando em acordar naquela manhã de conchinha com o cara que dividia o mesmo teto que eu.

— Saí de fininho hoje, nem esperei ele acordar. Só peguei minhas coisas e vim logo pra cá. Nunca fiquei tão feliz por estar escalada no plantão de sexta-feira, porque quando eu chegar em casa, ele com certeza já vai estar dormindo e não vou precisar encará-lo.

— Ah, Lili! Sei que está com vergonha e sem jeito por isso, mas não foi nada tão grave assim. Como você mesma disse, ele nem acordou ou viu nada. Não vai ficar um clima estranho, não precisa ficar tão preocupada desse jeito.

— É, acho que você tem razão. — Suspirei. — Foi muita sorte eu acordar antes do despertador. Imagina só a desgraça que seria se o celular começasse a tocar e nós dois acordássemos ao mesmo tempo?

— Nossa, seria uma situação bem esquisita mesmo! — Nanda comentou.

Realmente fora uma sorte de outro mundo eu acordar antes do Theo. Assim, ele jamais saberia que havíamos dormido enrolados juntos naquela cama. Provavelmente pensaria que cada um dormiu em uma ponta, sem nem mesmo nossos pés se encostarem. Era melhor assim.

De qualquer forma, eu ainda sentia minha cabeça confusa e um embrulho no estômago toda vez que lembrava que não poderíamos passar da linha da amizade. Eu precisava dar um basta naquela forma com que meu corpo reagia ao dele e aceitar que nada aconteceria entre nós, nada poderia acontecer.

— Pois é, mas ainda assim, eu acho que não tenho cabeça pra encará-lo agora, entende?

Eu precisava me afastar um pouco, clarear a mente, tentar encontrar um jeito de aquietar aquele coração rebelde que pulava toda vez que Theo se aproximava.

— E aí, amanhã vamos passar o dia juntas? Você e eu, no tipo de programa que a gente mais gosta.

— Filmes e besteiras? — perguntei com um sorriso aberto.

— Filmes e besteiras! — Nanda confirmou,
PERIGOSAS ACHERON

alegre. — Sei que amanhã de manhã o Theo vai com o Miguel à academia pra se matricular. Aí, você pode acordar e ir direto lá para casa.

— Gosto de como isso soa aos meus ouvidos!

Eu *realmente* gostava.

— Tá combinado, Lili — Nanda avisou, olhando o relógio de pulso. — Agora precisamos ir, já deu nossa hora. Vamos? — Assenti e me levantei.

— Até depois, papai. — Beijeilhe a testa e fui acompanhando Nanda pelo hospital, iniciando as visitas matinais aos pacientes.

[...]

Como previsto, meu plantão terminou tarde e ainda enrolei mais um pouco batendo papo com algumas outras residentes que também haviam sido escaladas para aquele dia. Passei no CTI apenas para dar mais uma olhada em papai e fui a passos lentos para o apartamento. Ainda que já houvesse passado da meia-noite, as ruas do centro estavam abarrotadas e isso se devia pelo fato de ser sexta-feira e todos estarem a caminho de bares, *pubs*, restaurantes e festas.

Porém, eu só queria chegar ao meu apartamento e torcer para que Theo ou estivesse dormindo ou houvesse saído para algum lugar. Eu só não queria encontrá-lo, não naquele dia. Caso contrário, minhas bochechas explodiriam em um vermelho escarlate e meu corpo se recordaria imediatamente daquele abraço firme em que me encontrava pela manhã. Isso não prestaria, de jeito nenhum.

Era péssimo como minha pele ainda queimava onde ele me tocava, como ainda se recordasse tão perfeitamente de seu aperto sobre minha cintura, seu corpo completamente junto ao meu. Se aquelas coisas continuassem acontecendo, eu com certeza iria à loucura e seria capaz de cometer um erro sem volta. E eu precisava ser forte e resistir às tentações — resistir a Theo especificamente.

Cheguei ao meu prédio e subi no elevador, sentindo todo o meu interior se remexer, tamanho era meu nervosismo.

Por favor, esteja dormindo. Por favor, esteja dormindo!

Eu rezava como um mantra e senti uma onda de alívio percorrer meus músculos, assim que adentrei

o apartamento e tudo estava em um completo breu. Não sabia se pelo fato de Theo estar no próprio quarto ou se o lugar estava realmente vazio. Eu não daria margem para descobrir, apenas fui a passos rápidos para meu quarto e fechei minha porta.

Joguei-me na cama e fechei os olhos, odiando o fato de que o perfume dele ainda estava entranhado em minhas cobertas.

[...]

Revirei-me assustada quando despertei com o som alto do meu celular. Um ponto negativo de ser médica é o fato de não poder simplesmente ignorar as chamadas ou deixar o telefone no modo silencioso.

— Aqui é a Alice — falei, assustada, atendendo a chamada de qualquer jeito sem checar o visor.

— Eu sei que é você, doida! — a voz de Nanda soou do outro lado e afastei o aparelho do ouvido apenas para ver a hora.

— Por que tá me ligando tão cedo assim? Não são nem dez horas ainda.

— Hoje é o nosso sábado de meninas, esqueceu?

— Não esqueci, mas precisava me acordar tão cedo assim? — Soltei um muxoxo.

— Considere como uma vingança pela última vez. Agora, deixa de preguiça, Lili! Quero que a gente passe no mercado para comprar os suprimentos do dia. Então pode ir se levantando e se arrumando que daqui a pouquinho tô passando aí pra irmos juntas, ok? Beijinho.

E ela simplesmente desligou na minha cara, sem me dar a chance de implorar por mais uma horinha ou duas.

Permaneci entre os lençóis por mais alguns minutos e por um momento me flagrei cheirando a fronha do travesseiro do lado, aquele mesmo que Theo havia usado para dormir.

— Para de ser ridícula, Alice! — ralhei comigo mesma, prendendo a respiração a fim de evitar sentir aquele aroma gostoso tão característico dele. Eu estava me tornando patética!

Irritada com a situação, me coloquei de pé ao lado da cama e fui diretamente para o chuveiro. Meu cabelo estava um completo caos por causa do plantão do dia anterior, as ondas mais pareciam

uma mistura caótica. Tomei um banho quente sem muita pressa, domando com calma os fios escuros. Meus músculos ainda estavam tão sonolentos e lerdos quanto minha mente. Antes mesmo de terminar de enxaguar o condicionador, a campainha tocou e eu xinguei baixinho, sabendo que Nanda iria me matar por ainda não estar nem mesmo perto de pronta para sair.

A campainha tocou novamente, dessa vez por mais tempo, e eu pude imaginar perfeitamente a feição impaciente de minha amiga. Ela já deveria estar imaginando que eu voltara a dormir, mas eu não poderia culpá-la por pensar isso de mim. Apenas me enrolei na toalha felpuda e corri para o corredor o mais rápido que consegui.

— Já vou, já vou! — gritei, alcançando a chave da porta e abrindo-a rapidamente. — Desculpa, amiga, me atrasei, mas...

Mas, para a minha surpresa, a pessoa parada à minha frente não era quem eu esperava.

— Theo? Ai, cacete! — ralhei, correndo estabanada de volta para o corredor, segurando rente ao corpo a toalha que inconvenientemente

terminava no início das minhas coxas.

Fechei minha porta e senti minha respiração falhar.

Não acredito! Porcaria!

— É assim que você recebe as pessoas na minha ausência, Alice? — a voz masculina e cheia de sarcasmo soou do lado de fora do meu quarto.

— Cadê sua chave? — questionei, colocando uma roupa e jogando a toalha no box do banheiro.

— Eu respondo as suas perguntas se você responder às minhas. — provocou, e eu girei a maçaneta, já devidamente vestida.

Ele estava escorado na batente de sua porta, em frente à minha.

— Claro que eu não recebo as pessoas assim! Eu achei que fosse a Nanda — expliquei, torcendo minha boca e desviando o olhar ao sair do quarto e fechar a porta atrás de mim.

A vergonha percorria todas as minhas moléculas conforme aqueles olhos negros me encaravam quase sem piscar, o meio sorriso charmoso se fazendo presente naqueles lábios irresistíveis.

— E cadê suas chaves, oras? — perguntei,
PERIGOSAS ACHERON

tentando desviar minha mente dos pensamentos impróprios que começavam a surgir.

— Acabei esquecendo com o Miguel. Estava torcendo pra você estar em casa, só não esperava ser recebido daquela forma tão... receptiva. — Seu sorriso aumentou enquanto seus olhos se cerravam brevemente. — Não posso negar que me acostumaria com isso — implicou, sacana.

— Me poupe, Theo! — Fiz careta e ajeitei a bolsa no ombro, andando pelo corredor em direção à sala de estar.

— Vai sair? — perguntou, tentando parecer desinteressado, mas sua curiosidade era quase palpável.

— Vou passar o dia com a Nanda, ela já deve estar chegando.

— Humm, entendi — murmurou enquanto me seguia pelo corredor. — Vamos fazer algo eu e você amanhã, então?

Seu convite me pegou de surpresa e, por um segundo, cogitei aceitar a proposta, mas lembranças dos últimos acontecimentos me fizeram retesar. Estar próxima de Theo, ainda mais a sós,

significava alimentar aquela vontade dele que crescia em mim como um furacão furioso, bagunçando todas as minhas estruturas de uma só vez. Eu ainda precisava de tempo para não me deixar levar por sentimentos que poderiam estragar tudo o que construímos nos últimos tempos.

— Não vai dar, desculpa. Tenho que fazer umas coisas, sabe como é — falei, mordiscando o canto da boca e me odiando por mentir na cara dura para ele.

— E segunda? Podemos ir àquele restaurante aqui perto de novo. O que acha? — Ele parecia um pouco ansioso.

— Ahn, eu acho que tenho... hummm... planos para segunda também, foi mal.

Peguei as chaves de casa e comecei a destrancar a porta. Como Nanda ainda não havia chegado e eu não queria ficar sozinha com Theo, achei mais sensato esperar por ela em frente ao prédio.

— Bom, tô indo — avisei ao abrir a porta da sala.

— Alice — me chamou, e eu me arrependi imensamente no momento em que me virei para fitá-lo.

Sua feição era rígida, mas seus olhos demonstravam uma tristeza incrivelmente nítida. Tive vontade de ir até ele e abraçá-lo por inteiro, pedir desculpas e dizer que havia me enganado e que não tinha nenhum plano para o dia seguinte, que poderíamos fazer o que ele quisesse, contanto que estivéssemos juntos.

Mas tudo o que pude fazer foi comprimir a boca e desviar o olhar, antes de ouvir sua voz mais uma vez reverberando por meus ouvidos:

— Por que está fugindo de mim? — ele perguntou sério, a voz firme e impassível.

— E-eu não estou... — tentei dizer, mas ele apenas bufou e balançou a cabeça em desaprovação, já sabendo que eu daria alguma justificativa esfarrapada.

— Fugir não vai te levar a lugar nenhum, mentir também não — avisou, a feição séria. — Achei que já tínhamos passado dessa fase. — Uma feição decepcionada surgiu em seu rosto e ele se virou, entrando no corredor e sumindo de minha vista.

Um buraco se abriu quase que imediatamente em meu peito, o estômago rebulizando como em uma

tempestade em alto mar e os olhos sentindo uma leve ardência.

Foi quando eu percebi que estava tentando fazer a coisa certa, mas da maneira errada. Eu queria me afastar para evitar que aquelas vontades florescessem ainda mais dentro de mim, mas não pensei nem por um segundo como Theo se sentiria com minha súbita rejeição à sua companhia.

E ele era um bom amigo, não merecia isso, definitivamente não.

CAPÍTULO 19

— Você precisa transar ou vai enlouquecer, vai por mim — Nanda disse enquanto íamos para o apartamento dela após passarmos no mercado e comprarmos besteiras para toda uma vida.

— Nem me fale! Sinto que posso subir pelas paredes a qualquer momento — respondi após um muxoxo. — Mas você sabe que não é fácil assim.

— Ué, claro que é fácil. É só você escolher alguém que te interesse.

— Quem me interessa no momento é a única pessoa com a qual eu não posso fazer absolutamente nada! — Revirei os olhos.

— Ah, mas e o Lucas, Lili? Você gostava de *ficar* com ele, não gostava? — Sorriu, sugestiva, e eu ri.

— Bom... — murmurei, pensativa. — De fato, era uma boa época da minha vida. Muito boa mesmo! — Compartilhamos um olhar cúmplice e

suspirei em seguida.

— Talvez você devesse mandar uma mensagem pra ele, sabe? Perguntar quando ele volta lá da especialização, como quem não quer nada, mas na verdade quer tudo. — Piscou, travessa, e eu balancei a cabeça, divertida.

— É, quem sabe... — comentei, reflexiva. — Vou pensar sobre isso. Agora vamos focar em escolher os filmes do dia, que tal?

— Acho ótimo! — ela respondeu assim que adentramos seu apartamento e as sacolas de compras foram depositadas na pequena mesa da sala.

Aconchegamo-nos no sofá de dois lugares de Nanda e começamos a analisar o que estava em cartaz, mas minha mente havia ido para outra dimensão enquanto eu pensava na possibilidade de mandar uma mensagem para Lucas. Dar um oi ou algo assim não faria mal a ninguém, não é?

Quem sabe, talvez com a cabeça distante, pensando em outro cara, eu não esqueceria a vontade tentadora de me jogar nos braços de Theo? Parecia um bom caminho a se tentar. Era melhor do

que acabar estragando nossa amizade com tudo aquilo. Ele claramente havia ficado chateado mais cedo e eu queria me socar por aquilo.

Decidida a resolver aquela situação de uma só vez, estendi a mão para pegar o celular pousado no encosto do sofá, quando o senti vibrar quase que instantaneamente entre meus dedos. Minha boca se abriu na mesma hora, não acreditando no que meus olhos viam: uma mensagem totalmente inesperada, mas que com certeza havia chegado na melhor hora possível.

Lucas Azuna: *Ei, Alice! Tudo bem? Não pense que me esqueci da nossa saída. Voltei ontem para a cidade e queria muito te ver. Tá livre hoje à noite? Me avisa J Beijos.*

Remexi-me bruscamente no sofá e Nanda logo me fitou uma expressão confusa.

— O que tá fazendo, doida?

Estendi o celular em sua direção para que lesse o conteúdo da mensagem e Nanda logo abriu a boca e arregalou os olhos.

— Não creio! — ela revezava as íris negras entre mim e o aparelho. — Se isso não é o destino, eu
PERIGOSAS ACHERON

não sei o que é! — brincou, e eu ri, imaginando que talvez ela estivesse certa. Talvez realmente houvesse sido obra do destino me dando uma mãozinha para esquecer Theo e voltar a vê-lo apenas como um bom amigo, nada além disso. — E aí, você vai, né?

— Acho que sim — comentei, pensativa, recordando do dia em que nos esbarramos no supermercado.

A menção de voltarmos a sair me era muito atrativa.

Eu realmente havia ficado animada com a ideia, mas depois daquelas semanas, as coisas em minha cabeça estavam levemente diferentes e totalmente confusas. Eu gostava da companhia do Lucas e realmente nos dávamos bem na época da faculdade. Talvez, se não fosse nossa falta de tempo naquela época, poderíamos até mesmo ter engatado um namoro.

Porém, a vida se seguiu e agora tínhamos uma nova chance. E eu me peguei pensando se era algo que eu estaria disposta a tentar novamente. Mas o fator que realmente me deu a certeza de que era o

melhor a se fazer foi os olhos tristes de Theo naquela manhã. Eu nunca mais queria vê-lo daquela maneira, ainda mais por minha culpa.

Por isso, coloquei meus dedos para digitar e logo enviei minha resposta:

Alice Bastos: *Claro, seria ótimo!* Só me falar a hora e o lugar *J Beijos*

CAPÍTULO 20

Claro que eu não consegui prestar muita atenção em nenhum dos dois filmes que Nanda e eu maratonamos. Quando chegou a hora de voltar pra casa e me arrumar para o tal encontro, ela parecia mais ansiosa que eu.

— Tá animada? — ela me perguntou, eufórica, ao me levar até a porta.

— Mais nervosa do que animada — respondi, sincera, soltando uma lufada de ar.

— Quero saber tudo depois, viu? — pediu logo depois de eu beijá-la na bochecha em despedida.

— Sim, senhora, nos mínimos detalhes — pisquei, cúmplice, e parti.

O apartamento de Nanda ficava perto, mas aproveitei a breve caminhada para pensar um pouco sobre aquilo tudo. Minhas esperanças estavam naquele encontro, capaz de me desligar emocional e fisicamente de Theo, que claramente estava

magoado comigo. E, claro, com toda razão.

Eu sabia que fugir não era a atitude mais legal e muito menos madura da minha parte, ainda assim, foi o jeito que encontrei para não ceder aos impulsos que meus neurônios mandavam para meus músculos e acabar me atirando nos braços fortes dele, colando sua boca na minha, beijando cada pedacinho de pele e...

Merda!

Aquelas vontades e sensações aumentavam a cada dia e minha cabeça só se tornava cada vez mais uma bola caótica. E tudo o que eu mais desejava era me livrar daqueles sentimentos estranhos que sentia toda vez que Theo se aproximava. Eu só queria que aquilo passasse de uma vez por todas, pois eu sentia como se fosse perder a cabeça a qualquer segundo, e aquilo me desesperava.

Havia simplesmente tanto em jogo que eu não sabia como lidar. Era um desafio constante pensar nele e não imaginar como seria seu beijo ou uma noite de fato ao seu lado, com direito a mãos, lábios, gemidos e tudo mais. Mas pensar naquilo

mexia com meu âmago de forma inexplicável e a ideia de que somente eu o queria também me incomodava. Eram pensamentos completamente sufocantes, na verdade. Não podia negar que parte de mim também tinha um enorme medo da rejeição. Eu sabia que o melhor caminho era não me deixar envolver. E o tal encontro com Lucas se mostrara minha única opção de escapatória naquele momento. Por isso, eu me agarraria a ela com todas as forças. Já estava decidido.

Cheguei ao *hall* do andar do nosso apartamento, pensando que seria uma boa hora para lhe pedir desculpas por mais cedo e dizer que adoraria que fizéssemos algo qualquer dia desses. Talvez eu pudesse até mesmo usar a desculpa da TPM para que ele me perdoasse mais rápido, quem sabe.

Coloquei a chave na fechadura e girei a maçaneta esperando encontrá-lo e ajeitar a besteira que havia feito. Estava um pouco ansiosa para conversarmos e garantir que ele não estivesse mais tão decepcionado. Algo rebuliçava em meu estômago, sem eu ao menos saber o porquê. Um sentimento esquisito surgia no fundo de minha garganta — que

imaginei ser apenas nervosismo ou algo do tipo. Inspirei todo o ar em meus pulmões, tomando força e coragem para o primeiro passo. E então eu girei a maçaneta e finalmente abri a porta, constatando que, sim, Theo estava lá.

Ele só não estava... sozinho.

Meus olhos percorreram automaticamente o corpo curvilíneo da mulher que usava somente roupas íntimas de renda branca em plena sala de estar. Em seu rosto fino havia um sorriso travesso enquanto suas mãos, levantadas no ar, tinham o rumo diretamente para o pescoço de alguém que eu conhecia bem.

O pescoço dele, de Theo.

Travei no lugar. O ar me faltou de imediato, como se tivesse levado um soco no estômago. No segundo seguinte, ela já rodeava a nuca dele por completo, fincando os dedos nos fios negros bagunçados. Minha boca ficou seca e senti meus olhos arderem enquanto meus lábios se abriram em estupefação. Uma pontada aguda no peito me fez cogitar um ataque cardíaco.

De repente, olhos negros conhecidos perceberam

minha presença.

— Alice? — Sua voz confusa reverberou em meus tímpanos.

E eu soube naquele instante que não havia nada de errado com meu órgão. Eram somente as consequências da tristeza que me atingia no peito como a ponta de uma faca cega.

— De-desculpa. Eu não sabia que você... humm... tinha companhia. E-eu vou embora — gaguejei de forma rápida, com um leve desconforto e vergonha.

Virei-me para a porta a fim de sair do apartamento o mais rápido possível. Eu só queria fugir, sumir e apagar aquela cena. Meu coração doía e eu não gostava das sensações que começava a sentir. Naquele instante eu só desejava estar em qualquer lugar no mundo, menos ali.

— Alice, espera! — falou um pouco afoito, correndo até mim. — Você... — tentou dizer, mas eu o interrompi.

— Eu volto depois. Não queria atrapalhar — avisei, sentindo um bolo na garganta, e apenas fechei a porta atrás de mim, indo embora a passos rápidos, querendo distância daquele apartamento.

Acabei indo parar na praça que havia ali por perto, sentada em um banco e sentindo um gosto ruim na boca. Algumas lágrimas caíram sem minha permissão e comecei a pensar se aquela mulher era alguém especial para ele. Theo não me parecia ser o tipo de cara interessado em algo casual. Para levá-la até o apartamento e não ser nem capaz de chegar até o quarto, então ele provavelmente a queria muito. Talvez até estivesse apaixonado. Afinal, ela era muito bonita mesmo. Mais do que eu gostaria de admitir.

Aquele pensamento me machucava, mas estava sendo impossível não deixar minha imaginação me levar. Uma pontada de inveja revirou meu interior e eu bufei, irritada por aquilo. Que direito eu tinha de me sentir incomodada com o fato dele estar com outra? Não éramos somente amigos? Não era eu mesma que insistia em preservar aquela amizade?

Eu estava sendo hipócrita e não pensando com clareza. Mas a verdade é que eu jamais imaginaria que ficaria tão desestabilizada daquele jeito. A angústia conhecida de um coração quebrado, estraçalhando tudo dentro do meu peito e me

fazendo odiar o fato de não ser eu quem estava em seus braços naquele instante, e sim outra mulher.

Mas então pensei que nada mais importava. Eu havia conseguido exatamente o que queria, manter nossa convivência sem ultrapassar um limite sem volta. Ele agora tinha alguém e em poucas horas eu veria Lucas.

E ainda que eu estivesse sentindo todo o meu chão ruir, eu não conseguia acreditar que Theo havia chegado tão fundo assim em mim. Eu não poderia aceitar que os sinais de minha dor eram de uma pessoa apaixonada, de jeito nenhum. Eu não podia amá-lo, simplesmente não podia.

CAPÍTULO 21

Fiquei sentada naquele banco por aproximadamente quarenta minutos, quando finalmente chequei meu celular e vi uma mensagem recente de Lucas dizendo que me buscaria em casa em uma hora, pois me levaria para um lugar surpresa. Acabei vendo também inúmeras ligações de Theo no visor, mas eu não tinha vontade de retornar suas chamadas. Não queria ouvir sua voz naquele momento. Eu não aguentaria.

Suspirei fundo, tentando acalmar as batidas do meu coração, e me recostei ainda mais no banco, pendendo minha cabeça para trás e observando o céu com poucas nuvens passeando por ele. O clima estava morno e pequenas estrelas começavam a surgir na imensidão azul. Pensei que gostaria de ficar ali para sempre, sem precisar me mexer ou ver ninguém. Infelizmente, eu sabia que aquela não era uma opção.

Eu odiava o fato de estar tão incomodada e

PERIGOSAS ACHERON

frustrada. Afinal, eu não tinha o direito de sentir aquilo. Direito nenhum! Nada daquilo me dizia respeito. Theo era livre, um homem completamente desimpedido para fazer o que bem entendesse, com quem quisesse. Ainda assim, mesmo sabendo disso, aquilo não significava que minha dor diminuía. Pelo contrário, ela só aumentava o vazio dentro de mim. Mas eu não queria ter que lidar com aquilo, ainda acreditava que era questão de tempo até que tudo passasse. Eu precisava ignorar. Ignorar e esquecer até que de fato aquilo não me importasse mais, que o que quer que Theo fizesse, não me afetasse novamente daquele jeito.

Praguejei baixinho ao me levantar. Eu não queria deixar Lucas esperando.

Enquanto caminhava a passos lentos para casa, rezei a todas as divindades que conhecia para que Theo e a tal mulher houvessem deixado o apartamento ou que ao menos estivessem no quarto dele, e não em outra área comum. Eu não poderia simplesmente sair com o Lucas com aquela roupa tão casual, precisava ao menos colocar algo decente.

Cheguei até a porta que daria entrada para a sala de estar e girei a maçaneta devagar, com receio do que veria à frente. Mas, para o meu alívio, o cômodo estava com as luzes apagadas e, aparentemente, não havia ninguém em casa. Fui direto para meu quarto e tomei uma ducha rápida, agradecendo por já ter lavado o cabelo naquela manhã. Apoiei a testa nos ladrilhos brancos do boxe e fechei as pálpebras por alguns segundos. Não estava muito no clima de sair, mas ao mesmo tempo não queria estar em casa quando Theo retornasse sei lá de onde.

Saí do chuveiro e coloquei um vestido florido que Nanda dizia ficar bem em mim. Vi meu celular vibrar em cima da cama e constatei que era uma mensagem de Lucas. Por sorte, Theo havia desistido de me ligar. Provavelmente estava ocupado demais com a outra, mas eu não queria pensar sobre o assunto.

Lucas Azuna: *Já estou a caminho. Confesso que estou ansioso pra te ver! Beijos e até já.*

Um pequeno sorriso escapuliu entre meus lábios. Lucas era realmente um cara legal, sempre foi. E

como eu pensava antes, caso eu me envolvesse com outro alguém, seria mais fácil parar de pensar tanto em outra pessoa que não deveria. Talvez não fosse justo da minha parte usá-lo daquela forma, mas algo em mim queria, sim, ver se poderíamos retomar de onde paramos. Ver se ainda poderia haver algo entre nós, algo certo e bom. Eu poderia nos dar uma chance, talvez o final fosse melhor do que eu pensava. Quem sabe...

Bom, eu só descobriria tentando.

Terminei de me arrumar e achei melhor aguardar por Lucas em frente ao prédio. Também queria ficar longe de qualquer lugar onde pudesse encontrar um certo alguém, mas assim que cheguei à sala de estar, a porta de casa se abriu e um Theo ofegante entrou.

— Onde você estava? — ele praticamente rugiu assim que colocou os olhos em mim. Começou a se aproximar e eu me assustei com seus passos pesados no piso. — Não atende a porcaria do celular! Você sabe o quanto me deixou preocupado? Porra, Alice! Fiquei que nem doido perguntando se alguém na rua tinha visto pra onde

você foi!

Theo bagunçou os cabelos, nervoso, deixando os fios ainda mais desalinhados que o comum. Meu cenho se franziu com a cena e o fato de eu não gostar nem um pouco do tom alto de sua voz. Mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, seu corpo esmagou o meu. Seus braços rodearam a minha cintura, me apertando contra seu peito. Seu rosto estava encaixado perfeitamente na curva do meu pescoço e todos os meus sentidos ficaram em alerta com aquela proximidade. Minha mente, confusa, começava a nublar e seu cheiro tão característico invadia meus pensamentos.

Arregalei os olhos quando percebi que estava perdendo minha linha de raciocínio e encontrei forças não sei de onde para me desvencilhar e impôr uma distância segura entre nós dois.

Ele estava simplesmente perto demais para que eu pudesse pensar com clareza.

— Olha só, Theo, onde eu estava não é da sua conta. Além do mais, você parecia ocupado demais, então eu só quis te dar privacidade — quase cuspi as últimas palavras. A mágoa ainda era muito

presente para que eu pudesse me fingir de desinteressada.

Dei alguns passos para trás, me afastando alguns centímetros, com medo de sentir sua pele quente novamente contra a minha. Não queria também dar brecha para começarmos uma discussão sem pé nem cabeça, isso serviria apenas para nos estressar e até mesmo causar uma briga séria. Porém, para minha surpresa, meu pulso foi segurado e logo meu corpo se chocava contra o seu mais uma vez. Seus olhos pareciam ainda mais escuros e faíscavam sobre os meus em um misto de preocupação e confusão.

— Claro que é da minha conta! — Seu hálito quente batia em meu rosto e eu não soube ao certo como reagir. Sua voz era dura, mas o tom já estava baixo como um simples sussurro atormentado. — Você simplesmente foi embora sem me deixar explicar nada. Não atende minhas ligações, simplesmente desaparece sem nem mesmo me ouvir.

— E o que você queria, Theo? — Tentei empurrá-lo para longe pelos ombros novamente,

mas ele sequer se mexeu. — Chego em casa e você tá quase se atracando com uma mulher bem no meio da sala de estar! — A lembrança da cena fez meu estômago se revirar e a mente girar. — Se você quer trazer outras para cá, o mínimo que deveria fazer era me avisar antes!

— Alice, você não está entend...

— Não estou entendendo o quê? — rosnei. — Olha só, eu não tenho nada a ver com a sua vida. Sinceramente? Não me diz respeito quem você leva pra cama ou não!

— Alice, a Karen é prima do... — tentou dizer, mas novamente o interrompi.

— Não me importa quem ela é! — resmunguei, um vinco se formando em minha testa. — Você pode fazer o que bem entender, Theo. Com quem você quiser, certo? — Bufei, não conseguindo mais guardar aquele incômodo em mim.

Eu precisava sair dali! Eu não queria saber, eu não queria lembrar e muito menos ouvir.

— Para de falar e me escuta, cacete! — ele rugiu alto e impaciente, mas eu não me calei. As palavras simplesmente saíam como se fossem capazes de

aplar ao menos um pouco da dor viva e agonizante em meu âmagô.

— Você não me deve satisfação nenhuma e sua vida pessoal não me diz respeito — avisei, respirando forte. — Mas ao menos leve em consideração o fato de que eu moro aqui também e não sou obrigada a ver certas coisas. E trazer aquelazinha e não ter nem mesmo o senso de levá-la para o seu quarto é uma falta de resp...

Dessa vez, *eu* fui interrompida.

Mas não com falas, e sim com um beijo. Um beijo voraz e completamente inesperado. Um beijo capaz de me tirar do chão e de órbita. Algo que eu nunca havia experimentado antes.

Theo colocou nossas bocas com fúria e necessidade, nublando todos os meus sentidos e acelerando meu coração contra o peito. O ar faltando em meus pulmões como se eu pudesse desfalecer a qualquer momento. Suas mãos grandes me seguravam pelos ombros, grudando nossos rostos por completo, sem me deixar escapatória a não ser aproveitar aquele toque de seus lábios contra os meus.

Eles eram macios e convidativos, e por um

segundo pensei em aprofundar aquele beijo, enrolar minha língua na sua e esquecer o mundo. Tudo o que eu queria era me entregar àquilo sem pensar mais nas consequências. Eu estava cansada de pensar. Mas quando senti, ainda que bem fraco, o cheiro de perfume doce emanando dele, fiquei enojada. Logo a lembrança de vê-lo com a outra mulher me atingiu como uma flecha. Meu sangue borbulhou e finalmente juntei forças para empurrá-lo para longe.

Para bem longe de mim e de todo aquele caos que enevoava minha mente e coração.

— O que pensa que está fazendo? — rugi, furiosa. — Você não pode sair beijando as pessoas assim!

— Você não me deixava falar — reclamou, aproximando-se novamente com os olhos opacos e intensos.

Um brilho estranho inundava sua íris, fazendo meu corpo estremecer em resposta.

— E você acha que pode simplesmente me fazer ficar quieta dessa forma?

— Vai mesmo continuar falando, Alice? —

questionou com a voz mais rouca que o normal, já próximo demais novamente. — Ou vai me ouvir? Será que eu vou precisar te beijar de novo?

— E-eu... você não vai fazer isso de novo! — Dei dois passos para trás, mesmo que todos os meus sentidos implorassem para que eu me atirasse contra o corpo dele de uma vez.

— Posso fazer, se você não me deixar explicar. — Sua voz era quente, sedutora e eu não tinha mais forças para dizer qualquer coisa que fosse.

Engoli em seco e senti o calor de sua pele que se aproximava cada vez mais, quase nos colando novamente. Prendi o ar, sem saber ao certo como agir. Eu o queria tanto que chegava a doer em todos os meus músculos.

E quando Theo abriu a boca mais uma vez para explicar qualquer coisa que fosse, o som da campainha soou e eu pulei, aumentando a distância entre nós mais uma vez. Theo bufou, claramente descontente com a pessoa que nos atrapalhava. Uma pessoa que eu sabia exatamente quem era.

Assisti a ele caminhar até a porta e abri-la com certa brusquidão, dando de cara com Lucas, que

nos fitava com uma sobrancelha arqueada. Percebi que ambos começaram a se encarar com estranheza e achei melhor intervir.

— Lucas, oi! — Aproximei-me, sem graça, com um sorriso amarelo para cumprimentá-lo. — Esse é o Theo, nós... ahn... dividimos o apartamento — expliquei. — Theo, esse é o Lucas. Fizemos faculdade juntos e combinamos de sa...

— Já entendi, Alice — Sua face se entortou em uma careta. — Sua vida pessoal também não me diz respeito, certo? — murmurou com certa amargura perto de meu ouvido, para que somente eu escutasse, afastando-se logo em seguida. — Divirtam-se — falou, seco, sem ao menos me olhar novamente.

E antes que eu pudesse falar qualquer coisa, Theo já havia virado de costas, rumando para o corredor escuro.

— Alice? Tá tudo bem? — Lucas perguntou com certa preocupação, e eu voltei a mim.

— Ah, sim. — Senti um bolo em minha garganta. — Não se preocupe, ele só está... hummm... de mal-humor. Vamos? — sugeri com um pequeno

sorriso falso, e ele concordou com a cabeça.

Durante o caminho, tentei esquecer o que havia acontecido há poucos minutos. No calor do momento, Theo havia me beijado e aquilo me parecia tanto certo quanto errado. Minha cabeça estava confusa e eu queria ter tido mais tempo para conversarmos, queria entender o que se passava na mente misteriosa do meu companheiro de apartamento. Mas as coisas acabaram pela metade e agora eu precisaria esperar para colocarmos tudo em pratos limpos em outra oportunidade.

Theo não podia simplesmente sair me beijando assim. O que diabos ele estava pensando?

— Você parece distraída — Lucas comentou enquanto dirigia.

— Foi mal, só estava pensando no trabalho. — Menti com um sorriso amarelo. — Estamos chegando? — perguntei, tentando puxar assunto e esquecer meus tormentos.

— Sim, já é logo ali. Olha! — Apontou para um píer iluminado com pequenas mesas decoradas.

— Uau, é lindo! — falei, impressionada ao ver as pequenas lâmpadas deixarem o lugar ainda mais

bonito e aconchegante.

— Esse lugar é de um amigo meu. Ele comprou a propriedade e transformou esse píer em um tipo de bistrô ao ar livre — explicou, e eu sorri, realmente maravilhada pela decoração intimista. — Vamos, eu reservei a mesa mais próxima do lago — disse, animado, ao estacionar.

Logo estávamos a caminho da entrada, onde um garçom simpático nos levou para nossos lugares.

— Seu amigo realmente teve uma ótima ideia — comentei, observando cada detalhe do ambiente. Lucas concordou e pediu um vinho para brindarmos.

— Aos velhos tempos — ele disse com um sorriso charmoso que me fez corar e sorrir bobamente.

— E aos novos também — sugeri, e ele assentiu, batendo sua taça na minha e provando o conteúdo.

— Agora, que tal me explicar por que você está dividindo o apartamento com um homem com cara de poucos amigos? — perguntou, divertido, porém com clara curiosidade.

Eu quase engasguei com a bebida.

Afinal, a última coisa da qual eu queria falar era sobre Theo e como tudo aquilo aconteceu. Porém, vendo os olhos de Lucas aguardando uma resposta, apenas lhe expliquei por alto como fomos parar naquela situação. Como um bom ouvinte, ele prestou bastante atenção em cada palavra.

— Tomei um susto quando o vi, achei que fosse seu namorado — comentou, aliviado, e eu balancei a cabeça em negativa.

Pelo visto era só isso que ele queria confirmar.

— Somos só... amigos — falei, tentando me convencer de que aquela definição ainda parecia certa aos meus ouvidos.

Só que, ao contrário do que eu esperava, ela soava completamente errada.

— Ah, que bom! Porque achei que ele tinha planos de decepar minha cabeça a qualquer instante — brincou com um sorriso e eu retribuí da melhor maneira que consegui.

— E como foi a viagem de especialização? — perguntei, verdadeiramente interessada em ouvi-lo.

Naquela noite, eu só queria esquecer o resto do dia e me divertir, conversar e ter bons momentos

PERIGOSAS ACHERON

para guardar. E, definitivamente, não pensar naquele beijo arrebatador que definitivamente não estava nos meus planos. Era simplesmente demais lidar com aquilo.

A partir disso, o jantar se mostrou muito mais animado do que eu esperava. Lucas e eu conversamos sobre diversos assuntos, compartilhando histórias do passado e dividindo histórias do presente. Não fomos capazes de evitar as gargalhadas ao relembrar algumas situações cômicas que vivemos na época da faculdade e aquilo me trouxe uma boa distração. Consegui, com muito esforço, esquecer os assuntos que me sufocavam e, ao final do jantar, eu estava genuinamente alegre.

Em certo ponto, Lucas sugeriu que nos sentássemos na ponta do píer, de frente para o grande lago rodeado pela lua cheia e brilhante.

Era uma vista e tanto.

— Aqui é realmente incrível — constatei, balançando meus pés e sentindo a brisa da noite tocar meu rosto.

— É sim — respondeu, pensativo, e senti sua

mão pousar por cima da minha. — Que bom que aceitou meu convite.

— Fico feliz que tenha me convidado, eu precisava disso — respondi, sincera.

Sentia-me bem ali, totalmente confortável com Lucas e sem medo algum. Não tinha em mim o receio de que as coisas dessem errado e fossem para os ares como eu sentia quando pensava em Theo. Não existia riscos ou consequências. Caso não desse certo, cada um simplesmente seguiria seu caminho e só. Era a escolha mais fácil, ainda que não parecesse totalmente correta.

Não pensei muito quando o vi se aproximar, mesmo sabendo o que aconteceria em seguida. Seus lábios roçaram nos meus em um selinho breve e carinhoso. Mas, ao contrário do que eu esperava, não me trouxe as mesmas sensações boas da época da faculdade. Não havia borboletas voando em meu estômago nem nada parecido.

O beijo foi... morno, sem graça, sem paixão.

Meu corpo e mente continuavam ali, no píer, quase como se estivessem entediados. Bem diferente de alguns anos atrás. E mais ainda, o

completo oposto do beijo avassalador de Theo, capaz de incendiar todo meu corpo somente com um toque.

Foi naquele exato instante que me vi obrigada a aceitar o que sentia. Não havia mais escapatória, e muito menos alguma dúvida. Eu estava completa e irrevogavelmente apaixonada por Theo e cada mínimo pedaço dele. O jeito egocêntrico, o cuidado genuíno, os olhos penetrantes, a boca macia, a voz rouca e as mãos firmes que eu desejava ter percorrendo por todo o meu corpo.

Eu já não podia mais negar, podia? Sim, eu o amava. Amava-o por inteiro, sem tirar nem pôr.

Os sentimentos foram crescendo gradualmente, sem eu nem mesmo perceber sua presença no início. Aquela paixão foi surgindo com cada toque, cada risada, cada carinho e cada troca de olhar, como dois ímãs que sempre se atraíam de forma involuntária. As coisas simplesmente aconteceram, não do dia para a noite, mas de momento em momento.

Momentos que vivemos juntos ou que compartilhamos durante as conversas no sofá, na

mesa de jantar ou no corredor entre nossos quartos. Quando vi, já éramos íntimos e estávamos bem, do jeitinho que era. Podíamos brincar um com o outro e nos tocar cada vez de forma mais natural. E tudo isso foi se tornando algo necessário no nosso cotidiano, a presença um do outro tornou-se familiar e preciosa. Eu só não queria enxergar o que aquilo significava.

Menti para mim mesma achando que era apenas algo de pele, e eu por muito tempo acreditei de verdade ser isso. Talvez, de início, realmente fosse apenas algo de corpo e um desejo enlouquecedor. Porém, já não poderia mais me esconder nessa mentira lavada, nessa ilusão de que eu não sentia qualquer sentimento mais profundo por Theo. Pois, sim, eu sentia.

Sentia até demais. Sentia tanto que chegava a doer. E então percebi que não poderia mais esconder aquela certeza ou ignorar o fato de que eu o amava e o queria, desesperadamente.

E com essa constatação límpida, meu corpo retesou para trás antes que o beijo de Lucas se aprofundasse.

— Desculpa, acho que o vinho me deixou um pouco tonta.

Não menti totalmente, sentia mesmo minha cabeça girar um pouco, mas tinha certeza de que não era pela taça bebida. Porém, ele não precisava saber o que realmente me atormentava.

— É melhor eu te levar pra casa — Lucas falou com certa preocupação, e eu agradeci a gentileza.

Sim, era melhor eu ir para casa. Para Theo.

CAPÍTULO 22

Lucas estacionou o carro em frente ao meu prédio e me perguntou novamente se eu estava bem. Falei que sim e pedi desculpas por estragar a noite. Ele, claro, disse para que eu não me preocupasse e eu lhe ofereci um sorriso agradecido.

— Obrigada mesmo por hoje, Lucas. O lugar é realmente muito bacana — falei, sincera, tirando o cinto que me rodeava.

— Alice — ele me chamou, e eu o fitei, vendo a timidez estampada em seu rosto. — Quando, você sabe, nos beijamos... — começou, e eu assenti, um pouco envergonhada por ele tocar no assunto. — ... você também percebeu que algo estava... errado? — perguntou, meio sem graça, e eu soltei uma lufada de ar.

— Sim, totalmente errado — respondi, aliviada por ele sentir o mesmo.

— Ufa, que bom que não fui só eu. — Ofereceu

um olhar cúmplice e aliviado.

— Tem alguém na sua vida? — perguntei, curiosa, e ele balançou a cabeça positivamente. — Então ela é uma garota de sorte! Mas por que você não levou *ela* até o píer?

— Nós nos conhecemos durante a especialização nessas semanas, ela mora em outra cidade. — Deu um sorriso triste e entendi o que o deixava preocupado. — Mas achei que tudo acabaria quando eu voltasse pra casa. E eu realmente estava ansioso para sair com você. Tínhamos algo realmente muito bom no passado.

— Tínhamos sim, mas acho que é algo que realmente ficou no passado — comentei, e ele assentiu com um pequeno sorriso. — Mas não desista, fale com ela! Muitas pessoas namoram a distância, quem sabe vocês não encontram um meio termo? — sugeri, erguendo um ombro.

— Você acha mesmo? — perguntou, receoso, mas senti uma pitada de esperança em sua voz.

— Claro! Quando duas pessoas se gostam, elas fazem dar certo.

— É, acho que você tem razão. Obrigado, Alice!

— Nada, que isso. Vou ficar na torcida por você!
— Sorri.

Lucas merecia uma garota legal que fizesse seu coração bater mais forte. Assim como Theo fazia o meu quase pular para fora do peito.

— Saiba que eu também vou torcer por você — ele comentou, sugestivo, e senti meu rosto esquentar. — Não achou mesmo que eu havia acreditado que você e esse tal de Theo eram só amigos, né? — avisou com uma risada, e eu sorri amarelo. — Olha, se você gosta dele, como parece que gosta, não deixa essa chance escapar. A vida é feita de riscos, Alice. Se não tentarmos, nunca saberemos se seria algo pelo qual valeria a pena lutar.

Suas palavras me tocaram de maneira profunda, pois me recordei no mesmo instante de uma conversa com Theo, quando ele mesmo me dissera algo muito parecido. Ele tinha razão naquela noite e Lucas tinha total razão agora. Eu precisava mesmo me arriscar, me permitir sentir e descobrir se Theo seria capaz de retribuir meus sentimentos de alguma forma.

Eu estava fugindo desde que me vira atraída por ele, evitando que as coisas tomassem proporções maiores e tão grandes que eu já não seria capaz de voltar atrás caso precisasse, mas meus planos não deram nem um pouco certo. Naquele estágio, tendo completa consciência do que sentia, eu sabia que estava em uma rua sem saída. A diferença é que agora eu estava disposta a encarar aquilo de frente e correr os riscos necessários, sem surtar com as possíveis consequências. Elas que se danassem!

Theo poderia muito bem não me corresponder — e uma rejeição não seria nada fácil —, mas eu estava cansada de correr e havia chegado a hora de enfrentar meus medos de uma vez por todas. Nem que para isso eu precisasse competir com a outra mulher que estava em nosso apartamento mais cedo. Eu agora só podia torcer para que ele não a amasse, pois se seu coração ainda estivesse livre, eu ao menos teria uma chance de conquistá-lo.

— Obrigada, Lucas! Você tem toda razão. Acho melhor eu ir resolver isso de uma vez por todas.

— Boa sorte! — ele desejou com um sorriso, e eu assenti, saindo do carro e correndo para dentro da

portaria.

Não via a hora de chegar em casa e ver Theo, dizer tudo o que estava entalado em meu peito e descobrir o que ele teria para me dizer em seguida. O elevador demorava a chegar e eu sentia meu coração pulando entre as costelas, ansioso para encontrar seu dono.

— Ai, que demora. Vamos, vamos! — eu dizia enquanto aguardava sem paciência que a caixa de aço atingisse o térreo.

Porém, para minha surpresa, senti o celular vibrar dentro da pequena bolsa. Meio destrambelhada, consegui tirar o aparelho e ver que era Esther. Minha testa logo se enrugou.

— Alice! — a voz chamou assim que atendi a chamada.

— Dona Esther, o que houve?

— Sinto muito te ligar de última hora, mas poderia vir ao hospital? — ela falava ofegante. — Uma das plantonistas começou a passar mal e chegaram algumas crianças com sintomas de dengue.

— Mas é claro, chego aí em alguns minutos! —

avisei rapidamente, guardando o celular e andando a passos rápidos até o hospital.

A madrugada seria intensa e eu precisaria deixar minha conversa com Theo para outra hora.

Só esperava que no dia seguinte não fosse tarde demais.

CAPÍTULO 23

A manhã de domingo havia chegado sem eu me dar conta. O fluxo do hospital tinha sido tão violento quanto Esther prometera, ainda mais com poucos médicos plantonistas disponíveis naquela escala. Sentia o corpo pesar pelo cansaço e cheguei a cair no sono nas duas ou três vezes em que me recostei em um canto qualquer. Precisava urgentemente descansar.

Quando a diretora me disse que estava liberada, eu quase corri para fora daquele prédio branco, mas, ao passar por um corredor específico, não pude deixar de fazer uma breve visita a um certo alguém.

— Bom dia, papai — saudei, me aproximando de seu leito e ajeitando os fios teimosos que caíam em seu rosto. — Como se sente hoje?

E lá estava o típico silêncio, rodeado somente pelo maldito bipar das máquinas que o mantinham

vivo. Em uma semana completaria quatro meses desde o derrame e meu pai continuava ali, desacordado e com a pele quase fria, meio morta.

— Sabe, tá sendo bem difícil continuar te vendo nessa cama, sinto como se as lembranças que tenho de você sorrindo e tão cheio de vida fossem substituídas por esse silêncio e seus olhos fechados — confessei, sentindo a voz embargar pelo choro que queria vir.

Falar sobre aquilo trazia minhas emoções para fora de uma maneira quase brutal.

— E eu não quero... — soluzei — ... não quero pensar em você e ver um homem em coma, sem consciência e sem calor. Você entende o que eu quero dizer? — Juntei sua mão entre as minhas e apertei meus dedos. — Eu não sei mais como lidar com o fato de que a cada dia a probabilidade de você voltar pra mim diminui. E se você estiver sofrendo? O que eu posso fazer para te ajudar? Tem algo que eu possa fazer? Porque eu só vejo as minhas mãos atadas, o tempo todo!

Eu me sentia péssima, como filha e profissional, sem ter muito o que fazer para trazê-lo de volta. O

tempo estava sendo nosso pior inimigo, mas ele era implacável e nada poderia detê-lo, no final das contas.

Deixei que as lágrimas rolassem por meu rosto. Abracei o corpo desacordado em uma tentativa falha de senti-lo mais perto, mas a pele quase fria só me trazia a angústia de saber que seus braços não me rodeariam como eu gostaria.

— Sinto muito, pai. Sinto muito mesmo por não ser capaz de fazer nada por você agora, de não ser tão útil quanto eu deveria ser — murmurei entre um soluço e outro. — Eu tenho pensado muito sobre as nossas possibilidades, mas a ideia de te deixar quando a hora chegar é absurdamente dolorosa. É como se eu simplesmente desistisse de você, da nossa vida. Mas sei também que não posso ser egoísta a esse ponto, deixar que você continue nesse estado só porque eu não quero ficar sozinha — admiti, sentindo as cordas vocais tremerem.

Porém, aquelas palavras me soaram estranhamente como uma mentira.

Porque ainda que meu pai se fosse, eu não ficaria sozinha nunca. Eu tinha Nanda, Esther e até mesmo

Theo. Eu tinha pessoas comigo, pessoas que se importavam e gostavam de mim, pessoas que me queriam bem e jamais deixariam o meu lado.

De repente, um pequeno sorriso sincero salpicou em minha boca. Um sentimento diferente crescendo dentro de mim e se espalhando por cada centímetro.

— Eu espero realmente que você volte pra mim, seu Júlio. Você sempre me criou pra ser uma garota forte, e tudo o que eu tenho e sou é graças a você. — Afaguei sua bochecha com carinho. — Sabe, eu tenho pessoas muito boas comigo e se eu precisar te deixar ir, sei que poderei me apoiar nelas pra não morrer de saudades suas. Não sei o que o tempo tem guardado pra gente, mas prometo seguir em frente, aconteça o que acontecer. Não vou te decepcionar, eu juro!

Minha voz falhava pelo choro, mas cada palavra dita estava carregada com minha maior honestidade. Não sabia se ele podia me ouvir, mas aquela promessa fora feita para mim também. Eu tinha certeza de que papai odiaria me ver arrasada ou parando minha vida, ele sempre teve sonhos muito grandes para mim e eu não deixaria isso

morrer. Seguir em frente era minha maior forma de honrá-lo. De qualquer forma, ainda havia aproximadamente dois meses para que eu tomasse uma decisão e isso significava que ainda me restavam dois meses para rezar e acreditar que ele acordaria. Eu não deixaria a esperança morrer, não ainda.

Enxuguei as lágrimas que ainda caíam e inspirei fundo, sentindo o corpo cansado reclamar.

— Preciso ir, papai, mas nos vemos amanhã. E... obrigada, por tudo. — Beije-lhe a testa e passei meus olhos por seu rosto abatido. — Se quiser acordar antes do nosso próximo encontro, fique à vontade também, viu? — brinquei, fazendo um leve carinho em seu braço antes de me virar e partir.

Apesar de exausta, eu ainda não havia esquecido o quanto queria conversar com Theo. Não via a hora de chegar em casa e encontrá-lo, mas antes eu queria contar a Nanda sobre minha mais nova revelação. Talvez ela pudesse até mesmo me dar algum conselho de como abordar o assunto nem um pouco delicado.

Peguei o celular e disquei seu número de cabeça,

sendo atendida logo no primeiro toque.

— Me conta tudo! — ela pediu, ansiosa. — Como foi o encontro? Vocês passaram a noite juntos? Ai, meu Deus, Lili, quero todos os detalhes!

— Calma, calma. — Ri divertida, achando graça de sua histeria. — Tenho muito o que te contar mesmo, mas não é bem o que você tá esperando.

— Como assim? Desembucha! — pediu, e eu inspirei fundo antes de começar.

Contei desde o meu flagra de Theo com a outra mulher na sala de estar, a nossa discussão e o beijo, até a saída com Lucas e como eu finalmente descobri que estava apaixonada por meu companheiro de apartamento.

Eram tantas informações sendo jogadas, que Nanda apenas ficou quieta, ouvindo meu desabafo.

— Aí é isso, eu só quero chegar em casa e vê-lo. Vou contar tudo, amiga, falar o que eu sinto e seja o que Deus quiser!

Minha respiração estava descompassada, provavelmente por eu ter ficado minutos falando sem parar. Depois disso, quando meu coração aquietou um pouco e eu dei brecha para Nanda

PERIGOSAS ACHERON

dizer algo, um grito estridentemente eufórico quase me ensurdeceu.

— EU NÃO ACREDITO! FINALMENTE VOCÊ PERCEBEU, LILI! EU TÔ TÃO FELIZ POR VOCÊ! — ela se atropelava nas palavras, e eu pude imaginá-la perfeitamente com um sorriso de orelha a orelha estampado no rosto.

— Como assim *finalmente eu percebi*? — Pisquei algumas vezes tentando entender o que ela estava insinuando.

— Eu já sabia que você gostava dele faz tempo, amiga. É muito óbvio! — Ela riu, divertida. — Estava esperando você finalmente se ligar e aceitar seus sentimentos.

— Ok, ok. Já entendi, eu estava enganando só a mim mesma, então, né? — Ri, e ela concordou do outro lado da linha. — Mas tô indo pro apartamento agora mesmo resolver isso.

— Ah, amiga, acho que você vai precisar esperar mais um pouquinho.

— Mais um pouquinho? Por quê? — perguntei, curiosa, avistando meu prédio já do outro lado da rua conforme andava a passos rápidos.

— O Theo não tá em casa agora, na verdade — avisou, um pouco triste.

— Ué, como você sabe? — questionei, adentrando a portaria.

— Miguel me contou que eles teriam um almoço de família hoje que ia durar até tarde. Pelo visto é aniversário de uma prima dele. Karen, se não me engano. — Engoli em seco ao reconhecer o mesmo nome da mulher que estava no apartamento com Theo no dia anterior.

— K-Karen? — gaguejei. — Merda, é a mulher que tava lá em casa se oferecendo pra ele!

— Tem certeza, Lili? Pode ser outra Karen, não é um nome tão incomum.

— Não, eu lembro que ele tentou me contar que era a prima de alguém ou algo parecido. Só pode ser essa prima do Miguel! Que droga! — Senti a voz embargar e os ânimos caírem.

Cheguei até o *hall* do meu andar e destranquei a porta, constatando que o apartamento realmente estava vazio. Então Theo havia ido ao tal aniversário. Será que estavam mesmo em um relacionamento? O coração dele já havia sido

roubado por outra? Eu... perdi de vez as minhas chances?

— Será que ele gosta dela? — Minha voz soou melancólica.

— Ei, Lili, não se precipite e nem pense em desistir! — Nanda disse em seu tom mandão. — Agora que você sabe que está apaixonada, não pode perder a coragem. Mesmo que ele não te corresponda, ao menos você estará livre pra seguir em frente. Guardar isso tudo no peito de novo só vai te fazer explodir, confia em mim.

Nanda tinha razão. Se eu continuasse escondendo aqueles sentimentos, chegaria uma hora em que viraria uma bomba-humana ambulante. E eu não queria isso. Queria ser sincera com Theo e, mesmo que ele não sentisse nadinha por mim, pelo menos eu saberia que havia tentado, me arriscado de verdade.

— Tudo bem, não vou desistir. Vou esperar ele chegar e aí eu conto tudo de uma vez — avisei, indo diretamente para o meu quarto e me esparramando na cama.

— Eu não esperava nada diferente de você, Lili!

Lute por ele, não deixe o Theo escapar tão fácil assim!

Seu conselho me estimulou e uma faísca de esperança despertou em mim. Eu ainda tinha alguma chance, tinha que ter!

— Olha, dizem que o melhor caminho para conquistar o coração de um homem é começando pelo estômago — Nanda sugeriu, sugestiva, e uma ideia se formou em minha cabeça.

— Hummm, acho que preciso ir para o supermercado!

Um sorriso travesso se formou em meu rosto no mesmo instante. Eu tinha uma boa ideia para aquela noite.

CAPÍTULO 24

Após ter todo um plano montando com Nanda, ela sugeriu que eu dormisse ao menos um pouco antes de colocá-lo em ação. De acordo com ela, se tudo desse certo naquela noite, eu também a passaria em claro. Porém, dessa vez, de uma forma bem mais... hummm... prazerosa.

Como Miguel havia dito que o almoço levaria quase que o dia inteiro, não vi problema em tirar um cochilo. Estava realmente morta demais para fazer qualquer outra coisa. Acordei quase quatro horas depois com o despertador, sentindo meu corpo agradecer pelo descanso. Não demorei muito para me levantar, afinal, eu tinha coisas a fazer antes que Theo finalmente chegasse. Tomei um banho e vesti uma calça e camiseta simples, pegando o Impala e indo diretamente para o supermercado.

Logo vi que o tempo estava mudando e algumas nuvens negras já nublavam completamente o céu.

PERIGOSAS ACHERON

Viria uma chuva forte por aí e era melhor eu me apressar. Comprei todos os ingredientes que havia anotado nas notas do celular e repassava em minha cabeça cada parte do plano. Primeiro, eu faria um jantar especial para nós dois. Poderíamos passar um tempo juntos e conversar melhor. Esperava que o clima ruim do dia anterior tivesse ido totalmente embora, para que eu pudesse me abrir de uma vez por todas e torcer para que não fosse nada estranho.

Mesmo tendo certeza de que sim, seria bem estranho.

Em segundo lugar, eu não sabia dizer, porque tudo dependeria da reação de Theo.

O pensamento de que ele poderia me rejeitar não me deixava em paz. Os riscos eram altos, ele poderia até mesmo estar começando algum tipo de relacionamento sério com a tal Karen. Eu teria que descobrir, tirar dele alguma informação sobre o assunto. Mas, independentemente de qualquer coisa, eu não fraquejaria, iria em frente. Se ele não sentisse o mesmo, uma pena. Provavelmente eu sofreria de início, mas ao menos teria o meu fechamento. Sabia que, com o tempo, passaríamos

por isso juntos e seríamos como os amigos de sempre. Ao menos era o que eu esperava.

Eu só tinha uma certeza naquela vida: eu contaria a verdade para Theo, e o que quer que acontecesse a partir disso, bom... eu lidaria da melhor maneira que conseguisse.

Fui para o caixa pagar as compras sentindo meu estômago se remexer de tão nervosa que estava. Acho que nunca havia ficado tão maluca assim por cara nenhum na vida, então aquilo era algo bastante novo para lidar. Respirei fundo, olhando as horas e ansiosa para chegar em casa e começar os preparativos.

Com três sacolas relativamente pesadas nos braços, eu corri até o carro parado no estacionamento aberto, já sentindo algumas gotas de chuva me atingirem no curto caminho. Acomodei as compras no assoalho do banco de trás, me assustando com o barulho alto de um trovão. Em menos de dois segundos, as gotas de água aumentaram de tamanho e velocidade, atingindo o Impala e causando um barulho alto de chuva forte.

— Ah, não! — praguejei baixinho, tentando ligar o automóvel. — Que porcaria de barulho é esse? Por que não liga? — questionei, com raiva pelo carro não dar sinal de vida e o engasgo do motor me trazer certa preocupação.

Passaram-se quase trinta minutos nessas tentativas frustradas de fazer o carro ligar. Já desesperada pela chuva que não cessava, me vi numa situação azarada e sem muito o que fazer.

— Inferno! Isso só pode ser brincadeira! — reclamei, pegando o celular e tentando ligar para Nanda, mas sem sucesso.

Incrível que, quando mais precisamos, as únicas pessoas que podem te ajudar simplesmente somem do mapa. O Universo só podia estar tirando uma com a minha cara de novo.

E lá estava eu, presa no estacionamento de um supermercado, completamente ilhada.

Depois de algum tempo, acabei desistindo e larguei o celular no banco do carona, recostando a testa no volante e resmungando minha falta de sorte. Para quem mais eu poderia pedir socorro? Infelizmente, só um nome passava pela minha

cabeça. Mas era isso ou ficar por horas presa naquele estacionamento que começava a alagar.

Não desejando passar a noite inteira ali, peguei o celular e fiz o que tinha que fazer.

— Theo? — falei, assim que a ligação foi atendida.

— Oi, Alice — sua voz era seca e aquilo apertou meu peito.

— Ahn, eu... desculpa te ligar, mas você por acaso tá por perto de casa já?

— Acabei de chegar, por quê?

— Bom, será que pode... humm... me ajudar? O carro não tá ligando e eu tô presa no estacionamento do supermercado.

— Chego em dez minutos. — Desligou, e eu fitei o celular por um segundo.

Ele não parecia muito contente com a minha ligação, provavelmente ainda estava irritado pelo dia anterior, mas eu esperava que com um jantar amigável as coisas melhorassem. Recostei-me no banco do motorista, vendo os raios clarearem os céus momentaneamente. Havia sido um péssimo dia para o Impala quebrar, não poderia ser em pior

PERIGOSAS ACHERON

hora.

Para o meu alívio, não demorou muito para ver o carro preto se aproximar e estacionar ao lado do meu. Theo saiu do veículo e fez sinal para que eu abrisse o capô, e assim o fiz.

— Theo, tá chovendo muito. Volta para o seu carro, eu posso pedir um reboque amanhã! — gritei pela fresta do vidro aberta, tendo minha voz abafada pelo som da água batendo no chão e na lataria.

Ele sequer me respondeu, apenas fez sinal com a mão para que eu esperasse. Mordi o canto da boca, me sentindo pessimamente culpada. Theo estava todo encharcado e ainda assim não desistia de mexer sabe-se lá no quê no capô do carro.

— Tenta ligar agora — ele falou alto para que eu o ouvisse, e eu girei a chave, ouvindo o moto engasgar por alguns segundos, mas rugir como novo no instante seguinte.

— Foi! Funcionou! — avisei, me sobressaltando no banco quando ele bateu o capô com força.

Theo se aproximou do vidro, os fios negros completamente molhados e caídos em seu rosto

perfeito, as gotículas d'água recaindo sobre o queixo quadrado. A respiração um pouco ofegante, mas com um pequeno sorriso de canto.

Por que ele era tão bonito assim? Claro que eu ia acabar me apaixonado por ele, como não iria?

— Eu avisei que o carro precisava de alguns reparos — falou, cínico, e eu sorri amarelo.

— Vamos pra casa, você vai ficar doente assim — comentei, acanhada, e ele assentiu, entrando no próprio carro e fazendo sinal para que eu o seguisse.

Estacionei em nossa garagem e o vi sair do próprio veículo e vir em minha direção. Ele, de repente, pegou as chaves de minha mão e abriu o Impala.

— Ei, o que você tá fazendo? — perguntei, consternada.

— Só quero checar o carburador.

Ele abriu o capô e começou a mexer no carro com devoção. Parecia até mesmo uma criança com seu brinquedo novo.

— É melhor você ir tomar um banho quente, tá todo encharcado!

— Vai ser rápido — avisou, despreocupado.

— Não, de jeito nenhum, Theo. Você vai pegar uma gripe feia assim, olha o seu estado! Vamos logo, agora! — Puxei-o pela camiseta, fazendo o tecido se desgrudar de sua pele.

— Tsc — Ele estalou a língua e me sorriu, debochado. Pensei que o chão pudesse se abrir sob meus pés no mesmo instante. — Tudo bem, garota irritante, você venceu! Amanhã eu vejo com calma.

O capô foi fechado em seguida e o carro trancado. Fomos para o elevador e Theo logo adentrou a caixa de aço, mas antes das portas se fecharem, me recordei das compras no banco traseiro e pulei para fora, com os olhos negros me fitando confusos.

— Esqueci minhas coisas, vai subindo — avisei antes das portas se fecharem completamente.

Abri o carro e peguei as sacolas com um pouco de dificuldade. O fato dele ter apenas as portas dianteiras dificultava a tarefa. Porém, mesmo toda torta pegando as compras, eu me sentia aliviada. Talvez nem tudo estivesse perdido, afinal. Eu poderia ao menos fazer o jantar enquanto Theo

tomava banho. Seria uma boa forma de agradecer também por ter me resgatado.

Peguei o elevador junto com as compras logo em seguida, fazendo malabarismos para abrir a porta do apartamento e colocar tudo na bancada da cozinha. Arregacei as mangas e me coloquei a trabalhar, ligando o forno em seguida. A ideia era fazer um suflê de espinafre que Theo uma vez confidenciou ser sua comida favorita. Juntei os ingredientes no liquidificador enquanto untava a forma e me virava constantemente para ter certeza de que meu companheiro de apartamento não apareceria na cozinha de repente, estragando de vez a minha surpresa. Por sorte, suflê era algo relativamente rápido de se fazer e em pouco tempo eu já estava colocando a travessa no forno. Agora só restaria aguardar para que ficasse pronto.

Suspirei fundo quando vi a massa crescer perfeitamente e fui para meu quarto vestir uma roupa mais arrumadinha. Se era para fazer algo legal, então eu queria fazer direito. Coloquei um vestido preto e casual que marcava bem minha cintura. Não podia acreditar que realmente iria falar

para o Theo que havia me apaixonado por ele. Meu coração batia tão forte que eu achava que pularia do peito a qualquer momento.

Ainda assim, mesmo com medo, eu não pretendia dar para trás. Àquele ponto, nada poderia me impedir.

Ajeitei os cabelos e me olhei no espelho. Estava bonita e natural, sem exageros, mas nada aplacava meu nervosismo. Balancei as mãos ao lado do corpo e mexi os ombros para ajeitar a postura. Eu precisava estar confiante para que tivesse alguma chance.

Saí do quarto, vendo que o cheiro do suflê já inundava a casa. Sorri pelo aroma bom e constatei que Theo continuava em seu quarto. Aproveitei para a arrumar a mesa com agilidade enquanto o jantar ainda não estava no ponto. E quando o forno apitou, eu o abri sentindo o cheiro agradável de comida quente e gostosa. Coloquei o suflê na mesa e mordi o canto da boca. Estava na hora.

— Theo! — chamei da cozinha, e logo ouvi sua porta se abrir.

— Que foi? E que cheiro é esse, Alice? — ele

perguntou, desconfiado, enquanto chegava à sala de estar.

— Ué, eu fiz o nosso jantar — falei, animada, mas com um pouco de vergonha quando senti suas esferas ônix me fitarem dos pés à cabeça e um sorriso torto surgir em seu rosto.

— E seu namorado sabe que você fica cozinhando pra outros caras assim? — questionou com certa acidez, e eu arqueei a sobrancelha, confusa.

— Namorado?

— Deixa pra lá. — Revirou os olhos e sentou-se à mesa. — O cheiro tá... — um espirro o interrompeu — ... bom — completou e serviu-se de um generoso pedaço.

— Ficou gripado? Se sente bem? — perguntei, servindo meu prato.

— Não é nada — disse, provando a comida e fazendo um som de aprovação. — É de espinafre! — falou, um pouco surpreso, e eu sorri.

— O seu favorito, não é?

Ele confirmou e eu levei uma garfada à boca, percebendo que o clima começava a amenizar.

Jantamos em um silêncio confortável, mas eu sentia algo se remexer dentro de mim conforme eu procurava a melhor maneira de tocar no assunto. Um assunto tão delicado que, mesmo passando a tarde toda ensaiando as falas mentalmente, eu não sabia como chegar e falar: “ah, então, acabei me apaixonando por você. Desculpa aí” logo para a pessoa que dormia no quarto de frente para o meu.

Como eu poderia começar? O que eu deveria dizer para iniciar o assunto? Deveria perguntar sobre a tal Karen de uma só vez? Eram tantas perguntas que eu nem conseguia colocar os pensamentos no lugar.

— Alice? — sua voz me acordou de meus devaneios.

— Ah, oi! Sim? — perguntei, sem graça por estar completamente aérea.

— Por que isso... — mais um espirro — ... tudo?

— E-Eu... ahn... queria conversar sobre... — E de repente ele espirrou mais três vezes e pude perceber seu semblante mais abatido. — Theo, você tem certeza que tá bem? — perguntei, me levantando e indo até ele. Coloquei minha mão em sua testa e

estalei a língua. — Droga, você tá ardendo em febre!

— Não é nada. — Ele segurou meu pulso. — Sobre o que quer conversar? — perguntou, e percebi que seus olhos estavam opacos e cansados.

Espirrou mais uma vez e vi seu corpo amolecer na cadeira.

— Depois falamos sobre isso — sugeri, e ele fez uma careta de desaprovação. — Vamos, preciso medir sua temperatura. — Puxei-o pelo braço e fomos até seu quarto.

Coloquei Theo deitado e pedi para que esperasse. Peguei em minha farmacinha um remédio para abaixar a febre e um copo com água na cozinha. Já sabia que as coisas não seriam como eu imaginava e, mesmo frustrada com a minha falta de sorte, eu estava mais preocupada em ajudá-lo do que qualquer outra coisa. O instinto médico sempre falaria mais alto quando alguém doente estivesse perto de mim. Era inevitável.

— Aqui, toma isso. Vai te deixar sonolento, mas vai acordar melhor amanhã. — Estendi o comprimido e a água.

— Mas sobre o que você quer conversar, Alice?
— ele insistiu após ingerir o remédio.

— Não é hora pra isso. E coloca o termômetro embaixo do braço. — Entreguei o objeto para ele, que revirou os olhos e bufou como uma criança. — Não faça birra, você já é bem grandinho! — brinquei, rindo e ele apenas virou o rosto para o outro lado, fechando as pálpebras por alguns segundos.

Sentada ao seu lado na beirada da cama, esperei o tempo necessário para retirar o termômetro, constatando que Theo estava com quase trinta e nove graus de febre.

— Céus, tá muito alta! Se não abaixar, talvez seja melhor irmos ao hospital — comentei, pegando um pano e molhando na pia do banheiro antes de colocar em sua testa.

— Você é médica — ele disparou com a voz mole. — Pode muito bem cuidar de mim.

— Mas, Theo...

— Seu namorado não vai gostar, é? — provocou num tom amargo, e eu suspirei.

Ele parecia estar com... ciúmes?

— Theo, eu não tenho namorado. De onde tirou isso?

— Você passou a noite com aquele cara ontem. Lucas, não é isso? Imagino que seja seu namorado, porque você não me parece ser alguém que dorme com qualquer um. Ou me enganei? — Fitou-me com uma sobrancelha arqueada em desafio e a respiração forte contra o peito.

— Idiota! — Um vinco se formou em minha testa. — Claro que eu não durmo com qualquer um. E também não dormi com o Lucas, se quer saber. Eu fui chamada para um plantão de uma última hora no hospital ontem à noite — contei, incomodada pelas suposições que Theo havia feito, mas vi sua feição mudar para completa surpresa e até mesmo alívio.

Suas bochechas estavam coradas, provavelmente pela febre, e eu percebi sua respiração descompassar.

— Mas você não tem nenhum direito de falar sobre mim, tá legal? Ou pensa que esqueci daquela garota sem roupas no meio da sala de estar? — acusei, sentindo a raiva subir e me lembrando da

cena que eu gostaria que fosse completamente apagada de minha mente.

— Alice — chamou no mesmo instante em que se sentou na cama e levou seus dedos até meu queixo, me obrigando a encarar seus olhos negros. A pele formigando em cada centímetro que ele tocava.

Meu rosto começou a esquentar e esqueci de como levar o ar até os pulmões.

— Você sempre tira conclusões precipitadas. — Entortou os lábios em um sorriso torto e tossiu algumas vezes em seguida.

— Shhh! Fica quietinho aí — mandei, empurrando-o de volta para que se deitasse na cama.

Não podia negar que também estava com medo do que ele poderia dizer sobre a tal prima do Miguel. Se ele falasse que estavam juntos, seria o fim das minhas esperanças.

— Você precisa descansar pra melhorar. — Coloquei o pano molhado novamente em sua testa.

— Tsc — Estalou a língua. — Eu tentei dizer ontem, mas você não queria me ouvir. — Suas
PERIGOSAS ACHERON

pálpebras começavam a se fechar e eu sabia que era o efeito do remédio. — Você entendeu tudo errado! Karen só veio me devolver a chave que eu havia deixado com o Miguel. Bom, ao menos foi o que ela disse. — Fez uma careta. — Ela sem roupa na sala foi uma surpresa tão grande pra você quanto pra mim — explicou, e eu arregalei os olhos.

— Verdade? — perguntei, sem conseguir esconder minha euforia. — Você e ela não...? — Theo balançou a cabeça em negativa.

— Não temos nada — disse, com dificuldade em manter as pálpebras abertas. — E eu pedi pra que ela fosse embora logo depois, eu só queria te explicar... — Tossiu algumas vezes e eu fiz um carinho em seu tronco inconscientemente. — E dizer que... — sua mão apertou a minha em seu peito e meu coração disparou.

— Dizer o quê, Theo? — perguntei, ansiosa, sentindo um nó na garganta, e vi um pequeno sorriso se formar em seus lábios.

Sua mão se levantou e tocou meu rosto, fazendo um breve carinho em minha bochecha com o polegar. Aproximei nossos rostos e fechei os olhos

por um segundo, aproveitando um pouco mais aquele contato reconfortante.

— Que eu não consigo mais resistir, Alice. Você não sai da minha cabeça e eu não quero mais ninguém.

De repente, sua boca tomou a minha. De novo.

Meu desejo era paralisar o tempo naquele instante. Meu coração estava histérico, os pulmões gritavam e eu só queria me jogar nos braços de Theo e ficar ali por toda a eternidade.

Minhas mãos se enroscaram inconscientemente em seus cabelos, diminuindo consideravelmente a distância de nossos corpos, o que fez todas as minhas células queimarem com o contato.

Infelizmente não demorou para que seus lábios se desgrudassem dos meus, e então percebi que o corpo de Theo começava a amolecer rápido, culpa do maldito remédio.

— Tudo bem, você precisa mesmo descansar agora — avisei, acomodando-o novamente na cama e deitando sua cabeça no travesseiro.

Theo riu. Uma risada baixa, porém gostosa de se ouvir.

— O que foi? — perguntei, curiosa.

— Deu tudo errado — ele disse, e eu o encarei, confusa. Sua mão buscou a minha e assim que a encontrou, pousou em seu peito largo, bem onde ficava o coração. As batidas lentas e cansadas, quase como se o sono o estivesse alcançando na velocidade da luz. Ele encheu os pulmões lentamente e fechou as pálpebras. — Eu tentei te evitar de tantas maneiras, Alice. Fingir que não ficava ansioso toda vez que você estava por perto. Tentei ignorar seu cheiro pelos cômodos, suas pernas à mostra pela casa e até sua voz quando dizia meu nome, mas não adiantou nada. — Soltou o ar pelo nariz, balançando a cabeça enquanto o canto da boca se repuxava levemente. — Desde que te conheci, tudo o que eu pensava era em você, naquela sua cara de brava e em quando eu poderia te ver de novo e passar qualquer mísero segundo do seu lado. Isso faz algum sentido?

Meus olhos começavam a ficar embaçados, porque eu me sentia exatamente da mesma maneira. Demorou um tempo até que eu pudesse notá-lo de verdade, mas no instante em que o

enxerguei como o homem incrível que era, foi inevitável não me apaixonar por Theo e desejá-lo só para mim.

— Faz, faz todo o sentido. Todo o sentido do mundo! — respondi, tentando inutilmente controlar a voz trêmula.

Sua mão apertou um pouco mais a minha em seu peito e logo sua respiração se tornava tranquila, conforme ele se deixava levar de vez pelo sono.

Afaguei delicadamente o rosto adormecido e tão bonito, repetindo em minha mente as palavras que ele dissera e sentindo uma enorme vontade de pular e correr pelo apartamento, como se eu fosse a campeã de alguma coisa.

E talvez eu fosse mesmo.

CAPÍTULO 25

Acordei com o despertador do celular me avisando que mais uma segunda-feira havia chegado e já estava na hora de ir trabalhar. Espreguicei-me na cama macia, sentindo o cheiro amadeirado por todo o canto e, sem perceber, mergulhei meu rosto no travesseiro em busca de sentir mais daquele aroma que me trazia sensações tão boas. E assim, como num raio, minha mente se recordou da noite anterior e do fato de que eu não estava na minha cama, por isso o cheiro de Theo enchia todo o ambiente e meus sentidos. Abri os olhos, sentindo-os um pouco embaçados, e esfreguei o rosto em busca de despertar por completo. Pelo visto eu havia caído no sono enquanto aguardava que a temperatura dele diminuísse.

Mas agora a cama parecia extremamente grande somente para mim. Olhei ao redor, mas não havia nenhum sinal de Theo pelo quarto. Levantei da

PERIGOSAS ACHERON

cama em um pulo e espreitei por detrás da porta do banheiro da suíte, mas entortei os lábios em uma careta ao constatar que não havia ninguém ali também. A passos leves e receosos, me dirigi até o corredor e em seguida até a sala de estar.

— Theo? — chamei, desconfiada, mas nenhuma resposta foi ouvida. — Theo, você tá aqui? — perguntei mais alto, olhando todos os cômodos.

Fiz uma careta ao perceber que estava sozinha no apartamento e que ele tinha simplesmente sumido.

Puf, como se nunca tivesse estado ali.

Provavelmente já havia ido para o trabalho, já que seu perfume ainda estava fresco pelo ar. Mas por que não me acordou? Nem mesmo se despediu!

Suspirei um pouco triste ao pensar que ele poderia ter se arrependido do que dissera na noite anterior e simplesmente fugido para não me encarar. Talvez ele sequer se lembrasse do que tinha falado. Poderia ser apenas um delírio por causa da febre e do estado sonolento. Nenhuma das alternativas que passavam por minha cabeça, eram boas. Tentei esconder minha decepção e fui para meu quarto trocar de roupa para ir ao hospital.

Esfreguei o rosto desolado com as mãos e decidi preparar o café da manhã. Pensei que seria bom chegar um pouco antes do turno começar e conversar com Nanda, ela com certeza estaria subindo pelas paredes de curiosidade naquele momento. O único problema é que eu não sabia direito o que contar a ela.

Cuidei dele, ele se declarou, me beijou, dormimos juntos. E na manhã seguinte, fugiu sem dar as caras.

Que tipo de história romântica era essa?

Fui até a cozinha, inconformada de que as coisas realmente tinham terminado daquele jeito, sem nem mesmo um “obrigada por cuidar de mim, Alice. O que eu falei ontem era sério, eu não estava delirando nem nada, só para você saber.”

Abri a geladeira, enchendo um copo com água gelada e bebendo-o por inteiro. Recostei minha testa no azulejo branco da parede e resmunguei o quanto Theo era idiota.

Virei irritada para deixar o copo na pia e foi quando eu vi.

Logo em cima do fogão, uma frigideira coberta

PERIGOSAS ACHERON

por uma tampa de panela e um estranho pedaço de papel por cima. Assim como no dia do risoto.

Praticamente corri até que tivesse a folha em minhas mãos, abrindo sua dobra e reconhecendo a caligrafia masculina:

“Eu precisei ir para o trabalho cedo porque tinha uma reunião no primeiro horário, mas ainda não terminamos nossa conversa de ontem. E não pense também que esqueci que você tinha algum propósito com aquele jantar. Estou ansioso para saber o que era.

Obs.: acordei realmente bem melhor. Obrigado por cuidar de mim.

Theo.”

E claro que, como a boba apaixonada como eu me classificava, dei três pulinhos no lugar, rodopiando e indo até Snow, que comia sua ração ali perto, pegando-a no colo e enfiando meu rosto em sua barriga peluda.

— Ele gosta de mim, ele gosta de mim! — eu falei, extremamente realizada, esquecendo toda a raiva de alguns segundos atrás.

Apertei a bola de pelos contra meu corpo e ri alto,
PERIGOSAS ACHERON

beijando a cabeça da felina em pura felicidade enquanto me jogava no sofá com Snow nos braços. Um miado que mais parecia um resmungo me trouxe de volta à realidade e eu pedi desculpas baixinho para a gata, que apenas ignorou minha alegria e foi tirar seu precioso cochilo logo ao lado.

E eu continuei ali, com um sorriso aberto, borboletas no estômago e um coração disparado.

CAPÍTULO 26

Tomei o café da manhã deixado por Theo me sentindo a garota mais sortuda do mundo. Cheguei ao hospital um pouco antes do turno começar e só faltava saltitar de tanta alegria. Algo que, claro, não passou despercebido por Nanda.

— Que bom humor, hein?! — ela comentou, sorridente, e eu a puxei para um abraço, fazendo uma dancinha esquisita que a fez rir pelos meus passos desengonçados. — Pelo visto a noite foi boa! Quero saber tudo, Lili!

— Deu tudo errado, Nanda! — eu falei, rindo e balançando a cabeça enquanto ela me olhava com a sobrancelha arqueada e a feição perdida. — Tudo completamente errado, mas ao mesmo tempo certo. Dá pra entender?

— Não. Não entendi porcaria nenhuma, Alice! — reclamou. — Seja mais específica, estou morrendo de curiosidade aqui. Não me torture mais! — pediu,

fazendo um beicinho fofo que me fez apertar suas bochechas.

Eu estava mesmo descontrolada. Descontroladamente feliz!

— Vem! Vamos conversar melhor num lugar mais tranquilo.

Puxei Nanda para uma sala vazia e lhe contei tudo sobre a noite anterior, vendo as exclamações em seu rosto cada vez mais intensas e curiosas.

— Ele disse mesmo isso? — ela perguntou com a voz fina tentando segurar um grito de animação.

— Sim, amiga! Ele disse, cada palavrinha! E quando eu acordei, ele tinha simplesmente desaparecido. Achei que tinha se arrependido e fugido, sei lá, mas quando fui à cozinha, tinha esse recado dele aqui junto com meu café da manhã pronto. — Entreguei o pedaço de papel e Nanda correu os olhos pela letra de Theo.

— Lili, isso é maravilhoso! — ela exclamou, contente, e eu concordei. — E hoje, como você pretende fazer?

— Não sei ainda, na verdade. Não sei se vou ter tempo de preparar nada legal. — Fiz um beicinho

PERIGOSAS ACHERON

triste. Eu queria, mais do que qualquer coisa, que aquela noite fosse especial.

— De repente compra um vinho no caminho e usa uma *lingerie* bem *sexy*. Aposto que ele vai gostar! — Piscou, travessa, e eu assenti.

— Acho que é isso mesmo que eu vou fazer!

— Depois me conta tudo. Minuciosamente! Só trabalho com detalhes, não esqueça. — Nanda pediu, afoita.

Mas minha mente já estava longe, pensando em como eu terminaria aquela noite.

[...]

Saí do hospital ainda sem conseguir tirar o sorriso bobo e cheio de expectativas do rosto. Passei em um pequeno mercadinho que tinha ali perto e comprei uma garrafa de vinho e alguns aperitivos.

Andava a passos rápidos sem nem mesmo perceber, chegando ao apartamento e sentindo minha respiração um pouco ofegante em frente à porta. Inspirei fundo e ajeitei meu cabelo antes de colocar a chave na fechadura e girar a maçaneta.

Theo claramente ainda não havia chegado pelas

luzes apagadas e ausência de seu perfume no ar. Aproveitei o lugar vazio e arrumei o vinho, as taças e as comidinhas na mesa da sala. Corri para o banheiro e tomei um bom banho quente, soltando uma risada divertida ao ouvir a campainha tocar algumas vezes, enquanto eu terminava de enxaguar o cabelo.

Balancei a cabeça, incrédula que isso aconteceria novamente. Um repuxar de lábios se formou em meu rosto e decidi que poderia ser um pouco ousada, afinal, ele parecia ter gostado até demais da outra vez, não? Enrolei a toalha em meu corpo, segurando a vontade de rir no meio do caminho enquanto avançava para a porta principal. Peguei o vinho com uma mão e suspirei fundo, tentando acalmar os nervos.

Destranquei a porta e comecei a abri-la devagar, enquanto falava brincalhona:

— Vai me dizer que esqueceu suas chaves de novo ou...

E então eu gritei e fechei a porta o mais rápido que pude, colocando o vinho na bancada novamente antes que o mesmo caísse e se

quebrasse.

Cacete! Aquilo não podia estar acontecendo de novo, podia?

— De-desculpem, eu achei que fosse... outra pessoa. Podem... — engoli em seco, sentindo a voz falhar — ... aguardar um minuto?

— Claro, querida. Não se preocupe — a voz feminina e doce do outro lado se fez presente e eu engoli em seco, ouvindo uma risada baixa masculina em seguida.

— Puta merda, não acredito! — praguejei correndo para meu quarto e vestindo a primeira roupa que vi, sentindo minhas bochechas queimarem pela vergonha, pelo simples fato de que não, não era Theo do outro lado da porta.

Aliás, eu nem sabia quem eram aquelas duas pessoas que me aguardavam no *hall* do andar. Só sabia que aquela situação havia ganhado o primeiro lugar na minha lista de momentos constrangedores. Suspirei fundo algumas vezes, tomando a coragem necessária para sair do quarto e recepcionar os dois convidados que claramente não eram meus. Andei nervosa pelo corredor, ouvindo as vozes

desconhecidas já na sala de estar, sendo seguida pela voz de meu querido companheiro de apartamento.

— Por que esse sorrisinho ridículo no rosto, Victor? — Theo perguntou, desconfiado, e logo reconheci o nome do seu irmão mais velho.

Não, aquilo não podia ser real. Era só o que me faltava!

Também era claro que eu sabia exatamente o motivo porque ele estava sorrindo daquela forma. Com certeza tinha algo a ver com o fato de eu tê-los atendido só com uma toalha e um vinho em mãos. Minha ideia de ter uma atitude ousada havia atingido um outro patamar, sem dúvida alguma!

— Nada não, irmãozinho. Nada não — respondeu, irônico, e eu retesei um passo, pensando em apenas me trancar no quarto e fingir que nada daquilo acontecera e que eu nem mesmo estava em casa.

Se eu ficasse em silêncio, talvez eles acabassem se esquecendo de mim e indo embora sem precisarmos de apresentações.

É, parecia um bom plano.

— Certo... eu vou ver se a Alice já chegou.

Merda!

— Ah sim, ela tá em casa. Provavelmente esperando por você. Ou ao menos eu espero que seja *você* — o tal de Victor falou, debochado, e logo em seguida resmungou: — Ai, mãe, isso dói!

Ri imaginando o que a senhora Leone havia feito com o primogênito. Um beliscão, talvez, pela insinuação nada discreta.

Isso aí, dona!

— Pode ir, querido. Ficaremos aqui esperando — disse, simpática, e eu ouvi os passos se aproximando do corredor.

Não daria tempo para me virar e correr, então apenas enchi os pulmões e tentei não parecer tão sem graça ainda ao me deparar com Theo logo a minha frente.

— Temos visitas — avisou, e eu fiz uma careta.

— Eu sei — expliquei. — Abri a porta pra eles, mas... eu não estava, bom... devidamente apresentável. — Sorri amarelo, e ele arqueou uma das sobrancelhas.

— Por isso meu irmão tá agindo que nem um
PERIGOSAS ACHERON

idiota?

— Talvez. — Entortei a boca, não querendo dar mais informações. Eu já estava constrangida demais para dizer mais alguma coisa sobre o assunto.

— Sei... — Cerrou os olhos brevemente com um sorriso cínico. — Minha mãe e Victor vieram por causa de uma reunião e eu só fiquei sabendo quando os encontrei agora no corredor. Eles queriam me fazer uma surpresa. Desculpa por isso — pediu, sincero, tocando meu pulso com carinho.

— Tudo bem, acontece.

Suspirei, já cedendo aos encantos daquele breve contato quente em minha pele. Theo apenas repuxou os lábios de uma maneira extremamente charmosa, capaz de transformar minhas pernas em mingau.

— Certo, vou te apresentar a eles... devidamente apresentável dessa vez. — Riu e me puxou pelo pulso.

— O-ok — gaguejei, bastante constrangida por precisar encarar a família dele logo após uma situação completamente trágica.

Adentramos a sala e sorri amarelo para as duas pessoas que me encaravam dos pés à cabeça, especialmente Victor, que era bastante parecido com o irmão, porém com os olhos de um azul incrivelmente profundo. O sorriso irônico em seu rosto resultou em minhas duas bochechas extremamente vermelhas.

— Alice, essa é minha mãe, Clara.

Theo nos apresentou e eu me aproximei, sendo surpreendida por um abraço apertado.

— É ótimo te conhecer finalmente, querida! — Afastou-se segurando meus ombros e me olhando de forma gentil. — Agora consigo entender porque meu filho sugeriu de morarem juntos — disse insinuativa e eu corei, sorrindo envergonhada.

— Mãe! — Theo falou em tom repreensivo, e a mulher abanou a mão como um pedido de desculpas.

— É muito bom conhece-la também, senhora Leone — respondi, sincera, vendo de onde ele herdara os cabelos e olhos negros.

— Oh, por favor, me chame de Clara, sim? — pediu e eu concordei, gostando de sua simpatia.

— E este é o Victor, como você já sabe — Theo disse, e o mais velho acenou.

— Não queríamos estragar a... — arranhou a garganta e segurou uma risada — ... noite de vocês. Mas eu tive uma reunião aqui na cidade hoje mais cedo e mamãe decidiu vir comigo pra visitar o filhote dela. — Apontou para Theo com o queixo, que revirou os olhos pelo apelido. — Vamos embora amanhã e pensamos em sair pra jantar, o que acham?

— Ah, eu não quero atrapalh...

— Fazemos questão da sua presença, Alice! Adoraria te conhecer melhor, espero que possa nos acompanhar.

Eu não queria ser a intrusa que invadiria a reunião familiar, mas sua forma de falar era tão honesta e amável que eu não poderia recusar tal pedido.

— Será um prazer — admiti. — Só preciso trocar de roupa, mas prometo ser rápida.

Fui diretamente para meu quarto e depois de revirar o armário, finalmente encontrei o vestido verde-claro que queria. Troquei de roupa às

pressas, tentando não me demorar muito. Não podia deixar a família de Theo esperando. Já bastava a primeira impressão devassa que eles tiveram de mim, agora eu precisava consertar as coisas e mostrar que eu era uma pessoa normal.

Pelo menos na maioria das vezes.

Saí de meu quarto vendo Theo sair do dele no mesmo instante, com os cabelos molhados da ducha recente, uma calça jeans escura e uma camiseta branca. Tão lindo que minhas pernas ameaçaram derreter sem meu consentimento.

Perdi um pouco da consciência enquanto o admirava, e provavelmente por conta disso não percebi quando seu corpo grande esmagou o meu contra a parede do corredor. Foi tudo extremamente rápido, mas logo sua boca estava colada na minha de maneira faminta.

Sua língua quente pediu passagem e eu aceitei de imediato, sentindo-a se enrolar com a minha de uma maneira gostosa. Seu hálito de menta e o cheiro do perfume masculino invadiram meus sentidos de maneira tão viciante que eu desejei me perder naquele momento para sempre. Havia uma

mistura de fúria e delicadeza naquele beijo, o suficiente para me fazer amolecer por completo. Minhas mãos voaram para seu pescoço, puxando-o para mais perto, não querendo que nossos corpos se desgrudassem por um segundo sequer. Uma de suas mãos me rodeava pela cintura, achatando meus seios em seu tronco largo, enquanto a outra me segurava pela nuca, deixando o beijo ainda mais desesperado.

Pedi aos céus que o tempo parasse e ficássemos ali, daquele jeito, pelo resto de nossas vidas. Eu queria mais, muito mais do que aquilo. Eu queria me perder em todas aquelas sensações que Theo me trazia, fazendo meu mundo girar para todas as direções. Mas, para minha tristeza, a falta de ar nos atingiu e Theo se afastou, mesmo que meus dedos fincados em seus cabelos mostrassem o quanto eu gostaria que ele não o fizesse. Seus olhos logo encararam os meus, tão perto que pensei ser capaz de me perder na imensidão daqueles ônix tão intensos e brilhantes. Sua testa encostou-se na minha. Os lábios entreabertos pareciam muito convidativos e perdi o raciocínio quando um sorriso

charmoso preencheu aquela boca irresistível.

— Quer dizer que você tinha planos pra hoje? — provocou com a voz mais rouca que o normal, fazendo os pelos de minha nuca se arrepiarem e um frio gostoso percorrer minha espinha.

— Talvez... — sussurrei, ainda um pouco perdida.

Eu ficava assim quando suas mãos me tocavam daquela maneira, percorrendo minha cintura, enterrando os dedos longos em minha carne. Seu rosto próximo demais do meu, o suficiente para me tirar os sentidos.

— Talvez, é? — ele brincou, vendo meu estado inerte e beijando o canto da minha boca e indo até minha orelha, deixando um rastro de beijos molhados e quentes por toda a minha pele, quase me enlouquecendo de vez.

— É... — murmurei, atordoada, fechando os olhos e arfando baixinho quando seus dentes mordiscaram uma área sensível do meu pescoço.

— Você nunca cansa de me surpreender, Alice — confidenciou num sussurro.

Era pedir tanto assim para os familiares de Theo

PERIGOSAS ACHERON

simplesmente desaparecessem daquele apartamento e nos deixassem a sós?

Sim, provavelmente era pedir demais, pois rapidamente me dei conta de que eles estavam logo ali, a pouquíssimos metros de nós dois. Suas vozes baixas enquanto conversavam sobre alguma coisa qualquer me fizeram voltar à realidade. Suspirei fundo, um pouco derrotada, antes de pousar as mãos no peitoral de Theo, adorando sentir seus músculos entre meus dedos e me odiando por afastá-lo de mim quando eu o queria ainda mais perto.

— Não podemos deixar sua família esperando — avisei, em um muxoxo, quando seus olhos buscaram os meus mais uma vez.

— Eu queria ficar só com você — Theo disse com tanto carinho e honestidade que senti meu coração dançar hula dentro do peito.

— Eu também. — Encaixei minha mão na lateral de seu rosto. — Mas vamos ter muitas oportunidades pra isso, certo? — Sorri antes de encurtar a distância entre nós e selar nossos lábios uma última vez.

— Definitivamente — sussurrou entredentes, a boca ainda colada na minha.

Tomei coragem para me desvencilhar de seu aperto, sabendo que seriam minhas últimas forças para não mandar tudo para os ares e nos trancar em meu quarto e fazermos amor ali mesmo, sem me importar com as companhias, vizinhos ou quem quer que fosse.

— Tudo bem, vamos — ele disse, entrelaçando nossos dedos e me puxando em direção à sala de estar.

Victor nos encarou com a sobrancelha arqueada e Clara mantinha seu sorriso amável no rosto, abrindo-o mais ainda ao ver nossas mãos juntas.

CAPÍTULO 27

Saímos do apartamento e optamos por ir a um restaurante especializado em carnes a algumas quadras do prédio. O clima estava agradável, com uma brisa refrescante que anunciava a chegada da primavera.

Fui caminhando com Clara, enquanto a matriarca me contava um pouco sobre a cidade natal e a infância dos filhos. Eu a ouvia com bastante interesse e até um pouco de nostalgia, lembrando de como era bom ter minha família completa junto a mim, algo que não acontecia desde que meu pai entrara em coma. E ainda que aquele momento específico me fizesse recordar sobre ele e nossos programas de pai e filha, tentei dispersar os pensamentos para não estragar o clima bom da conversa. Apenas me permiti ouvir cada história e imaginar as cenas divertidas que ela detalhava com muito carinho.

Theo e Victor estavam logo atrás e conversavam

PERIGOSAS ACHERON

entre cochichos que mal podiam-se ouvir, despertando levemente minha curiosidade, principalmente quando eu detectei algo que parecia meu nome. Pensei em perguntar o que ambos comentavam de maneira tão comedida, mas havíamos chegado à porta do restaurante e eu não quis parecer intrometida questionando aqueles dois.

No final da noite, eu poderia perguntar diretamente para Theo. E se ele não quisesse me contar, eu sempre poderia ameaçá-lo com a vassoura.

Fomos levados até uma mesa no meio do salão, com Clara elogiando a decoração moderna do lugar. Pedimos um vinho branco assim que o garçom simpático nos atendeu.

— Estava com saudades de ter meus dois filhos à mesa. E fico mais contente ainda de termos uma nova companhia — Clara disse e sorriu em minha direção. — Agora me conte, Alice, qual foi sua primeira impressão do meu menino?

Olhei divertida para Theo antes de me virar para os outros dois.

— Minha primeira impressão... — repeti,

pensativa. — Bom, que ele era um ladrão ou um tarado. Talvez os dois, mas eu não tinha tanta certeza. — Sorri, soltando uma breve risada ao ver Theo estalar a língua.

— Não vou nem comentar a *minha* primeira impressão de você — avisou, com uma feição zombeteira.

— Com certeza foi das melhores, não é, meu querido? — Clara interveio, divertida.

— Ah, sim, com certeza. — Ele repuxou um canto da boca.

— Mas e aí, Alice, conta mais de como foi que descobriram o golpe. O Theo nunca falou direito sobre o assunto — Victor pediu, curioso.

Comecei a explicar como tudo aconteceu, contando a cômica e trágica cena de quando Theo surgiu no apartamento sem mais nem menos, a chegada dos policiais e a verificação dos documentos. Victor e Clara ouviam com atenção, segurando o riso em algumas partes. O clima era agradável e os assuntos foram surgindo naturalmente. Claro que não era exatamente a noite que eu planejava ou esperava, mas ainda assim eu

não podia tirar seu mérito, estava mesmo me divertindo com aqueles três.

Enquanto Clara comentava sobre como as coisas andavam em casa, Theo mantinha-se quieto, ouvindo o que a mãe dizia e respondendo a suas perguntas sobre o trabalho, até que ele comentou uma novidade que pegou a todos de surpresa, inclusive a mim mesma:

— O gerente do meu setor vai se aposentar em dois ou três meses. Não sabem ainda quem vai substituí-lo, mas meu nome tá na mesa.

— Isso é maravilhoso, querido! — Clara falou, tocando a mão do filho por cima da mesa.

— Caramba! Que ótimo, Theo! Temos que comemorar — propus, e Victor me olhou sugestivo. Logo entendi o motivo, sentindo as bochechas corarem. — Quer dizer... todos nós, né? — expliquei, sem graça, vendo Theo me olhar com uma sobrancelha arqueada.

— Mas Alice tem razão, irmãozinho. É mesmo uma ótima notícia e merece ser comemorada. Parabéns! — Brindou na taça do irmão com uma piscadela cúmplice. — No final das contas, você

fez bem em não querer seguir a carreira do papai.

— É, sempre deixei a advocacia pra vocês dois. Nunca teve nada a ver comigo. — Ergueu um ombro, sorvendo um gole da bebida.

— Theo sempre foi mais ligado à tecnologia mesmo e se mostrou muito focado e dedicado à área desde a faculdade. Quando o convidaram para o cargo, eu já sabia que grandes oportunidades o esperavam — Clara disse, orgulhosa.

— De fato, ele era é um *workaholic* de primeira! Nem me lembro da última vez que o vi sair com alguém, especialmente uma garota — Victor provocou e Theo estalou a língua. — Bom, a verdade que não podemos negar é que essa mudança toda só trouxe coisas boas pra você, não acha?

Theo não respondeu com palavras, mas fez um breve aceno de cabeça antes de finalizar sua taça.

— Fiquei muito saudosa depois da mudança, mas é bom saber que tem uma pessoa tão atenciosa como você de olho no meu menino, Alice. Aposto que se deixasse, ele comeria aqueles congelados todos os dias. Estou errada? — Arqueou as

sobrancelhas e o filho mais novo revirou os olhos.

— Está totalmente certa, na verdade! — Ri com a careta de Theo em minha direção. — No início ele adorava aquelas lasanhas de micro-ondas. A geladeira vivia cheia delas, você tinha que ver!

— Ai, essas porcarias que fazem mal para a saúde, cruzes!

— É exatamente isso o que eu falo pra ele, dona Clara! — Compartilhamos um olhar cúmplice.

— Isso é quase um complô, sabia? — Theo resmungou, e Victor riu da feição fechada do irmão mais novo.

— Mas pode ficar tranquila, depois que começamos a preparar as refeições juntos, ele não comeu mais essas comidas congeladas. Pelo menos não durante a semana, o que já é um avanço — garanti, e a matriarca sorriu agradecida.

— Falou aquela que conhece até o dono da pizzaria da rua — Theo zombou, e inflei minhas bochechas.

— Ah, nem vem! Você nunca reclamou quando o senhor Jailson tirava a taxa de entrega em troca de medir a pressão de vez em quando — retruquei,
PERIGOSAS ACHERON

vendo Theo rir enquanto erguia um ombro.

— Achei uma troca justíssima — Victor comentou, brincalhão.

As próximas horas passaram rapidamente entre todo tipo de conversa. Era ótimo ouvir as aventuras dos irmãos Leone quando pequenos e como Theo era facilmente influenciado pelo mais velho, que chegou a convencê-lo de que se usasse a cueca por cima da calça, ele instantaneamente ganharia poderes. Theo, claro, não gostou muito de se lembrar da cena embaraçosa e resmungou algo sobre ganhar uma suspensão de dois dias na escola por isso.

Clara observava os filhos com um olhar nostálgico e eu me permiti aproveitar aquela feição de orgulho que toda mãe tem ao ver suas crias crescidas. Recordei-me de como papai sempre se dizia orgulhoso do caminho que escolhi e da pessoa que me tornei. E tudo isso eu devia a ele, e o que eu mais desejava, do fundo do meu coração, era ter a chance agradecê-lo uma última vez.

— Querida — a matriarca me chamou e tocou em minha mão de forma carinhosa. — Tudo bem?

Tinha certeza de que havia disfarçado muito bem meus pensamentos e a feição cabisbaixa, mas aparentemente ser mãe também inclui ter o tal sexto sentido.

— Sim, claro. Tudo bem — respondi com um pequeno sorriso, gostando um pouco de sentir aquela presença quente e maternal de preocupação.

— Já contei a história de quanto Theo chegou em casa emburrado com um menininho loiro atrás dele? — questionou, e eu fiz que não com a cabeça. — Você tinha que ver, Alice! Theo chegou furioso na sala de estar, dizendo que um garoto irritante não parava de segui-lo e dizendo ser seu melhor amigo.

— Não me diga que... — Fitei Theo, que ergueu um canto da boca. — Era o Miguel, não era? — perguntei, e Clara riu.

— Sim, era o Miguel! Ele insistiu tanto que eventualmente Theo acabou se acostumando com a presença do novo amigo. Tornaram-se inseparáveis desde então e foi ótimo saber que eles poderiam se ver com mais frequência agora que ambos morariam perto.

— Ele continua me seguindo em todos os cantos, isso não mudou nada — Theo murmurou. — Bom, na verdade, ele até que melhorou agora. — Deu de ombros.

— Deixa eu adivinhar... mulher? — Victor pressupôs e eu intervim.

— Uma garota incrível, bonita, inteligente e divertida. Essa é pra casar! — falei, animada.

— Ok, já entendi que ela é sua amiga, Alice! — o mais velho zombou, e eu sorri amarelo. — Nenhuma outra solteira pra apresentar ao cunhadinho aqui não? — disparou, e eu paralisei, sem saber o que responder.

Autointitular-se como meu “cunhadinho” provavelmente foi demais para minha mente absorver em tão pouco tempo.

— Nem pensar, do jeito que você é, vai sair com a garota uma ou duas vezes e sumir do mapa — Theo resmungou, e fechei a cara para o mais velho.

Definitivamente eu não apresentaria nenhuma conhecida para um galinha. Não mesmo!

— Que isso, Theozinho! Não é bem assim, oras. É sempre bom conhecer alguma garota nova e

PERIGOSAS ACHERON

interessante. Não estou preso a ninguém mesmo. — Deu de ombros, entortando a boca.

— Ah, Victor, não se faça de bobo que eu sei muito bem que você está saindo às escondidas com a Isabella há algumas semanas — Clara bradou, e ele engasgou, surpreso.

— O-o quê? — gaguejou.

Os olhos azuis estavam arregalados em direção à matriarca.

— Isabella? A secretária do papai? — Theo questionou com um sorriso travesso, e eu ri da palidez que tomava conta da feição de Victor.

— Cacete, mãe! Como assim você tá sabendo disso? — perguntou, frustrado, e logo uma discussão se formou na mesa.

Clara contava da vez que vira a garota sair descabelada de uma sala do escritório de advocacia da família e em seguida percebeu Victor fugindo de fininho do mesmo lugar. Theo, claro, riu da situação, afirmando que o irmão ia acabar se apegando à garota, enquanto o mais velho insistia que aquela não era uma possibilidade, ainda que suas bochechas coradas dissessem o contrário.

Nem percebemos quando o restaurante esvaziou e ficamos somente nós quatro no local. Pedimos a conta e começamos a caminhar sem pressa até o nosso prédio. Ao chegarmos em frente à portaria, Theo chamou um táxi para levar a mãe e o irmão até o hotel em que estavam hospedados. Na despedida, ambos me surpreenderam com um abraço íntimo e apertado, o que me deixou incrivelmente feliz. Eu me senti totalmente acolhida pelos Leone e aquele era um sentimento bom e quente.

Vimos o carro se afastar e Theo enlaçou seus dedos nos meus enquanto subíamos o elevador, ambos concordando que a noite com seus familiares havia sido divertida, apesar de inesperada.

— Ah! Ei, o que você e o seu irmão estavam cochichando enquanto íamos para o restaurante? — perguntei desconfiada ao entrarmos na sala de estar. — Eu posso jurar que ouvi meu nome!

Theo soltou uma risada baixa que me deixou ainda mais cismada.

— Ele estava apenas comprovando que eu estava

certo. — Deu de ombros com uma feição provocativa.

— Certo sobre o quê? — questionei, desconfiada.

— Que você realmente tem o hábito de recepcionar as pessoas sem roupas apropriadas. Ou, no caso, sem roupa alguma.

Sua boca se torceu em um sorriso debochado e eu bufei.

— Como eu ia imaginar que não era você? Eu não estava esperando mais ninguém! — grunhi, lembrando da situação desesperadora quando abri a porta e não era Theo do outro lado.

— Então aquilo era mesmo pra mim, hum?! — Sua voz soou baixa por detrás de meu ouvido, fazendo todo meu corpo estremecer e paralisar.

Minha garganta secou no mesmo instante, assim como os pelos de minha nuca se eriçaram instantaneamente.

De repente, seus braços rodearam minha cintura e senti seus dentes se arrastarem pelo lóbulo de minha orelha, enquanto eu me esquecia de como respirar e o coração batia forte contra o peito.

— Eu não aguento mais — sussurrou. — Você já
PERIGOSAS ACHERON

me fez esperar muito, Alice.

E assim, em menos de um segundo, Theo me virou para si, selando nossos lábios em um beijo alucinante.

CAPÍTULO 28

Meu quadril se recostou na quina da pequena mesa de jantar que ficava entre a sala e a copa da cozinha. Suas mãos percorriam minhas curvas de maneira insana, possessiva e desbravadora. Theo parecia desejar conhecer cada mínimo centímetro de mim, me deixando completamente extasiada com seu toque quente em minha pele. Sua boca esmagava a minha em um beijo quase selvagem, tomando todos os meus sentidos e despertando todos os meus desejos. Meus dedos se emaranharam entre seus fios negros, puxando alguns, volta e meia, em minha direção, para que nossos lábios não se desgrudassem em momento algum.

O gosto que invadia minha língua era deliciosamente viciante. Nosso beijo se encaixava com perfeição e ritmo, enquanto nossos corpos se tocavam e a pele ardia quase febril debaixo das roupas. Roupas as quais eu queria fora de nosso

PERIGOSAS ACHERON

caminho o quanto antes.

As respirações se descompassavam, mas não tínhamos a menor vontade de findar aquele contato. Pelo contrário, queríamos apenas acabar com qualquer mínima distância que ainda havia entre nós. Tínhamos esperado tanto por aquilo, tanto eu quanto Theo, que a ideia de nos separarmos alguns centímetros chegava a ser dolorosa. Mas quando os pulmões finalmente reclamaram pela falta de ar, a língua de Theo desceu por meu pescoço, deixando um rastro quente de saliva por onde passava. O calor em meu ventre começava a surgir com maior propriedade e eu roçava propositalmente minha coxa direita em sua lateral, em busca de mais contato.

Theo soltou um grunhido baixo, claramente tão excitado quanto eu mesma e, em resposta, minha cabeça pendeu para trás. Sem perceber, entreabri meus lábios, aproveitando aquela sensação agradável que ele me trazia com os apertos firmes em minha carne e sua língua hábil percorrendo um caminho tortuoso.

Eu me sentia no céu e no inferno. Era confuso,

um completo caos e ao mesmo tempo a coisa mais certa de toda a minha vida.

Sua boca sedenta alcançava toda a extensão de pele exposta em meu pescoço, deixando beijos molhados por onde passava, até chupar o lóbulo de minha orelha e fazer todos os pelos de minha nuca se arrepiarem de imediato.

— Eu vou te fazer minha esta noite, Alice — ele sussurrou com a voz extremamente rouca em meu ouvido, e inconscientemente um pequeno gemido se prendeu em minha garganta pelas expectativas daquela promessa. — Esta e todas as outras.

Aquilo me fez despertar por um instante. Eu queria ser dele, completamente. Mas não podia esquecer o que aquilo significava.

— Theo — chamei-o baixo e ele pegou meu rosto com as mãos, me dando um breve selinho antes me olhar curioso. — Isso é um caminho sem volta. Você sabe, não sabe?

— Sei — respondeu, sério, e eu comprimi os lábios. — Então, se quiser voltar atrás, a hora é agora.

Não!, minha mente gritou exasperada e balancei a

PERIGOSAS ACHERON

cabeça em negativo.

A última coisa que eu queria era voltar atrás, mas, ao contrário de Theo, eu estava nervosa, ansiosa e eufórica. Ao meu ver, aquilo era realmente um grande passo, uma decisão muito sensível para simplesmente ignorar todos os *e se* que nos rodeavam.

— Como você pode estar tão tranquilo assim? Como não sente medo de que as coisas deem errado?

— Muitas coisas podem dar errado, Alice. Tantas coisas podem acontecer quando a gente acordar amanhã, mas eu não estou com medo. Nem um pouco. Sabe por quê? — ele me perguntou, e eu neguei com a cabeça, curiosa para ouvir sua resposta. — Porque eu tenho certeza do que eu quero — disse, convicto, me fazendo abrir os olhos em surpresa.

— E o que é? — perguntei, ansiosa.

— Você. Eu quero você, todos os dias. Me atormentando como for, me acompanhando em um filme qualquer, compartilhando a mesma cozinha enquanto fazemos o jantar, beijando a sua boca

quando eu bem entender e te pegando em meus braços a cada vez que sentir saudades do seu corpo.

— Theo! — ofeguei, surpresa e sem palavras.

Eu me sentia da mesma forma e aquilo provavelmente havia sido a coisa mais linda que já ouvira em toda a minha vida, torcendo para que não fosse um mero sonho.

— Entende agora, Alice? — questionou, apertando mais meu corpo contra o seu, com um sorriso charmoso estampado na cara que desejei emoldurar.

— Sim, eu entendo — respondi, um pouco perdida em seu olhar, naquela escuridão caótica e apaixonante. Eu entendia perfeitamente o que ele queria dizer.

E assim, sem nenhum aviso prévio, Theo findou o pequeno espaço entre nós, tomando minha boca para si com necessidade e acendendo todas as labaredas do meu interior.

Não tive forças para mais nada, suas palavras pareciam tocar o fundo da minha alma e suas mãos, cada célula nervosa de meu corpo. Desejei imensamente que ele pudesse sentir todo aquele

rebuliço em meu peito, que apenas denunciava o quanto tudo aquilo era recíproco. Eu também tinha certeza, eu também o queria mais que tudo. A ansiedade batia forte dentro de mim e tudo o que eu mais almejava era ser dele, estar com ele. Não só naquela noite, mas em todos os dias, me sentindo daquela mesma maneira, com o coração pulando descontrolado e a mente nublada pela felicidade de estar em seus braços.

Theo se afastou alguns centímetros e eu o fitei em busca de uma resposta. Vi seu maxilar enrijecer, enquanto os olhos negros completamente opacos ardiam em minha direção. Sua boca se erguia em um meio sorriso provocante e *sexy* demais que me fez engolir em seco pela vontade ardente que crescia em mim e fazia meu ventre implorar por ele.

De repente, suas mãos me puxaram pelas pernas e eu o enlacei pela cintura em busca de sustentação. Nossos corpos completamente colados me fizeram sentir que todo o meu ser pertencia a ele, àqueles braços que me seguravam com tanta firmeza e precisão. Seus dedos se fincavam em minhas coxas

e sua boca se juntava à minha mais uma vez, enquanto Theo nos levava a passos lentos pelo corredor. Meus braços rodearam seu pescoço e me permiti sentir seu cheiro característico mais de perto, reconhecendo o aroma tão familiar e viciante que me invadia por completo.

Estava tão inebriada junto a ele que sequer percebi quando chegamos ao seu quarto. Apenas percebi onde estávamos quando minhas costas tocaram o colchão macio e o corpo masculino se postou por cima do meu, em um roçar gostoso entre as peles descobertas e a ansiedade de retirar todas as outras roupas que estavam entre nós.

As pontas dos meus dedos começaram a puxar de forma afoita a camisa masculina, até que ele levantasse os braços para me ajudar a retirá-la por completo, me dando a incrível visão de seu abdômen perfeitamente esculpido, o tronco desnudo que eu tanto queria percorrer com a boca e os braços fortes que emolduravam meus sonhos todas as noites. Passei as mãos por seus ombros largos e o peito macio, sentindo-o arrepiar-se com meu toque e apreciando saber que eu também o

deixava daquela forma, completamente alucinado.

Seus olhos tão escuros me fitavam com curiosidade e expectativa, e eu sorri. Um meio sorriso travesso que o fez inspirar forte, agraciando minha visão de vê-lo de forma tão entregue a mim, tão atento a cada mínimo movimento meu sob si. Minha mão desceu até sua calça e Theo apenas me observou minuciosamente, sem dizer nada. Apertei seu membro completamente duro por cima do jeans escuro, sentindo toda sua excitação entre meus dedos. Mordi o lábio inferior inconscientemente, apenas desejando-o dentro de mim, me fazendo sua como ninguém jamais havia feito antes.

— Porra, Alice — ele grunhiu ao meu toque, e pude ver seu corpo estremecer.

Seus olhos semicerraram e ele se aproximou rapidamente, juntando nossas bocas mais uma vez.

Passei minha língua por seus lábios e prendi a parte inferior entre meus dentes, puxando-a levemente para mim. Pude ouvir um pequeno gemido de satisfação e me senti ainda mais agitada.

— Eu te quero muito, Theo — admiti com as bocas coladas, e ele rugiu um pouco mais alto,

como se estivesse prestes a perder a cabeça.

Suas esferas ônix me encararam por um breve segundo, parecendo mais negras e profundas, com um brilho quase selvagem que fez meu pulso disparar.

Ele mordiscou meu queixo, levando a língua até meu pescoço e deixando rastros molhados por onde passava. Logo sua boca estava em meu colo e sua mão agilmente abriu o fecho lateral do meu vestido. Sentei na cama e levantei os braços até que Theo retirasse minha roupa por completo, dando-lhe a visão de meus seios arrebitados, descobertos pela ausência do sutiã.

— Linda. Como pode ser tão linda assim? — perguntou baixinho, quase como se falasse consigo mesmo. Deitou-me na cama novamente, apenas para abocanhar um mamilo de forma sedenta, enquanto a mão grande apertava o outro entre seus dedos. — Eu te quero há muito tempo, Alice. Há tanto tempo que eu mal consigo me segurar — sussurrou, passando a ponta da língua quente pela pele sensível.

— Então... hummm... não se segura — falei,

extasiada.

Minhas costas se arquearam em busca de um toque maior; sua língua me trazia uma sensação gostosa no estômago e eu ansiava por mais. Sua mão livre apertou minha cintura, me forçando a ficar quieta, e logo sua boca esmagava a minha. Minha respiração estava descompassava e perdi o ar por completo quando sua intimidade completamente rígida roçou por cima de minha calcinha fina, me deixando ainda mais excitada do que já estava.

Eu o queria dentro de mim, desesperadamente, estocando com força e me fazendo gemer seu nome até já não lembrar de qualquer outra palavra.

— Theo — ronronei, erguendo o quadril para que nossos sexos se tocassem mais uma vez.

Ele soltou uma lufada de ar pesarosa, levando o polegar até meu lábio inferior e puxando-o levemente para baixo. Segurou meu queixo, fazendo nossos olhares se encontrarem, enquanto um meio sorriso presunçoso era destinado a mim.

— Eu não quero ter pressa, quero aproveitar cada minuto — admitiu com a voz embargada, roçando

sua intimidade contra a minha. Eu me remexi, ansiosa, buscando por mais.

— Hummm... — murmurei, fechando os olhos ao sentir seus dedos passearam por minha barriga e adentrarem minha calcinha como se já conhecessem o caminho desde sempre.

— Temos todo o tempo do mundo — cochichou, forçando os dedos em meu ponto firme.

Abri os lábios e ofeguei quando um de seus dedos me penetrou de forma tão gostosa que eu não saberia explicar com palavras, apenas sentir. Ele começou a se movimentar dentro de mim em um ritmo lento e torturante, fazendo com que eu só conseguisse implorar por mais. Uma onda elétrica percorrendo cada nervo do meu corpo.

— Theo, por favor — gemi seu nome ao sentir outro dedo me invadindo com a mesma propriedade.

— Você tá tão molhada, tão pronta pra mim, Alice.

Ele sorriu, sacana, e eu apertei os olhos. Todo o meu interior sendo consumido pelas chamas.

— Não... ouse... parar — pedi, completamente

PERIGOSAS ACHERON

perdida nas sensações que me torturavam.

— Você me deixou louco nessas últimas semanas, sabia? — perguntou baixinho em meu ouvido, mordiscando minha orelha em seguida.

Não consegui responder, apenas ronronei manhosa quando seus dedos aumentaram a velocidade e senti meu ventre se contrair.

— E você nem era capaz de perceber o quanto eu te desejava e te queria na minha cama. Ver você andando com aqueles *shorts* curtos pela casa, rebolando de um lado pro outro, era quase uma tortura. Agora você vai gozar gemendo meu nome até não lembrar mais o seu. Esse é o meu castigo pra você, Alice.

Ele me beijou, aprofundando mais ainda seus dedos em minha cavidade úmida, e eu senti apenas todo meu corpo tremer pelo orgasmo que me tomava sem piedade. Luzes brilhantes fazendo minha cabeça girar em puro êxtase.

— Ah, Theo! Isso é... muito bom! — Movimentei o quadril embaixo dele em busca de prolongar o prazer.

Ele se afastou com um sorriso vencedor no rosto,
PERIGOSAS ACHERON

arrancando por completo minha calcinha e indo até minha intimidade e me torturando quando sua língua tocou o ponto sensível, chupando toda a área de uma forma viciante e quente, com movimentos circulares e sincronizados que me levaram à loucura. Soltei uma forte lufada de ar em deleite, arqueando as costas involuntariamente e rebolando em sua boca para senti-lo melhor.

Aquilo era coisa de outro mundo! Eu estava nos céus, nas nuvens, nas estrelas!

Meu corpo estava cansado e mole, mas Theo não parava e eu me sentia cada vez mais agitada. Ele continuava aumentando o ritmo de sua língua, alcançando toda a minha abertura molhada, fazendo todos os meus sentidos se entorpecerem e minha linha de raciocínio ir embora de vez.

Eu estava completamente entregue. Ele já havia tomado tudo de mim para si e parecia ainda clamar por mais. Mas eu já era sua, totalmente sua.

Suas mãos me apertavam pelas laterais de meu quadril em um toque firme e forte. Os dedos fincados em minha carne deixariam marcas, mas eu não me importava. O toque molhado em meu ponto

já entorpecido me fazia delirar e murmurar coisas desconexas enquanto implorava para que ele continuasse.

O segundo orgasmo então veio, não tão forte quanto o primeiro, mas tão delicioso quanto. Foi como ir parar na Via Láctea e não ter a menor vontade de retornar à Terra, pois a sensação de flutuar no espaço era simplesmente prazerosa e inesquecível demais.

Sua boca se afastou e eu permiti abrir meus olhos enquanto minha respiração desregulada batia forte contra meu peito.

— Você é gostosa demais — ele rosnou baixinho, passando a língua pelos próprios lábios, como se saboreasse algo. Como se saboreasse a mim. Seu olhar atento ao meu corpo, quase como se estivesse gravando na memória cada mínimo pedacinho exposto.

Eu estava cansada e meus membros mal respondiam minhas ordens, mas vê-lo me olhar como um leão em busca de sua presa fez os pelos de meus braços e nuca se arrepiarem. Vi-o se aproximar de mim, quase como se engatinhasse em

minha direção, e inspirei fundo, buscando forças para me mexer. Por mais exausta que estivesse, ainda não estava totalmente satisfeita. Não, de jeito nenhum, eu ainda queria muito mais dele. Ainda queria prová-lo de tantas maneiras inimagináveis que, somente de pensar nelas, eu sentia as forças retornando para meus músculos.

Toquei seu peito e beijei-o lentamente, apenas provando de seu gosto misturado com o meu.

— De pé — mandei, e ele arqueou uma sobrancelha em resposta. — Agora — falei com um meio sorriso e Theo assentiu, me dando um selinho demorado e fazendo o que lhe pedi.

Sentei na beirada da cama, com Theo entre minhas coxas e me olhando com expectativa e ansiedade. Trilhei beijos quentes e molhados por seu abdômen, abrindo o botão da calça no meio tempo e abaixando o jeans para seus pés. Pousei minha mão de maneira firme por cima da boxer escura, apertando seu membro rígido que pulsava entre meus dedos. As esferas ônix completamente obscuras pelo desejo, os lábios separados puxando o ar com força.

— Dessa vez... — eu falei baixinho, colocando as pontas dos dedos nas laterais do tecido — É você que vai gemer meu nome até esquecer o seu. — Fitei-o nos olhos em desafio, abaixando a última peça de roupa por completo e passando a língua pela pele macia.

Seu corpo estremeceu com meu toque e eu gostei demais daquela reação. Beije o local com cuidado e vagorosamente, enquanto as mãos masculinas corriam por meus cabelos. Vendo que a respiração de Theo começava a perder o compasso, apenas abocanhei seu sexo de uma só vez.

— Puta merda, Alice! — rugiu, mordendo a própria boca e entreabrindo-a em seguida, sem tirar seus olhos dos meus enquanto eu o chupava em um ritmo lento, mas que aumentava conforme eu o via delirar.

Sua íris estava completamente vidrada em meus movimentos, dedicando toda sua atenção a mim e somente a mim. Seus dedos se emaranharam em meus fios, auxiliando na velocidade que ele desejava.

— Caralho, que boca maravilhosa! — grunhiu,

pendendo a cabeça para trás.

Senti todo o corpo masculino se contrair e, então, Theo se afastou. A respiração pesada, a boca levemente aberta e os olhos embaçados pelo prazer.

— O que fo... — tentei perguntar, mas antes de finalizar a frase, seu corpo já estava por cima do meu.

— Eu não aguento mais — falou com a voz rouca, e senti o corpo estremecer.

Ele então pegou a camisinha na cômoda ao lado e logo estava encaixado em minha entrada. Ansiosa para tê-lo dentro de mim, apenas enlacei minhas pernas sobre sua cintura e puxei-o para mais perto, sentindo-o me penetrar de uma só vez, tirando todo o meu fôlego no processo.

Gemi quando ele me invadiu por completo, satisfeita pela sensação extasiante de nos tornarmos um só. Theo gemeu meu nome baixinho, quase como se estivesse sofrendo por aquele momento. Começou as estocadas devagar até que eu me acostumasse, me beijando de forma lenta enquanto aumentava o ritmo e a força das investidas, capaz de me fazer ver estrelas por todo o teto daquele

quarto.

A sensação era maravilhosa. Seu corpo parecia perfeitamente moldado ao meu, como se nossas curvas houvessem sido feitas para que nos encaixássemos perfeitamente um no outro. Não era apenas sexo, era mais. Muito mais. Era uma conexão que jamais havia sentido com ninguém e a forma com que Theo me olhava e tocava era a maior comprovação de que ele sentia o mesmo.

Havia prazer, carinho, paixão e cuidado.

Havia, acima de tudo, amor.

Minhas mãos o puxavam pela nuca, distribuindo beijos por todo o seu rosto e pescoço, enquanto Theo soltava grunhidos a cada vez que estocava mais fundo.

— Mais rápido! — pedi com nossas bocas coladas, e Theo aumentou a velocidade. Era quente, forte, delicioso.

Chamei seu nome em deleite, rebolando contra seu membro e sentindo todo meu corpo vibrar em satisfação. Eu estava no paraíso, definitivamente estava.

— Quando você geme meu nome assim, eu fico

PERIGOSAS ACHERON

doido, Alice — admitiu pesarosamente, acelerando as investidas com força em um ritmo sincronizado e gostoso.

Nossas peles febris e a fina camada de suor que nos cobria me deixava ainda mais excitada, como um estímulo natural pela ânsia de querer cada vez mais de si.

Minhas costas se remexeram entre os lençóis de forma ansiosa e não controlei meu impulso quando inverti nossas posições, ficando, dessa vez, por cima de seu corpo. Theo agarrou meu traseiro, apertando a pele entre seus dedos enquanto eu o cavalgava um pouco descoordenada, já enlouquecida pelo prazer de senti-lo inteiro dentro de mim.

Eu murmurava palavras desconexas, fechando as pálpebras com força e pendendo a cabeça para trás enquanto ouvia sua respiração pesada acompanhada de alguns rugidos de satisfação. Meu quadril rebolava em seu membro, que me invadia com velocidade e potência. Logo suas mãos me ajudaram no ritmo, chocando com maior firmeza sua ereção contra minha intimidade escorregadia

pela lubrificação.

— Eu vou... — tentei dizer, mas a respiração ofegante e o ventre latejando me fizeram engolir o resto da frase.

— Eu também — ele anunciou, investindo com ainda mais força e rapidez, até que o êxtase chegou mais uma vez.

Pude sentir Theo se derramando no mesmo instante, soltando um grunhido rouco que reverberou por todo o quarto. Deixei meu corpo amolecer e deitei-me ao seu lado. Ele estava com um braço cobrindo os olhos e a boca entreaberta puxando o ar, denunciando sua exaustão.

Nossas respirações descompassadas voltavam aos seus ritmos normais e Theo me puxou para perto de si, contornando minha cintura e colando meu corpo no seu. Rodeei seu tronco com um braço e me aconcheguei em seu peito, deixando alguns beijos pela pele febril e sentindo as pontas de seus dedos fazendo um leve carinho na base de minha coluna.

Seus lábios tocaram minha testa e um beijo cálido foi deixado ali, fazendo meu coração, que disparava contra o peito, perder uma batida pelo gesto

afetuoso.

O sono me atingiu e suspirei fundo, irrevogavelmente feliz. Senti seu rosto colado ao topo de minha cabeça e eu apenas sorri. Verdadeiramente satisfeita e contente por estar nos braços do homem que eu amava.

— Theo — chamei, e ele murmurou em resposta. — Amanhã, quando eu acordar, você vai estar aqui? — perguntei, sonolenta pelo cansaço, ouvindo uma pequena risada saindo de sua garganta.

— Amanhã e todos os dias, Alice — ele respondeu, me apertando um pouco mais.

E eu apenas mergulhei o rosto em seu peito, me encaixando nele como se pertencesse àquele exato lugar.

Pelo simples fato de que sim, eu pertencia.

CAPÍTULO 29

Acordei no dia seguinte sentindo o corpo dolorido e ainda exausto. Abri os olhos preguiçosamente e ri vendo Snow me fitar com estranheza, provavelmente por estar em outra cama que não fosse a minha própria. E naquele instante eu desejei que o tempo parasse, somente para que pudesse ficar incontáveis horas naquela posição confortável.

Aconcheguei-me melhor nos braços que me rodeavam, levando meu corpo mais ao encontro do de Theo, que ressonava tranquilo ao meu lado em um sono profundo. Com as pontas dos dedos, fiz um leve carinho nas costas da mão masculina que me segurava com certa possessividade na cintura. Era um sentimento bom e reconfortante estar tão próxima, perfeitamente encaixada no corpo dele, como se fôssemos feitos na medida certa um para o outro.

A noite anterior havia sido incrível e eu não via a

PERIGOSAS ACHERON

hora de contar para Nanda. Ela com certeza surtaria com as novidades.

Fechei os olhos por um breve minuto após ver que ainda tínhamos um pouco mais de uma hora antes do alarme tocar, pensando seriamente em voltar a dormir mais um pouco, mas o som da campainha me despertou num pulo. Senti Theo se remexer ao meu lado, passando o nariz por meu pescoço e depositando um beijo em minha têmpora.

— Está esperando alguém? — ele perguntou sonolento, com a voz mais grossa que o normal.

— Não que eu saiba, e você? — respondi, me virando para vê-lo melhor.

Theo selou nossos lábios em um selinho breve e negou com a cabeça.

— Fique aqui, vou ver quem é — ele avisou e empurrou as cobertas, colocando uma calça de moletom e uma camiseta escura que estavam pendurados atrás da porta de seu quarto.

Aproveitei para me levantar também e ir até o meu armário em busca de uma roupa mais decente. Caminhei em seguida pelo corredor, ouvindo as vozes familiares preenchendo o ambiente.

— Oh, aí está você, querida! — Clara veio me cumprimentar com um abraço e eu sorri de nervoso, envergonhada por ver a mãe de Theo logo após uma noite daquelas.

Provavelmente isso seria considerado algum tipo de pecado.

— Bom dia, dona Clara — disse, gentil, e retribuí o abraço apertado. — Bom dia, Victor — saudei, vendo-o me olhar de forma claramente zombeteira.

— Bom dia, cunhadinha! Acho que posso te chamar assim agora, né? — ele retrucou, divertido, e eu ri antes de massagear a nuca, um pouco sem jeito.

— Eles vieram se despedir — Theo explicou. — Estão voltando pra casa agora.

— Mas já? — perguntei, um pouco triste.

— Teve um imprevisto em um contrato e precisei adiantar o vôo — Victor explicou, e eu entortei os lábios.

— Ah, que pena! — respondi, sincera. — Espero que venham nos visitar mais vezes.

Apesar da vergonha, eu realmente havia gostado da companhia dos dois durante o jantar na noite

PERIGOSAS ACHERON

anterior e esperava que pudéssemos fazer mais programas parecidos com aquele.

— Com certeza voltaremos, Alice. Foi um enorme prazer conhecê-la finalmente! — a matriarca falou, doce como sempre, e eu concordei com a cabeça. — Mas também gostaria muito que vocês fossem nos visitar quando possível, meu marido está mais do que curioso para conhecer a namorada do nosso caçula — comentou, e eu engasguei, tossindo enquanto tentava recuperar a voz perdida.

Namorada?

Olhei para Theo com os olhos levemente arregalados e o vi rir em minha direção, claramente se divertindo às minhas custas pela minha reação sem graça e as bochechas coradas.

— Irmãozinho tolo, acho que a Alice não está tão convencida assim de que você é um cara a ser levado a sério — Victor debochou, e o mais novo estalou a língua. — Mas realmente seria ótimo mostrar a cidade pra ela, leve-a qualquer final de semana desses.

— Eu vou adorar — comentei, com uma risada

nervosa. — Obrigada pelo convite!

— Ótimo! Está combinado, ficaremos esperando por vocês! — Clara falou e abraçou o filho mais novo. — Precisamos ir para não perder o voo, querido. Cuide-se, sim? — Theo meneou a cabeça em concordância e Clara virou-se para me dar um novo abraço. — Não o deixe comer congelados, querida — pediu, e eu assenti, rindo.

Ela realmente abominava aquelas comidas.

— Até a próxima, cunhadinha! — Victor bagunçou meus cabelos antes de me abraçar forte e tirar meus pés do chão.

Ambos se despediram de Theo e nós os levamos até a porta, fechando-a em seguida e nos entreolhando de maneira cúmplice.

— Isso foi estranho — comentei, após um suspiro, e Theo riu.

— Bem-vinda à família Leone. — Ergueu um ombro. — Mas agora, acho que eu deveria te provar que sou alguém a ser levado bem a sério, não acha?

Seu sorriso charmoso logo preencheu seu rosto e sua boca já roçava minha bochecha de maneira

PERIGOSAS ACHERON

lenta e torturante.

— Co-como assim? — perguntei, aturdida.

— Ainda temos algum tempinho antes do trabalho — anunciou baixinho, a voz sugestiva e os olhos famintos.

Quando dei por mim, meu corpo já estava completamente atrelado ao dele, enquanto Theo nos levava de volta para o quarto.

Não que eu estivesse reclamando. Longe disso!

[...]

— Então agora é mais do que oficial! Estão juntos para valer mesmo! — Nanda comentou com um sorriso de orelha a orelha.

— Aparentemente sim.

Ri, sentindo as bochechas corarem, lembrando daquela mesma manhã incrível que havia tido com Theo.

— E todos aqueles medos de que algo desse errado acabaram?

— Completamente! — respondi, aliviada. — Ele gosta de mim e eu gosto dele. Também combinamos de deixar as coisas rolarem

naturalmente e sermos sinceros um com o outro, principalmente em questão à privacidade.

— Nada mais justo. Morando no mesmo apartamento assim de cara e começar um namoro, realmente tem que ter uma honestidade quanto a espaço e tudo mais.

— Sim, mas acho que não teremos problemas. Nós dois vamos fazer dar certo! — Sorri abertamente, me achando a pessoa mais sortuda do planeta.

— Com certeza, Lili! Não tenho dúvidas de que serão muito felizes juntos. E a melhor parte é que agora podemos sair em casais. Miguel e eu, você e Theo. Vai ser incrível! — Nanda sugeriu, e eu ri, concordando com a cabeça.

— Vai ser legal mesmo!

Logo o horário de nosso turno começou e precisamos encerrar a conversa, mas marcamos de almoçar juntas na cafeteria e combinar melhor sobre o tal encontro duplo.

E ainda que o dia fosse agitado, nada seria capaz de desfazer o enorme e legítimo sorriso em meu rosto. Tudo estava *mesmo* bem, eu estava feliz,

PERIGOSAS NACIONAIS

feliz *demais*.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 30

A semana foi totalmente exaustiva. Porém, chegar em casa e ficar com Theo era minha parte favorita do dia. Estava gostando bastante de como as coisas estavam indo. Continuávamos nossa rotina de jantar juntos e contar sobre o dia de trabalho, mas, agora, era comum que diversos beijos fossem roubados durante o preparo da refeição e após a mesma. Principalmente no sofá da sala, onde ficávamos agarradinhos fingindo assistir a algo na televisão.

Só fingindo mesmo.

Apesar de estarmos tentando ir devagar, sem apressar nada, era extremamente raro que não dormíssemos juntos. Uma vez que eu estivesse nos braços de Theo, se tornava impossível sair daquele aperto gostoso.

Eu facilmente podia dizer que nunca fora tão apaixonada em minha vida. Era um sentimento

arrebatador, que aquecia tudo dentro de mim, fazendo a pele arder toda vez que suas mãos me tocavam. Com isso, mesmo cansada dos turnos e plantões da semana, eu ainda me mantinha o ser mais feliz do planeta.

Sábado chegou bem depressa, e depois de muito esforço, consegui convencer Theo de que sair com Miguel e Nanda seria divertido. Mesmo relutando um pouco de início, ele acabou comprando a ideia. Confesso que um pouco antes de sair de casa, fiquei tentada a desmarcar o encontro com nossos amigos e passar a noite inteira somente com Theo e Snow, debaixo de uma coberta e maratonando algum programa. Mas sabia que Nanda seria capaz de nos buscar em casa e nos arrastar até o tal bar com *karaokê* que ela havia escolhido. Então, prezando por nossas vidas, tentamos não nos atrasar muito antes de encontrarmos o casal.

Chegamos ao lugar, com uma enorme placa *neon* escrita “Kara oQ”, e assim que adentramos o ambiente moderno com mesas redondas e sofás de couro vermelho, avistamos os dois.

— Chegaram há muito tempo? — perguntei

enquanto nos acomodávamos no sofá.

— Acabamos de chegar também — Nanda respondeu. — Bem legal o lugar, né?

— Parece muito com aquelas lanchonetes americanas — Miguel comentou, e eu concordei, observando o local.

A decoração era colorida e alegre, com quadros de frases engraçadas e os garçons usavam uma camisa listrada acompanhada de uma gravata borboleta vermelha. Havia também um pequeno palco em frente a um telão com microfones e luzes dançantes onde um casal entusiasmado cantava alguma música do Coldplay.

— E aí, vocês vão se aventurar no microfone? — Nanda questionou, e Theo fez uma careta.

— Não adianta fazer essa cara. Tá tão apaixonado que se a Alice te pedir pra cantarem alguma coisa bem melosa, você é capaz de ir com um sorriso no rosto — Miguel debochou, fazendo o amigo revirar os olhos.

— Não exagera — Theo ralhou. — E você também não pode falar nada.

Miguel deu de ombros, sorrindo e enlaçando a

PERIGOSAS ACHERON

cintura de Nanda.

— Não posso falar muita coisa mesmo, mas tô dando graças a Deus que a Alice apareceu na sua vida. Aquele seu mau humor todo ainda ia deformar a sua cara. — Mexeu a cabeça, reflexivo, e eu ri.

— Não posso negar que as carrancas matinais melhoraram bastante ultimamente — brinquei, sentindo os olhos duros de Theo me encarando.

Sorri amarelo, fazendo-o relaxar a feição e soltar uma risada gostosa antes de me puxar para mais perto.

— Pelo visto, só temos boas notícias — Nanda comentou, brincalhona, e eu assenti.

— Ah, Miguel! Já sabe que Theo está sendo cogitado para o cargo de gerente? — comentei, orgulhosa.

— Tô sabendo! Esse *nerd* com certeza vai conseguir a vaga — debochou com um sorriso nos lábios.

— Bom, eu espero mesmo que ele consiga, porque se eu tiver que receber ordens de algum velho cabeça-dura, sou capaz de pedir transferência

— uma voz divertida, porém desconhecida, se fez presente.

Imediatamente nos viramos para onde um homem alto e de cabelos claros estava bem de frente para nossa mesa.

— Ricardo? — Theo finalmente se pronunciou, levantando-se para cumprimentá-lo com um aperto de mão.

— E aí, cara! Que coincidência te encontrar aqui — o homem respondeu, esticando a própria mão.

— Esse é o Ricardo, ele trabalha comigo na M.Corp — Theo explicou e todos acenamos em cumprimento, enquanto falávamos nossos respectivos nomes.

Percebi Miguel se remexer no sofá, com o pescoço esticado e o olhar levemente cerrado, como se buscasse algo ou alguém. E foi quando eu vi a última pessoa que eu esperava encontrar.

— Ei, Karen, você também por aqui? — Miguel comentou alto, quando sua prima se aproximou com um sorriso sem graça.

Os olhos dela caíram diretamente para Theo e em seguida para mim, o que eu não gostei muito.

— Ah, oi. Pois é, que coincidência, né? — ela disse sem jeito, postando-se ao lado do tal Ricardo.

O homem pousou a mão na base da coluna dela e, com um sorriso aberto, declarou:

— Viemos juntos.

Por aquela eu realmente não esperava, mas um sentimento estranho de alívio acalmou meu coração. Vi que ela corou com a declaração de Ricardo, talvez estivesse gostando mesmo dele, o que eu, claro, achava ótimo.

— Querem se juntar à gente? — Nanda ofereceu, gentil, e vi que Karen ficou um pouco perdida sobre o que responder.

— O que acha, gata? Ou quer toda a minha atenção só pra você? — Ricardo perguntou presunçoso após uma piscadela, e a garota bufou.

— Convencido — ela resmungou, já se sentando ao lado do primo.

O homem riu alto e se acomodou ao lado de Theo e de frente para ela.

— Adoro quando você fica irritada assim — ele disse, direto, e pude ver o pequeno sorriso que Karen tentava esconder.

Vi o olhar da garota pairar sobre mim e Theo mais uma vez, antes de morder o canto da boca em claro nervosismo. Fiquei um pouco enciumada, curiosa e confusa. Tudo ao mesmo tempo. Não sabia ao certo se deveria falar algo ou como reagir, então apenas acenei com a cabeça quando Miguel nos apresentou.

Nesse meio tempo, Theo trocava algumas palavras com Ricardo sobre a tal vaga para gerência e algumas coisas de códigos estranhos que eu não conseguia entender. Nanda e eu acabamos entrando em uma conversa sobre o trabalho também enquanto comíamos alguns petiscos.

Em certo momento, Theo me chamou para irmos até uma daquelas cabines fotográficas antigas que havia do lado direito do restaurante. Aceitei de muito bom grado e saímos do sofá após Ricardo nos dar passagem. Theo rapidamente enlaçou minha cintura e fomos abraçados até a cabine que, para a nossa sorte, estava vazia.

— Eu não via uma dessas há muito tempo, sabia?
— comentei, divertida, enquanto nos ajeitávamos no pequeno banco para as fotos serem tiradas.

Eu sorri para a câmera, sentada no colo de Theo e rodeando seu pescoço com meus braços, então o *flash* denunciou a primeira fotografia. Na segunda, tudo foi tão rápido que nem percebi quando ele me puxou para um beijo. Eu só podia sentir sua boca quente e macia colada à minha enquanto um segundo *flash* surgia de relance em minha lateral. A terceira foto saiu no exato instante em que nos separamos, eu sorria como uma boba enquanto o olhava nos olhos e Theo repuxava o canto da boca daquele jeito charmoso que eu adorava.

Aquele sentimento de estar apaixonada, as borboletas no estômago e a ansiedade por qualquer momento em que pudéssemos ficar juntos, tudo era bom demais para acreditar ser verdade. Mas o toque entre nossas peles, seu cheiro de perfume e de homem invadindo a estreita cabine e sua boca colada mais uma vez à minha, apenas me comprovava que tudo aquilo era real.

— Alice — sussurrou em minha orelha com a voz rouca, e meu corpo estremeceu. — Se você não sair do meu colo agora, eu não respondo por mim.

Seu tom era sério, levemente embargado, e ao

fitar seus olhos negros, percebi que estavam ainda mais escuros. Mordisquei seu queixo, divertida, e Theo grunhiu, apertando ainda mais minha cintura.

— Você ainda vai me deixar maluco assim — avisou, pesaroso, e eu me deixei rir, beijando todo o seu rosto antes de finalmente me levantar.

— Vamos ver as fotos? — sugeri, e ele assentiu após inspirar fundo.

Fomos até a parte da frente da cabine e pegamos as fotografias reveladas em um formato retangular, com as três imagens alinhadas uma embaixo da outra. Haviam ficado perfeitas e eu já as imaginava na geladeira do apartamento. Theo trouxe meu corpo para mais perto do seu e beijou meus cabelos com carinho, e vi naquele momento uma ótima oportunidade para perguntar algo que ainda encucava minha mente.

— Theo — chamei, comedida, e ele se afastou o suficiente para me olhar. — Você nunca me explicou direito qual a sua história com a Karen.

Meus olhos se voltaram pra a fotografia em minhas mãos, analisando cada uma delas novamente. Eu não queria aparentar estar

desesperada para saber, ainda que estivesse.

— Não tem nenhuma história pra contar. — Ele deu de ombros e eu o olhei, curiosa. — Karen é prima do Miguel, então nos conhecemos há muitos anos. Ela sempre me deu muitas indiretas, mas só. Nunca rolou nada, eu a vejo como da família também.

— Indiretas? — Arqueei a sobrancelha. — Ficar praticamente nua na sala de estar de um cara me parece direto até demais! — Bufei, e Theo riu ao perceber que eu claramente sentia ciúmes.

— Aquela foi a primeira vez que ela tentou algo mais... ousado — respondeu. — Mas depois que você foi embora, nós conversamos e expliquei pra ela que nada ia acontecer entre a gente. Como te falei, Karen e eu nos conhecemos há anos e não tem nada a ver. Além disso, tem outro motivo mais importante — ele sorriu presunçoso, e eu entortei a boca.

— Que motivo?

— Uma certa garota de olhos verdes que não saía da minha cabeça desde o dia em que tentou me matar com uma vassoura, conhece? — perguntou,

divertido.

— Acho que posso ter uma ideia de quem seja sim. — Ri, achando fofa a sua declaração. — Sabe... no dia seguinte, quando você foi para o aniversário dela lá na casa dos pais do Miguel, eu achei que vocês estavam num relacionamento sério e tudo.

Theo fez uma careta.

— Você sempre tira conclusões precipitadas, Alice. — Balançou a cabeça em negativa. — A família do Miguel é como minha segunda família também. Você sabe, a gente se conhece desde pirralhos. E eu deixei claro pra Karen que não passaria de amizade, ela entendeu e deixamos o assunto de lado.

— Entendo — murmurei pensativa, sorrindo em seguida. — E como ela acabou saindo com esse seu amigo do trabalho? Você já sabia, por acaso?

— Sabia, o Ricardo não fala de mais nada além dela. — Ele riu. — Karen já havia ido lá na empresa uma vez com Miguel assim que me mudei pra cidade e acabei apresentando os dois. Um dia se encontraram no *shopping* ou algo assim e

começaram a conversar e aí começou tudo. Depois da conversa franca que tive com ela, acho que acabou decidindo dar uma chance pra ele.

— Bom, espero que se deem bem! — falei, sincera.

— E já que tocamos nesses assuntos, não quer me explicar qual era daquele Lucas? — Estalou a língua.

— Ah, nada de mais. — Ri de nervoso. — Nada pra se preocupar.

— É mesmo? Tem certeza disso? — perguntou, e eu assenti rapidamente.

— Tivemos um encontro naquele dia. — Theo revirou os olhos e eu achei graça. — Mas que só me serviu pra ver que eu não parava de pensar em você também. Acabou que ele tinha conhecido uma garota numa viagem e terminando a noite como amigos mesmo — expliquei, vendo um o sorriso satisfeito se formar no rosto de Theo.

Seu braço enlaçou mais ainda minha cintura, puxando meu corpo para perto do seu enquanto juntava sua boca à minha, mas fomos atrapalhados pela voz alta de Miguel a alguns metros:

— Ei, vocês dois, parem de se pegar e venham socializar!

Senti o rosto esquentar de vergonha ao ver outras pessoas do restaurante nos olharem com curiosidade.

— Eu vou matar esse idiota — Theo ralhou, claramente irritado pela falta de senso do amigo, mas tudo o que pude fazer foi rir.

— Vamos voltar logo, antes que ele grite alguma coisa constrangedora de novo.

Juntamos nossas mãos e retornamos à mesa, ocupando o lugar de antes. Nanda pediu para ver as fotos e não parou de dizer como haviam ficado fofas. Surpreendi-me quando Karen esticou o pescoço para vê-las também e com um pequeno sorriso que parecia realmente sincero, disse:

— Vocês ficam lindos juntos.

Em seu tom de voz não percebi nenhuma mágoa ou ironia. Entendi aquele comentário como sua maneira de dizer que nos apoiava e torcia por nós, e aquilo me trouxe certa alegria e alívio.

— Obrigada — agradei, oferecendo um sorriso gentil.

Senti a mão de Theo segurar a minha por debaixo da mesa e apertei seus dedos contra os meus. Eu estava incrivelmente feliz, rodeada por bons amigos e pelo homem que eu amava.

Porém, para que eu estivesse realmente completa, faltava somente mais uma pessoa.

Apenas uma em específico.

CAPÍTULO 31

O tempo corria conforme a rotina seguia e eu mal podia acreditar que haviam se passado dois meses desde que Theo e eu passamos nossa primeira noite juntos.

Isso dava mais de 60 dias, 1.440 horas ou 86.400 minutos em que eu ainda aguardava pacientemente que meu pai despertasse.

A linha dos seis meses necessários para me dar a escolha que eu não queria tomar estava prestes a ser ultrapassada. Com isso, eu tinha apenas duas opções: continuar bancando os custos da internação no hospital ou desligar os aparelhos e deixar meu pai ir. Uma ida ao banco comprovou que o dinheiro da venda da casa estava indo embora rapidamente, mesmo com o desconto que dona Esther havia conseguido com os sócios. Até o momento, também não havia nenhuma novidade quanto ao desaparecimento de Jorge Neves, logo, eu não saberia quando e se realmente reaveria meu

PERIGOSAS ACHERON

dinheiro da compra do apartamento.

Ainda que não quisesse, eu também precisava pensar como médica. Meu lado racional não poderia simplesmente ignorar o fato de que eu sabia que as chances dele acordar após tantos meses em coma eram quase nulas. Mas, como filha, minhas esperanças ainda se mantinham aquecidas dentro de mim. Eu continuava visitando-o todos os dias, ainda que fosse durante o breve espaço entre uma consulta e outra. Eu lhe contava as novidades e tudo o que estava acontecendo em minha vida, sempre desejando que ele pudesse me ouvir e saber que eu ainda estava ali, pensando nele, desejando abraçá-lo outra vez. Porém, era sempre muito difícil vê-lo naquele estado, sem nenhuma melhora, mesmo que mínima.

Uma parte de mim insistia que eu não seria capaz de desligar os aparelhos, que eu encontraria um jeito de mantê-lo por mais tempo. Já a outra tentava me convencer de que seria o melhor, tanto para mim quanto para ele, e que a cada dia que se passava apenas confirmava seu estado quase vegetal.

Eu não aguentava pensar que meu pai poderia estar sofrendo naquela situação e que o fato de eu tentá-lo manter vivo de alguma forma para tê-lo mais próximo era a causa de sua dor. Eu deveria deixar meu egoísmo e esperanças de lado e desligar os aparelhos? Seria isso o certo a se fazer? Mas, ao mesmo tempo, como eu poderia simplesmente desistir daquele que me criou com tanto amor e carinho?

Aquela era minha maior tormenta. Porém, o tempo estava passando e eu precisava me decidir. Eu ainda só não sabia como.

[...]

No final do turno de uma terça-feira, logo após terminar a última consulta, uma enfermeira me informou que Esther havia me chamado para sua sala.

Agradei o recado e me coloquei a andar pelos corredores brancos até chegar em frente à porta da diretoria. Bati duas vezes antes de abri-la.

— Me chamou, dona Esther?

— Oi, querida. Sente-se, por favor — pediu, indicando a cadeira do outro lado de sua mesa.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei.

— Na verdade, te chamei aqui para dar boas notícias — avisou, e eu me ajeitei no assento, ansiosa. — Em poucas semanas você vai completar seu período de residência e estamos abrindo novas vagas para a área de pediatria. Eu gostaria de contratá-la formalmente, Alice.

— Jura? — Agradei por não gaguejar. — Será um enorme prazer, dona Esther! Obrigada pela oportunidade!

— Ótimo! — Sorriu satisfeita. — Então vamos ao que interessa — ela disse, e eu assenti.

Minha carreira era meu maior sonho desde que me entendia por gente. Aquela notícia era mais uma conquista e eu me sentia completamente realizada. Passamos a hora seguinte falando sobre o aumento significativo do salário, assim como todos os benefícios que seriam incluídos após a carteira assinada. Agradei Esther com um abraço apertado antes de me retirar de sua sala e, de repente, como se minha mente simplesmente tivesse um relapso de memória, eu peguei o celular do bolso lateral do jaleco, pensando em ligar para papai e contar-lhe a

novidade.

A lembrança de que aquilo não seria possível acabou com minha alegria no mesmo instante. O rumo da minha vida — pessoal e profissional — estava sendo melhor do que eu jamais poderia imaginar e só havia uma pessoa com a qual eu gostaria de compartilhar aquela felicidade, a única que eu não poderia cogitar.

Meu corpo amoleceu e toda a euforia se esvaiu. Não pensei muito e quando dei por mim, minhas pernas me levavam até o CTI. Parei ao lado do leito alto e me permiti observar o homem ali deitado por alguns segundos. A pele pálida, os cabelos grisalhos e a quantidade de tubos ao seu redor fizeram a bile chegar até minha garganta, deixando um gosto amargo no fundo da boca.

— Por que você não volta pra mim? — perguntei, angustiada. As cordas vocais começando a tremer. — Que inferno! Por que isso tinha que acontecer logo com você? Não é justo. Não é!

Os olhos já ardiam e as lágrimas caíam sem permissão, molhando o lençol branco e fino que o cobria. Meu corpo se jogou contra o dele em busca

de algum conforto, algum calor.

— Por favor, me dê algum sinal. Qualquer coisa! Ao menos me deixe saber que você não está sofrendo. Eu... eu só queria poder falar com você, nem que fosse uma última vez. Dizer o quanto sou grata por tudo o que fez por mim, ouvir de novo o quanto você tem orgulho de ter uma filha como eu, te abraçar e sentir seus braços me envolvendo também. Isso é pedir tanto assim?

O choro aumentava, meu peito ardia e parecia haver um buraco no lugar do coração. E mesmo que eu continuasse ali, agarrada a ele, com o rosto encaixado em seu peito suplicando por qualquer coisa que fosse, somente o maldito silêncio continuava a nos rodear. O bipe dos aparelhos era o único som que martelava no fundo do meu cérebro. E então eu soube.

Minhas preces não seriam ouvidas e eu precisaria deixá-lo ir.

Com o corpo pesado e a mente nublada, eu levantei o rosto. Toquei a bochecha de meu pai e permiti que um sorriso triste estampasse minha face, deixando um pequeno beijo em sua testa antes

de me afastar para vê-lo melhor. As esperanças se esvaindo e partindo minha alma ao meio. Enchi os pulmões, sentindo uma pontada me incomodar. Tentei segurar o choro, que ainda não havia cessado por completo, e enxuguei o rosto molhado com a manga do jaleco branco.

Juntei a mão masculina entre as minhas e levei-a até meus lábios, deixando um beijo casto na pele sem vida.

— Você sempre vai estar comigo, no meu coração. Eu só queria ao menos ter a chance de me despedir da maneira certa, só isso — pedi, sentindo a cabeça doer, e repousei seu braço de volta na cama.

Girei nos calcanhares e comecei a me afastar, mas um barulho diferente despertou minha atenção. O bibe da máquina aumentava o ritmo gradualmente, quase como se gritasse que algo estava acontecendo.

Meu cenho se franziu, minha mente achando que era apenas uma brincadeira de mau gosto de minha imaginação. Mas conforme o som crescia em meus ouvidos, eu me virei assustada, correndo até o leito

novamente e levando as mãos à boca ao ver dois olhos levemente abertos em minha direção.

— Papai?

CAPÍTULO 32

— *Aice, mia fia.*

Sua voz embolada e seca se pronunciou e por um breve segundo eu pensei estar delirando.

Ai, meu Deus! Ele estava...?

Sim, ele estava acordado! Ele realmente havia voltado para mim! Aquilo não era um sonho, muito menos uma alucinação. Era real. Era inacreditável, sim, mas era real!

— Enfermeira! — gritei, apertando o botão de emergência ao lado da cama. — Céus, papai! Você está... aqui. — Minha voz embargou enquanto eu tocava a lateral de seu rosto.

— *One é aqui?* — perguntou, confuso, olhando para os lados enquanto buscava qualquer referência para a sua pergunta.

A lateral de seu rosto permanecia levemente caída. Percebi também que seus movimentos do lado esquerdo estavam limitados, além da fala

embolada, que já denunciavam algumas sequelas do derrame de meses atrás.

— Você está no hospital, papai.

— *Hospital? Por quê?* — falou um pouco afoito, tentando se remexer, mas eu o impedi, pousando minha mão contra seu peito e fazendo-o se deitar novamente.

— Vamos conversar sobre tudo, ok? Vou te explicar melhor em breve, eu prometo. Mas, por agora, preciso que você se acalme, por favor — pedi, ouvindo o aparelho do coração acelerar o bipe. — Está... tudo bem. — Minha voz tremeu e uma lágrima caiu.

Mas, dessa vez, era uma lágrima de felicidade.

Em seguida, um corpo de enfermeiras chegou ao CTI, acompanhado do médico responsável pelo plantão. As feições de espanto logo se transformavam em sorrisos cúmplices que meus companheiros de trabalho me ofereciam e eu não sabia onde enfiar tanta alegria que inundava meu peito.

Ele não havia me deixado. Pelo contrário, ele achou seu caminho de volta. De volta para mim.

Acompanhei de perto todo o procedimento padrão do médico, que me informou em seguida que levaria o paciente para fazer os exames necessários, solicitando que eu aguardasse na recepção enquanto isso. Apesar de querer acompanhá-lo, sabia que não seria sensato. Eu estava eufórica demais e poderia acabar atrapalhando os procedimentos.

Liguei para Theo e Nanda em seguida, contando sobre a novidade. Não demorou muito para que ambos me encontrassem na entrada do hospital e me abraçassem forte, compartilhando comigo aquele acontecimento inesperado, porém maravilhoso.

— E onde ele tá agora? — Theo perguntou, curioso.

— Fazendo alguns exames — expliquei, agarrando a cintura masculina com força, seus braços me rodeando na mesma intensidade. — Não estou conseguindo me controlar, são muitas emoções de uma vez só! — admiti, deixando lágrimas molharem sua camisa.

— Bota pra fora mesmo, Lili! O pior ficou pra

trás, agora temos é que comemorar esse milagre! — Nanda disse com um sorriso enorme, apertando meu ombro e fazendo um leve carinho com o polegar.

Eu apenas ri, balançando a cabeça positivamente.

— Você já comeu? — Theo perguntou, afastando-se um pouco para me olhar.

— Ainda não, foi tudo muito rápido. Eu estava indo embora quando aconteceu.

— Me espera aqui, eu vou trazer algo pra você — pediu, e eu assenti.

— Obrigada! — agradei, sincera. — Por ficar comigo, por cuidar de mim, por tudo.

— Você é encarregada de cuidar do mundo, Alice. E eu, encarregado de cuidar de você. — Beijou minha testa e saiu, indo em direção à cafeteria.

— Lili — Nanda segurou minhas mãos entre as suas. — Você identificou alguma sequela? — perguntou, apreensiva.

— A fala tá bem embolada, mas a visão parece boa. Ele também ficou confuso quando soube que estava no hospital, mas isso já era esperado.

— Sim, entendo. Mas ele vai se recuperar 100% rapidinho.

— Espero que sim, amiga! Agora ele tá fazendo os outros exames, checando se há sequelas motoras ou neurológicas. Nesse momento, só nos resta aguardar.

— Theo e eu ficaremos com você, você sabe.

— Não sei o que seria de mim sem vocês dois. Eu tenho muita sorte, Nanda. Muita mesmo!

E então eu a puxei para um abraço, me sentindo a pessoa mais agradecida do mundo.

[...]

Eu estava tão ansiosa para ver meu pai que quase não consegui comer o sanduíche que Theo me trouxera. Mesmo que apreensiva pela demora, eu me encontrava extasiada com o milagre que havia presenciado. Meu pai havia retornado para mim e eu ainda custava a acreditar que aquilo não era apenas um sonho bom como tantos outros que já tivera.

Além disso, eu torcia para que não houvesse mais sequelas, principalmente nenhuma grave. Pelo

problema da fala, eu já soube de imediato que teríamos que recorrer a uma fonoaudióloga e provavelmente seria um longo caminho pela frente, mas o importante é que estaríamos juntos. E, assim, lado a lado, superaríamos quaisquer dificuldades e obstáculos. Como sempre fizemos.

Ficamos na ala de espera do hospital por um bom tempo até que o médico finalmente surgisse. Pulei da cadeira azul no mesmo instante, indo até ele a passos rápidos. O coração parecia estar entalado na garganta.

— E então, doutor? Como ele está? — perguntei assim que o alcancei.

Theo e Nanda estavam logo atrás de mim.

— Tivemos que sedá-lo, pois estava muito agitado. Mas fizemos todos os exames e ele já se encontra em um quarto privativo. No momento está dormindo, mas deve acordar em breve.

— Ai, que bom! — Nanda soltou após um longo suspiro.

— E os exames, doutor? Identificaram alguma coisa? Alguma sequela além da fala?

— Também houve paralisia total no lado

PERIGOSAS ACHERON

esquerdo. Sinto muito, doutora. Irei encaminhá-lo para um fisioterapeuta, a fim de analisar melhor a gravidade do caso, mas a boa notícia é que o lado direito está em ótimas condições.

— Mais alguma coisa que devemos saber, doutor? — Theo questionou.

— Por enquanto ele necessita repousar bastante e aos poucos iremos introduzir alimentos líquidos. É um momento de muita precaução e cuidados. Precisamos ficar de olho no colesterol também, ainda está alto e ele precisará se alimentar melhor. Talvez fosse bom o acompanhamento de uma nutricionista, no futuro.

— Obrigada, doutor. Vou ficar com ele esses dias para ajudar na recuperação e pode deixar que cuidaremos melhor da alimentação.

— Certo, doutora Bastos. Para o que precisar, estou à disposição. Vamos vê-lo agora? — sugeriu.

— Sim, por favor — respondi, ansiosa.

— Me acompanhem, por gentileza — pediu, e eu o segui, tendo Nanda e Theo ao meu lado, até que chegássemos à porta do quarto onde meu pai dormia.

Dessa vez, ele realmente apenas dormia.

O médico pediu licença e disse que nos deixaria a sós e eu o agradeci imensamente por tudo, abrindo a porta devagar e constatando que seu Júlio ainda estava sob os efeitos da sedação.

— Eu vou esperá-lo acordar. Provavelmente vai estar confuso e com muitas perguntas — avisei, e Nanda assentiu.

— É melhor que ele acorde e veja um rosto conhecido mesmo, Lili.

— Já é tarde — constatei ao olhar a hora no celular, vendo que já estávamos na madrugada. — Vocês devem estar cansados! Desculpa fazer vocês ficarem aqui até essa hora. Melhor irem pra casa, vocês têm que acordar cedo amanhã e eu ainda preciso achar alguém pra me substituir.

— Que besteira, amiga! Estamos aqui pra ajudar — Nanda disse, resoluta. — Deixa que eu cuido disso pra você, vou dar uma ligadinha pra Vanessa e ver se ela pode pegar seu turno — avisou antes de se afastar.

— E você... — virei para Theo. — É melhor ir pra casa dormir. Vou ficar bem, de verdade.

— Mas você já quer se livrar de mim, Alice? — brincou, com um sorriso irônico.

— Moramos na mesma casa, esqueceu? Nem que eu quisesse, conseguiria. — Ri, divertida.

— Azar o seu, então. — Ele deu de ombros, tentando esconder o tom brincalhão.

— Na verdade, sorte a minha — constatei antes de selar nossos lábios rapidamente. — Mas, sério, assim você vai chegar exausto amanhã.

— Não se preocupa, já enviei mensagem para o Davi pedindo o dia de folga amanhã, não vou sair do seu lado. Nem tente me convencer do contrário — avisou, enlaçando minha cintura e puxando meu corpo para se acomodar no seu.

Pousei a cabeça no peito largo, estremecendo levemente quando senti um beijo no topo de minha cabeça.

— Estou feliz por você — Theo disse, aumentando mais o aperto.

— Eu também estou — respondi sorrindo com o rosto ainda encostado em seu tronco, inalando o cheiro que eu tanto amava.

O cheiro que me trazia paz e segurança, o cheiro

PERIGOSAS ACHERON

dele.

Nanda retornou logo em seguida, informando que estava tudo certo e a outra residente me cobriria no dia seguinte. Abri novamente a fresta da porta, sentindo o coração pular ao perceber um leve movimento na mão de meu pai sobre o leito. Olhei eufórica para Theo e Nanda e eles apontaram com o queixo, indicando que eu entrasse no quarto.

Inspirei fundo e assim o fiz, me aproximando a passos lentos para não assustá-lo e sentindo meus olhos marejarem quando encontraram os seus abertos.

— Olá, dorminhoco — brinquei, fazendo um leve carinho em seu braço. — Como se sente?

— *Oi, fia.* — Arranhou a garganta, e percebi que ele deveria estar com sede.

Ajudei-o a se sentar e enchi um copo de água e lhe estendi, vendo-o beber com um pouco de afobação.

— Ei, vá com calma, seu Júlio! — pedi, cautelosa.

— *O que aconteceu comigo?* — perguntou, devolvendo o copo, e eu me sentei na beirada da

PERIGOSAS ACHERON

cama, segurando uma de suas mãos entre as minhas. — *Po que esou no hospial? Eu não consigo falá dieito. Tem algo eado.*

— Pai, vou te contar tudo o que aconteceu, mas preciso que me prometa que irá ouvir com atenção e sem se estressar. Você tem que manter a calma pra não prejudicar sua saúde, ok? — Ele assentiu. — O mais importante é que você está bem e vai se recuperar.

— *Me sino um inálido. Não consio me mexê dieito* — ele resmungou.

— Você não é um inválido, para com isso! Qual é a última coisa de que você se lembra?

— *Eu... esava esqueveno no quado e deois ficou tuo escuo* — murmurou pensativo.

— Veja bem, você teve um derrame enquanto dava aula e ficou dormindo por um bom tempo depois disso.

Seus olhos se arregalaram e eu enlacei nossos dedos, tentando passar algum conforto.

— *Quan-quano empo?*

— Aproximadamente seis meses.

— *S-seis meses?* — Sua voz estava assustada e

PERIGOSAS ACHERON

eu o abracei.

— Shh, você está aqui agora! É isso que importa!

Senti seu braço direito — o único capaz de se mexer — me rodear com a pouca força que tinha.

Ele claramente ainda estava bem fraco e precisava de muito repouso. Seus sentidos ainda estavam um pouco lentos por causa da sedação, mas eu estava tão feliz por ouvir sua voz, sentir sua pele quente, olhar em seus olhos e enxergar vida! Então eu soluzei, verdadeiramente feliz por estar grudada a ele, com sua voz ecoando pelo quarto e meus ouvidos.

— *Mia fia, me pedoa* — pediu quase num sussurro, e eu me afastei, vendo que ele também tinha lágrimas percorrendo as bochechas.

— Está tudo bem, papai. Está tudo bem agora. — Passei meus dedos pelo rosto dele, fazendo um carinho no local.

— *Quando amos pá casa?* — perguntou, e a lembrança de que ele não poderia voltar para casa, ao menos não a casa que ele conhecia, me trouxe um embrulho no estômago.

— *Que foi, Aice?* — ele perguntou, preocupado, e

PERIGOSAS ACHERON

percebi que não havia sido capaz de esconder a careta em meu rosto.

— Pai, eu precisei vender a casa para pagar o hospital. Sinto muito, de verdade. Eu não sei porque você simplesmente parou de pagar o plano sem me contar, e eu ainda quero que você me explique tudo direitinho em outra hora, mas essa foi a única solução que tive para te manter aqui. Eu não podia te deixar em um hospital público qualquer, mal sendo cuidado na sua situação. — Minha voz tremeu e os olhos não puderam segurar o choro que retornava.

— *Mia pincesa, não chóa. Á tudo em, ocê é mia casa. Só ocê.*

Seu braço bom me puxou novamente e me deixei repousar a cabeça em seu peito enquanto as lágrimas cessavam e a respiração aquietava.

— E você é a minha, papai.

CAPÍTULO 33

— E então? — Nanda perguntou.

— Ele voltou a dormir. O corpo ainda não se acostumou, mas amanhã deve começar a se sentir melhor — expliquei, vendo-a assentir.

— Lili, já que ele acabou de dormir, por que não aproveita e passa em casa? Toma um banho, troca de roupa, come alguma coisa.

— Eu não quero deixá-lo sozinho, amiga. Vai que ele acorda em algum momento — expliquei, receosa.

— Não se preocupa com isso, eu fico aqui com ele enquanto vocês não voltam.

— Eu não sei...

— Relaxa, Lili. Seu Júlio e eu somos grandes amigos, como você sabe, e ele não vai me estranhar caso acorde. Provavelmente vai ficar apagado até amanhã de manhã, então aproveita a chance.

— Nanda tem razão, Alice. Um banho e uma

comida decente vão te fazer bem — Theo sugeriu, e eu suspirei fundo.

A ideia da água quente sobre meu corpo e uma boa refeição era realmente tentadora.

— Tudo bem, mas prometo não demorar, Nanda. E quando voltarmos, você vai pra sua casa. Ainda tem que pegar seu turno amanhã e não posso deixar que vá virada.

— Mas Lili... — tentou rebater.

— Mas nada, essa é a minha condição — avisei, firme, e ela revirou os olhos.

— Ok, combinado, então. Vão logo, qualquer coisa eu te ligo, pode deixar! — Beijou minha bochecha e adentrou o quarto, fechando a porta com cuidado para não acordar papai.

— Vamos? — Theo perguntou, e eu concordei.

Sua mão segurou a minha, dando um leve aperto enquanto andávamos em direção à saída do hospital. Caminhamos com atenção pelas ruas da cidade, vendo-a praticamente deserta por ser quase três da manhã. Ainda assim, chegamos ao apartamento em poucos minutos e Theo me fez entrar no banho, enquanto preparava algo para nós.

Recostei-me por um breve momento nos azulejos frios do boxe, sentindo os músculos relaxarem conforme toda a adrenalina e emoção se esvaíam. Um sorriso salpicou meus lábios e eu ri, tão feliz que mal podia acreditar. De alguma forma que eu não sabia explicar, os céus haviam me ouvido e papai estava comigo novamente e agora eu estava completa.

Enxaguei os cabelos, sentindo os ombros um pouco pesados, mas eu não poderia dormir ainda. Precisava voltar ao hospital para que Nanda fosse para casa. Saí do chuveiro e vesti uma calça *legging* e uma camiseta larga. Passaria o dia seguinte inteiro no hospital e precisava me sentir confortável. Sequei o cabelo o máximo possível com a toalha e saí em direção à sala. Snow dormia no sofá, como sempre, e na mesa de jantar havia uma jarra de suco e dois pratos com omeletes e legumes. Acomodei-me em uma das cadeiras, enquanto ouvia a porta do quarto de Theo se abrir e ele logo ocupava a cadeira à minha frente com os fios negros e úmidos pelo banho recente.

— Como se sente? — ele perguntou, nos

servindo com o líquido alaranjado.

— Nas nuvens, ainda sem acreditar que milagres realmente podem existir — admiti, um pouco risonha. Ele sorriu em resposta.

— Sabe, eu andei pensando... — Theo começou com uma voz reflexiva, e eu o encarei, curiosa. — Quando ele receber alta, eu posso ficar na casa do Miguel por um tempo. — Franzi a testa, não gostando daquela ideia. — Assim seu pai poderia ficar no meu quarto.

— Mas esta é a sua casa! — afirmei. — Não acho certo ou justo que você tenha que sair.

— Não tem problema. Se seu pai ficar confortável, é o que importa, não acha?

— Bom, talvez... se você quisesse, claro, poderíamos... — arranhei a garganta, nervosa — ... dividir um dos quartos, quem sabe.

— Você está me chamando pra morar com você, Alice? — Theo levantou uma sobrancelha de forma provocativa, e eu inflei as bochechas.

— Nós já moramos juntos, oras! — constatei o óbvio.

— Dividimos um apartamento — ele corrigiu. —

E é verdade que dormimos quase sempre juntos, mas cada um tem o seu próprio quarto, seu próprio espaço e suas próprias coisas. Você quer mesmo abrir mão disso e morar definitivamente comigo como um casal? É isso que você está me propondo? — O canto de sua boca se repuxou de forma presunçosa.

— E-eu sei que é meio inesperado e pode ser rápido demais, mas... — tentei justificar, porém ele se levantou de repente, sentando-se na cadeira ao lado da minha, e com muito carinho pegou minhas mãos e levou-as até os lábios, deixando um beijo casto capaz de fazer todo o meu corpo se arrepiar.

— Porque eu confesso que essa proposta me parece bem interessante — disse com os olhos vidrados nos meus, e uma nova alegria inundou meu coração.

— Mesmo? — Ele assentiu, sorrindo. — Pra mim também me parece bem interessante — admiti, sincera, mal conseguindo esconder minha felicidade.

— Eu só tenho uma condição. — Seu tom de voz agora parecia sério e minha face se torceu em

curiosidade. — Aquela vassoura... — começou e eu gargalhei, já sabendo o que ele queria.

— Já sei, já sei! Ela vai pra área de serviço, pode deixar — respondi, brincalhona, selando minha boca na dele e sentindo mais uma vez a maciez de seus lábios contra os meus.

Theo havia se tornado uma das pessoas mais importantes para mim nos últimos meses. Eu o amava completamente, por inteiro. E a ideia de darmos um novo passo me trazia um certo frio na barriga, um frio gostoso e engraçado. Bem ou mal, aquele momento chegaria mais cedo ou mais tarde, só não esperava que fosse tão rápido assim, porém, foi a consequência das boas circunstâncias em que nos encontrávamos.

Papai deveria ter alta após algumas semanas e viria morar conosco. Por ser perto do hospital, seria perfeito para que eu pudesse passar o maior tempo com ele durante sua recuperação. Tudo daria certo e eu não poderia estar mais agradecida.

E assim, após aquela decisão e o fim do jantar, Theo e eu retornamos ao hospital, obrigando Nanda a ir para casa dormir, ainda que ela continuasse

relutando. Acomodamo-nos no sofá embaixo da janela, próximo ao leito, e cochilamos como possível, aguardando que a nova manhã chegasse.

[...]

Acordei com os raios solares batendo em meu rosto. Meus olhos se abriram vagarosamente até que a luz se tornasse mais confortável. Chequei a hora no celular e vi que eram 8h45. Olhei para o lado, sentindo o leve torcicolo pela posição mal dormida, e vi Theo apagado, ainda ressonando calmamente.

Papai também não havia despertado e achei uma boa ideia ir até a cafeteria buscar o café da manhã. Levantei-me, alongando a coluna como pude, e saí a passos cautelosos. Tomei cuidado para não fazer qualquer ruído que atrapalhasse o sono de ambos e fechei a porta atrás de mim assim que atingi o corredor branco.

Pedi para a senhora da cafeteria dois expressos e duas porções de pão de queijo. Aquilo seria o suficiente para aplacar a fome até a hora do almoço.

— Alice, querida — a voz conhecida me fez
PERIGOSAS ACHERON

parar no lugar e girar em meus calcanhares.

— Dona Esther!

— Estava indo até o quarto de seu pai agora. Fiquei sabendo da novidade assim que cheguei. Fico muito feliz por você, menina! Como ele está?

— Um pouco confuso ainda, mas está bem. Conversamos um pouco ontem, estava lúcido, mas logo em seguida dormiu. Hoje acredito que esteja mais disposto e então poderemos conversar melhor.

— Que ótimo, Alice! Fico contente que tenha dado tudo certo! — Sua mão apertou meu ombro e eu sorri.

— Devo muito à senhora, dona Esther.

— Só fiz o que estava em meu poder, menina. Mas agora, imagino que queira voltar logo pra lá, não ficarei te alugando por tanto tempo. Mas se precisar de algo, não hesite em me chamar, tudo bem?

— Claro, pode deixar! Muito obrigada mesmo, dona Esther! — respondi, agradecida, antes de nos despedirmos.

Cheguei ao quarto pouco tempo depois, fazendo malabarismos para segurar os cafés e os pães de

PERIGOSAS ACHERON

queijo enquanto girava a maçaneta do quarto. Para minha surpresa, Theo e papai já estavam acordados.

Theo se encontrava em pé próximo ao leito e fitava meu pai com uma feição um pouco confusa. Seu Júlio, por sua vez, não estava mais deitado na cama, e sim em posição vertical, abrindo um sorriso assim que colocou os olhos em mim.

— Bom dia! — saudei. — Não esperava que já estivessem acordados.

Theo aproximou-se de mim, me ajudando com as coisas que carregava.

— Fui buscar nosso café, desculpa a demora — pedi, revezando o olhar entre os dois.

— *Não se preocupe, fia. Assim ude coecer seu namorado meiô.*

— É mesmo, é? Espero que estejam se dando bem! — Papai olhou Theo de soslaio e meneou a cabeça positivamente, repuxando o lado direito da boca como pôde. — E então, como se sente?

— *Meiô agóa que ocê chegou. Hoje eu só queo passá um empo com a mia menina.*

— Pode ficar tranquilo que eu não tenho a menor intenção de sair do seu lado, seu Júlio! — respondi,
PERIGOSAS ACHERON

abrindo um largo e sincero sorriso.

[...]

O dia foi corrido e papai ficou muito feliz quando Nanda apareceu para uma visita durante uma folga em seu turno. Ambos relembrouam mais uma vez a história da noite em que fui detida. Theo, claro, adorou ouvir a versão de papai. Passamos horas conversando enquanto eu lhe contava sobre o que acontecera em minha vida nos últimos tempos. Ele me ouvia com bastante atenção, se mostrando contente pelas boas novidades quanto ao trabalho e deixando claro o quanto estava orgulhoso.

Quando a noite deu as caras, ele logo adormeceu. Um meio sorriso — no canto não paralisado — deixava-o com a expressão tranquila e aquilo aqueceu meu coração de imediato. Era bom vê-lo daquela forma, em paz.

Levei Theo para fora do quarto, onde poderíamos conversar melhor sem o risco de acordar papai de seu sono profundo. Com um pouco de dificuldade, consegui convencê-lo a ir para casa e descansar, além de conferir se Snow estava bem e alimentada. Ainda que a contragosto, Theo acabou aceitando

meu pedido e aproveitei para acompanhá-lo até a recepção do hospital e esticar um pouco as pernas. Durante o caminho, como se uma lâmpada surgisse em minha cabeça, me lembrei de perguntar algo que atiçara minha curiosidade durante o dia.

— Ei, do que você e meu pai falaram quando estavam sozinhos? Ele não perguntou coisas esquisitas sobre a gente, né?

Theo riu divertido, com todos os dentes brancos à mostra.

— Não, na verdade ele... — Mas sua frase ficou presa no ar quando uma enfermeira apareceu de repente, gritando meu nome.

— Doutora Alice! Doutora Alice! — veio correndo, ofegante.

— O que houve? — perguntei, assustada.

— Seu pai! Ele...

Não a esperei continuar. Apenas corri.

Corri desesperada, como se minha vida dependesse daquilo.

Meu coração apertado no peito me dizia que algo estava errado. E quando cheguei ao quarto que havia deixado há poucos minutos, o som estridente

PERIGOSAS ACHERON

do bipe e a linha reta no visor do aparelho denunciavam que, dessa vez, os olhos dele não se abririam nunca mais.

CAPÍTULO 34

Aquela madrugada se passou como um borrão. Meus sentidos ficaram completamente entorpecidos enquanto eu tentava aceitar a realidade que me era imposta.

Meu pai havia falecido após um infarto fulminante.

E simplesmente não havia nada que eu ou qualquer outra pessoa no mundo pudesse ter feito para mudar o ocorrido. Ele partiu, mais rápido do que minha mente era capaz de assimilar.

Chorei escorada no corpo de Theo até o sol raiar, naquele mesmo sofá no quarto que agora mantinha apenas um leito vazio. A dor dilacerava cada mísero órgão dentro de mim, como se eu mesma pudesse infartar a qualquer segundo. Não podia acreditar que aquilo havia realmente acontecido. Ele me deixara assim, de repente. E agora eu estava sem chão, com a mente nublada, a noção de tempo

perdida, os olhos inchados e mais nenhuma gota de água em meu corpo para sair.

Theo me acolhia em seus braços, em uma tentativa de aplacar um pouco minha dor, mas eu estava machucada demais. Ainda assim, em seu aperto, eu sentia certo alívio e proteção, o suficiente para que em algum momento eu pudesse respirar fundo e controlar o choro que demorou a cessar.

— Se sente melhor? — ele perguntou baixinho, quase como se temesse que sua voz fosse capaz de me assustar.

— Não, na verdade não. Acho que nada pode fazer com que eu me sinta melhor neste momento.

Ao menos, era nisso que eu acreditava.

— Alice — Theo me chamou, afastando-se um pouco. Logo senti um frio percorrer minha espinha. Puxei-o pela camiseta, colando seu corpo ao meu mais uma vez.

— Não me deixa — implorei, a voz embargando somente com a ideia de ficar sozinha.

— Nunca vou te deixar, Alice! — Theo disse em um tom de pesar, segurando meus ombros e

PERIGOSAS ACHERON

forçando certa distância entre nós. — Mas acho que tenho algo que pode te ajudar.

— Do que você tá falando? — perguntei, confusa, vendo-o se ajeitar no sofá enquanto tirava um papel levemente amassado do bolso traseiro da calça.

— Você me perguntou o que seu pai e eu conversamos — disse, e eu assenti, revezando minha atenção entre si e a folha em suas mãos. — Na verdade, ele me perguntou o que eu sentia por você e se eu seria capaz de fazê-la feliz. Depois, me pediu um papel e uma caneta e me fez prometer te entregar essa carta no momento em que você mais precisasse.

— Ele... o quê?

— Eu não li — avisou, a feição séria e atordoada — Na verdade, eu também não entendi porque ele me pediu isso, mas acho que o momento a que ele se referia era esse.

— E-ele... ele me deixou uma carta? — perguntei, confusa, pegando o pedaço de papel dobrado que Theo estendia pra mim. — Por quê?

— Isso você só vai descobrir depois de ler.

Senti meu corpo tremer e seus braços me rodearem novamente, em uma tentativa vã de me acalmar. Eu não sabia ao certo o que esperar ou o motivo de papai ter feito aquele pedido a Theo, mas eu estava prestes a descobrir.

Enchi os pulmões de ar, tentando controlar meu nervosismo, e desdobrei o papel com todo o cuidado, identificando na mesma hora a caligrafia masculina que eu conhecia desde pequena.

Filha,

Sei que esses últimos meses não têm sido fáceis para você e eu sinto muito por isso. Jamais quis lhe causar tamanha dor ou sofrimento. Você é o bem mais precioso que eu tenho nessa vida e, como qualquer pai, tudo o que eu desejo é vê-la sorrir.

Neste exato momento, para a alegria da minha alma, confirmei minhas suspeitas de que você encontrou alguém capaz de fazê-la feliz por toda a vida. E nada me deixa mais contente em saber que você encontrou sua cara metade, um companheiro disposto a te amar e proteger da forma que merece.

Imagino que você esteja confusa ao receber esta carta. Para falar a verdade, eu também me sinto

confuso a cada palavra que escrevo. Talvez isso soe estranho ou talvez você pense que eu apenas tive algum delírio por conta dos medicamentos. Porém, na noite passada, sua mãe me visitou em meu sonho e me disse que eu estava tendo a chance de me despedir antes que eu fosse para o lado dela. Por isso, venho aqui esclarecer algumas coisas enquanto ainda posso, sem comprometer as últimas horas que temos juntos.

Deixei de pagar o plano de saúde sem pensar nas consequências, fui um irresponsável, eu sei. Me desculpe por isso, querida, mas infelizmente não há nada em meu poder para que eu possa voltar atrás. Você disse querer saber meus motivos de ter tomado tal decisão sem lhe contar, e a verdade é que eu cometi esse erro por puro orgulho. O plano havia encarecido muito com o passar do tempo e eu simplesmente não queria pedir que você pagasse mais contas do que já ajudava em casa. Afinal, para seu velho cabeça-oca, cuidar de você era o meu dever, e não o contrário. Eu simplesmente não poderia permitir que você gastasse suas economias comigo. Elas eram para o seu futuro e só isso me

importava.

Espero apenas que um dia possa me perdoar por não ter sido sincero desde o início. As coisas definitivamente não saíram como eu planejava, mas sei que você estará em boas mãos e sua mãe e eu continuaremos olhando por você de onde quer que estejamos.

Pedi para que Theo lhe entregasse esta carta quando ele acreditasse ser o momento certo. Eu não sei quanto tempo tenho e hoje só quero aproveitar o dia com a minha menina, vê-la sorrir e roubar quantos abraços eu puder. Eu simplesmente não poderia estar mais grato do que neste momento, pois pude vê-la uma última vez, princesa.

Com estas palavras vindas do fundo do meu coração, desejo que guarde um pedaço de mim e uma parte do meu amor com você.

Seja forte e seja feliz.

É tudo o que eu mais quero.

Com amor,

Papai.

E aquilo foi o suficiente para que eu caísse em
PERIGOSAS ACHERON

prantos mais uma vez, agarrada ao corpo de Theo. Meus músculos tremendo, os soluços presos na garganta.

Porém, agora, a dor parecia ao menos um pouquinho menor.

[...]

Seu enterro ocorreu na tarde de sexta-feira, dois dias após eu ler suas últimas palavras. As coroas de flores tentavam alegrar o local, onde amigos e alunos que consideravam meu pai uma pessoa querida tiraram seu tempo para proferir seu adeus.

Theo e Nanda permaneceram ao meu lado durante todo o funeral, oferecendo todo o consolo e apoio que eu precisava. Ainda que não houvesse sido fácil aceitar sua partida, eu me sentia ao menos agradecida pela chance de ter tido mais um dia ao lado de meu pai.

Pude ouvir sua voz e sentir seu calor, e aquilo era mais do que muitas pessoas tinham antes de perder alguém. E ainda que a saudade me esfaqueasse por dentro, eu sabia que não estava sozinha e que meus pais continuavam olhando por mim.

— Não sei se vou conseguir — murmurei,
PERIGOSAS ACHERON

pesarosa, sentindo a boca secar ao ver tantas pessoas no recinto.

— Claro que vai! — Theo retrucou, acariciando meu rosto com o polegar. — Faça por seu pai, sei que ele gostaria de ouvi-la.

Inspirei fundo, buscando coragem para fazer o que deveria. Theo tinha razão, papai gostaria de ouvir o que eu tinha a falar. Aquela era minha chance de me despedir, da mesma forma que ele encontrou um jeito de me dizer seu próprio adeus. Eu devia isso a ele e a mim mesma também.

Enxuguei as lágrimas solitárias que às vezes ainda caíam e arranhei a garganta, tentando deixar minha voz um pouco mais firme.

— Tudo bem, tô pronta — avisei, recebendo um meio sorriso orgulhoso.

Os lábios de Theo tocaram minha testa antes de se afastar, indo se sentar na cadeira livre da primeira fileira, bem ao lado de Nanda, enquanto eu endireitava a postura e subia no palanque escuro em que o grande caixão se resguardava.

Aquele seria o meu ponto final.

— Boa tarde. Em primeiro lugar, gostaria de
PERIGOSAS ACHERON

agradecer a presença de todos. Tenho certeza de que meu pai ficaria feliz em ver cada um de vocês.

Senti a voz tremer e respirei fundo. Eu precisaria segurar as pontas, ao menos naquele momento. Vi no pequeno amontoado de gente alguns rostos conhecidos, como o de Esther e Miguel, além disso, muitos jovens também estavam com os olhos vermelhos e a expressão apática. Deduzi serem os alunos de papai na universidade, assim como o corpo de professores do local. E, de repente, senti o peito se aquecer por ver o quanto ele era querido por todas aquelas pessoas.

Papai realmente havia tocado muitos corações.

— Júlio Bastos — falei, soltando uma lufada de ar. — Ele foi, sem dúvida alguma, um ótimo pai, um incrível professor e um ser humano maravilhoso. Sempre disposto a ajudar o próximo, a confortar quem precisasse e a sorrir para todos. Eu me sinto honrada por ter sido fruto de seu casamento com a mulher que amou. Lembro que, quando criança, minha mãe sempre me contava a história de como os dois se conheceram. Ele, claro, havia batido no carro dela no estacionamento do

supermercado. Seu senso de direção provavelmente era seu único defeito. — Sorri, vendo Theo repuxar os lábios para mim em um sorriso torto e gentil. — Mas graças a esse pequeno defeito, meus pais se apaixonaram e puderam criar uma família, puderam me criar, com todo o amor do mundo.

Senti a respiração falhar e enchi os pulmões novamente antes de continuar. As pessoas à minha frente pareciam concordar com cada palavra que saía de minha boca, pequenos sorrisos complacentes destinados a mim.

E quando percebi, eu lhes sorria de volta. Um sorriso saudosos.

— Meu pai foi um homem incrível, um homem forte e um homem dedicado. Era apaixonado por histórias, pelo passado, pelo futuro e incrivelmente feliz em sua carreira. Conquistou tantas pessoas que hoje estão aqui em sua memória. E mesmo sabendo que não poderemos mais vê-lo ou... — Engoli em seco — ... ou ouvir sua voz, ainda o levaremos em nossos corações, sempre com lembranças cheias de carinho. Hoje celebramos sua vida. Uma vida cheia de amor e conquistas. Tenho

certeza de que ele está em boas mãos e feliz por reencontrar minha mãe. O mais importante é que ele viveu e tocou a todos nós com seu carisma. E agora, nós somos os responsáveis por espalhar pelo mundo tudo o que nos foi ensinado por ele. Espero poder contar com todos vocês para essa missão! Obrigada.

Fitei o rosto de cada pessoa que me observava. Cada mínimo sorriso me trazia um imenso orgulho de meu pai. Eu havia sido sincera em cada palavra e sabia que todos ali se esforçariam para manter sua memória viva, no coração de cada um. Ele jamais seria esquecido.

Vi Theo e Nanda se levantarem de suas cadeiras e caminharem até mim.

— Eu disse que você ia conseguir — Theo falou, beijando o topo de minha cabeça.

— Isso foi lindo, Lili! Tenho certeza de que o tio Júlio te ouviu com um enorme sorriso no rosto — Nanda disse, me abraçando apertado.

E por um segundo, uma estranha sensação quente no peito me deu a certeza de que, sim, onde quer que ele estivesse, papai havia ouvido cada mínima

PERIGOSAS NACIONAIS

palavra e agora descansava em paz.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 35

Já haviam se passado quase dois anos desde a morte de meu pai.

Ainda sentia sua falta todos os dias. Na verdade, acreditava que sentiria por toda a vida. Porém, já não era mais tão doloroso, e sim, como uma memória feliz e saudosa que me trazia boas recordações. Especialmente quando eu ouvia o som do motor do Impala, que ainda me enchia de nostalgia.

Eu estava feliz e em momento algum me senti sozinha. Papai havia ido se reencontrar com minha mãe, mas eu tinha Theo e Nanda comigo, sem contar a família Leone, que havia me recebido de braços abertos — especialmente nos feriados comemorativos.

Theo e eu já vivíamos como um casal comum, dividindo o mesmo quarto e tudo o que tínhamos direito. Ele havia conseguido a tal vaga de gerência

e agora trabalhava lado a lado com Davi, mas isso provavelmente não era nenhuma novidade.

Eu definitivamente não fiquei para trás. Era uma médica renomada do Hospital Salles e sentia que estava no auge de minha carreira como médica, sendo reconhecida especialmente por conta de um projeto para crianças carentes pelo qual Esther me deixou responsável.

Nanda, por sua vez, estava noiva de Miguel e se casariam em breve. Eles dois não poderiam estar mais contentes.

Tudo parecia bem, tudo parecia certo.

Exceto uma coisa.

— Ainda nada? — Nanda perguntou, e eu neguei com a cabeça, ocupada demais roendo minhas unhas para responder. — Está com medo?

— Medo, pavor, desespero — respondi, soltando o ar que estava preso em meus pulmões. — Mas, ao mesmo tempo, ansiosa e animada.

— Theo nem desconfia?

— Provavelmente não. Não comentei nada com ele, queria uma confirmação antes de surtar à toa — expliquei, angustiada pela demora.

E então meu celular apitou avisando que os cinco minutos haviam se passado e as duas linhas no teste de gravidez constatavam minha mais nova realidade.

Eu seria mãe.

O único problema era que estar grávida definitivamente não fazia parte dos meus planos. Ao menos não naquele momento. Mas nem sempre a vida sai como planejamos e, agora, por conta de uma camisinha furada durante o período de troca de anticoncepcional, eu carregava um pequeno ser em meu ventre.

— Ai, céus! O que eu faço agora, Nanda? Eu não sei se tô pronta pra ser mãe. E se eu não der conta? E se o Theo surtar? — praguejei baixinho, me jogando na cama de minha amiga.

— Ah, Lili, não faça tanto drama! — Riu. — Claro que você vai dar conta, garota. Além disso, o Theo te ama e não vai surtar, nem nada do tipo. Você deveria ser mais otimista e dar um voto de confiança pra ele, sabia? — Deitou-se ao meu lado, fazendo um cafuné em minha cabeça.

— Mas não foi nem um pouco planejado, nós

nunca nem mesmo falamos sobre o assunto! É totalmente inesperado!

— E as melhores coisas na vida de vocês dois não foram assim: completamente inesperadas?

Aquelas palavras me fizeram refletir sobre o assunto e meus pensamentos rapidamente se acalmaram. Nanda tinha razão, Theo e eu havíamos nos conhecido de uma maneira nem um pouco convencional, mas nos apaixonamos e estávamos juntos, completando um ao outro. A gravidez com certeza não era esperada, mas lá estávamos nós, dando esse enorme passo.

— É, acho que você tem razão — comentei, com um pequeno sorriso se formando no canto da boca.

— Eu sempre tenho razão, Lili! — Piscou, travessa. — Mas apenas confie em mim quando digo que tudo dará certo, eu tenho *certeza* disso.

Deixei que a positividade de Nanda me contagiasse. E com as pontas dos dedos, tocando meu ventre liso, percebi que ali dentro se dava início à minha família.

Um sentimento diferente e incrivelmente quente se apossando de mim como uma onda implacável.

[...]

Ainda fiquei algumas horas na casa de Nanda após a descoberta. Theo e Miguel haviam ido para um jogo de futebol e só voltariam à noite, por isso aproveitamos aquele domingo para ter um dia de garotas. Mas, claro que, em vez de filmes e pipoca, ficamos pesquisando roupinhas de bebê na *Internet*. Eu ainda não podia acreditar que aquilo estava mesmo acontecendo!

Fui embora logo depois que Miguel avisou que estava chegando. Isso significava que Theo também estaria indo para casa e eu estava bastante nervosa para lhe contar a novidade. Queria fazer de uma vez, sem rodeios, pois se eu segurasse aquele segredo por mais uma hora, provavelmente iria explodir.

Era simplesmente grande demais! Ou pequeno, se considerarmos que a criança deveria ter o tamanho de um botão.

Corri direto para casa, parando no *hall* antes de abrir a porta da sala. Suspirei fundo, reunindo um pouco mais de coragem e repetindo mentalmente o que havia ensaiado durante o caminho. Destranquei

a fechadura e girei a maçaneta, me surpreendendo com o fato de que a luz estava apagada, mas velas artificiais decoravam toda a sala de estar, deixando o cômodo levemente iluminado de uma maneira incrivelmente linda. Minha boca se abriu em confusão, não entendendo o que era tudo aquilo.

— O que...

— Sabe, Alice... — a voz de Theo surgiu ao meu lado e pulei no lugar pelo susto, levando uma mão ao peito, onde o coração disparava completamente errático.

Ele apenas riu e se aproximou, pegando minhas mãos e juntando com as dele.

Ai, meu Deus!

— Eu pensei muito onde deveria fazer isso, mas não conseguia pensar em nenhum lugar realmente especial — ele continuou. Sua voz firme e rouca fazendo os pelos de minha nuca se arrepiarem, os pulmões se esquecendo de como respirar.

E assim, sem mais nem menos, ele se ajoelhou à minha frente.

Ai, meu santíssimo Deus!

— Mas foi exatamente aqui que eu te vi pela

PERIGOSAS ACHERON

primeira vez. Com aquela cara de brava e a vassoura ridícula na mão. — Sorriu, tão lindo que senti minhas pernas virarem gelatina.

Uma de suas mãos foi até o bolso da calça e senti meu coração perder uma batida.

— E é exatamente aqui que eu quero te pedir que passe o resto da vida comigo. — Estendeu a caixinha preta de veludo, denunciando um anel prateado com uma linda esmeralda no meio.

— Theo! — ofeguei, surpresa, minha mente girando e o estômago revirando.

— Você aceita se casar comigo? — perguntou com todos os dentes brancos à mostra.

— Eu... — tentei dizer, mas a bile já subia pela garganta e eu apenas corri para a pia da cozinha, colocando tudo o que tinha no estômago para fora.

Ai, droga!

Theo, claro, apareceu do meu lado na mesma hora, me ajudando a segurar o cabelo da melhor maneira possível. Enxaguei a boca e passei um pouco de água gelada na nuca, sentindo o enjoo aliviar.

— O pedido foi tão ruim assim? — ele brincou,
PERIGOSAS ACHERON

mas havia tensão em sua voz.

— Não, foi incrível, Theo! Perfeito, o pedido mais lindo que eu já vi! — avisei, me virando para ele e oferecendo o melhor sorriso que eu conseguia dar. — Não teve nada a ver, eu juro.

— Será que comeu algo que não te fez bem? — perguntou, um pouco preocupado, fazendo um leve carinho em minha bochecha com o polegar.

— Não, também não foi por causa de comida — murmurei, um pouco sem jeito, mordiscando o lábio inferior. — É que... bom, eu... hummm... estou grávida — falei, desviando o olhar, mas logo o encarando novamente somente para ver os olhos negros chispando.

— Você tá... eu... eu vou ser pai? — ele perguntou. Parecia meio abobalhado, meio confuso.

— Sim... ahn... daqui a aproximadamente oito meses. E eu espero que isso não faça você mudar de ideia quanto ao pedido de agora há pouco — disse, um pouco sem jeito.

— O quê? Na verdade, agora que eu não vou aceitar um *não* de jeito nenhum! — avisou, antes de me esmagar em um abraço.

Aquele abraço ao qual eu pertencia.

— Como se eu fosse capaz de negar — respondi rindo, sentindo meus pés flutuarem. — Mas... se você não se importar, eu prefiro esperar.

— Esperar? — Ele me colocou no chão novamente antes de me encarar com curiosidade. — Por quê?

— Ah, eu gostaria de entrar no meu vestido de noiva sem parecer uma melancia, sabe?

Theo concordou, sorrindo.

— Posso esperar o tempo que você quiser, Alice! Nós nunca fizemos as coisas na ordem esperada mesmo. — Deu de ombros, um canto da boca repuxado de maneira divertida.

— Acho que você tem razão. — Sorri de volta. — Não vejo a hora de contar para a Nan...

Porém, antes de terminar a frase, fui interrompida pelo telefone do apartamento. Theo rapidamente afastou-se com a sobrancelha arqueada. O fato de que o telefone fixo do tocava era realmente bem estranho, ainda mais àquela hora da noite de um domingo. Ele beijou minha testa e tirou o pequeno aparelho do gancho, falando algumas coisas às

PERIGOSAS ACHERON

quais eu não prestei atenção, pois já começava a enviar uma mensagem para minha amiga contando a novidade, descobrindo em seguida que havia um dedo dela e de Miguel naquela surpresa toda. Agora eu entendia porque ela tinha tanta certeza de que as coisas dariam certo.

Pousei o celular na bancada da cozinha assim que ouvi o som do telefone sendo colocado no gancho.

Theo me olhava com uma feição incrédula e eu perguntei, preocupada:

— Quem era? Aconteceu alguma coisa?

— Jorge Neves foi preso.

CAPÍTULO 36

Percebi que o vestido branco acentuava minhas novas curvas enquanto me fitava no espelho grande a minha frente. O corte tomara que caia justo até minha cintura denunciava que meus seios estavam realmente maiores após a gravidez e que talvez fosse bom amamentar Manu antes de finalmente entrar no salão onde todos, especialmente Theo, me esperavam.

— Você está tão linda! — Nanda choramingou, balançando as mãos em frente aos olhos, tentando conter as lágrimas que pretendiam borrar sua maquiagem.

— E você anda muito emotiva ultimamente, hein?! — Sorri, provocativa. — Será que tem um loirinho aí nessa barriga? — brinquei, vendo-a prender o ar e morder uma bochecha. — Cacete, não me diga que está atrasada! — ralhei, surpresa e ela assentiu rapidamente, comprimindo os lábios em uma linha fina.

— Mas são só alguns dias! Ainda pode ser um sinal falso. — Suspirou fundo antes de se aproximar do berço e pegar a neném no colo. — Caramba, como ela tá ficando pesada, amiga!

— Bom, ao que tudo indica, é melhor você se acostumar com isso. — Dei uma piscadela, e ela riu.

— Só espero que não seja tão comilão quanto o Miguel. Caso contrário, acho que estou em sérios problemas! — Fez uma careta.

Peguei-me refletindo sobre como aquele último ano havia passado rápido. Theo e eu tínhamos uma filha linda, que em breve completaria cinco meses e se tornara simplesmente meu bem mais precioso, uma mistura perfeita de nós dois. Era quase impossível ficar longe daquele meu pedacinho de gente, com os cabelos negros do pai e os olhos verdes que muito me lembravam os do avô.

Ainda pensava em papai muitas vezes. Especialmente quando pegava Theo mexendo no Impala e o som do ronco do motor me trazia um sentimento bom dentro do peito. A saudade sempre permaneceria, seria inevitável. Assim como era

com mamãe mesmo após tanto tempo. Porém, eu estava feliz e tinha minha própria família ao meu lado. Eu tinha o homem que amava e a pequena Manu para alegrar meus dias.

Eu era mesmo uma garota de sorte.

Além disso, com a captura de Jorge Neves, o dinheiro que eu havia perdido no golpe do apartamento fora recuperado e usado para comprar um consultório junto com Nanda. Assim que o resto dos móveis chegassem, nós começaríamos a atender nossas consultas particulares e eu estava ansiosa por isso, principalmente por ter uma maior flexibilidade no trabalho, o que conseqüentemente me daria mais tempo para ficar com minha filha.

Tudo estava mais do que encaixado e agora só restava uma última coisa.

— Já tá na hora, Lili! Pronta? — Nanda perguntou, animada.

— Prontíssima, acho que nunca estive tão pronta assim na minha vida! — afirmei, não conseguindo esconder o sorriso largo.

Suspirei fundo e acompanhei minha amiga, que carregava Manu nos braços em seu pequeno vestido

rosé. O dia estava lindo, com o céu azul e um clima morno. As cadeiras brancas contrastavam com o verde vivo da grama e de longe eu já avistava os rostos conhecidos e queridos que estavam ali para prestigiar nosso futuro.

Era pequeno, íntimo e cheio de amor. Era o casamento perfeito.

Nanda me olhou com carinho e peguei sua mão livre, apertando-a levemente entre meus dedos. Beije os fios negros e macios da neném e deixei que fossem para seus lugares perto do altar. Uma brisa suave tocou meu rosto, quase como um carinho familiar, e em pensamentos desejei que meus pais estivessem presenciando aquele momento.

A marcha nupcial começou a tocar pouco depois e deixei que meus pés caminhassem pelo corredor de rosas vermelhas, indicando o caminho que eu deveria percorrer.

O caminho até Theo. Seus olhos negros e brilhantes vidrados em mim, um sorriso enorme preenchendo seu rosto.

— Uau, eu não sabia que você podia ficar ainda

mais linda! — ele disse no instante em que alcancei seu braço.

— Você também não está nada mal — brinquei, com uma piscadela, sorrindo em seguida.

A cerimônia se iniciou e enquanto trocávamos as alianças, o juiz de paz nos perguntou se gostaríamos de dizer algo. Coloquei o anel dourado em seu dedo e me perdi naqueles ônix profundos que traziam paz à minha alma. Eu tinha tanto a lhe dizer, tanto a agradecer.

Por isso, inspirei fundo, buscando coragem, e enfim comecei:

— Theo, eu te encontrei da forma mais inusitada possível e me apaixonei por cada pequena parte sua. De repente, um apartamento vazio se tornou um lar, o nosso lar. Eu construí uma família ao seu lado e encontrei tudo o que precisava para ser feliz. E tudo isso porque meu coração escolheu, inesperadamente, você.

Seus olhos escuros chispavam, uma alegria crescendo em sua íris como eu vira somente no nascimento de Manu.

Enchendo os pulmões, Theo colocou o círculo

PERIGOSAS ACHERON

dourado em meu dedo anular, apertando minha mão entre as suas com carinho.

E então finalmente disse:

— Meu coração também te escolheu, Alice. Todos os dias e todas as noites. Eu sabia que estava em apuros no momento em que coloquei meus olhos em você. — Riu, tirando de mim um sorriso. — Agora é pra sempre — sussurrou, juntando sua boca à minha no segundo seguinte.

E no mesmo instante, naquele breve momento chamado felicidade, o homem a nossa frente nos declarou marido e mulher.

NOTA

A eutanásia não é permitida no Brasil. Pela lei, quando um paciente está em coma, os aparelhos só podem ser desligados caso ocorra a morte cerebral. Porém, como em alguns países a eutanásia não é vista como homicídio, decidi criar um meio-termo. Dessa forma, me permiti tirar uma licença poética e inventar a lei de que as famílias poderiam optar pelo desligamento dos aparelhos no caso da pessoa em coma não ter nenhuma mudança em seu estado após o período mínimo de seis meses.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Entre laços e conflitos

Delgado, Helô

9788553270866

334 páginas

[Compre agora e leia](#)

Já imaginou o que aconteceria se você tivesse um terrível segredo e, de repente, precisasse revelá-lo? Amor, família e intrigas. Aos dezesseis, Natália viu sua vida ser despedaçada. Sem alternativa, juntou o que considerava importante e se mudou para a casa dos tios a quilômetros de distância. Deixou tudo o que conhecia para trás. Nunca mais viu nem conversou com ninguém que fez parte do seu passado. Nenhuma pessoa soube que ela enfrentava o que acreditava ser o momento mais difícil da sua vida. Anos depois, chegou a hora de encarar. Uma situação fora do controle faz com que arrume as malas às pressas e volte para a cidade em que nasceu. Desesperada e correndo contra o tempo,

PERIGOSAS ACHERON

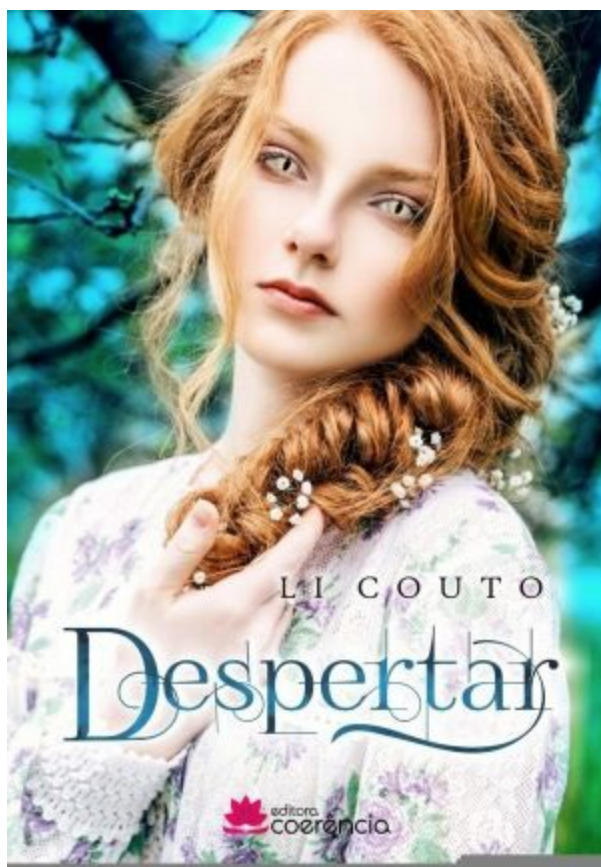
PERIGOSAS NACIONAIS

precisa reunir forças para enfrentar sua nova realidade.

[Compre agora e leia](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Despertar

Couto, Li

9788553270040

250 páginas

[Compre agora e leia](#)

Paola sofre de uma maldição que altera sua aparência transformando seus olhos como de um tigre.

Aumentando sua insegurança ainda mais a florada pela adolescência, a tornando uma jovem reclusa e solitária numa pequena cidade do interior. Durante uma crise de transformação, que ocorre toda vez que seus sentimentos vem à tona, ela conhece Arthur um jovem rapaz, que a ajudará a encontrar uma maneira de eliminar este mal de sua vida. E durante esta jornada eles se apaixonam. Sem saber o que está por vir a seguir. Colocando-a num dilema de acabar como o restante das mulheres de sua família ou se confiará num poder desconhecido colocando Arthur em perigo.

PERIGOSAS ACHERON

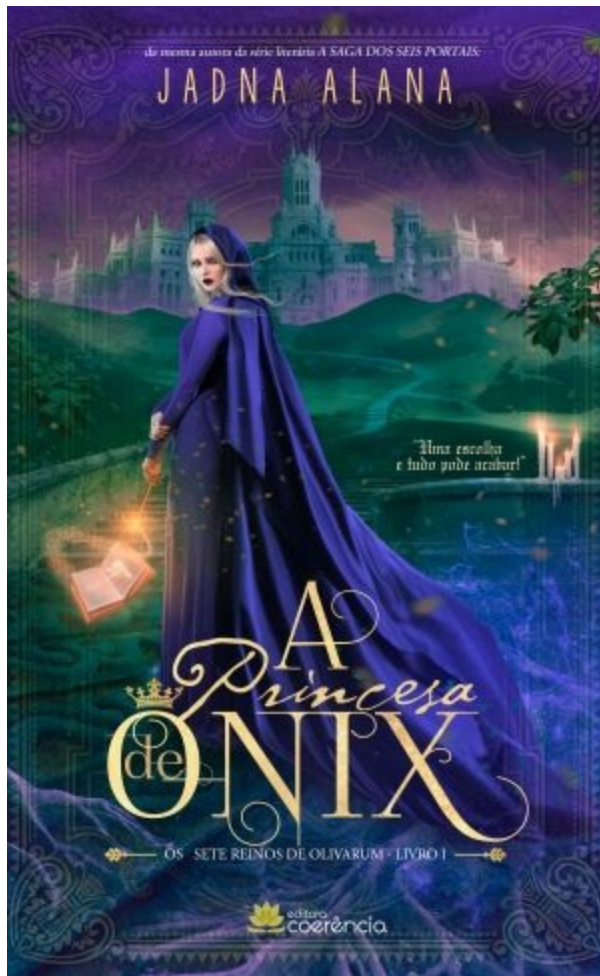
PERIGOSAS NACIONAIS

Despertar é uma história de poder, amor, aventura e descobertas.

[Compre agora e leia](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

A princesa de ônix

Alana, Jadna

9788592572723

400 páginas

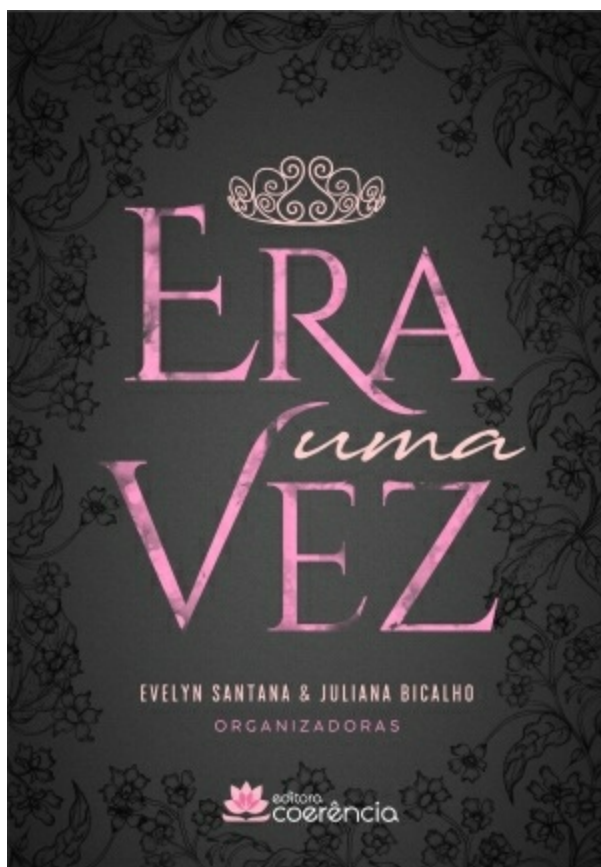
[Compre agora e leia](#)

Em um mundo onde a magia é possível, Sete Reinos foram criados pela Trindade Iniciadora. Eles foram representados por espécies mágicas diferentes e a lei e o poder foi a única verdade absoluta para ser vivida durante os últimos séculos. No Reino de Ônix, a princesa bruxa Amie Bell, acaba de completar dezoito anos de idade. Uma data que deveria ser comemorada com muita alegria, mas que acaba se tornando o pior dia da vida dela. Encurralada por um feitiço que deu errado, a jovem embarca em uma aventura onde descobrirá o que existe além dos muros do palácio onde viveu a sua vida inteira. Terá que despertar suas habilidades para sobreviver sem todos os caprichos que

PERIGOSAS ACHERON

tinha como princesa e terá que lutar por sua sobrevivência com a ajuda de um Clã que vive contra as leis de Olivarum. Você está pronto para encarar essa aventura? Lembre-se: Se fizer a escolha errada, tudo pode acabar.

[Compre agora e leia](#)



Era uma vez

Santana, Evelyn

9788592572747

350 páginas

[Compre agora e leia](#)

Era uma vez... um livro sobre princesas... Tudo começou com os contos de fadas, com o modelo de princesas a ser seguido. Sempre bem-educadas, com pele alva, um castelo e um príncipe em um cavalo branco. Mas e se a história real, aquela que as pessoas escondem, não for bem assim? Embrenhadas em florestas, envoltas por livros espessos de encantamentos, vivendo entre nós e também em mundos paralelos, nossas princesas trazem segredos que prometem revolucionar os contos de fadas em que eram submetidas. Bem-vindo à verdadeira realeza.

[Compre agora e leia](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Arquivos do mal

Kemp, Glau

9788592572730

420 páginas

[Compre agora e leia](#)

Pelas ruas escuras de uma cidade que nunca dorme, algo caminha invisível. Nos locais históricos que compõem uma metrópole, algo se esconde inquieto. Por trás das janelas sem luz de construções conhecidas, algo – ou alguém – observa. Entre contos e casos, os espíritos e demônios transitam pelas avenidas de São Paulo, junto dos passantes, misturando-se aos vivos. Suas histórias, terríveis, perduram e viajam no sopro da noite e forçam a cidade a nunca se esquecer de quem foram, ou talvez de quem ainda são: apenas almas perdidas, torturadas pelo inferno, tendo o mapa turístico de uma selva de pedra como único registro de onde, um dia, costumavam passar. Quando o terror e a

PERIGOSAS ACHERON

loucura se misturam com a realidade, somente os arquivos das tenebrosas histórias poderão revelar ao mundo os fatos como ocorreram, e não como foram imaginados. Uma investigação que busca respostas, mas que no fim chegará a apenas uma assombrosa conclusão: seja em um velho teatro, em um antigo cemitério ou em uma praça que um dia fora palco de execuções, o mal existe, e está à espreita de qualquer um que ouse desafiá-lo.

[Compre agora e leia](#)